



O Príncipe Sombrio - Dragon Lords 03

Michelle M. Pillow





Disponibilização e Tradução: **PRT**
Revisão Inicial: **Silvia Helena**
Revisão Final: **Biah**
Leitura Final e Formatação: **Mary**
Leitura Final e Formatação: **Carol Vênus**

Fora do fogo...

A ladra intelegaláctica, Olena Leyton é uma das melhores piratas espaciais da história. Navegar pelos altos céus em busca de aventura está em seu sangue. Quando sua tripulação é dispersa fugindo da lei e sua nave acidentada, explodindo numa bola de chamas, Olena ferida é forçada a encontrar refúgio numa nave de Noivas da Galáxia.

Fazendo-se passar por uma ruborizada noiva por *correspondência* para iludir os caçadores de recompensa que a perseguem, Olena encontra-se indo para o planeta primitivo de Qurilixen.

Mas, ser uma noiva não é algo que Olena leva a sério.

Nas chamas...

O príncipe Yusef de Draig capitão do posto avançado. Leva uma vida simples, longe do palácio. Ele sabe desde o primeiro momento em que vê sua ardente sedutora que vai possuí-la e convertê-la em sua noiva para sempre. No entanto, Yusef descobre que brincar com fogo sempre deixará um homem queimado. Mas, como as paixões são tão poderosas quanto este príncipe escuro é, ele não está disposto a desistir de sua noiva, sem lutar.

Capítulo Um

Olhos calculistas de Olena Leyton estavam soltando faíscas de fogo pela raiva, quando ela encontrou-se com seu reflexo em um pedaço de vidro quebrado no chão. Engoliu saliva, franzindo o cenho com irritação na ferida escorrendo em seu braço. Pressionando seus dedos até o buraco em sua camisa, amaldiçoou, sentindo um pedaço de metal incrustado profundamente dentro de sua pele. Ela apertou os dentes, cravando seus dedos no ferimento para extrair uma irregular tira de metal. Desapaixonadamente, ela olhou para o metal antes de deixá-la cair no chão.

Seu braço continuou a escorrer, mas ela o ignorou. Agora não havia tempo para fraquezas. Ela estava no depósito de armazenamento de alguma metálica doca espacial. A grande porta de metal aberta deixava entrar uma brisa fresca do exterior, fazendo-a tremer ao chocar com a capa de suor em sua pele. Inclinando-se, ela apertou os olhos, tentando ler a etiqueta de endereço em uma das caixas.

Quadrante X,

Earthbase 5792461.

Quadrante X! Ela soltou um longo suspiro. Sua nave realmente estava fora de curso. Olhando ao longo da estranha exuberante paisagem que acabava de correr três milhas através, respirou com calma. O coração martelava em seu peito, mais da

corrida do que a dor em seu braço. Sua fuga havia sido demasiado perto para escapar.

Malditos caçadores de recompensas, que tentaram roubar o que legitimamente ganhou. Dispararam contra sua nave, dispersaram sua tripulação e agora ela estava presa no Quadrante X. As coisas não poderiam ficar piores.

Olena estava errada. Com o cenho franzido, olhou quando uma bola laranja de fogo iluminou a distância. Amaldiçoou e fechou os olhos enquanto ela saudava o último suspiro de sua nave. Com esse tipo de sinal luminoso, os caçadores de recompensas em todo este planeta os seguiriam como mosca no adubo por não mencionar a lei local.

Eles gostariam de colocar suas mãos nesta pequena pirata?

— Não vai acontecer. — Olena murmurou sombria. Ela olhou ao redor. Já esteve em lugares piores que este.

Verdade e que geralmente tinha sua tripulação com ela.

Ao ver uma pequena fila de naves de luxo e de transporte de pessoas alinharem-se para pré-voo em manutenção, ela sorriu. Oh, isso foi praticamente fácil demais. Ficando de pé, imediatamente lamentou. Sua cabeça estava pesada e oscilou sobre os seus pés. Piscando para não desmaiar, ela olhou para o braço. Seu sangue caía no chão, manchando o elastano negro de sua calça e caindo sobre as botas de couro. Precisava de um médico e rápido. Mas o pior de tudo, não estava em condições

de voar. Ela poderia desmaiar durante a decolagem por causa da gravidade.

Arrastando-se sigilosamente para frente, começou a buscar nas janelas dos transportes de pessoas por um kit de primeiros socorros para ela. As pessoas ricas que eram donas destas naves tinham sempre alguns analgésicos. Neste momento ela precisava de ambos.

Ao ver um kit, Olena olhou ao redor. O lugar estava vazio. Com um chute, ela quebrou a janela e destrancou o transporte. Dentro de instantes tinha braço enfaixado e algumas pílulas dissolvendo-se em sua garganta seca. Ela tentou engoli-las.

— Quem está aí?

Olena congelou em sua procura por uma garrafa de bebida alcoólica, amaldiçoando em silêncio. Malditos guardas de segurança do porto! Por que eles não encontram um trabalho de verdade?

Olena aproximou-se devagar para ver a lateral do transporte. O guarda de segurança apareceu. Amaldiçoou novamente. Seu braço não estava em condições de defesa pessoal. Olhando abaixo em sua cintura, ela viu que sua arma estava vazia. Ela havia disparado todas as munições para poder sair pela lateral da nave de metal. A escotilha havia sido bloqueada pelo pessoal no solo.

Ao ouvir os passos procedentes da outra direção, ficou tensa. Uma mulher apressada passou próxima a eles, coberta com um rico manto de pele da cabeça aos pés, carregando

numerosas malas. Enquanto Olena olhava, ela moveu sua mala e puxou o manto firmemente em torno dela, empurrando-o sobre a cabeça, tremendo, como se tivesse com medo da solidão e escuridão da noite do porto. Olena sorriu. Ela não poderia ser capaz de pilotar, mas esta mulher rica definitivamente tinha seu próprio veículo.

Olena ouviu o guarda mover-se. Parou para sorrir para a senhora rica. A mulher sobressaltou com a surpresa ao vê-lo, mas conseguiu um aceno fraco de confirmação de volta. O guarda parecia a conhecê-la, porque ele acenou para ela e apontou para as docas. Olena olhou o transporte. Viu o casaco e deslizou sobre os ombros abotoando-o para esconder a roupa de pirata. Então, agarrando um chapéu, colocou seu cabelo ruivo flamejante, em um rabo de cavalo escondendo-o totalmente até embaixo.

Havia algumas bolsas com desenhos de flores que estavam no assento traseiro e ela pegou todas as quatro. Colocou-as sobre seu ombro, tentando não estremecer com a dor, já que começou a caminhar atrás da mulher encapuzada. Ela sorriu inocentemente para o guarda de segurança que esqueceu sua investigação e foi monitorar o lugar. Ele saudou com a mão, apontando para a mesma direção do porto que havia indicado para a outra mulher. Olena sorriu brilhantemente como se ela soubesse o que ele estava apontando.

Pegou a fila reservada para primeira classe, novamente vendo a mulher rica. Ela estava ao lado de um homem

uniformizado com uma prancheta. Seu capuz estava para baixo, seu cabelo castanho com um aspecto muito respeitável preso em um coque. Olena estreitou os olhos ao ver os brincos de diamante nas orelhas da mulher. Imediatamente, sua mente começou calcular o valor deles. Oh, ela adoraria tê-los em sua mão! Poderia este pequeno desvio valer à pena.

Olena colou um sorriso em seu rosto astuto quando viu um grupo de mulheres que entrava na nave, sob uma faixa que dizia, *Noivas da Galáxia*, em letra cursiva. Pegando suas novas bolsas, ela se aproximou.

— Perfeito, senhorita... ah... Aleksander. — O homem de uniforme estava dizendo para a mulher rica. — Bem-vindo a bordo do voo para seu futuro!

Olena não prestou atenção na resposta da mulher enquanto, ela colocava as bolsas no chão. Ela virou-se para escavar através de seu cinturão.

— Não, senhorita. A corporação de *Noivas da Galáxia* lhe deve. — O homem respondeu ao que havia dito a senhorita Aleksander.

Pegando a primeira identificação que encontrou, Olena depressa empurrou o casaco para cobrir sua arma. Empurrou a bagagem mais perto, chutando-a levemente pelo chão.

Ao olhar por cima do ombro, ela pensou ter ouvido sirenes aéreas fora da doca. Eles iriam investigar a explosão. Apenas poderia esperar que a explosão deixasse sua nave irreconhecível.

— Eu desejo evocar o direito da lei de privacidade. Se alguém perguntar, eu não estou aqui. — A dama rica disse.

— Polícia? — O homem perguntou surpreso, embora a idéia não parecesse preocupá-lo. Obviamente tinha uma cota que cobrir e Olena sabia que estas corporações eram notórias para olharem para o outro lado.

Olena não ouviu a resposta da mulher, mas viu o homem movimentar a cabeça em compreensão. Ela tentou aproximar-se para olhar os brincos.

— Eu farei uma nota, senhorita. Isso não será um problema. — O homem começou a escrever no arquivo da senhorita Aleksander.

— E, a propósito, para onde estamos indo? — A mulher perguntou sua voz novamente suave e firme.

Olena aproximou-se mais. Ela sabia o que era a Noivas da Galáxia.

Era uma corporação que vendia mulheres aos bárbaros para casamento por causa da falta de mulheres em seu planeta. Uma vez lhe pediram para entregar uma carga em Xangai, de noivas de uma raça inferior aos humanóides. Foi um dos poucos trabalhos que ela rejeitou. Nem sequer ela poderia tirar proveito da entrega de mulheres infelizes para homens que esguichavam gosma de seu... bem...

O homem riu.

— A maioria das mulheres pede privacidade antes de vir para cá. Deve ser algum maníaco do qual você está tentando fugir.

A mulher engoliu em seco, mas não disse nada.

O homem riu com bom humor, e respondeu.

— Você vai para Qurilixen, senhorita.

A mulher movimentou a cabeça antes de ir embora, seguindo um andróide que levou suas malas. Imediatamente, Olena colocou um sorriso doce para o funcionário uniformizado. Ele esteve a ponto de ruborizar em resposta.

— Oi. — Ela murmurou em tom sensual que sabia deixava louco de desejos os homens e assim poderia distraí-los instantaneamente. Fazendo biquinho com os lábios, ela disse.

— Oh, estas malas são tão pesadas. Eu nunca pensei que conseguiria andar com elas o caminho todo, sozinha!

— Você está aqui por uma substituição de última hora? — O homem perguntou, sua respiração começava a ofegar enquanto ela olhava para ele. Avançando, ele pegou suas malas e moveu para frente.

— Oh, obrigada. — Ela efusivamente. Olena piscou inocentemente. — Eu estou tão contente por ter chegado a tempo. Rick no escritório me disse que estaria bem. Esse voo é para Qurilixen, não é?

— Sim, senhorita. Eu conheço Rick. — O trabalhador mentiu. — É um bom homem.

— Sim, ele é. — Olena deu uma risadinha com um movimento da mão e seus olhos atrevidos.

— Assine aqui. — Ele disse, entregando a prancheta. — Temos poucas mulheres assim estamos contentes com sua vinda; seus exames de saúde serão realizados durante o voo, seu quarto será 209 na plataforma dois. É no final do corredor até a parte posterior, do lado esquerdo. A decolagem será amanhã as 9:00.

— Isto é perfeito, — ela sussurrou quando deixa o ID1 em cima da prancheta. Para sua surpresa, era seu nome real. Era muito tarde para agarrar um pseudônimo, então ela assinou seu nome com floreado. O homem olhou para o ID e entregou-o de volta.

— Oh! — Disse Olena; ela olhou para o crachá do homem.

— Rick me disse que poderia pedir meu direito à lei de privacidade, que se pedisse a Bernie ele cuidaria pessoalmente da minha privacidade para que não fosse violada.

— Alguém a segue? — O homem perguntou.

— Oh, é tão óbvio? — Olena fez beicinho, tentando seu melhor para não rir do olhar protetor do homem. Ela secou as lágrimas falsas dos olhos muito abertos e inalou.

— Não, senhorita. — Bernie respondeu em um tom de importância. Fazendo um sinal para um andróide para que

¹ ID é a sigla para Identity, que significa identidade, em português. Id é como é chamado, especialmente nos Estados Unidos, o documento de Identificação que os cidadãos carregam com eles.

pegasse as malas para ela. — Simplesmente parece ser que há muitas mulheres com esse problema ultimamente.

* * * * *

Um mês mais tarde...

Olena suspirou, descansando de volta em sua cadeira em evidente conforto.

Um andróide massageava seus pés na cadeira de pedicura e outro esfregava seu pescoço com as duas mãos enquanto os outros quatro da tripulação penteavam o seu cabelo. Olhando ao redor do salão de beleza, memorizou quase todos os nomes das noivas. Era um antigo costume que a salvou mais de uma vez.

Além disso, que outra coisa iria fazer durante todo o mês de viagem espacial? Planejar seu futuro com seu marido bárbaro? Tricotar para ele e seus futuros filhos um suéter?

Não obrigada. Não era provável. Nunca iria acontecer.

As noivas estavam sendo preparadas para o Festival de Reprodução esta noite em Qurilixen. Era uma noite de escuridão sobre a outra forma de luz do planeta e era considerada a única noite que seus homens podiam escolher uma noiva. Olena tinha intenção de encontrar um pobre bárbaro para se casar com ela. Que maneira mais fácil de estabelecer-se durante uns meses enquanto planejava sua fuga.

Além de conseguir alojamento gratuito e comida. Quem poderia resistir?

Sorrindo, Olena interiormente ria das outras mulheres a bordo da nave de Noivas da Galáxia. Todas elas eram idiotas, com suas esperanças de um casamento real. Sim, como se alguém alguma vez encontrasse o verdadeiro amor através de um cristal brilhante. Olena sabia que estas mulheres eram tontas e não tinha nada a ver com amor. Quando se tratava de homens, eles não conheciam o significado da palavra.

Olena sorriu um sorriso formando nos seus lábios. Por que os homens de Qurilixian chamavam sua cerimônia de casamento de Festival de Reprodução? Era tão ridiculamente óbvio. Não tinha nada a ver com o amor e tudo a ver com um planeta repleto de homens com tesão, sem nenhuma mulher própria, que precisavam encontrar a liberação. Inferno era fácil dizer *'eu amo você'* a umas poucas mulheres de seu próprio planeta. De que outra maneira estes pobres bastardos iriam ter uma mulher?

Olena tirou seus pés da água no suave empurrão do droid. Colocando os pés na extremidade da cadeira viu o andróide pintar suas unhas dos pés com esmalte permanente. Ela não podia deixar de pensar em como os homens de Qurilixian podiam ser em um planeta de guerreiros medievais. As mulheres de Qurilixian eram raras, sendo um planeta que sofreu de radiação azul. Ao longo das gerações, alterou a

genética dos homens para produzir quase nada além de herdeiros machos.

Talvez, encontrarei um príncipe e torná-los toda a adoração aos meus pés, Olena meditou com um sorriso excêntrico.

O fato de que não tivessem mulheres de sua própria espécie, fazia os serviços de corporações como Noivas da Galáxia tão valiosos para eles. Podiam utilizar portais para roubar noivas, mas hoje em dia a comissão intergaláctica rejeitava estas práticas. Em troca, o Qurilixian teria que extrair minério que somente era encontrado em suas cavernas. O minério era uma grande fonte de energia ideal para as naves espaciais de longas viagens intergalácticas, quase inútil para Qurilixian já que não eram conhecidos como exploradores.

Contrário à medida que soou, ela esperava que eles pelo menos tivessem uma porta espacial para que ela pudesse pegar uma carona para fora do planeta. Se a situação não fosse tão terrível, teria sido hilário.

O planeta de Qurilixen estava na extremidade exterior do Quadrante Y e Olena estava familiarizada com o território. Uma vez escapou de um caçador renegado alguns anos atrás voando em um cinturão de asteróides que corria pela parte externa. Ela viu o planeta marrom vermelho brevemente e quase parou ali para reparos. Apesar de que não aterrissou, um pirata sempre recordaria o planeta. Você nunca sabia quando que seria útil.

Ela fechou os olhos por alguns instantes enquanto o andróide acabava de dar-lhe uma massagem nos pés.

Os homens de Qurilixen adoravam muitos deuses, gostavam de confortos técnicos modernos, mas de fato preferiam cozinhar sua própria comida, sem ajuda de simulador. Com a tripulação certa, ela tinha certeza de que poderia ter enganado o supersticioso reino de todos os seus valores no período de um mês.

A viagem não foi tão ruim. Ela viajou em piores situações. A nave era boa, apenas a única companhia que ela teve permissão para ter no último mês de viagem foi às outras mulheres. Elas foram colocadas de quarentena, para garantir que nada indecoroso acontecesse, o que fez com que algumas mulheres se referissem jocosamente aos seus aposentos como o harém.

As mimadas noivas eram uma carga valiosa. Mas, depois de um mês de viagem com risadinhas idiotas, Olena tinha certeza de que nem dar essa apresentação shanghai tinha sido uma das suas melhores ideias. Ela teria jogado as noivas por uma pequena caçamba oxidada em um segundo lunar.

Os empregados eram todos andróides e eram atribuídos a cada passageiro e ela o usou ao extremo, passando seu tempo fazendo uma bagunça apenas para vê-lo recolhendo. Nunca se queixavam. Tão logo tivesse uma nova nave, Olena iria assegurar-se de ter uma dúzia destes pequenos.

Havia unidades de cozinha em cada um dos alojamentos que poderiam materializar qualquer delícia culinária. Olena tendo conhecido pessoalmente as dores da fome, alegremente serviu mais do que sua cota. Além disso, na nave havia uma unidade médica. Ela o encontrou na primeira noite, escreveu o número de seu quarto e segundos depois seu braço estava pronto sem nenhuma cicatriz.

Sim, seu alojamento poderia ter sido muito, muito pior. Poderia estar amarrada em uma prisão a mercê de certo caçador de recompensas e o mais provável que houvesse tentado obter uma antecipação de seu salário com seu corpo. Então, ela teria que matá-lo, estaria desamparada, a nave explodiria... desastrosamente.

Ouvindo Gena fazer uma referência, novamente, a seus seios melhorados geneticamente, Olena forçou um sorriso falso e deu uma risadinha como o resto delas. Oh, sim. Isto estava ficando tedioso. Menos mal que estariam desembarcando em poucas horas.

— Os príncipes não poderão resistir a mim. Talvez me case com todos os quatro só por diversão. — Gena disse. A mulher lançou seu cabelo castanho avermelhado para observar seu novo corpo. Ela era plana quando chegou e agora carregava cerca de dois gigantescos luxuosos artesanatos.

Olena olhou para baixo. Ela aproveitou-se dos serviços, eliminando os pelos nas pernas e axilas de forma permanente.

Ela não se preocupou muito em alterar seu corpo, entretanto ela conseguiu tirar uma irritante verruga do traseiro.

— Como saberá quem são os príncipes? — Veio à pergunta cínica de Pia Korbin. Olena olhou para sua direita. De todas as mulheres, ela gostava da sarcástica Pia. — Eu ouvi que todos os homens usam disfarces. Você poderia acabar com um guarda real.

— Ou um jardineiro. — Uma morena disse com uma risada.

— Eu entendi que não usam praticamente nada. — Olena disse, só para conseguir as exclamações das mulheres. — Exceto uma máscara e um pedaço de pele.

Elas não ficariam desapontadas. Quase riram outra vez de emoção.

— Você não pode ser enganada pela realeza. — A Gena cheia de si anunciou balançando os cabelos. — Você verá isto na forma como se movem.

Olena revirou os olhos captando seu reflexo num espelho. Fracamente, ela devolveu o olhar para a bela andróide que arrumava seu cabelo. Por um momento ficou imóvel olhando-se, não reconhecia a mulher com túnica de algodão branca de pele. Virando a cabeça para um lado e então o outro, ela franziu o cenho enquanto observava. Os lados estavam em um nó único no centro caindo em uma cascata pelas costas. Parecia uma moça rica e mimada e isso a incomodou.

— Vamos, Olena. — Uma mulher riu, parando para apoiar-se em seu ombro. — Vamos nos preparar.

— Vá em frente. — Olena disse incapaz de desviar os olhos para longe. — Eu estarei lá em um minuto.

Engolindo em seco, ela saiu do transe e levantou-se para seguir as outras pelo corredor que conduzia a seus quartos. Ela respirou fundo, dizendo que não se importava. Que era pouco o casamento? Se ele iria ajudá-la a recuperar sua liberdade. Não era como se ela tivesse quaisquer planos de se casar por amor ou felicidade. Como tudo mais em sua vida, esta aventura era só um meio para um fim.

Então, esforçando-se para olhar o lado bom, ela olhou para suas unhas pintadas e pensou. Nem toda tripulação recebe um tratamento desses!

* * * * *

Olena estremeceu, desconfortavelmente de pé com seu tradicional vestido de Qurilixen de seda e gaze. Pelo menos era preto, uma cor perfeita para seu humor negro. Sentia-se como uma das escravas que estavam sendo preparadas para o leilão de Phatar.

A insinuante túnica pendia sobre o decote para dar aos homens uma ampla visão de seus seios brancos pálidos. A saia inexistente abraçava firmemente até a cintura e os quadris, apenas para explodir em torno de suas pernas em tiras finas.

Um cinto cruzado passava através de suas costas. Mas em lugar de laçar na frente, continuava dos lados, segurando seus pulsos baixos como correntes de seda a metade do caminho do braço fechando acima dos cotovelos. Contribuíam a grande medida para um efeito de leilão de escravos que parecia para onde os homens iam.

O que era o casamento de qualquer maneira, se não escravidão voluntária? Pensou. Ela quase sentiu lastima do homem que a escolhesse. Ele realmente não teria nenhuma ideia de onde estava se metendo.

A brisa soprava acima da linha de noivas que esperavam, estavam de pé em fila no único corredor que conduzia fora da porta da nave. Olena era a primeira escrava do leilão e isso lhe proporcionou uma visão ampla do que estava acontecendo. Imediatamente, ela fez um inventário do primitivo ambiente.

Abaixo dela, homens gritaram de prazer quando o vestido voou ao redor de suas coxas. Olena era muito orgulhosa para empurrar a saia. Ela deixou o vento soprar onde quisesse, enquanto seu queixo erguia no ar e ela se recusava a sorrir.

De pé frente a ela, ombro a ombro em duas linhas longas, estavam os solteiros silenciosos. Seus corpos formavam um corredor de carne nua. Olena já tinha sido informada de que passaria através deles para que os homens pudessem olhá-las.

Quando a saia soprou outra vez ao redor, revelando suas atléticas coxas, pensou deixar que eles dessem uma boa olhada nela.

O planeta marrom avermelhado estava cercado por um crepúsculo verde azul. As estrelas estavam começando a se mostrar, piscando o olho de cima para baixo, emolduravam uma grande lua brilhante. As árvores estranhas cresciam altas com folhas colossais. Elevavam-se sobre a superfície do planeta com troncos de quase mais de um quarto do tamanho da nave espacial de Noivas da Galáxia. O bosque se estendia ao redor deles por um lado, vendo à distância uma montanha que se elevava diante deles.

Olena podia ver o suave resplendor da luz do fogo, o barulho do fogo na fogueira enquanto as chamas lambiam a noite estrelada, enviando chispas de cinzas no ar fresco. Atrás dos barulhentos homens, perto das costas, os homens casados se sentavam em tronos com suas esposas firmemente em seus colos. As mulheres casadas podiam ser ouvidas rindo enquanto olhavam os bárbaros, jovens demais para participar do Festival este ano posar para as futuras noivas. O cheiro de madeira queimada se misturava com o perfume exótico da natureza. Os casais se beijavam e acariciaram um ao outro livremente e ninguém, a não ser as noivas que notaram.

Música e risadas ressoavam acima do acampamento. No chão havia grandes tendas em forma de pirâmide. As tochas iluminavam os caminhos de terra. As fitas e bandeiras voavam na brisa em muitas cores brilhantes. Olena não se impressionou.

Os silenciosos noivos bárbaros eram maiores do que ela pensava, mesmo Olena sendo uma mulher dura, queria voltar atrás ao ver tais homens. Havia um rumor de que eram guerreiros e muito orgulhosos. Alguns pareciam uma torre de quase 2 metros de altura. Seu orgulho seria igual sua arrogância? E ela sabia exatamente como ser arrogante.

Os solteiros estavam completamente nus a exceção de três coisas, um pedaço de pele na cintura para deixar descoberto as musculosas pernas e peito, uma joia como uma pulseira ao redor dos bíceps e um colar de cristal sobre suas gargantas, e uma máscara de couro preta que escondia seus rostos desde os lábios superiores até a testa.

A luz do fogo iluminava como azeite sua brilhante pele. Desde o sólido pescoço até as pernas musculosas eram a perfeição. Seus bronzeados corpos eram como estátuas, com apenas seus pulmões se expandindo para demonstrar que se moviam. Eles estavam esperando pacientemente as noivas caminharem entre eles para poderem escolher sua companheira.

Imediatamente, Olena viu a luxúria. Como pedras brilhantes e febris em seus olhos pelas máscaras. Seus olhares eram quentes, como metal líquido, possessivos, dominantes, seguros.

Sim, Olena refletiu sem sentir nenhuma culpa pelo que estava para fazer. Leilão de escravas.

* * * * *

Yusef de Draig olhou fixamente para a cabeça vermelha da raposa na frente da linha nupcial. Ele não precisava confirmar sua imediata atração por ela mediante o cristal que estava começando a arder em seu pescoço. Sabia desde o momento que ela pisou na plataforma que ia ser dele, mesmo que ele tivesse que desafiar a tradição e a magia, ele queria reclamá-la.

Olhando abaixo, ele viu que tais medidas drásticas não seriam necessárias. Um sorriso sensual curvou o canto de sua boca. A magia dos deuses estava de acordo com ele. A ardente mulher estava destinada a ser sua esposa.

O negro de seu vestido chicoteava corajosamente ao redor de seu corpo atlético e ela até não tentou segurá-lo. Ele viu o orgulho em seus olhos de esmeralda brilhante enquanto mantinha-se quieta. Seus lábios franzidos como se fosse um desdém por todo o assunto. Sorriu. Sim, definitivamente havia fogo e Yusef sempre gostou de brincar com tochas.

* * * * *

Olena suspirou. Seguindo o sinal do piloto para descer, ela encabeçava procissão pelo longo corredor. As sapatilhas suaves em seus pés eram desconfortáveis e ela ansiava por suas botas. O aborrecimento começava quando... bem. Ela ficou sem fôlego, capturada por um feitiço.

Olhos cinza e perigosos a desafiaram, resplandecendo no rosto escuro de um homem. Este homem era muito

diferentemente dos companheiros ao seu lado. Seu olhar envia possessivos calafrios por sua pele de um modo que nunca conheceu; teve que agitar-se para assegurar que ainda respirava.

O homem sorriu de forma sensual e escura que viu tantas vezes antes. Ela não deixou se enganar. Este homem a queria. Ele estava apostando sua reivindicação com um magnetismo animal. Apesar de que a irritava seu sorriso confiante, ela se agitou com seu poder.

Surpreendia que não urinasse em sua perna para marcar seu território, ela pensou.

Quando passou perto dele, ele teve a audácia de curvar-se para ela. Olena rosnou ferozmente para ele mostrando os dentes num tipo de prostituta atrevida, o que irritou muito os planos de sua vaidade masculina. No entanto, logo se recuperou e viu a luz inconfundível de audácia em seu olhar. Sua máscara moveu à medida que as sobrancelhas se levantaram em aceitação a seu desafio. Outra vez se inclinou, soprando um beijo apenas para ver seu rosto em chamas.

Capítulo Dois

Olena estava muito brava para comer o grande banquete frente a ela. A presunção daquele homem! Pensando que ela iria a ele de boa vontade, só porque ele desejava isto. Oh, ela sabia o que ele queria dela. Estava muito claro em seu luxurioso olhar.

Irritada, reconheceu a si mesma que era muito bonito, tinha um lascivo olhar.

Tremendo por sua irritação com ele por esse sorriso sombrio, vem cá, Olena suspirou.

Um grande banquete foi preparado em grandes mesas espalhadas para onde as noivas foram levadas. Era um verdadeiro banquete de dois porcos assados, pão azul de Qurilixen com queijo, frutas e pasteis. Olena agarrou um pedaço de carne de porco, dando uma mordida para demonstrar a si mesma que não estava angustiada por este último giro dos acontecimentos.

Olhando para cima, ela viu os casais casados alimentando um ao outro à luz do fogo. Nenhum deles aborrecia as noivas que comiam isoladas. O estilo era obviamente cabelos longos para ambos os sexos. As mulheres usavam vestidos de material fluido. Os homens vestiram camisas e calças simples, definitivamente pareciam da idade média.

Os empregados levavam jarros de um vinho estranho e Olena avidamente acenou para um deles. O cabelo loiro claro do homem caía em seus ombros à medida que ele se inclinava. Os

empregados estavam completamente vestidos. Ela levantou seu copo apenas lançando-lhe um olhar.

— Ele parece um empregado peculiar. — Disse Pia pensativa ao seu lado.

Olena olhou para ele enquanto bebia. A mulher olhava com suspeita à medida que o homem loiro se afastava.

Olena olhou o gigante loiro. Parecia um empregado para ela, não muito bom pelo modo que ele derramava vinho no chão à medida que ia embora, mas um empregado, todavia.

— Eles são uma espécie peculiar. — Olena murmurou, secretamente procurando pelo estranho escuro. Ela passou os dedos distraidamente por seu cabelo, tocando o grampo em forma de vaga-lume que estava em seus cabelos. As frias pedras pretas lhe deram um pouco de conforto.

Depois de ficar em quarentena com um grupo de mulheres tagarelas, estava pronta para um bom desafio.

Sorriu, sabendo que aos homens era proibido de fazer sexo esta noite. Isso apenas poderia funcionar a seu favor. Ela teria o bárbaro sombrio dando voltas em círculos antes que soubesse o que o atingiu.

Pia riu suavemente e movimentou a cabeça de acordo.

— Você acredita em tudo isso?

— O que você está fazendo aqui de qualquer maneira? — Olena curiosamente perguntou. — Não parece como o tipo de mulher que viria aqui.

— Benefícios de liberdade. — Foi à enigmática resposta de Pia. Seus olhos por um momento escureceram e Olena perguntou-se por que esse olhar. Esta mulher estava definitivamente escondendo algo. Antes de poder comentar, Pia disse. — Acho que vou seguir aquele empregado. Ele está tramando algo.

Pia ficou de pé, quando de repente os noivos estavam diante delas, se aproximando da mesa na plataforma. Eles não trocaram de roupa já que estava indo para reivindicar suas noivas. Nem todas as noivas foram escolhidas e Olena sorriu ao ver Gena ainda sentada sozinha, com um olhar de horror em seu rosto atordoado.

— Eu sou Yusef.

Olena olhou para cima. Ela fingiu não notar o guerreiro sombrio se aproximando dela. Bocejou de propósito, olhando para ele. Ela sentiu Pia passar ao seu lado e ir ao redor da mesa.

— Vamos. — disse Yusef, seu sotaque tão excitantemente escuro como o seu olhar. Ele ergueu a mão para pegar a dela. Era uma mão forte, com dedos longos. Ela viu calos ao longo da palma e estremeceu. Apenas ao pensar como se sentiria sobre sua pele.

Olena olhou sobre sua pele bronzeada como se fosse um pedaço de carne e ela o inspetor de saúde. Seu peito estava cortado e cinzelado pelo esforço de muito trabalho duro e treinamento. Ao ver seus braços grandes, sabia que nunca seria

capaz de ganhar desse homem em luta justa. Ele a esmagaria se ela ousasse.

Havia orgulho ou arrogância que acompanhava tal beleza. Mas a confiança não a intimidou. Ela gostava que um homem conhecesse seu próprio valor. Ficar presa com ele por alguns meses poderia não ser tão ruim. Inclusive poderia ser francamente agradável.

Terminando seu exame corajoso, ela encolheu os ombros como se não fosse grande coisa e disse.

— Certo, bebê, por que não?

Um sorriso brincalhão tocou sua boca ao ouvir suas palavras. Olena tomou devagar o vinho. Sua expressão não era o que ela esperava.

Sem afastar a mão, Olena levantou-se de sua cadeira e andou a passos largos ao redor da mesa por si mesma. Seu cabelo subiu levemente pelo vento, as mechas vermelhas sedutoras contrastavam com o negro de seu vestido. Deixou seus quadris balançarem, sabendo por experiência que ele estaria olhando. Apesar de parecer tranquila, seu coração esteve batendo muito rápido. Sua voz arrepiou sua pele e fez com que seu sistema nervoso estremecesse.

Assombrou-a que Yusef apenas a observasse descer a escada da plataforma para o chão, seus olhos de esmeralda brilharam com travessura, quando ela disse suavemente.

— Bem, vamos, não? Vamos acabar com isso.

Yusef aproximou-se devagar pela escada, parando diante dos olhos dela como ela fez. Tinha um olhar atrevido, que não deixou nenhuma dúvida de que tirava sua roupa com a mente. A confiança de Olena oscilou. Ele lambeu os lábios.

— Já terminou? — Ela exigiu, sua voz saiu um pouco dura. Olena cobrindo suas emoções com facilidade, deslizando de um papel a outro apesar de que sentia isso em seu interior. Era a única maneira de uma pirata espacial sobreviver.

— Não. — Ele respondeu obstinado e continuou observando-a.

Os braços de Olena estavam cruzados sobre o peito. Ele olhou para seus seios cremosos, empurrando para cima e juntos pelo seu movimento desafiante.

O cristal em seu pescoço pulsou e Olena descobriu que seu corpo estava tentando pulsar junto. Estreitando seus olhos, ela olhou fixamente para a pedra. Algo não estava bem. Sua cabeça estava começando a nublar-se com prazer. O que exatamente estes bárbaros eram? Ela olhou de volta para a mesa, vendo que mais noivas estavam sendo conduzidos fora, com os olhos vítreos enquanto eles seguiam com indiferença.

Olena sorriu, lembrando-se tudo o que aprendeu dos costumes de Qurilixen. Corajosamente andou para frente, chegou a agarrar a pele que cobria sua virilidade. Para sua surpresa, já estava na metade de sua excitação. Apertando-a, ela perguntou, — Você quer isto aqui, bárbaro? — Yusef ficou rígido. Sua respiração presa com o assombro por tê-lo agarrado

em público. Sua coragem o excitava, mas também sabia que este não era o lugar. Ele não desonraria sua família ou seu nome agindo como um camponês rude. Lendo a malícia em seus olhos, ele sabia que estava zombando dele.

Olena esperou, sua sobrancelha se levantou perigosamente na testa, quando pouco a pouco lambeu os lábios. A excitação sob seus dedos pulsou. Ela sorriu.

Antes que ela percebesse o que estava acontecendo, Yusef inclinou-se e ergueu-a sobre seu ombro. Olena engoliu em seco. Ele a lançou como se fosse nada além de uma pena. Seu estômago se revolveu fazendo-a perder o fôlego. A mão de Yusef ondulada sobre suas coxas, cavando sob as tiras finas de material para prender corajosamente em sua pele nua. Seu outro braço se envolveu ao redor de suas pernas oscilando, prendendo-as contra ele.

Yusef afastou-se com seu prêmio de batalha, sorrindo como um bobo. Ao ver seu amigo Agro perto, apontando para ele e rindo, ele acenou alegremente. Um grito de diversão passou ao longo dos casais.

Olena, não podia ficar atrás, começou a correr as unhas sobre suas costas musculosas, arranhando levemente enquanto ela desenhava ao longo das trilhas de sua firme costa. Ele estremeceu sob seus braços e sorriu com malícia. Seu coração batia continuamente no peito, golpes maravilhosamente eróticos ao lado de sua perna.

Sem perder o fôlego passaram pelo acampamento até a outra extremidade do campo. Mantendo-a em seu ombro, ele empurrou a ponta da tenda cinza e levou-a para dentro. Ele não deixou de segurá-la e ela gostava da solidez de seu corpo.

Olena empurrou para cima sobre seu ombro para olhar ao redor. Seus braços ao redor dos dela, segurando-a pelas costas, abraçando-a firmemente contra seu peito. Seu rosto próximo de seu estômago, enquanto respirava o perfume feminino dela.

Uma cama coberta com peles estava no meio da tenda, com fitas amarradas nos quatro postes. Entre elas podia entrar uma mão, ela pensou. Logo, olhando para os três cantos da pirâmide, ela viu uma quente e acolhedora banheira. Olena estremeceu. Passou-se muito tempo desde que ela tomou um banho de água. A nave de Noivas da Galáxia tinha uma unidade de desinfecção, que basicamente sugava os germes e óleo de sua pele em sopro rápido de ar.

Na tenda havia tochas acesas em castiçais. Dava as paredes um tom misterioso e brilhava sobre o enorme gigante de bronze, que a segurava com reluzente abandono. Ao tocá-lo com as unhas levemente sobre os ombros, ela se virou para olhar para o outro.

No segundo canto a sua esquerda, viu uma mesa repleta com alimentos e bebidas. Se ela lembrava corretamente eram os presentes da família do homem. Se ele não tivesse nenhuma família, então ele mesmo fez os doces de chocolates.

Como eles são muitos trabalhadores, ela pensou com ironia.

Lentamente, Yusef girou com ela nos braços. Olena ficou mais nervosa, mas não demonstrou. Ele a desceu de suas costas tranquilamente deslizando-a pelo peito. Abraçando-a com seus enormes braços ao redor de sua cintura estreita. Seu seio veio diante de seu rosto e ele sorriu maliciosamente para ela.

Seu peito tocou seu rosto e sorriu olhando-a atrevido.

Yusef segurou a mulher em seus braços, apreciando o contato. Seu corpo suave facilmente moldado ao seu. Seu exótico cheiro de canela se propagava por seus sentidos o que impulsionou em seu sangue o desejo e a luxúria tumultuosa. Seu corpo ardia de desejo para saborear seu sexo. Ela o desejava também. Ele sentiu o cheiro dela, flutuando acima dos seus quadris como um perfume para tentá-lo à loucura bestial.

De repente, suas pernas estavam ao redor de sua cintura e ela desceu deixando passar os seios por seus lábios. Com um movimento rápido ele poderia tê-la tomado ali.

Olena ficou nervosa, perguntando-se se estava levando as coisas muito longe. Ele era um homem afinal e ela não tinha nenhuma arma para se defender. Mas, vendo a resistência em seu rosto e sabendo a penalidade por isso, seria excelente se ele acasalasse com ela, relaxou. Era só um jogo, um jogo de piratas e Olena estava decidida a ganhar.

Movendo o quadril, ela disse com voz rouca, fazendo beicinho.

— Você não tem que perguntar-me algo Yusef?

Yusef sorriu, simplesmente dizendo.

— Escolha.

Olena sorriu, mas com uma emoção que não podia sentir em seu coração trêmulo. O calor de seu corpo estava começando a espalhar-se em seus membros e sua pele estava deixando-a louca com seu cheiro erótico e poderoso. Mas uma vez que Olena escolhesse o curso de ação não poderia voltar atrás. Isso foi o que a converteu na ladra mais procurada na história da galáxia.

— Bem, se você insiste. — Ela ronronou. Passando os dedos por seu cabelo preto suavemente, ela agarrou as mechas nos dedos. Sua pele parecia mais escura entre suas mãos brancas. Ela levou muito mais tempo do que o necessário para soltar a máscara de seu rosto sem soltá-la.

Quando Olena viu seu rosto pela primeira vez, todos os planos momentaneamente a deixaram. Ele era impressionantemente bonito. Ele a olhava fixamente com os olhos mais magníficos que ela já viu e ela viu muitos. Seus olhos cinza escuros mudaram diante de seu olhar, para amarelo.

Agora, isso era algo que ela não via há algum tempo. Este homem era um shifter.

O pensamento a trouxe em curto e ela sabia que teria que ser muito cuidadosa. Shifters podiam ser sumamente perigosos, dependendo do que acontecesse. Era sua genética defensiva, não era como se ele se convertesse em um lindo e peludo coelhinho. Não, geralmente se transformavam em fortes feras guerreiras.

— Por que você não deita. — Ela murmurou, lançando a máscara atrás de sua cabeça. — Assim posso abrir meu prêmio?

Yusef conteve-se, perguntando-se o que ela pensava enquanto observou-o com seus olhos sérios. O rosto de Olena não transparecia nada. Ele sentiu a batida de seu coração rápido, quase como se ela estivesse com medo, mas ele não podia cheirar o medo nela. Seus olhos sempre o olhavam com travessura, entretanto adivinhou que seu olhar era com a intenção de esconder outras emoções. Sua pequena noiva era um grande mistério. Ele sabia que ela estava tramando algo, somente não podia dizer o que. Teria que ser mais cuidadoso até descobrir o que era. Mas, nesse meio tempo, ele apenas teria que esperar e desfrutar com ela de um sexo selvagem e quente.

Yusef baixou-a no chão, deixando-a sentir toda a extensão de seu corpo aquecido, incluindo seu escaldante desejo. Para sua diversão, ela estremeu um pouco no pressionar íntimo dele e perdeu um pouco de sua compostura.

Olena engoliu em seco, seus olhos tentavam não se alargar a medida que sentia seu comprimento duro, perigosamente

perto de seu estômago. Seus mamilos doíam, levantando-se para ele como pequenos traidores. Não era para desejá-lo. A ideia era fazer com que ele a desejasse. Uma vez que ela o tivesse frustrado pela necessidade, seria massa em suas mãos e dar-lhe-ia tudo o que quisesse tão somente pela possibilidade de conseguir uma satisfação plena que nunca chegaria.

Para seu horror, ele a deixou ir, com os joelhos ainda tremendo de desejo fazendo-a tropeçar enquanto tentava ficar de pé. Yusef sorriu com arrogância. Seus punhos se apertaram, automaticamente querendo apagar o insolente sorriso de seu rosto. Quando ela viu seus olhos estreitos em advertência, conteve-se e sorriu.

— Bem?— Ela perguntou balançando a mão. — Vamos ver.

— Eu pensei que você quisesse abrir seu prêmio. — Yusef expressou. Sua voz novamente fez seu corpo estremecer de desejo. Seu sotaque Qurilixen doce e suave saiu de seus lábios firmes. Olena engoliu em seco. Aqueles lábios se moviam de uma forma que ela sabia que seria capaz de fazê-la dobrar as pontas dos pés por seus beijos, apenas olhá-lo fazia seu coração acelerar.

Olena avançou, obrigando suas pernas a ficarem quietas. Inclinando a cabeça, ela lambeu os lábios e observou-o outra vez. Ela ergueu suas mãos para peito dele à deriva ao longo do comprimento duro dele para o cóis de pele de sua tanga. Quando os dedos afilados chegaram ao seu estômago, os

músculos apertados e ele agarrou-lhe os pulsos prendendo-os em suas mãos.

— O que?— Olena lindamente fez beicinho, antes de dizer.
— Está envergonhado? Eu estou certa que é bom.

— Use sua boca. — Ele ordenou sem morder a isca.

Olena ficou atônita, mas não demonstrou. Engolindo em seco, deixou que a empurrasse para baixo até sua cintura. Agachando, colocou seu rosto entre as coxas.

Yusef sabia que ele estava empurrando-a, esperando que a erupção que parecia estar fervendo sob a sua superfície de fogo. Talvez fosse seu cabelo vermelho flamejante, ou talvez fosse a maneira como ela parecia tão certa de que estava no controle da situação. Seja qual for a razão, ele queria empurrá-la, e continuar empurrando até que ela inflamasse em uma explosão apaixonada. Se ele fervesse o sangue dessa pequena megera, ele sabia que a recompensa seria enorme.

Yusef gemeu, vendo a curva exuberante mexendo debaixo de seda, um pouco além de seu alcance. Ele estendeu as mãos para o lado, para que ela não pudesse trapacear. Levemente, ele sentiu um beijo em seu abdômen e, em seguida, o arrastar de sua língua. Seu estômago se enrijeceu. Era uma gloriosa tortura.

Olena beijava sua pele. Contendo-se ela jogou a cabeça para trás em uma chuva de ondas vermelhas. Quando ela ficou diante dele, pele na boca, cabelo despenteado selvagemente sobre suas costas e ombros, ela maliciosamente piscou para ele.

Incapaz de conter sua curiosidade, ela olhou para baixo. Ela arregalou os olhos antes que ela pudesse esconder seu espanto. Agora isso era algo que não tinha visto antes. Parece que esse bárbaro escuro carregava um grande guerreiro todo seu.

Yusef aproximou-se dela, estendendo seus braços enquanto suas mãos permaneciam algemadas ao redor dos pulsos dela. O broche que prendia a pele em sua cintura soltou-se com um movimento ousado. Olena estremeceu com o poder absoluto dele. Com um movimento rápido, ele agarrou a extremidade da pele com seus próprios lábios e tirou de sua boca como um cão selvagem, jogando-a para o lado.

Antes que ela percebesse o que estava acontecendo, ele a beijou. Foi um beijo devastador que roubou sua respiração e parou seu coração no peito. Foi um beijo cheio de paixão e desencadeou o desejo. Ali estava um homem que sabia o que queria e foi para isso sem pensar. Antes que ela soubesse o que ela estava fazendo, Olena o estava beijando.

Olena gemeu. Ela já foi beijada antes, mas nunca como agora, como se fosse a única e última mulher na galáxia. Com os braços dos lados, ela não podia lutar contra ele. Mas para sua vergonha ela percebeu que, se fosse por seu domínio em seus braços, ela não teria lutado, mas o encorajando.

Brava mais em sua perda de controle do que com ele, ela o mordeu forte. Yusef se afastou, com o lábio ensanguentado. Piscou, atordoado. Quando tocou seu lábio inchado, ele viu a

trilha de sangue manchando-os. Ela lambeu a boca, desafiando-o a castigá-la.

Para sua confusão, ela disse.

— Você não disse, por favor.

— Por favor. — Ele grunhiu sob sua respiração, seu olhar ardendo de paixão. Avançando novamente, ele retomou o beijo de onde parou. Só que desta vez mordeu de volta. Olena ofegou, levantando a perna para chutá-lo em reflexo. Ele soltou seus braços, só para forçá-la a um abraço. Sua perna não alcançou o objetivo, em seu lugar o movimento roçou intimamente seu quadril nu.

— Deixe-me ir. — Olena ardentemente exigiu, lutando contra ele quando ela saboreou seu sangue misturado em seus lábios, não sabendo quanto dele era seu e quanto dele.

— Por favor. — Ele sussurrou, inclinando-se para lambeu seu ferimento. Cutucando sua ligeiramente com sua mandíbula, ele disse novamente. — Por favor.

Olena não pode recusar o som contínuo das palavras sedutoras dele. O cristal pulsou entre eles, mas desta vez ela ignorou suas suspeitas quando mais uma vez a reivindicou. Seu beijo foi mais gentil e doce.

Ela derreteu em seus braços, esquecendo a batalha com ele fazendo-a sentir-se sem forças para lutar contra o desejo que sentia por ele.

Não podia pensar em seguir a luta pela ternura e paixão que sentia. Ela desejava-o como nunca desejou ninguém.

Yusef sentiu que derretia em seus braços. Separando os lábios, ele olhou-a nos olhos. Sabia que ela o queria como ele queria possuí-la.

Muitas perguntas rondaram sua cabeça. Queria saber quem ela era, por que foi para seu planeta. Ele sabia que era em parte seu destino que a levou para Qurilixen, mas ele queria saber suas outras razões. Estava se escondendo de algo? Estava procurando por algo? Ele sabia que havia algo mais da mesma maneira que ele instintivamente sabia que não conseguiria as respostas facilmente.

— Agora. — Ele respirou ardentemente contra seus lábios. — Vejamos o que eu ganhei.

Olena estremeceu muito atordoada com a sensação de seus lábios para se mover. Ele começou a acariciar sua pele. A névoa de desejo a invadia, entrando em seu cérebro durante aquele último beijo e agora não podia separar-se dela, apenas sentir o que seu mestre desejava.

Suas mãos se perderam sobre seu vestido, queimando-a através da seda como se não existisse. Ele flexionou seus dedos, deixando suas mãos a acariciarem por todos os lados, caricias que chegaram a seu quadril, sobre sua cintura para chegar até seus bonitos seios. Os globos suaves se ajustavam perfeitamente em suas mãos e ele os tocou como se já pertencessem a ele.

Olena ofegou muito atordoada para se mover. Ele manteve os olhos fixos nos seus. Ele passou seus dedos pelo pescoço

delicado, seus dedos eram tão fortes que poderiam tê-la estrangulado. Eles não causavam dor, exceto a agonia agriçoce por seu toque suave. Seu sangue fervia, era como lava ardente entre suas pernas, uma sensação de desespero e desejo.

Puxando o vestido com força, Yusef o arrancou. O material rompeu com força o que a fez saltar com surpresa. O ar morno da tenda golpeou seu corpo nu quando o vestido foi lançado de lado. Seus mamilos ergueram-se docemente, tentando-o.

Yusef deu um passo atrás, tentando respirar. Tinha a pele branca e sem defeitos. Tinha um aspecto puro contra sua pele bronzeada. Sua calcinha de renda abraçava seus quadris, zombando dele como uma barreira. Oh, como ele gostaria de mordê-la até que desaparecesse! Tinha sardas nos ombros, como pontos de luz e beijos leves. Ele prometeu que sua boca beijaria cada uma delas com o tempo.

Seu corpo era bem construído, musculoso e forte, mas doce e suave como seus olhos brincalhões. Havia uma dureza em seu olhar inocente, mas Yusef podia sentir mais profundamente dentro dela que a simples aparência e sabia que não era toda verdade, não tudo era o que ela queria aparentar.

Ele poderia dizer que ela trabalhou arduamente pelos calos em suas mãos, ainda que tivessem um aspecto áspero. Chegou à conclusão de que esta mulher sabia como usar uma arma. Instintivamente soube qual era seu dedo de disparo, como se disparasse com frequência.

Olena permaneceu imóvel, vendo como a devorava com os olhos. Deixou-a excitada ao ver seu desejo por ela, sentiu seu descarado fogo quente. Uma onda de culpa se apoderou dela porque sabia que nunca iria sucumbir a ele. Ela sabia que estaria usando-o e em seguida, deixando o tão logo tivesse a oportunidade. Era só um meio para um fim e seu fim era sair do exílio de um planeta.

Pensando nisso, piscou para afastar a névoa de desejo e lutando contra ela.

Sabia que seus sentimentos tinham algo a ver com o cristal ao redor do pescoço, assim como o vinho que deram a ela para beber. Ela provou estranhas misturas de ervas antes. Os psiquiatras gostavam de usá-las porque abriam a mente e soltavam a língua, apesar de que eram ilegais em muitos quadrantes. Fechando os olhos, ela ficou tensa em sua resolução. Este homem tentou drogá-la, tentado levar sua vontade.

Seus olhos brilhavam com uma inocência que ela não sentia.

— Gosta do que vê?

Sua resposta foi um grunhido bestial. Ele não afastou os olhos. Levando um dedo aos lábios, ela sentiu o sangue seco neles. As fitas ainda abraçavam seus braços e deixou-as.

E ela tirou os sapatos. Chupando o dedo, com olhos cada vez mais arregalados, ela girou para ficar diante dele novamente com timidez.

Yusef engoliu, já torturado pelo que estava por vir. No entanto, ele não podia pensar em parar isto.

Olena piscou e murmurou em seu tom mais sensual.

— Acho que estou muito suja, Yusef. Talvez deva vir e dar-me um banho.

Capítulo Três

Yusef não pode evitar o forte desejo que percorreu seu corpo diante do pedido. Sabia que iria lamentar. Seu instinto de guerreiro dizia para ser cuidadoso, que esta mulher era esperta e iria causar-lhe problemas. Ignorando seus próprios instintos, ele deixou sua luxúria levar seus pensamentos e aproximou-se da raposa nua que o olhava descaradamente.

O alfinete em forma de vaga-lume sobre seu cabelo brilhou quando ela se moveu. As pequenas pedras pretas brilhavam como estrelas, piscando travessamente. Alcançando-a, ele deslizou uma mão por seu rosto, prendendo seu queixo, seus dedos aproximando-se de sua sensível orelha.

Olena congelou, não permitindo que seu corpo tremesse com a carícia gentil. Lentamente, ele passou a mão por seu ombro e abaixo de seu braço. Pegando a ponta das fitas que estavam penduradas em seus braços, ele afastou-se a guiando pelas fitas até a banheira cheia de vapor.

Olena deixou que ele a olhasse, sem se envergonhar de seu corpo. Ela não era uma boba. Sabia que afinal, ele queria o mesmo que todos os homens queriam. Queria sua submissão completa. Ela nunca faria isto. Ela foi escrava de um homem uma vez. Uma vez foi o suficiente.

Yusef não percebeu sua confusão. Quando ele olhou para ela, ela sorriu ampla e graciosamente. Puxando-a, tentou beijá-la. Seus lábios cheios e exuberantes o chamavam. Apertavam-se

quando falava, rogando para ser tocada. Ele viu o corte inchado onde seus dentes a morderam e sentiu a irritação do seu próprio.

Olena passou ao seu lado, travessamente passando os lábios que ele oferecia. Ela tirou a calcinha e entrou na banheira. Nua e de pé diante dele, esperou. Yusef não teve que ouvir nenhuma ordem. Ele entrou na grande banheira juntando-se a ela. Lentamente eles entraram na água morna. Suas costas em lados opostos, eles se enfrentavam. As pernas dela estavam ao seu lado. Olena fechou seus olhos, momentaneamente contente por desfrutar da água.

Logo, os dedos dele estavam nos pés dela, erguendo-os até o peito para poder ensaboá-los. Seu toque suave a surpreendeu, deixando sua mente encantada com o prazer. As mãos deles continuaram deslizando por sua panturrilha. Quando ele tocou a curva de seu joelho, ela endureceu, sentindo cócegas. Abrindo os olhos, ela começou a lavá-lo como ele fazia com ela e também encontrou logo as coxas peludas. O sabão deslizava deliciosamente erótico em sua pele. Seu toque continuava trabalhando concentrado na tarefa, aquecendo e acendendo o fogo onde fosse que passasse. Depois das coxas descobriu o quadril, do quadril delicioso descobriu o estômago e do estômago plano chegou aos seios.

Yusef tomou seu tempo, provocando os seios dela, conhecendo seu tato, provando sua resposta. Estava satisfeito.

Quando passou o polegar pelo sensível botão, o corpo dela estremeceu de prazer.

Para surpresa de Olena percebeu que estavam de joelhos na água morna, traçando círculos nos ombros de Yusef. A boca dele estava perto da sua, separada, pronta para beijá-la, mas contendo-se. Ele passou suas grandes mãos pelas costas dela, atraindo-a mais perto de seu peito com uma massagem. As mechas negras de cabelo estavam em seus ombros. As pontas escuras estavam molhadas onde ela passou. A textura dele a hipnotizava. Era hipnótico para seus dedos. Ela não podia encontrar a vontade para deixar de tocá-lo. O cheiro dele, o sabonete, tudo mexia com seus sentidos. Era uma loucura. Ela sabia. Ficar com ele era contrário a todo código pelo qual ela viveu. Arruinaria o equilíbrio de sua vida. Mas não podia fazer nada para parar, tal e como era impossível parar o tempo ou a mudança das estações. Ele era o calor deserto para seu frio ártico. Nunca sobreviveriam juntos, mas ali estavam, tocando-se, sentindo, acariciando e queimando.

Sua ternura rompeu o bloco de gelo no qual ela colocou seu coração anos atrás. Não podia lutar com este tipo de paixão. Ele não exigia nada dela, apenas dava. Como poderia ela recusar tal presente? Ninguém a tratou jamais com se ela fosse delicada, como se fosse uma mulher de verdade.

O desejo a subjugou, assustando-a.

Yusef olhou seus olhos verdes e viu como desapareceu esse olhar malicioso nela e sua agonia e dor apareceu quando o

olharam. Naquele momento, era como se houvesse alcançado voo, desnudando a alma dela para ele. Ele cheirou seu desejo por ele, mas também o medo profundamente enterrado. Os olhos dela ficaram úmidos com as lágrimas enquanto ela olhava no fundo de seus olhos cinza. Qualquer coisa que estivesse planejando para pegá-lo, entrando na banheira com ele, não iria fazer.

Olena não sabia se era por esse homem, o vinho em suas veias, ou o cristal que brilhava com cada vez mais intensamente e que a chamava. Apenas sabia que seu corpo nunca seria o mesmo. Quando seu desejo começou a responder naturalmente ao dele, ela esqueceu seus planos, esqueceu que eles não deveriam fazer isto. Ela esqueceu de odiá-lo. Lentamente, Olena inclinou-se para frente, seus braços enroscando lentamente ao redor dele enquanto o beijava. Yusef a segurou, desfrutando de ela ter dado o primeiro passo. Seus lábios estavam abertos e eram doces, vertendo nele uma terna vulnerabilidade. O corpo dela apoiou-se firmemente contra ele quando ele inclinou na banheira para sustentar seu peso. As pernas dela ajustaram-se em sua cintura, tomando cuidado para que sua ereção não a tocassem. Yusef grunhiu com a boca aberta. Os lábios dela lhe enlouqueciam enquanto gemia contra ele. Ele encontrou seu quadril e naturalmente aproximou seu corpo, buscando acalmar o desejo que ela provocou. Fez uma pausa no beijo, abrindo a boca enquanto a deslizava até sua ereção. A água acariciava, mais perto de sua ereção.

Yusef de repente separou-se. Se fossem por esse caminho e finalizassem o ato, o Conselho iria saber. Se burlassem a lei, seu casamento seria desautorizado e ele seria obrigado a passar o resto de sua vida sozinho. Até que ela publicamente declarasse que o queria quebrando seu cristal, não poderia reivindicá-la.

Olena, muito ardente com a descoberta de seus novos sentimentos, começou a acariciar seu pescoço com o nariz. O pulso dele disparou com os beijos.

— Não. — Ele disse. — Pare.

Pare! Seu cérebro gritava sem poder acreditar. Ele acabou de dizer que parasse? Ninguém me diz para parar!

— Nós não podemos fazer isto. — Ele disse, sentindo-se como um bobo enquanto dizia as palavras. Ele queria acariciá-la, mas afastou-a de sua pele. Os lábios dela deslizaram pelo queixo até a boca. Seus grandes olhos esmeraldas se viraram para ele.

— Por que não? — Ela perguntou persistente. — Quem vai saber?

— Eu saberei. — Ele respondeu com orgulho. — O conselho saberá.

Olena deu de ombros, movendo-se para beijá-lo novamente. Seu corpo estava em tal ponto que ela não se importava com o conselho ou súbita descoberta de sentido de honra do homem. Apenas um momento atrás, quando ele estava tentando se aninhar sua ereção mais perto de suas

coxas, onde tinha o seu senso de honra e seu temor do conselho?

— Beije-me. — Ela exigiu, seus olhos pousando com malicioso escudo para bloqueá-lo. — Agora.

— Diga, por favor. — Ele brincou.

Os olhos dela endureceram. Toda vulnerabilidade desapareceu quando o olhou. Seu sorriso se armou perigosamente de lado. Uma onda de amargura e desespero rompeu-se dentro dela, desmoronando seu coração. Ela era uma idiota. Este homem era bom, tinha que admitir. Ele a fez admitir seu desejo apenas negando o dele por ela. Com uma encantadora careta, Olena aproximou-se.

Yusef observou-a, pensando com certeza que era uma das mais belas criaturas do mundo. A espuma do sabonete grudava em seus seios, atraindo seus olhos. Nunca saberia como conseguiu a força de vontade para parar seus avanços. Seus braços nus estirados acima de sua cabeça. Em algum momento durante o jogo os braceletes caíram na água. Yusef engoliu em seco quando seus seios cremosos balançaram com o movimento de seus braços. Olena levou os dedos ao seu cabelo e puxou o alfinete de vaga-lume. Com uma sacudida, seu cabelo caiu como trilhas de fogo. Seu amplo, e sedutor olhar concentrou-se nele. A respiração dele cortou. Ela observou seu olhar e percebeu que estava ganhando a batalha. Ele não iria rejeitá-la novamente. Inclinando-se para frente ele roçou um beijo em seus lábios.

— Por favor...?— Ela afastou-se com um beicinho. Seus olhos se endureceram e ela cravou a ponta do vaga-lume no pescoço de Yusef. Descendo as asas do vaga-lume, ela injetou sonífero, tão forte que poderia ter derrubado um elefante, em sua circulação sanguínea.

Yusef enrijeceu, sentindo a picada. Seus braços se levantaram para agarrá-la. Imediatamente, sua visão ficou borrada e suas mãos caíram na água com um grande salpico. Ele não podia se mover. Enquanto desmaiava conseguiu soltar uma maldição, seus olhos sombrios brilhando ardentemente. Enquanto sua visão sumia aquele encantador e traidor ser a vigiava, e ele viu quando seu sorriso vacilou ante o duro olhar. Ela o saudou, balançando o dedo insolente na frente dele, enquanto dizia.

— Eu nunca digo, por favor, marido.

— Olena puxou o alfinete de seu pescoço. O ferimento manchou com sangue, mas não gotejou. Ele estaria fora o resto da noite. Ficando de pé, ela não sorriu quando deslizou o alfinete de volta em seu cabelo.

Quando terminou de prender o cabelo, ela olhou para Yusef, fixando-se em seu corpo nu por um longo tempo. Ele era incrível. Seu toque era fogo e seu corpo cantava com o que ele fazia. Ela teria que ser cuidadosa. Este bárbaro quase a enganou e fez com que se esquecesse.

Não preocupando em vestir-se e sabendo que ele ficaria fora até a manhã seguinte, ela inclinou para puxá-lo da

banheira, assegurando-se que não afogasse. Não estaria bem acrescentar assassinato a sua longa lista de crimes. Ele era pesado demais para movê-lo muito além do que a borda da banheira, então ela o deixou lá.

Avançando sobre o chão coberto de peles, Olena não se incomodou em secar o corpo molhado. Ela gotejou uma longa trilha, enquanto ia para a mesa carregada com comida. Ela agarrou o jarro de barro e tomou um longo gole, para tentar acalmar seus nervos. Esvaziando metade do jarro, ela o deixou de lado. Então, vendo uma faca partiu para uma bandeja de fruta fatiada, ela a pegou.

Ela olhou para Yusef. Voltou a se aproximar, seu rosto duro, seu coração mais duro ainda, ela estreitou a faca firmemente em sua mão. Ao alcançar a banheira, ela parou diretamente acima dele. Seu punho ficou branco ao redor da lâmina enquanto olhava como o peito dele subia e descia com o peso da respiração profunda.

— Você quase me superou. — Ela suavemente disse, apontando a faca para ele, sua expressão cheia de ira enquanto o fulminava com o olhar. Seus olhos estreitados, enquanto veementemente jurava. — Nunca mais. — Olena moveu a faca em sua mão e segurou-a firme. Respirou fundo, friccionou seus dentes, e cravou a lâmina em seu braço superior com um puxão duro. Escapou um gemido de seus lábios no momento que deixou cair a arma no chão. O sangue deixava rastros vermelhos sobre seu braço. Caiu no chão, estreitando o

apêndice ferido e recusando a chorar. Por um momento, ela apenas balançou-se nua e gelada no chão, esperando que o pior da dor inicial passasse. Enquanto a agonia que infringiu a si mesma começava a diminuir, pegou um pedaço de tecido que estava perto e envolveu ao redor do corte para deter o sangramento.

Olhando fixamente para Yusef, ela movimentou sua cabeça para o homem deitado e proferiu.

— Pelo Código Pirata, Yusef. Não vai superar-me nunca mais.

* * * * *

Depois de limpar sua bagunça e lavar a faca, Olena passou a noite inteira cochilando na cama. Ocasionalmente um grito apaixonado de alguma tenda próxima a despertava. Em nenhum momento dormiu completamente enquanto vigiava o peito de Yusef subir e descer sob a luz da tocha. A dor que ele provocou cedeu depois de uma hora, para deixar uma sensação ainda mais terrível que a dor no braço ferido.

Yusef não se moveu. Olena sabia que ele ficaria todo dolorido quando acordasse depois de ficar na mesma posição desajeitada a noite toda, sem mencionar furioso. Ela não podia realmente culpá-lo. Ela também ficaria furiosa se ele houvesse feito o que fez com ele.

Quando o amanhecer começou a penetrar na tenda, as tochas já haviam se apagado. Olena memorizou toda a linha de seu rosto e ombros. Quanto mais olhava, mais bonito ficava. Não importava. As pulsações que em seu braço serviu para lembrar a ela que não podia deixá-lo afetá-la.

Ouvindo passos fora da tenda, Olena bocejou, empurrando seu corpo cansado fora da cama. Pegando um lençol colocou ao redor dos ombros e foi tropeçando ver quem era. Afastando a porta de lado, um empregado pareceu surpreso ao ver uma mulher meio nua o respondendo. Piscando, ele tentou ver acima de seu ombro.

— Ele está tomando banho. — Olena sorriu naturalmente para o homem, deixando um rubor subir em seu rosto. A mentira chegou muito facilmente para ela, quando continuou. — Ele deve estar aqui em um momento.

— Muito bem, minha senhora. — O empregado murmurou. Seus amáveis olhos marrons olharam para baixo, educadamente se recusando a olhar fixamente a bonita mulher casada a sua frente. Ele vestia uma túnica simples e calça marrom, seu cabelo puxado atrás de seu rosto preso em uma fila. Erguendo suas mãos carregadas com artigos de vestuário, ele disse. — Suas roupas, senhora. O conselho me pediu que dissesse que deveria estar pronta e ir vê-los quando estiver vestida.

— Eu?— Olena gritou, confundindo o que ele queria dizer. Como poderiam saber o que ela fez? Eram estes mutantes telepáticos também? Isso não lhe ocorreu.

— Sim, minha senhora. — O empregado disse. — Você e sua senhoria.

— Senhoria?— Olena perguntou, olhando por cima do ombro. Pegou a tela negra que ele lhe estendia e fez o possível para não deixar cair o lençol. Um sorriso interrogativo apareceu em seu rosto. Um cavalheiro, eh? — Sim, sim, fique tranquilo que direi a sua... ah... senhoria para se apressar.

— Muito bem minha senhora. — O empregado respondeu. A ponta da tenda cinza caiu em seu rosto antes dele sair.

Olena virou, olhando para seu marido com olhos renovados. Em que exatamente ela tropeçou? Então Yusef era um lorde? Isso significava que ele teria dinheiro e homens com dinheiro normalmente tinha coisas, coisas como naves e joias e outras coisas valiosas que teriam um bom preço no mercado negro.

Se sua tripulação ainda a estivesse buscando, como ela sabia com certeza que estavam então ficariam ainda mais felizes se ela levasse alguns presentes. Seria um bonito gesto de agradecimento por sua lealdade. Talvez pudesse levá-los a Quazer para umas férias bem merecidas. Talvez pudesse até conseguir tirar de seus traseiros a marca de escravos que tinham. Tentou não sorrir.

Deixando as roupas na cama, ela vasculhou a pilha com uma mão. Seu braço ferido ainda doía quando ela se movia. Por cima havia uma jaqueta preta, muito grande para ela vestir. Era feito de um suave algodão, o fino tecido com uma borda simples. Um broche em forma de dragão de prata segurava a jaqueta na frente. A jaqueta ia por cima da túnica e uma calça estreita, toda preta. No peito da jaqueta havia um emblema de dragão bordado em prata.

Olena fez uma careta, quando chegou à sua roupa.

— Ugh, outro vestido.

Seu vestido combinava. Antes de colocá-lo, tirou com cuidado a bandagem do ferimento. O corte estava vermelho e irritado, mas por causa de sua honra, ela não iria poder fazer nada durante três dias. Só então poderia desinfetá-lo e curar. Rasgando seu vestido de noiva que estava no chão, ela rasgou a seda preta em tiras e prendeu seu braço.

O vestido abraçava firmemente sua cintura, com um decote baixo elegante. Com decorações prata nos ombros e corpo, continuava estreito pelas costas até a saia. Ela também tinha um dragão no peito, uma versão semelhante, mas menor que a de Yusef. As mangas desciam amplas desde os cotovelos até o chão, deixando expostos os antebraços. Ela estava contente do corte estar fora da vista para ficar escondido pelas mangas.

Deslizando nas botas que foram entregues, ela suspirou confortável. Se nunca visse um par sapatilhas novamente, seria

bom. Tudo se ajustava perfeitamente, mas ela levou pouco tempo para maravilhar-se sobre isto.

Penteou seu cabelo com os dedos, prendendo os fios em um pratico nó atrás. Ia devagar devido ao braço ferido, mas conseguiu fazê-lo. Então, enquanto colocava o vaga-lume no topo do penteado, ela ouviu um grunhido baixo.

Olena congelou, engolindo seu medo súbito. Ela soltou sua mão de lado. Lentamente, ela virou. Isso não era o som de um homem.

Capítulo Quatro

Girando a tempo de ver um flash de pele marrom, Olena ofegou com susto. Yusef acordou em um estado de ânimo de dragão. Bem, como dragão, não era necessariamente verdade. Ele era literalmente um dragão humano. Ela suspeitava que fosse um metamorfo, mas não estava pronta para vê-lo em primeira mão.

Os olhos dourados de fogo olharam fixamente quando as garras de Yusef agarraram seus braços. Ela gritou de dor quando ele apertou seu ferimento. Seu cabelo preto era o mesmo, mas sua testa havia endurecido e puxado para frente, trazendo uma crista baixa para baixo de seu couro cabeludo para o nariz. Sua respiração ficou ofegante com um grunhido saindo de sua garganta. Toda sua pele ficou tão dura como uma armadura e seria quase impossível de atravessar com uma faca. No entanto, ela gostaria de ter uma faca. Assim teria uma oportunidade de defender-se.

— Ah. — Olena ofegou como ele apertou mais forte.

Olena apertou os olhos, tentando não gritar quando ele a machucou. A umidade nublou sua visão e ela o agarrou com força, negando-se a mostrar debilidade. Sua respiração golpeou sua pele, que se excitava facilmente com a demonstração de poder.

O nariz de Yusef dilatou. Ao olhar o rosto pálido de Olena, ele cheirou seu medo. Isso não detê-lo. Ele fez todo o possível

para não arrancar sua traidora cabeça, já que esmagava seu braço em suas palmas, contundindo a carne. Logo, quando sentiu o cheiro de sangue, ele parou. Inclinou-se adiante, cheirando seu pescoço.

Ele continuou seguindo o cheiro de sangue, descendo pelo braço. Descobrindo que a fonte era sob suas mãos, ele parou. Lutou pelo controle, pensando que poderia tê-la machucado com suas garras.

O aperto ficou menos rígido em seu braço e Olena pode novamente respirar. Quando ela abriu os olhos, ele estava de volta como ela o conhecia. Ela viu metamorfos antes, mas nunca como ele. Ele era tão poderoso, tão forte, que sentiu mal consigo mesma. O coração acelerava e não tinha medo. Tinha a estranha urgência de saltar sobre ele e beijá-lo.

Yusef estava olhando fixamente para seu braço. Seu rosto contorcido com raiva, ele ardentemente exigiu.

— Por quê?

Olena não vacilou à luz de sua indignação expressada. Ela podia lidar com isto melhor que sua ternura. O pulsar de seu braço lhe deu conforto e normalidade.

— Você me droga, eu drogo você. —Ela declarou. — Nós estamos no mesmo jogo. O justo é justo.

— O que? — Ele perguntou com indignação.

Yusef a deixou ir antes de se transformar novamente e arrancasse lhe a garganta delicada de seu pescoço. Seus braços

doíam de sua incomoda noite na banheira, mas não lhe daria prazer de ver-lhe esticar os músculos.

— Eu nunca te droguei.

— Não minta. — Olena disse em advertência. — Eu sei exatamente o que havia naquela bebida. Cheirava a Maden misturada com uma pouco de raiz Ember. Isso faz com que a vítima fique agradável e manejável. Pior para você, sei o que faz e posso lutar contra ela.

— É uma bebida tradicional. — Yusef se defendeu. — Não uma droga.

— A tradição de Niza, dragão. Por que você só não salta a droga e vai diretamente para o estupro?

Ela não pensou que fosse possível, mas seu olhar escureceu.

— Escuta, estamos empatados. — Ela grunhiu. Seu braço pulsava e ela não queria nada mais que agarrá-lo. Conteve-se.

— Você não tenta drogar-me e eu não drogarei você, de acordo?

— Nós não estupramos. — Yusef grunhiu profundamente insultado pela insinuação. Seu cabelo caiu para frente sobre seus ombros enquanto seu peito nu deixava escapar sua respiração. — O cristal escolhe sua companheira. Com o cristal, o vinho faz com que mente se abra. Por isso é contra a lei unir esta noite. A vontade da mulher deve ser livre, para que possa escolher livremente. O vinho ajuda a se conectar, o início de uma boa vida. Ajuda a... — Yusef parou. Não queria dizer a ela que abria as portas entre suas mentes de forma que em algum

dia eles seriam capazes de ler os pensamentos e os sentimentos do outro. Já podia sentir o principio do despertar de suas emoções, apesar de serem muito agitadas para conseguir uma boa leitura.

Olena levantou uma sobrancelha.

— Por favor, continue com esta lição adorável da lógica dominada pelos homens.

Yusef franziu o cenho. Ao invés, ele declarou.

— Eu cheiro sangue.

Olena empalideceu. Ela tentou esconder o olhar, mas ele percebeu. — Você está ferida?— Yusef perguntou, com medo de que ele o tivesse feito em sua ira.

Olena olhou para sua manga. Uma gota de sangue descia lentamente por seu braço. Pouco a pouco colocou a mão para que ele não pudesse vê-lo.

— Não. — Olena mentiu. — Estou bem.

— Vejamos.

— Estou bem. — Ela disse cada vez mais desconfortável. — Escute, parece que vamos passar muitas horas juntos, então você se importa se deixarmos esse agradável pequeno argumento para mais tarde? Eu não dormi muito bem e tenho uma enxaqueca terrível. Além disso, um empregado veio e disse que o conselho está pronto para nos ver assim que nós vestirmos.

Olena fez um gesto para suas roupas na cama. Yusef percebeu que estava na frente dela completamente nu. Estava

começando a sentir um arrepio. Ela tentou evitar olhar enquanto ele vestia a roupa. Yusef teria rido pela demonstração de modéstia depois de ter testemunhado sua pequena apresentação na noite anterior, mas sentia-se muito cansado no momento.

Olhando para baixo, Yusef viu que seu cristal ainda brilhava. Não deveria ser capaz de sentir tanta dor esta manhã, a menos que fosse como ela disse e fosse imune à bebida. Agora pensando sobre isto, poderia ser sua enxaqueca que estava começando a descobrir dentro de seu cérebro. Fazia sentido se pudesse senti-la em seu interior.

Esta maldita coisa poderia ser quebrada, ele meditou, novamente olhando o cristal.

Mas quando olhou para a raposa ruiva de costas para ele, ele a viu tremer. Sentiu sua conexão tão fortemente quanto o primeiro momento ele a viu. Ela era sua companheira pela vida toda. Era seu par perfeito.

Maldita perfeição de qualquer maneira, Yusef pensou.

— Você não tem medo?— Yusef perguntou, notando que ela não disse nada sobre sua forma de dragão.

— Do que?— Ela devolveu distraidamente. Estava mexendo no dragão em seu peito e parou para perguntar. — De você?

Claro que tinha medo dele. Ela tinha medo do que ele a fez sentir na noite anterior em seus braços. Tinha medo de que inclusive a ferida que fez a si mesma não fosse suficiente para

recordar que ela não cairia diante do bonito rosto e os ferozes olhos de dragão.

— De mim, sim. — Ele disse em voz baixa. Aproximou-se dela por trás, colocando uma mão vacilante em seu ombro. Havia muitas histórias de noivas ficando loucas conversando com um dragão e deixando seus companheiros centenas de anos solitários.

Olena estremeceu, mas não retrocedeu. Olhando por cima de seu ombro, ela viu que seus olhos estavam sérios. Ele estava em suas costas, inclinando-se sobre o ombro oposto enquanto girava para olhá-lo plenamente.

— Você quer dizer por que ser um metamorfo? — Ela perguntou, com um gesto leve, despreocupado.

— Sim, por causa disto. — Yusef estava impressionado por sua aceitação fácil.

Olena queria rir, mas não o fez. Lufa, um membro de sua tripulação, era um anfíbio ambulante e deixava um rastro de baba cada vez que se aproximava dela. Mopa era um yeti peludo dos Bogylands. Hedge tinha espinhas em sua cabeça em lugar de cabelo. Em um apuro, se convertiam em agulhas finas. Não, ela não tinha medo de um pouco de mudança.

— Não. — Ela disse com sinceridade. A dor em seu coração substituindo a dor em seu braço. Ela realmente perdeu sua tripulação. Eram sua única família. Olena se afastou dele quando a estreitou em seus braços. Ficou olhando-o com

sinceridade. — Não tenho nenhum medo de diferentes criaturas. Qual o problema se você for um metamorfo?

— No entanto, as outras noivas... — Yusef ficou tenso. Sua tristeza se apoderou dele e perguntou-se ao respeito. Ela estava sozinha. Por um momento, ele esqueceu sobre ela o drogar.

— Eu não direi mais nada. Além disso, eu não quero segura-las quando desmaiar. — Olena disse, forçando um sorridente. — Deixe seus maridos lidarem com elas.

— Mas elas são suas amigas.

Amigas? Olena pensou com surpresa. Ela nunca teve uma amiga antes. Não, um amigo era uma pessoa que tinha às suas costas. As garotas da nave lhe dariam as costas tão logo como descobrissem o que era.

— Não. — Ela disse, com uma tranquilidade fazendo uma pausa. Ela se fechou não o deixando sentir nada. — Eu apenas viajava com elas. Eu não tinha amiga naquela nave.

Suspirando, Yusef calçou as botas e ofereceu-lhe o cotovelo para ela segurar.

— Vamos?

— Certo, por que não? — Ela murmurou, não realmente pensando sobre onde iam, pois sua mente estava em outro lugar.

Não era a resposta entusiasta que um marido esperava, entretanto novamente, esta mulher não era a noiva que Yusef esperava.

— A propósito. — Ele disse quando a levou para fora da tenda. — Quero sua promessa de que você nunca me drogará novamente?

— Certo, por que não? — Olena repetiu. Mas, desta vez, ela soltou um sorriso brilhante, endiabrado. Seus olhos brilharam em desobediência. — Sempre e quando não o mereça.

* * * * *

Olena ficou diante dos líderes do conselho, inclinando a cabeça regamente para o Rei e Rainha no centro. Eles movimentaram a cabeça de volta, suas cabeças coroadas inclinadas agradavelmente quando sorriram para Yusef e sua noiva. O casal real estava vestido com túnicas púrpuras combinando. Olhado Yusef de roupa preta e então franziu o cenho. Não teriam que se vestir combinando todos os dias, não era?

Os conselheiros ficaram do lado do casal real. A fogueira no pátio principal queimou em algum momento durante a noite. Olhando ao seu redor, Olena notou que ninguém olhava para ela, a não ser um guerreiro fornido de olhos negros. Olena insolentemente lhe devolveu o olhar.

Roçou distraidamente o braço, ela estremeceu quando sentiu sua ferida pulsar por baixo de sua mão. Estava contente por Yusef deixar de perguntar sobre a ferida. Não era algo que pudesse explicar sem antes dizer a ele que era um pirata.

— Rainha Mede, Rei Llyr, eu apresento....— A voz de Yusef diminuiu. Com um sorriso tímido ele virou para sua esposa. Tinha a mão em seu braço. Inclinando-se para sussurrar, ele disse. — Eu não sei seu nome.

Incapaz de se conter, ela sorriu. — Eu sei.

— Qual seu nome?— Yusef suavemente perguntou, as palavras vindo com pressa.

O Rei e a Rainha se olharam. A noiva sorriu lindamente para eles e a Rainha devolveu o sorriso vacilante.

— Deveria ter pensado nisso antes, dragão. — Olena travessamente disse.

De pé, Yusef ouviu alguém na multidão reunida atrás dele começar a rir. Em voz alta, ele anunciou com um sorriso bonito.

— Minha senhora esposa.

A Rainha escondeu sua diversão atrás da mão. O Rei mordeu os lábios e movimentou sua cabeça ao homem moreno diante dele. O corpo de Olena estremeceu com uma risada enquanto tentava não.

— Cuidado, esposa, você teve sua diversão, mas eu descobrirei seu nome. — Ele disse voz baixa em uma promessa. — Agora quebre meu cristal e termine com isto.

A risada contida de Olena morreu com suas palavras. Seu sorriso vacilou um pouco. Erguendo uma mão, ela pegou o cristal de seu pescoço e soltou-o no chão. Com um golpe duro, ela esmagou-o com a bota. A multidão gritou alegre.

Através da névoa, ouviu a rainha dizer, como em câmera lenta.

— Bem-vinda a família de Draig.

A névoa suave que Olena não percebeu que se mantinha, sumiu. Seus olhos ficaram claros e a dor em seu braço se intensificou por dez. Ela piscou, seu rosto ficou pálido. Era como se um escudo protetor houvesse se quebrado e ela fosse de novo humana.

— Yusef. — A Rainha ficou de pé. Ela apontou para Olena. O sorriso de orgulho sumiu de seu rosto ao ver o aspecto pálido de sua mãe. — Pegue-a, ela está sangrando.

Uma comoção começou como as palavras da rainha. Um conselheiro pediu um médico.

Olena piscou, não entendendo o que estava acontecendo, sem entender as palavras frenéticas da rainha enquanto apontava em sua direção. Atordoada ela olhou para seu braço. Sua mão estava coberta de sangue. Seus ouvidos soavam ensurdecedor em seu cérebro. Ela viu Yusef a agarrando à medida que caía. Era como ver um sonho. Seus olhos ficaram brancos. Ela desmaiou.

Yusef pegou sua esposa em seus braços, segurando-a contra seu peito enquanto descia Olena na plataforma. O sangue saía de lado. Ele rasgou sua manga, revelando a bandagem encharcada de sangue ao redor de seu braço superior.

O Rei ordenou a multidão que se afastasse para deixar um médico passar. Yusef tirou a bandagem quando o médico subiu os degraus. O homem soltou seu kit ao lado dela e empurrou as costas do Príncipe.

— Yusef. — Sua mãe disse em choque. — Você... você... não importa, eu sei que você não fez isso, mas como não viu?

— O que aconteceu?— O médico perguntou.

— Eu não estou certo. — Yusef respondeu em voz baixa, de forma que a multidão curiosa não podia ouvir. — Eu não vi.

O Rei olhou para ele, revelando com seus olhos que esperava um relatório completo. Yusef movimentou a cabeça. Ele não tinha nada para esconder de seus pais.

O médico agarrou um laser e começou a fechar o ferimento, queimando a carne em uma linha fina. Os olhos de Olena se abriram. Yusef agarrou sua mão. Ela firmemente a apertou.

— Pare. — Ela exigiu.

— Não, está tudo bem. Ele está ajeitando isto para você. — Yusef suavemente disse.

— Não. — Ela disse mais insistente. O médico quase tinha terminado. Girando seus olhos de esmeralda para o homem fechando o ferimento, ela o surpreendeu murmurando. — Não toque a cicatriz.

Yusef compartilhou um olhar com o médico. Lentamente, ele movimentou a cabeça, atendendo ao pedido de sua esposa.

O médico se retirou. O ferimento ainda não tinha sido eliminado totalmente, mas não sangrava.

Em silêncio, o médico tirou uma amostra de seu sangue antes de dar instruções a Yusef e alguns medicamentos de seu kit. Não havia nada mais que ele pudesse fazer, exceto remover a cicatriz mais tarde se ela mudasse de ideia. O médico então anunciou que ela ficaria boa. A multidão se alegrou com as notícias.

Yusef levantou sua nova esposa nos braços. Então, curvando a cabeça para seus pais e para o conselho, ele a levou para sua casa.

A Rainha viu seu filho partir. Girando para seu marido, ela sussurrou.

— O que está acontecendo? Dois de nossos filhos com casamentos problemáticos.

— Eu falarei com Yusef e Olek. Eles são homens responsáveis e cuidarão disso. — O Rei Llyr respondeu, movendo-se para ocupar sua cadeira.

— Vamos esperar que nossos outros dois filhos sejam mais fáceis. — A rainha Mede juntou-se a ele para aguardarem o próximo recém casado.

* * * * *

Olena enrolou-se em uma pequena bola. Sentia-se como tivesse cinco anos de idade novamente. Sua pele ardia como se

estivesse em chamas. O homem no casaco preto sujo estava vindo por ela. Sua mão velha, dura tremeu quando ele moveu a agulha. Ela era como um animal, tão pequeno, tão assustado, em uma jaula que não podia suportar, na qual ela era drogada para dormir... dormir...

Os olhos de Olena se abriram em horror, selvagens e ofuscados quando ela olhou ao redor da cama. Ela viu uma mão e gritou. Mas o passado não terminou com ela enquanto delirava em seu sonho negro e atormentado.

Ela estava em uma nave. Sua tripulação se foi e ela colidiu com um planeta desconhecido. Seu coração estava acelerado com medo, medo ela nunca admitiu para si mesma. Ela estava sozinha.

Estava certa que iria morrer sozinha, mas não morreu. Saiu dos destroços da nave, disparando a um caminho que estava bloqueado e logo saiu correndo sem poder parar.

— Eh, acorde.

Olena piscou. Seus olhos pareciam selvagens e confusos quando ela olhou fixamente para ele. Com voz rouca, ela disse.

— Minha nave.

— Shh. — Yusef estudou seu rosto cuidadosamente. Ele voltou para a tenda, cheirando seu sangue na banheira. Não foi difícil concluir que ela infligiu o dano a si mesma com a faca da bandeja de fruta. Ele podia também cheirar rastros de seu sangue na lâmina, entretanto ela a lavou. A única pergunta era por quê? Empurrando seu cabelo para trás, ele murmurou. — O

médico disse que encontrou fruta tantren em sua corrente sanguínea. A faca foi usada para cortar isto antes de você. Você é alérgica a ela por isso sente-se tão mal.

O braço de Olena estava vermelho intenso enquanto sua pele pálida era mais branca. Seu cabelo caia sobre o travesseiro em ondas inflamadas. Ele a vestiu em uma das camisolas de suas formais malas. Parecia deselegante nela com amplo babados e rendas em flanela. Ela quase nadou na mesma, mas foi a única camisola que pode encontrar.

Franzindo o cenho ele olhou suas malas. Ele também encontrou uma arma muito cara e perguntou-se como passou pela segurança. E ao lado da arma, ele descobriu um chumaço de dinheiro intergaláctico e um pacote cheio de identificação, todas diferentes com sua foto e de diferentes planetas e setores. Quem exatamente ele tinha casado? Margaret Meriwether? Torch Fontaine? Olena Leyton? Sage Miller? Havia cerca de vinte nomes diferentes para escolher.

Conforme seus olhos o olharam, ela levantou-se da cama. Dolorosamente, agarrou o braço, e disse.

— Minha nave colidiu. Eu preciso de uma nova rápido. Eles estão vindo.

Yusef franziu o cenho. Estava claro que ela não o ouviu e estava ainda nos delírios de seu pesadelo. O médico o advertiu que ela poderia ter uma reação adversa. Por sorte, ela quebrou o cristal. Enquanto dormia passou o pior da dor e se ela ficasse

sob seu feitiço ela estaria morta antes de algum deles perceber o que aconteceu.

— Aqui, tome um pouco do remédio. — Ele ofereceu, levantando-se da cama para buscar água. — Ajudará você a dormir.

— Não. — Olena rosnou. — Sem analgésicos, é contra o código. Não matar a dor por três dias. Tem que deixar sangrar.

Yusef franziu o cenho. Que código? Sobre o que ela estava falando? Aproximou-se dela, levantando sua cabeça para que tomasse o remédio. Seus olhos esmeralda redondos olharam para ele e obstinadamente apertou os lábios e negou com a cabeça.

— Você não vai ganhar. Deixe sangrar. — Ela disse, rosnando da insistência de suas palavras.

— Ajudará. — Yusef ternamente murmurou. Manteve-se com o cenho franzido. Nunca em cem anos teria imaginado que seu primeiro dia de casamento seria assim. Tentou forçar as pílulas em sua boca, mas ela obstinadamente se recusou, mordendo seu dedo quando agarrou seus dentes para separá-los.

De pé, aproximou-se da parede e falou em voz baixa pelo interfone. Dentro de poucos minutos o médico estava lá. Yusef a pegou e segurou para que ele injetasse o remédio.

O médico obedeceu. Olena viu a agulha e assustou-se, tentando correr para o outro lado da cama. Yusef a pegou e segurou. Logo terminou e ela ficou inerte em seus braços.

— Não fique preocupado. — O médico disse, ficando de pé. Ele se moveu para ajudá-la a ajustar-se na cama. — Ela sarará bem. Uma vez que o medicamento entrar em ação, ela ficará como nova. Matará essa bactéria em seu sangue. Apenas tenha certeza que ela nunca coma tantren. Poderia matá-la se ela não conseguir ajuda imediatamente.

— Obrigado. — Yusef disse, levando o homem para a porta. Quando regressou com um jarro de água, ela não se moveu. Yusef sentou-se em uma cadeira perto dela e limpou o sangue seco de seu braço.

— Antorcha?— Ele perguntou, pensando que seu cabelo realmente merecia um nome tão ígneo.

Ela não se moveu.

Ele tentou alguns mais antes de dizer.

— Olena? Margaret?

Ela não respondeu a nenhum deles.

— Sage, você pode me ouvir?

Olena murmurou em seu sono, mas não falou. Yusef olhou para seu rosto encantador, pensando quão bonita que era e quão frágil parecia nesse momento.

Sage, ele pensou. Seu nome poderia ser Sage.

Capítulo Cinco

Foi muito longo o primeiro dia de casamento para Yusef, vigiando sua esposa delirante. Ele enviou ao rei uma mensagem dizendo que se recuperaria, através do médico. Enquanto observava seu corpo suado na cama por várias horas, não tinha tanta certeza. Devido a sua alergia, sua reação era muito pior do que teria sido se não estivesse ferida.

As perguntas nadavam em sua cabeça, mas não revelou a ninguém o que achou em sua bagagem. Ao vê-la sacudir-se e murmurar mais uma vez, Yusef sabia que teria que esperar por suas respostas.

Depois de um exame cuidadoso, quase se atrevia a dizer que a bagagem não era sua. Toda roupa, até o traje preto apertado com a manga rasgada, não era do seu tamanho. O nome escrito na etiqueta de bagagem era Doris O'Rourke, um nome que não combinava com nenhuma de suas numerosas identificações.

O primeiro dia de felicidade matrimonial veio e se foi com ela gemendo de dor e divagações loucas de naves e colisões, escravidão e as peças das aventuras que Yusef não podia decifrar. Aparentemente sua pequena esposa era um mistério, levou uma vida muito emocionante. Ele perguntou-se o que a levou para Qurilixen como uma noiva.

Deixando-a em sua cama, optou por passar a noite no sofá. Foram longas horas antes que finalmente dormisse. E

quando os sonhos foram embora à preocupação o encheu de perguntas sem respostas.

* * * * *

Olena abriu os olhos. Além de precisar de um copo de água, ela sentia-se maravilhosa. Seus sonhos foram sombrios com pesadelos horrorosos em sua mente, mas estava acostumada a isso. Os pesadelos a haviam atormentado desde que podia se lembrar. Nem uma só vez podia recordar ter um sonho bom.

Olhando ao redor, ela franziu o cenho. Levou um momento para ela lembrar onde estava, Qurilixen. A palavra foi como um bofetão de água fria no rosto. Piscando, ela olhou para a camisola repugnante que usava. Era como se houvesse sido atacada por colméias no sonho. Ela respirou profundamente aguentando com dificuldade a irritação. Olena nunca dormia com uma camisola, preferia dormir com sua arma e nada mais.

Bocejando, ela arranhou o traseiro como de costume, onde a marca de escrava costumava estar. O quarto era amplo, com tetos baixos. Uma brisa se movia através da janela pitoresca que compunha a parede. Uma cortina escura estava puxada para cima e Olena podia ver apenas uma pequena porção de árvores lá fora.

A cama era de penas, leve e mais suave que já sentiu. Um cobertor negro cobria suas penas, o emblema da cabeça de um

dragão de prata grande estava na parte superior. Com cansaço, arrancou-o, percebendo que estava nua sob a camisola. Tomou uma nota mental de seu corpo, comprovando se havia alguma lesão. Além da leve dor no braço vendado, parecia curada e salva. Pelo que sentiu aliviada.

Ao ver as malas de flores que havia roubado, ela congelou. A camisola feia veio delas. Olena se apressou para as malas e começou a procurar. A identificação estava justo onde a deixou, mas a arma desapareceu. Olena franziu o cenho. Essa arma era pouco comum e custou-lhe uma perola extraordinária do tamanho de seu punho e quase dois anos de negociação com a Seita da Caldeira para adquiri-la.

Depois de ter passado a maior parte do último mês em uma túnica sendo mimada, principalmente porque não tinha nada mais que vestir, Olena começou a procurar em um grande armário de madeira escura. Ela não achou nada que valesse a pena usar. Todas as roupas pertenciam ao seu *'marido'* e obviamente ficavam grandes nela.

Novamente, ela arranhou seu traseiro. Olena sorriu, pensando que era muito divertido. Ela estava casada. Pobre diabo que a havia escolhido. Ela sentia um pouco de pena dele. Tão logo tivesse sua arma, ela sairia dali.

— Nada. — Ela suavemente disse, cruzando para a janela e olhando para a floresta brilhante. Bocejou, esticando seus braços. Precisava de um pouco exercício. Cheirando debaixo de seus braços ela vacilou, ugh, e um banho.

Foi descalça até a porta do quarto, abriu-a. A casa era grande e ampla e muito parecida a um chalé. As paredes de madeira eram formadas por troncos gigantes e redondos. Ela reconheceu a madeira procedente da floresta. Uma lareira de pedra natural estava fixada na parede, com uma chaminé para o telhado. Pequenas figuras de madeira se encontravam na borda. Os tapetes de pele estavam em todos os lugares. Uma claraboia pequena no teto estava coberta com cortinas, combinando com as cortinas escuras penduradas nas paredes. Olena pode descobrir outra janela grande sob as cortinas e menores no lado oposto da casa.

A casa se dividia em dois níveis. Onde ela se encontrava no andar superior era o quarto. Um grande banheiro estava em frente ao quarto e uma porta corrediça guiava para um pátio de pedra na parte de trás. O andar superior se curvava ao redor da parte central inferior da cozinha. Dando dois passos para baixo chegou à sala de estar e uma lareira.

Pelas pequenas janelas, estava uma mesa de madeira fixada na parede com cantos arredondados, cadeiras e almofadadas. Uma cozinha aberta com armários de madeira, e um bar com tamboretas. Tudo era de madeira escura acentuada com negro. A cabeça do dragão esculpido estava acima do bar, embutido na parede onde o teto se levantava mais alto. Coincidia com o desenho do cobertor.

Diante da lareira havia um sofá de madeira com almofadas pretas de pelúcia, uma poltrona combinando de base larga e

uma cadeira de balanço, isso era algo que ela nunca viu antes. No extremo do sofá, ela viu uma mão masculina bronzeada. Não estava se movendo. Supôs que Yusef estava dormindo, já que ela podia ouvir um leve ronco de onde estava.

Ver seu marido a pegou um pouco de surpresa. Sabia que teria que vê-lo. Mas ao recordar suas mãos, tão fortes e tão seguras quando a tocavam, sentiu um arrepio pelas costas. Instantaneamente, ela agarrou seu braço ferido e franziu a testa. Perguntou-se o que dizia o Código Pirata sobre alguém curando contra sua vontade. Honestamente, isso nunca aconteceu antes. A maioria dos piratas era muito insensível e não tinham carinho uns com os outros.

Ignorando Yusef, ela sigilosamente se moveu através do chão de madeira. As tabuas não rangeram quando caminhou por elas. Indo para a porta de vidro corrediça, ela a abriu e saiu sem fazer ruído.

O ar era surpreendentemente fresco para um dia tão brilhante. Os pássaros cantaram graciosamente ao longe. Pequenos barulhos de insetos vinham da floresta grande. O ar era fresco e o céu claro um tom esverdeado-azul. Olena viu que havia três sóis que brilham no céu sem nuvens, dois amarelos, um azul.

Ao ver um caminho que levava à floresta, sua curiosidade foi maior e afastou-se. O cabelo caia pesado em suas costas, mas ela o ignorou. Tinha certeza que seu aspecto era horrível. Se alguém a encontrasse, provavelmente gritariam achando que

estavam sob um ataque. Olena sorriu. Esta não seria a primeira vez que era confundida com uma bruxa. Apenas esperava que Qurilixen não queimasse ninguém na fogueira. Ela não queria passar por isso novamente.

Para seu prazer, ela viu uma pequena lagoa perto do caminho. Abrindo caminho passou através das samambaias amarelas e chegou à margem, sorrindo. A água parecia clara. Colocou os dedos dos pés e sorriu novamente. Fazia calor.

Olena olhou ao redor e escutou. Os insetos zumbiam, mas além disso a floresta estava em silêncio. Sem mais contemplação, ela puxou a camisola acima de sua cabeça e entrou nua na lagoa.

* * * * *

Yusef bocejou, esfregando os olhos cansados. Ele passou a maior parte da noite cuidando de sua esposa. Seus sonhos pararam durante as últimas horas e ele pode finalmente relaxar o suficiente para dormir.

Depois de ir para o banheiro, ele foi verificar sua paciente. Abrindo a porta, ele franziu o cenho. Ela não estava.

Yusef empurrou para trás seu cabelo e fez uma pesquisa rápida na casa. Ao ver a porta de vidro aberta, saiu para o lado de fora, sem calçar as botas. Não foi difícil sentir o cheiro dela na lagoa do leste. Escutando borrifos, ele diminuiu a velocidade. Ao ver a camisola jogada, ele sorriu.

Surgindo através das árvores, em silêncio ficou atrás de um ramo. A superfície da água ondulou onde ela estava. Abriu caminho até a margem, cruzou os braços acima de seu peito enquanto esperava ela emergir.

Olena emergiu com um fluxo gracioso dos braços, inclinando-se para frente, para boiar nua na água antes de voltar para a superfície. Yusef quis grunhir diante da pequena cena do pequeno duende do bosque. Seus olhos ardiam como fogo.

Debaixo d'água, Olena riu para si mesma. Ela viu Yusef na margem, mas escolheu o ignorar até que ela pudesse se recompor para lidar com ele corretamente. Ele era um homem bonito, de pé tão alto no fundo da floresta. Não mais capaz de segurar sua respiração, ela atravessou a superfície e pisou sob a água. Lentamente nadando, ela animou para enfrentá-lo.

— Você realmente não deveria estar nadando aí. — Yusef disse quando ela olhou para ele. Um sorriso impressionante se formou no rosto bonito, sombrio, fazendo sua pele formigar com desejo feminino.

— Por quê? Com medo que eu afogue?— Ela disse, inclinando-se para trás para tirar o cabelo do rosto. As chamas vermelhas flutuavam a seu redor na superfície.

— Não. — Ele respondeu. — Givre.

— Giv... o que?— Ela perguntou seu tom brincalhão quando novamente voltou a mergulhar, dando a ele uma visão

rápida de seu musculoso traseiro. Quando ela voltou à superfície, ela nadou para perto para ouvi-lo melhor.

— Ah, serpente, eu acredito que é a palavra. — Ele respondeu com um aceno com a cabeça sério. — Elas amam nadar nestas águas.

Olena, ao ver seu olhar, riu e nadou de volta para o centro onde a luz era mais brilhante. A calidez da luz golpeou seu corpo, enquanto deu a volta na água para deixar que golpeasse sua pele pálida. A água estava muito boa para deixá-la ainda.

— Boa tentativa, cavalheiro. — Ela riu.

— Eu sou Yusef. — Ele franziu o cenho. — Acaso não se lembra?

— O que disser, cavalheiro. — Olena cuspiu um pouco de água em sua direção. Caiu muito perto dele, mas ela sorriu atrevida.

— Venha. — Ele estendeu a mão, sem saber se gostava da forma como ela disse a palavra '*cavalheiro*'. Não soou exatamente como um elogio. — É hora de sair.

— Não. — Ela suspirou, novamente enchendo sua boca e cuspindo. — Eu não acabei ainda.

— Vamos. — Yusef disse. — É sério.

— Oh, é sério?— Olena deu uma risadinha, balançando a cabeça. — Bem, é sério, então, seria melhor você dizer para aqueles meninos que o espetáculo terminou. Eu não gostaria de competir com eles e assustá-los de modo que amadureçam depressa.

Olena apontou o dedo para a linha de árvores longe e virou em círculos pequenos, brincalhões. Yusef franziu o cenho, imediatamente vendo ao que ela se referia. Ele viu uma cabeça voltar para trás de um tronco grande. Balançando a mão de forma brusca ele o espantou. Um bando de meninos correu para a floresta, rindo.

— Olhando. — Olena começou a falar com um sorriso endiabrado. — Eles me prenderam por algum tempo.

Yusef a olhou. Ela não parecia tão preocupada por isto.

— O médico advertiu que não deve ficar tempo demais no sol hoje. A injeção que te deu pode causar sensibilidade. — Yusef disse, deliciosamente olhando sua pele pálida e ávido para ver mais.

— Boa tentativa, cavalheiro. — Ela gritou, nadando adiante. Ela aproximou-se mais que antes. As de água se agarraram ao seu rosto e lábios, quando ela disse em murmúrio. — Está tentando conseguir um espetáculo por conta própria.

— Se eu quisesse um espetáculo, esposa, eu iria nadar com você. — Ele respondeu sem vacilar.

Isso fez Olena se arrepiar. Apenas olhar para sua figura fazia coisas estranhas dentro dela. Não tinha certeza do que faria se ele a tocasse. Não era como se houvesse as regras do festival para detê-lo. Lembrar como ele se negou depois de que ela praticamente lançou em cima dele, ajudou que esfriasse sua paixão, mas não muito.

Olena esperou para ver se ele iria se virar. Quando não o fez, ela encolheu os ombros, e saiu da água.

Yusef estremeceu, seus olhos devoravam sua pele nua, molhada antes que pudesse evitar. Um sorriso apareceu no rosto sombrio. Olena tocou seu cabelo, torcendo as mechas antes de lançá-lo atrevida por cima do ombro. À luz do sol notou que seus pelos eram um pouco mais escuros que seus cabelos. Se ele fosse um homem fraco, teria desmaiado ali mesmo ou ao menos caído de joelhos para adorá-la.

— Terminou?— Ela perguntou, com suas mãos movendo-se para seu quadril enquanto ela nem sequer tentava se cobrir.

— Não. — Yusef respondeu timidamente, contente por ela não ser tímida diante dele. — Você está tremendo. Venha aqui. Deixe-me te esquentar.

— Não obrigada, cavalheiro. — Ela disse. — Estou quente o suficiente.

— Então venha me esfriar, pois estou quente. — Ele murmurou com um sorriso diabólico tocando seu rosto. Olena deu um passo para frente, abrindo a boca para devolver seu comentário rápido. Em troca, ficou sem fôlego, estremecendo com uma dor aguda que subiu por sua perna desde seu tornozelo.

— Ah, muito bem. — Olena começou com um silvo de irritação, que parecia mais irritada pela ferida enquanto o sangue descia por seu tornozelo. Ela piscou fortemente, seus

olhos em branco em sua cabeça ao cair para frente nos braços de Yusef.

Yusef pegou seu corpo nu contra o peito. Sua esposa estava inconsciente. O rabo vermelho e preto de um givre desaparecia na água. Amaldiçoando, ele facilmente a ergueu nos braços e levou-a depressa para sua casa. Deitando seu corpo nu na cama, ele imediatamente chamou um médico pelo Intercomunicador. Sua casa estava diretamente conectada ao palácio da montanha.

O corpo de Olena estava mole quando ele a secou e ela não fez um som. Ele notou que sua pele ficava de um tom rosa sutil. Yusef continuou seu terno domínio, inclusive quando amaldiçoou seu corpo imóvel por ser muito teimosa para escutá-lo. Seu estômago se apertou com preocupação, com voz rouca pediu ao médico que entrasse quando escutou seu golpe respeitoso

— Draea Anwealda. — O mesmo médico que cuidou de Olena na véspera disse. Ao ver sua paciente molhada usando uma das grandes camisas de algodão de Yusef, ele franziu o cenho. Sua pele estava devagar ficando mais vermelha, ardendo e brilhante.

— Tal. — Yusef reconheceu com um gesto brusco. Deu um passo atrás para permitir que o homem trabalhasse.

— Esta que você tem é teimosa. — Tal respondeu, balançando a cabeça. Suspirou fortemente, deixando a bolsa e procurando nela com as mãos precisas. Imediatamente

encontrou os instrumentos que ele precisava e perguntou. — Ela saiu no sol, não é?

Yusef movimentou a cabeça. — Ela o fez.

— E nadou pelo que vejo. — Tal disse, tomando uma leitura de seu braço. Ele negou com a cabeça levemente. — Suponho que encontrou uma givre?

— Sim. — Yusef disse, franzindo o cenho. — Ela desmaiou com a mordida.

— Provavelmente não foi a mordida que fez isto. É mais provável o choque do veneno da givre combinado com o medicamento eu dei a ela para sua alergia. — Tal disse, injetando em sua paciente um novo medicamento. Olena saltou com surpresa, imediatamente abrindo seus olhos.

Ela olhou primeiro para Yusef e então para Tal. Ao ver a agulha, ela afastou e girou o braço dela em defesa. Tal facilmente evitou ser atingido enquanto se afastava com o cenho franzido.

— Ai. — Olena bocejou com a dor que o movimento causou. Ela estremeceu ao sentir suas costas quentes. Acusadora ela olhou para Yusef. — Ugh, o que fez comigo, cavalheiro?

— Você fez isto consigo mesma. — Tal respondeu com o tom autorizado de um médico ralhando com um paciente teimoso. Tomou outra leitura de seu braço e movimentou a cabeça para si mesmo com satisfação. Quase distraído, ele

ordenou. — Desta vez, tente ficar longe do sol pelo resto do dia. Deve estar bem pela manhã.

— "E aquelas queimaduras? — Perguntou Yusef, apontando para seu rosto. A carne se transformara em um vermelho brilhante irritado e até mesmo seus olhos tinham uma tonalidade rosa para eles.

Tal franziu o cenho. Dando um sermão ele disse.

— Eu deveria deixar que esperasse fora para ter certeza que você aprendeu a lição... mas, eu darei a você uma loção. Deve estar bem de manhã. Tome com calma, beba muita água e deve ficar bem.

Olena teria respondido novamente, mas seus olhos ardiam pela exposição ao sol e sua pele sentia como se estivesse sendo queimada em uma fogueira. Com cansaço, ela concordou com a cabeça para conseguir que o homem parasse de repreendê-la. Se ele simplesmente não houvesse ajudado pela segunda vez, ela teria lhe golpeado absurdamente por seu tom apesar de seu corpo dolorido.

O médico virou para Yusef, entregando a ele o creme e algumas gotas para os olhos.

— Dê-lhe os comprimidos para dor se precisar. Eu não posso dar-lhe mais injeções nenhuma até que os outros medicamentos se filtrem em seu sistema.

— Obrigado. — Yusef disse. Quando Tal se foi, ele virou para Olena e balançou a cabeça. — Você realmente deveria escutar-me quando eu disser algo.

— Poderia guardar a conferência para um pouco mais tarde, cavalheiro?— Ela fechou seus olhos. — Eu estou meio machucada agora e aquele médico acabou de fazer minha cabeça nadar com seu sermão.

— Você vai tomar o remédio agora ou vou ter que te obrigar? — Ele perguntou. Tentou não sorrir por seu espírito de luta. Estava essa mulher simplesmente disposta a se machucar? Havia decidido amarrá-la na cama e mantê-la prisioneira, só para salvá-la de si mesma.

— Eu tomarei. — Olena murmurou timidamente.

— Certo, assim eu gosto mais. — Yusef disse contente por ver que não precisaria forçá-la, como na noite anterior. Com cansaço, foi buscar um copo de água e os comprimidos. Quando voltou, ela não tinha se movido.

Depois que ela obedientemente tomou seu remédio, Yusef tocou suas costas para ajudá-la a erguer-se. Ela estava quente.

— Vamos tirar a camisa que vou passar um pouco de creme em você.

— Você gostaria, não é verdade, cavalheiro. — Ela murmurou. Mas ela não lutou quando ele ergueu a camisa para que ela pudesse ficar contra os lençóis frios. Um gemido fraco deixou seus lábios quando ela fechou os olhos e concentrou-se em ficar muito quieta.

Lentamente ele esfregou o creme por seu corpo em chamuscas, cuidando para manter seu toque leve. Quase imediatamente a queimadura diminuiu e ela sentiu-se melhor.

Gemeu novamente, mas desta vez de prazer. Seu leve toque criava um ardor particular e se não fosse tão grave, tinha certeza que teria saltado em cima dele.

O corpo de Yusef tremeu em resposta ao som suave, feminino. Ele depressa segurou suas paixões. Agora definitivamente não era o momento.

Olhando-o pelos olhos vermelhos estreitados, ela disse.

— Você é realmente uma babá.

Seu tom era suave e podia dizer por seu rosto que essas simples palavras eram o mais perto que chegaria de um agradecimento. Ele sorriu, passando as mãos por seu rosto. Sua palma sussurrava sobre seus lábios e ela estremeceu sem controle.

Ele desejava ter seus dedos permanentemente sobre sua pele, mas obrigou-se a fazer sua tarefa rapidamente. Ela não estava em condição de receber suas atenções. Quando seu corpo se aliviou, ele colocou as gotas em seus olhos e cobriu-a com um lençol.

Olena sorriu ironicamente para ele, inclusive quando os comprimidos para a dor lhe derrubaram e obrigaram-na a cair num sono induzido.

Yusef ficou de pé, olhando para sua esposa. Seu rosto estava rosado, mas não tão ruim quanto um momento atrás. Seu cabelo estava despenteado ao redor de sua cabeça em enredos úmidos. Lentamente, ele balançou a cabeça e levantou sua camisa descartando-a.

Pegando uma escova no banheiro, ele escovou seu cabelo com movimentos rápidos, fazendo o que podia para desfazer os nós e secá-lo. Logo, foi para a cozinha, preparou o café da manhã e comeu sozinho na sala de jantar.

O segundo dia de seu casamento foi igual ao primeiro, com uma esposa inconsciente, doente.

* * * * *

Aquela noite quando Olena despertou foi para encontrar Yusef na extremidade da cama. Seus pés estavam descansando na beirada, as pernas de sua cadeira inclinada para trás, balançando. Ele estava atentamente a estudando.

Olena ruborizou. Ela estava deitada de lado. Seu braço estava sob a cabeça, o outro curvado sedutoramente sobre sua cintura, e o lençol deslizou ao redor de seu quadril até mostrar seus seios e estômago.

— Não se mova. — Yusef ordenou em voz baixa. Ele trabalhava com as mãos, mas ela não podia ver o que ele estava fazendo no escuro. Sua voz era baixa e rouca ao falar. Algo em seu tom a impediu de sentar-se.

— O que você está fazendo? — Olena perguntou. De repente com a testa franzida, ela perguntou. — Você não está... ah, se tocando de verdade, cavalheiro?

Yusef riu, antes de honestamente dizer.

— Não, esposa, eu prefiro ter você me tocando.

Olena ruborizou. Yusef não podia ver seu rosto rosado.

— Então o que você está fazendo? — Ela perguntou. Seus olhos verdes se fecharam.

— Estou esculpindo você. — Ele respondeu. De repente, deixou cair seus pés. A cadeira voltou para o lugar com um ruído surdo. Yusef colocou uma pequena faca na cômoda. — Você pode se mover agora.

Olena sentou-se em cima, puxando o lençol para esconder seus seios.

— Como você sente?— Ele perguntou, de pé.

—Ah, tudo bem. Já passei por coisas piores. Mas te digo que se Tal vier-me com outra injeção, poderia deixá-lo fora de combate.

Yusef riu.

— Poderia ser amável com ele. Ele salvou sua vida duas vezes.

— Oh. — Seu cenho se aprofundou, e ela resmungou. — Vou enviar-lhe um cartão ou algo assim.

— Isso não será necessário. — Yusef riu. — Tal enviou a conta esta tarde.

— Você é um nobre. — Ela disse defensiva. — Estou certa que pode se permitir.

O sorriso de Yusef sumiu e ele a observou com atenção. — O que faz você pensar que sou um nobre?

— O empregado no festival o chamou de senhoria e esta casa. — Ela suavemente respondeu. Olena apontou com a mão ao redor deles.

— Ah. — Yusef murmurou.

— Não é, verdade?— Olena sorriu. Ela encolheu seus delicados ombros, fazendo com que o lençol descesse. — Oh, bem, uma menina não pode ter tudo.

Yusef riu do tom dela. Ela não parecia muito desapontada com a ideia de ser casada com um homem comum. Gostou disso. Seus olhos sombrios se iluminaram levemente ao ver a curva de seu seio. Esteve olhado fixamente seu corpo por mais ou menos uma hora sem ver-se desbordado pela paixão. Mas, agora que ela estava acordada e em movimento, seu corpo não podia ser tão facilmente controlado.

— Eu prefiro não ser da nobreza. — Ela honestamente respondeu, confirmando sua suposição. Seria mais difícil mover-se ao redor da galáxia se sua foto fosse publicada em todas as partes, uma dama perdida.

— O que é seu nome?— O tom de Yusef era leve, entretanto a pergunta o estava deixando louco.

Olena limitou-se a sorrir amplamente. Yusef sabia que ela não iria lhe dizer. Ela estava apreciando irritá-lo.

— Bom, cavalheiro, você vai deixar-me ver ou o que?— Olena exigiu, segurando sua mão fora e movendo os dedos.

Yusef lançou a escultura para ela. Olena a pegou com ambas as mãos. Para seu encanto, ela soltou o lençol para fazê-

lo. Depressa, ela inclinou-se para apoiar a cabeça contra a cabeceira de dragão. Ela segurou o lençol sob os braços.

Olena estava pasma. A escultura era exatamente como ela, apesar de que as extremidades estavam um pouco ásperas e inacabadas, até seu cabelo enrolado como ficava quando deixava sem secar. Era a coisa mais bonita que alguém já fez com ela. Escondendo suas emoções, ela se obrigou a sorrir e de modo irônico expressou.

— Típico.

Yusef levantou uma sobrancelha. Olena a lançou de volta.

— Você fez meus seios grandes. — Ela explicou, agindo como se não se importasse. Do lado de dentro, ela violentamente estava agitada. Este jogo estava se aproximando demais.

Lembre-se de sua cicatriz, ela pensou, tentando se lembrar de ser forte. Enquanto observava, ela viu ferido lampejo em seus olhos antes que ele escondesse. Ela viu isso mesmo? Ou acabou de sentir como se fosse sua dor, também?

Grande, pensou, viver amargurado. Devo ter batido a cabeça quando desmaiei. Que boa pirata eu sou.

Olena tinha a sensação de que todo seu corpo seria marcado com cortes antes desta provação terminar, especialmente se ele continuasse olhando-a assim.

Yusef abriu uma gaveta da cômoda e deixou cair bruscamente a escultura no interior. Os olhos indiferentes de

Olena seguiram o movimento. Morria de vontade de pegar a escultura. Ela queria ficar com ela.

— Você está com fome?— Ele perguntou.

— Mm, morrendo de fome. — Olena admitiu. Sem pensar, ela acrescentou. — Você poderia me arrumar algumas roupas emprestado?

Yusef olhou suas malas no chão.

— Oh, sim, isto. — Olena forçou uma risadinha, deitando-se facilmente. — Os rapazes pegaram a bagagem errada e fiquei com estas a viagem inteira.

Yusef detectou a mentira e não disse nada, apenas movimentou a cabeça.

Olena limpou a garganta, sem saber do muito que este sombrio guerreiro suspeitava. Ela não ousou mencionar a arma.

— Então, você consegue uma camisa ou algo que eu possa usar?

— Sim. — Ele disse, abrindo outra gaveta e lançando uma camisa de algodão leve em sua direção. Olena deslizou-a sobre a cabeça. Então, caminhando para suas malas, ela puxou a primeira e abriu, procurando encontrou um sutiã e roupa íntima e vestiu-os sob a camisa.

Yusef olhou em silêncio. Quando ela voltou para ele, ela perguntou.

— Calça?

— Ok. — Ele disse novamente e, inclinando-se, ele abriu uma gaveta da parte inferior.

A cabeça de Olena inclinou levemente em um ângulo de lado, admirando seu traseiro firme. Ela se endireitou e fingiu um aspecto de perfeita inocência antes que ele se virasse. Yusef lançou uma calça de algodão leve e ela deslizou-a sobre os quadris.

— Se você não se meter em problemas. — Ele disse. — Eu a levarei até a costureira e comprarei algumas que te sirvam.

— Costureira? — Olena enrugou seu nariz com desgosto imediato. — Não obrigada, cavalheiro. Eu fico com estes. Não me importo se nunca usar um vestido novamente.

— Isso não será possível. Os vestidos são trajes formais exigidos no palácio. Se formos lá, você terá que usar um vestido.

Olena estremeceu de forma dramática.

— Vamos, esposa, você deve estar com fome. — Ele persuadiu.

— Eu não me importo se nunca formos ao palácio. — Olena murmurou em voz baixa.

Yusef foi à frente para a cozinha, escondendo seu sorriso de seu olhar.

Capítulo Seis

Yusef e Olena passaram a noite conversando sobre coisas não importantes até que ficou tarde. Ela ainda se recusava a dizer seu nome, entretanto ele tentou várias vezes enganá-la para revelá-lo. Ao ver seu bocejo, Yusef a persuadiu ir para a cama para poupar-lhe força. Yusef novamente passou a noite sozinho no sofá. Yusef gostava de sua esposa porque tinha uma genialidade rápida, um sorriso aberto, em seus lábios bonitos. Seus olhos esmeralda brilhavam constantemente, até quando ela não fazia nada. Isso o deixou curioso para descobrir tudo sobre ela e ao mesmo tempo estava perfeitamente contente de não saber nada.

Para horror de Olena, ela gostava muito dele também. Seus olhos sombrios penetrantes como se vissem tudo e não revelasse nada. Seu sorriso era lento para chegar, mas era autentico. Ele se recuperava rápido e fácil levando suas piadas com calma, sem afastar-se de suas travessuras escandalosas. Ele era amável e educado. Ele a tratava como uma dama.

Já que ela havia se recuperado quase por completo na manhã seguinte, com exceção de um ligeiro brilho à sua pele que não foi de todo desagradável, ele levou-a para a aldeia como prometeu. Yusef vestia uma camisa negra habitual com o emblema de dragão e Olena vestia sua roupa folgada em seu corpo magro.

Várias pessoas pararam para olhá-los. Olena sorriu com a atenção, não desanimou nem um pouco. Yusef observava suas reações pelos cantos dos olhos.

Olena achou o povo de Qurilixen muito agradável para ser uma raça selvagem no meio do nada. Seu marido, ela riu silenciosamente no pensamento, parecia ter a maior casa na periferia da cidade. Foi um passeio curto, mas agradável através de um caminho aberto pela floresta. Yusef não a tocou enquanto passeavam, mas estava ali, entre eles, o companheirismo da noite anterior.

A aldeia se estendida acima de um vale, perto de onde o festival de casamento aconteceu. Olena percebeu que todas as tendas foram retiradas. O campo parecia estéril sem elas.

— Esse é o palácio real. — Yusef disse apontando para uma montanha gigante na extremidade da aldeia.

— Onde? — Ela perguntou, esticando o pescoço para ver a espiral de precipícios acima.

Yusef riu seu sotaque cada vez mais espesso, quando disse.

— A montanha.

— Eu não vejo um palácio. — Olena respondeu cética. Novamente ela moveu sua cabeça para ver a montanha.

— Está escondido dentro da montanha. — Yusef respondeu. — Ali, vê onde o homem acabou de sair desse lado?

— Sim. — Ela arrastou as palavras. Quase parecia como se ele saiu direto da rocha.

— Este é o portão dianteiro. Os quatro príncipes projetaram para que fosse uma fortaleza impenetrável. — Ele continuou. — Esta aldeia está sob a proteção da Casa de Draig.

— Inteligentes. — Olena disse com ironia, sem perceber o cenho de Yusef franzido com seu sarcasmo. — Dessa forma, as costas dos nobres estão protegidas enquanto todos estes aldeões recebem a ira do inimigo. — Ela balançou a cabeça com desgosto. — Não importa aonde vou, a realeza é a mesma. — O pátio rodeava a fortaleza do palácio, perto do vale. Olena viu homens em um campo de prática ao lado, treinando para a batalha.

— Por que eles treinam em forma humana?— Ela perguntou-se em voz alta, movimentando sua cabeça. — Não teria sentido transformar-se para a batalha?

— Sim. — Yusef respondeu ainda atordoado pela fácil aceitação fácil de sua forma Draig. — Mas nem todas as esposas sabem da transformação e...

— Não querem assustá-las com o espetáculo da batalha entre dragões. — Ela interrompeu com um aceno da cabeça. — Que pena. Eu realmente gostaria de ver. Entretanto, julgando algumas das mulheres na viagem, é uma ideia muito sábia não fazerem isso.

Yusef riu para si mesmo.

— Então como se chama de qualquer maneira, dragão?— Ela perguntou, continuando em seu caminho.

— Esquece tão facilmente, esposa? Eu sou Yusef. — Ele respondeu.

Olena riu e rolou seus olhos.

— Como chama a forma de mudança?

Ele sorriu. — Nós somos Draig.

— Batizado com o nome...? — Ela questionou incapaz de evitar sua curiosidade. Ela o olhou pelo canto dos olhos, sentindo um arrepio. Perguntou-se se ele poderia mudar para ela. Ela realmente gostaria de ver mais de perto ele como Draig.

— Quer dizer dragão. — Ele admitiu. Sua risada se uniu a dela. — Draig é como nossa raça se chama o nome é nosso direito, o que somos quando mudamos de forma.

— Ah, que imaginação. — Ela zombou.

— Fácil de lembrar. — Ele devolveu.

As casas dos aldeões eram construídas de pedra e madeira, de forma que inclusive a mais pobre das famílias parecia próspera. As estradas da aldeia eram de terra lisa e uniforme. Foram construídas com quase uma perfeição militar de ângulos. A aldeia se mantinha imaculadamente limpa.

Os Draig usavam túnicas de linho leve durante o dia igual à família real, mas menos o emblema do dragão e o fino bordado. Eram um povo feliz, trabalhador e honestos. Alguns sorriam e acenavam para Yusef, levantavam os olhos e paravam o que estava fazendo quando passavam. Olena notou que ele era muito querido.

Para o desânimo da costureira e diversão de Yusef, sua esposa se recusou a tirar medidas para um vestido. Olena escolheu várias calças de algodão e camisas femininas justas. Ela as colocou no braço ante de ir para trás de uma cortina. Quando terminou, ela entregou a ele sua roupa emprestada e sorriu alegremente.

— Agora estas eu gosto mais. — Ela sorriu, estendendo os braços ao redor. Vendo um par de botas de couro pretas de seu tamanho, ela sorriu. — Eu levarei estas também. — Antes de Yusef poder protestar, não que ele fosse, ela estava as calçando. A costureira juntou a pilha descartada da mulher descarada e fez um barulho com a língua em desânimo enquanto as dobrava e colocava cuidadosamente em uma bolsa. Olena franziu o cenho para a costureira e pegou o resto colocando na parte superior para dobrar. O rosto velho da costureira estava enrugado com irritação e ela começou a ralhar com Olena apontando um dedo enrugado. Olena, que não podia entender uma palavra, sorriu e assentiu com malícia. A mulher levantou as mãos e saudou Olena à distância. Para surpresa de Yusef, Olena inclinou-se e beijou a bochecha da velha mulher. O rosto arredondado da costureira em estado de choque e ela balançou a cabeça, continuando a espantar Olena de sua loja. No entanto, desta vez, ela estava sorrindo quando ela fez isso. Entretanto, desta vez, estava sorrindo.

Yusef saudou um menino e apertou uma moeda em sua mão junto com as bolsas. Depois de pedir para entregar as

compras em sua casa, ele continuou sua excursão pela aldeia, parando para falar com algumas pessoas em seu idioma. Os pássaros azuis brilhante sobrevoavam a zona, cantando em um tom agudo e estranho. Um animal que Yusef chamou de ceffyl pastava perto. Tinha um corpo de elefante e apenas um chifre em sua cabeça. Quando ela o viu, ele silvou.

Os aldeãos a olharam com curiosamente, mas não falaram diretamente com ela. Olena não percebeu. Vendo um menino rir e apontá-la para seus amigos, ela pensou que ele talvez fosse um dos que a espionou no lago. Ela lhe lançou um beijo e ele quase caiu de onde estava em choque. Os meninos foram embora rindo, gritando palavras ela não entendia.

— Ach, Yusef! — Veio um grito alto. — Eu estava em meu caminho para vê-lo.

Olena sacudiu em surpresa ao ver um homem gigante com olhos negros caminhando até eles. Ela lembrava-se dele vagamente da manhã depois do Festival de Procriação. O homem tinha um sorriso fácil, cheio de travessura com o qual Olena prontamente poderia se familiarizar. Imediatamente, ela gostou dele.

— Agro. — Yusef disse para que Olena pudesse entender. — Conheça minha esposa.

— Oi, esposa de Yusef. — Agro disse. Ele audaz piscou um olho, mostrando que se lembrava dela. — Tem um nome?

— Ela não quer dizer. — Yusef disse, encolhendo os ombros. — Talvez você possa tirar dela.

— Eu não ousaria. — Agro disse galante, sorrindo como um bobo. — Um pouco de mistério não machuca ninguém. Você não se atreva a dizer, moça, pelo menos nos primeiros cinquenta anos.

— Eu não sonharia com isto. — Ela sorriu, gostava desse homem de uma natureza calma. Yusef gemeu. Era bastante possível que ela não o fizesse.

— De fato, eu não quero saber. — Agro declarou amável. — Vou passar a noite pensando sobre isto. Será bom para mim.

— Não deixe sua esposa ouvir você dizer isto. — Yusef disse, desinteressado. Todo mundo na aldeia sabia que Agro era mais do que sua noiva podia esperar. Ele era um tonto carinhoso. Não lhe importava quem o visse. No entanto, tentar zombar dele deixava em evidência seu eterno carinho por ela.

— Eu não disse que ficaria acordado sozinho. — Ele sorriu com um aumento significativo de sua sobrancelha.

— Por que estava me procurando?— Yusef perguntou, ficando sério. — Aconteceu alguma coisa?

— Não, nada assim. — O sorriso de Agro se alargou. Ele colocou as mãos em sua cintura e forçou um recuo dos pés. Estreitamente de olhos, ele seriamente declarou. — Ouvi que regressou do norte, de uma viagem de caça na última semana.

Yusef riu, já sabendo onde isto estava indo. Agro tinha um carinho terrível pelos assados baudrons. Eles apenas podiam ser caçados no norte.

— Sim. — Yusef disse, movimentando a cabeça.

— Caçou algo?— O grande homem perguntou, lançando um sorriso com excesso de confiança.

— Talvez. — Yusef disse, com suspense. Tinha já previsto perguntar ao homem, como fazia depois de cada uma das viagens de caça.

— Pode ser que precise de um pouco de companhia em sua casa para cozinhar?— Agro perguntou.

Olena observava a conversa amigável e se divertia.

Yusef arranhou o queixo.

— Eu não sei. Poderia ter que falar primeiro com minha esposa.

Agro girou seus olhos verdes para Olena. Olhando através de suas contusões, ele disse.

— Minha graciosa dama, pode me fazer à honra de dizer a seu marido para tomar seu...

— Eh. — Yusef grunhiu.

— O que?— Agro perguntou com um inocente encolher dos ombros.

— Eu já tentei. — Olena disse. — O homem teimoso não vai me escutar.

Yusef lançou as mãos no ar, não era capaz de parar um ataque em ambas as frentes. Agro riu alto, o que tirou sorrisos dos aldeões ao redor deles.

— Você não precisa de um convite dele, Agro. — Olena disse. — Você só precisa vir a ajudar-nos com qualquer coisa que esteja na geladeira.

— Agora sim. — Disse Yusef com uma carranca falsa de horror. — Este gigante comerá tudo que esta dentro e fora de casa.

— Ach, vá embora. — Ele disse para Yusef, antes de curvar sobre a mão de Olena. — Esta noite sou um convidado da dama.

— Seria melhor levar sua esposa. — Yusef disse. Casualmente deixou seu braço nos ombros da Olena e guiou-a para longe. — Pode ser que precise de ajuda para mantê-lo calmo.

— Ela adoraria isto. — Agro anunciou, sorrido como um bobo. — Ela está grávida novamente, a propósito.

— Parabéns amigo. — Yusef disse, começando a ir embora. — Por que não leva os meninos com você?

— Farei isso. — Agro disse, saudando galantemente enquanto saía do campo de prática.

— Eu gosto dele. — Olena disse. Ela gostava de sentir da mão de Yusef em seus ombros, mas ardilosamente saiu de seu abraço com a pretensão de colher uma flor amarela do chão. Quando ficou de pé, ela saiu de seu alcance.

— Percebi. — Yusef disse, desapontado com sua retirada. Ele sentiu a rigidez sob seu braço. Quando olhou para ela, o companheirismo da manhã havia passado e agora estava em guarda.

— Quantos filhos ele tem de qualquer maneira?

— Eu acho que, com Cordele grávida novamente, este será o número doze. — Ele respondeu, girando seus passos de voltar para casa.

— Você precisa de qualquer outra coisa enquanto estamos aqui?

— Não, estou bem. — Ela respondeu em distração, antes de continuar. — Isso é normal? Eu quero dizer ter tantos filhos em uma única família?

Yusef sorriu ao ver onde estava indo com isto.

— Agro tem sido, ah, abençoado com boa sorte. Embora, em qualquer lugar entre dois até seis filhos é normal para nossas famílias. — Olena estava quieta. Yusef bateu em seu ombro brincando e perguntou. — Por quê? Você quer tentar superá-lo?

Olena empalideceu com o pensamento. Veementemente, ela balançou a cabeça.

— Não. Eu não quero nenhum. — Seu animo estava amortecido um pouco por sua negação aquecida e eles voltaram a jornada para casa.

* * * * *

Mais tarde, Olena encontrou-se coberta de farinha e até o cotovelo enquanto amassava e formava uma massa azul de pão. Ela franziu o cenho para Yusef.

— Eu não percebi que teria que fazer tudo isso. — Ela murmurou, odiando isto. — Não pode nós conseguir um empregado ou algo assim?

Yusef, que estava ajudando-a se preparar para seus convidados, riu.

— Você foi à pessoa que o convidou.

— Sim, a um homem. — Ela disse. — E ele ofereceu ajudar a cozinhar. Tinha que convidar a ninhada inteira.

— É impróprio para uma mulher convidar um homem e não estender ser convite para sua esposa e filhos. Eu estava de poupando de um embaraço.

— Quem disse que eu ficaria embaraçada? De qualquer maneira, como eu poderia saber?— Ela murmurou. Terminando de formar o último pão. Eles não estavam perfeitos, mas estava bom. Yusef os pegou e colocou no forno de tijolo. Olena levantou-se de um salto para sentar-se em cima da mesa. Tirando o cabelo da frente com o braço, ela suspirou. — Estou a ponto de buscar outra serpente para poder dormir e deixar você sozinho com isso. De fato, acho que estou sentindo algo.

Yusef riu.

— Vamos, está quase pronto.

— Você precisa de um trabalho melhor. — Ela continuou a reclamar, entretanto sorriu timidamente. Empurrou-se graciosamente para trás no balcão, deixando suas pernas retas. Seus pés estirados sobre a extremidade, balançando no ar. Ela

inclinou-se até os dedos do pé, dobrando-se pela metade e esticando as costas. Deitando a cabeça em seu joelho, ela disse.

— Então você podia dar-se ao luxo de pagar alguém para fazer isso.

— Por isso que eu me casei. — Yusef a olhou com interesse. Imediatamente, ele notou as diferentes maneiras que ela poderia mover seu corpo para satisfazê-lo. Olena ficou sem fôlego, com a testa franzida por seu comentário, sentou-se, até que viu sua expressão maliciosa.

— Oh. — Ela gritou, pegando um punhado de farinha e jogando nele. Yusef se agachou, rindo. Olena agarrou outro punhado, lançou-o em sua cabeça antes dele poder levantar-se. Caiu sobre seus ombros para o chão. Ficando de pé, ele sacudiu. Para surpresa de Olena, seus olhos brilharam como ouro e saltou desde o piso até o balcão em um rápido movimento, aterrissando sem esforço em seus pés. Dobrando os joelhos, ele ficou agachado em cima dela. Os seios de Olena se levantaram com entusiasmo por seu poder. Um tímido sorriso deixou seus lábios ao ver a farinha espalhada sobre sua camisa.

— Você pensa que é suave, não é? — Ele riu maldosamente. O coração de Olena pulou. Yusef inclinou para frente. Antes que ela pudesse reagir, ele rapidamente a beijou. Sua risada se acalmou contra seus lábios. Seus olhos tinham esse calor febril. Ele a agarrou e beijou-a suavemente, abriu a boca para ele, tentando segui-lo.

— Eu sei que sou. — Ela murmurou. Sua voz saiu rouca e convidativa, sem querer mudar o significado de suas palavras. O olhar de Yusef caiu para baixo sobre seu pescoço. Sua pele realmente parecia suave como creme. Encontrou uma sarda em sua clavícula e sorriu. Incapaz de resistir inclinou a cabeça para passar a língua sobre o ponto. Olena estremeceu com a carícia suave, molhada.

— Posso julgar por mim mesmo?— Yusef levantou a mão para tocar a pele de seu pescoço. — Mmm, suave. — Ele inclinou e cheirou onde sua mão estava. Olena conteve o fôlego. Ela estava hipnotizada.

— Tão doce. — Ele murmurou em um tom que vibrava ao longo de seu pescoço. Ele a saboreou novamente, lambendo seu pulso. — Delicioso.

— Ah-haa.

— Você me deixará provar mais, deixa? — Yusef disse, como se estivesse perguntando a si mesmo. — Você me deixará saborear sua pele?

Olena sentiu a parte posterior de sua mão tocar a o interior de sua coxa, levemente se movendo para seu centro aquecido. Estava claro o que ele queria saborear. Os olhos de Yusef se arrastaram para baixo, devorando-a com seu olhar de ouro líquido. Olena quase desmaiou. Ao ver seus olhos mudando, estremeceu. Uma parte dela estremeceu assustada com o que ele buscava dela. Seus olhos caíram em sua boca, desejando que continuasse com suas palavras e sabendo que

ela deveria pará-lo. Seu desejo inundava cada poro, chamando-o. Era o único permitido circular livremente entre eles.

Yusef suspeitava que era porque era a única coisa que ela não sabia como mascarar. Ele grunhiu, dando-lhe o que seus lábios doloridos ansiavam. Sua cabeça caiu para frente para tomar o que ela estava oferecendo, roubando o fôlego dentro dele, seu sabor a paixão. Ele segurou sua cabeça nas mãos, os dedos entre as mechas de seda vermelha para aprofundar o beijo.

Olena gemeu com um som suave que o capturou. Seu corpo estava em chamas e seu cérebro deixou de funcionar, a ideia de ser possuída por ele. Impacientemente, suas mãos puxaram a camisa dele, tentando tirá-la dos ombros. Yusef rompeu o beijo o suficiente para lançar a camisa de lado. Aproximou-se dela novamente, seus olhos estavam quase fechados de prazer. Seu braço roçou o balcão, jogando uma tigela no chão. Com um poderoso movimento, ele deu a volta para colocá-la no balcão, prendendo-o sob seu peso. Olena conteve o fôlego, gostava da facilidade com que ele podia controlar seu corpo.

Ele a virou, como se fosse uma pluma. Seu escuro peito glorioso apareceu diante dela, brilhando pela luz do teto. Os botões ao tocá-la fez cócegas, antes que seu beijo pudesse satisfazê-la uma vez mais. Sua língua chegou à sua boca, seu corpo estava duro de desejo.

Logo ela o incentivou a ir mais sobre ela, abrindo as pernas para se adaptar, seus joelhos ao lado da cintura firme. Apertada sua dura excitação contra ela, sua pélvis através de sua roupa. Compartilharam um gemido de paixão. Olena abriu os olhos apenas para fechá-los preguiçosamente. Yusef negou-se a parar o ataque de seus sentidos. Uma onda de prazer percorreu seus membros fracos e fortes ao mesmo tempo.

Suas mãos estavam em sua camisa, puxando-a para cima, revelando o sutiã de renda colocado ao redor dela. Sem se preocupar em remover a roupa rendada, ele puxou-a sob os globos macios. Yusef devorou um mamilo com a boca, mordeu e lambeu seu rosnando com prazer.

— Ahhh, sim! — Olena arqueou com satisfação. Ela não podia parar. Seu corpo fundido sob a força dele, se dobrando sob a força de vontade. Seu quadril roçava o dela, deixando-a louca de antecipação. Suas pernas ao redor de sua cintura, agarrando-lhe. Estendendo os dedos por seu cabelo, puxando-o mais perto. Seus corpos quentes atrás das roupas. Sua respiração estava ofegante. As mãos de Yusef foram para seus quadris, tentando tira a roupa dela. Seus movimentos eram tão ávidos quanto os dele e não podia parar. Mais tarde, ele prometeu que a faria gozar plenamente, mas agora precisava colocar fim ao seu tormento. Ele precisava encontrar sua liberação.

Justo quando estava a ponto de libertar sua ereção, parou. Engoliu em seco e levantou-se. Saindo do balcão, deixando sua

esposa tão surpresa quando ele. Olena piscou surpresa enquanto saltava no chão. Quase caiu, suas pernas estavam bambas, protestando por seu uso e teve que agarrar o balcão para apoio. Seus seios estavam nus, duros e inchados. Engoliu em seco pela confusão de ver Yusef fechando a calça.

Yusef a agarrou pelos ombros e puxou-a para frente dele para ajustar sua camisa. Ele cobriu seus seios, justo a tempo de ver a porta se abrir. Olena ficou sem fôlego, ao ouvir seus convidados entrando.

Antes de virar, ela arrumou o sutiã sob a camisa. Yusef, ofegante com seu peito nu subia e descia diante dela. Seu cheiro ainda estava em sua cabeça, seu corpo ardia. Uma risada alta soou atrás dela. Ruborizando de vergonha, ela virou para ver Agro e sua esposa muito esbelta.

Agro conscientemente olhou para a bagunça que o casal fez na cozinha. Sua boca abriu para falar. Olena estreitou os olhos em advertência e levantou seu dedo para ele.

— Uma palavra sua e deixarei seus olhos negros. — Ela ameaçou.

Yusef riu, não envergonhado sobre ser pego fazendo amor com sua esposa, ainda que fosse em sua cozinha.

Olena movimentou a cabeça para a mulher que estava ao lado de Agro.

— Cordele, eu presumo?

Cordele movimentou a cabeça, sem falar. Ela era esbelta, uma mulher bonita e não se parecia em nada como Olena

imaginou. Para alguém que estava grávida com sua décima segunda criança, ela não parecia gorda.

— Bom encontrar você. — Olena respondeu para Cordele com dignidade, empurrando seu cabelo bagunçado de seu rosto. — Agora, se me dão licença.

Olena caminhou para o quarto e fechou a porta.

* * * * *

— Comporta-se como uma verdadeira princesa. — Agro murmurou em aprovação séria quando ela não pode ouvir. Yusef sorriu encantadoramente. Ele inclinou-se para pegar a camisa do chão.

— Se quiser podemos sair. — Cordele começou.

— Ach, não! — Agro negou, levantando a mão ao seu redor para cobrir a boca de sua esposa. Cordele deu uma risadinha quando se livrou de Agro e as brincadeiras. Olhando o balcão, considerou. — Talvez devêssemos comer fora então.

Yusef riu mais alto, movimentando sua cabeça. Ele não se aborreceu em colocar a camisa, ao invés a enrolou em seu punho.

— Onde estão os meninos?

— Ah, nós os deixamos em casa. — Ela disse com um gesto despreocupado.

— Boa coisa, também. — Agro disse. — Não estou certo de querer que eles fossem testemunha desta sua pequena proeza.

Cordele bateu no braço de seu marido. Balançando sua cabeça para Yusef, ela sugeriu.

— Por que você não vai verificar para se certificar ela está bem? Nós, mulheres, não somos tão acostumadas com suas maneiras ousadas quando nós chegamos à primeira vez. Vou cuidar do pão.

Yusef sorriu, correu através da casa para a porta do quarto. Ele não precisava ser informado duas vezes.

— Ach, agora, tenha certeza de não ficar muito tempo lá, ou então nós poderíamos comer sem você. — Agro gritou, ganhando outro golpe sólido de sua amada esposa. Sua testa se levantou com inocência. — O que eu disse?

* * * * *

Olena engoliu em seco para respirar uma vez que ela ficou sozinha. Seu corpo inteiro tremia, não só pelo prazer negado, mas pela mortificação do que ela quase fez. Alegrava-se por Agro e Cordele a terem parado. Para sua vergonha, estava disposta a deixar Yusef ir até o final. Ela não emitiu nenhum protesto.

Levantando a venda de seu braço, ela estudou a cicatriz rosa fina e estremeceu. Apenas teria que ter mais cuidado no futuro. Obviamente, quando Yusef a beijou com aqueles lábios tentadores se perdeu. Jack estaria irritado dando saltos mortais

se a visse agora. No inferno, pensou. Era possível que ele mesmo se desenterrasse e fosse buscá-la por trair o código.

— Esposa?— Yusef suavemente perguntou. Olena saltou, não o ouvindo entrar. Yusef fechou a porta atrás dele. Olhou para baixo e fixou-se em sua cicatriz. Olena imediatamente solta sua mão. — Você está bem?

— Sim. — Ela disse. O peito musculoso de Yusef não a estava ajudando em sua luta interna contra ele. Seus nervos saltaram, mais que pronta para retomar onde eles pararam. Ela olhou para a cama, engolindo em seco. Fraca, ela mentiu. — Apenas vou me limpar um pouco.

— Que eles não quer dizer nada. — Ele disse, achando que ela talvez estivesse envergonhada sobre ser pega. Yusef foi para a cômoda, agarrou uma camisa limpa, e vestiu-a.

— Eu sei. — Ela encolheu os ombros, indiferente. Ela se enfureceu diante de sua necessidade dividida, não deixaria que voltasse a acontecer. De repente, a lembrança do corpo nu de Yusef na tenda veio a sua mente e teve uma fantasia espontânea contra uma parede e sendo tomada de pé. Respirou de forma instável e anormalmente alta, perguntou. — Por que não vai acender o fogo? Estarei fora em um minuto.

Yusef inclinou para beijá-la, mas ela se virou. Ao invés, ele acariciou seu cabelo, tentando esconder sua decepção. Seu sotaque baixo se apoderou dela, enquanto falava.

— Eu verei você em um minuto então.

* * * * *

— O que eu estou querendo saber, — Olena anunciou olhando incisivamente através do fogo suave em Agro, que estava aninhado ao lado de sua esposa. A refeição de baudrons assados foi longa desde que terminou. Era uma carne fina, escura, cuja origem Olena estava com muito medo de investigar, sendo que ela já tinha visto algumas criaturas estranhas ao redor da aldeia.

Eles estavam apreciando a luz suave do crepúsculo. A névoa duraria a noite toda, não tão escura como na noite do festival. Os homens e Olena bebiam uma cerveja negra e Cordele água.

Levantando seu copo, Olena continuou em um murmúrio.

— É quem causou essas marcas escuras em seu rosto.

Agro riu, olhando significativamente para Yusef. Yusef, que estava vendo pouco a pouco sua esposa ficar levemente bêbada, sorriu de seu único arranjo das palavras. Parecia que quanto mais bebia, menos refinado se convertia seu discurso. Esticou as pernas ante ele e se inclinou para trás.

—Ach moça! — Agro sorriu para Yusef, incapaz de evitar dizer a verdade contra ele e seus irmãos, especialmente sabendo que Yusef não tinha revelado quem ele verdadeiramente era. — Foi um desses príncipes grosseiros, o mais velho, Ualan. Estava muito inquieto no festival e precisava respirar.

— Oh!— Olena disse, sentando-se reta. — Então ele atirou suas frustrações em você, não é? Não é justo como um rei?

Yusef fez uma careta, seus olhos suplicando para Agro deixar o assunto. Agro, que cresceu com os quatro príncipes e com razão podia falar de todos os amigos, não prestou atenção aos apelos do príncipe. Seus olhos cintilaram com malícia.

— Não é? Entretanto. — Agro balançou a cabeça tristemente. — Eu me atrevo a dizer pássaro de fogo. Aposto a que poderia ensinar a ela uma coisa ou duas. — Insistiu.

— Aposto que sem o título em seu nome e uma boa briga poderia derrubá-lo facilmente. — Disse. — Aposto que os faria lambar seus quatro traseiros reais, de todos os modos. — Yusef estremeceu. Cordele escondeu seu rosto no peito de Agro e deu uma risadinha incontrolavelmente. Agro ergueu seu copo para ela e bebeu suas palavras. Yusef deixou seu copo no chão e balançou a cabeça, se recusando a brindar com seu amigo insolente.

— Então você é um dragão, também?— Olena não viu quaisquer propensões inconstantes nele. — Eu posso ver?

Agro sufocou com sua bebida em surpresa. Piscando, ele olhou para Yusef que simplesmente encolheu os ombros e colocou as mãos atrás de sua cabeça.

Olena olhou para seu marido. Oh, ele era bonito. Ela tinha tentado evitar olhar para ele a noite toda. Suas pernas longas, grossas esticadas para o fogo. Seu colo pedindo que ela subisse nele. Sua boca aberta em sua atenção, seus olhos brilhantes perversamente amarelos, notando sua obsessão pela

transformação. O fogo a percorreu e ela tomou mais de sua bebida.

— Ach, chega disto. — Agro resmungou.

— Eu podia dizer o mesmo para você. — Yusef disse aborrecido com a interrupção. O fluxo de paixão ardente seu rosto tinha inadvertidamente enviado para ele era quase mais do que seu corpo poderia tomar. — Com doze?

— A música. — Cordele se aproximou levemente de seu marido, empurrando os braços de seu marido. — Yusef, você se importa de tocar para nós? Passou muito tempo.

Yusef sorriu com o pedido e movimentou sua cabeça. Olena piscou em surpresa, mas não disse nada.

— Eu irei com você. — Agro disse, sentindo sua esposa empurrar suas costas.

Quando as mulheres ficaram sozinhas, Cordele disse. — Sabe, a realeza aqui não é tão ruim.

Olena olhou nos olhos da outra mulher. Ela era relacionada com a família real? — Você não é... uma princesa, é?

— Não. — Cordele riu.

Olena relaxou e foi novamente capaz de respirar. Por um momento, sentiu medo de que a família real descobrisse seus insultos. Isso era definitivamente um pouco de atenção que não precisava.

— Eu sou professora de dança. — Cordele disse. — De fato, vou ensinar uma das novas princesas umas das

tradicionais dança de Qurilixen em alguns dias. O príncipe Ualan veio a mim e perguntou esta manhã.

— Ele provavelmente se sentia mal por fazer isso a seu marido. Você devia ter dito a ele para ir ao inferno.

Cordele riu.

— Para dizer a verdade, meu marido provavelmente mereceu.

Olena lançou a mulher um olhar severo.

— Posso ver que tem suas mãos cheias com ele.

Dentro Yusef tirou seu alaúde do fundo de seu armário e tocou as quatro cordas do instrumento para tenha certeza que estava afinado.

Agro apoiou-se na armação da porta, observando em silêncio por um momento. Quando Yusef terminou, ele disse.

— Ela sabe sobre os Draig, mas ainda não disse nada sobre quem você é. Por quê?

Yusef não ficou surpreso com a pergunta indiscreta. Deixou um triste sorriso tocar sua boca e não disse nada.

— Ah, assim acha que ela te rejeitaria se dissesse a ela. — Agro declarou.

— Você ouviu o que ela pensa sobre a realeza. O que acha que aconteceria se eu dissesse a ela que ela é uma princesa?— Eles falaram em sua língua nativa assim não podiam ser ouvidos pelas mulheres. — Não há pressa. Se me perguntar diretamente, eu honestamente responderei.

— Sua esposa tem fogo, amigo, isto é certo. — Agro disse, indo à frente de volta para o pátio. — Eu não invejo isso. Minha Cordele é tão doce e aprazível quanto qualquer homem podia sonhar querer em uma mulher. — Então movendo as sobrancelhas maldosamente, acrescentou. — E, oh, pode ela dançar. Deixa-me louco cada vez que a vejo ensaiando. Juro que por isso ela está grávida constantemente.

— Eu sempre gostei do fogo. — Um sorriso suave cresceu em seu rosto quando ele pensou no desafio que sua esposa sem nome lhe presenteou. — Agora, se apenas pudesse sabe como se chama.

Agro riu.

— Sabe, a mesma coisa tem me incomodado.

Capítulo Sete

A música suave encheu a noite quando Yusef tocou uma melodia simples. Olena observava-o, escravizada pelos movimentos de seus dedos que tiravam primorosamente as notas das cordas da guitarra. Ele realmente era um homem de muitos talentos.

Yusef sentiu olhos de Olena nele. Ele girou para ela, piscando sem romper a canção. Seu coração saltou. Olena ruborizou e desviou o olhar. Seu copo estava vazio e então ela não podia se esconder atrás de um copo, como fez a noite toda, quando Yusef a encontrou com seu olhar. Sua boca ficou seca.

Olena inconscientemente esfregou o braço. Não doía mais, mas podia sentir a cicatriz fina pela camisa de algodão. Talvez se houvessem deixado que sofresse mais, sua decisão contra seu sombrio bárbaro marido teria sido mais forte.

Cordele de repente esticou, bocejando quando piscou. Olena sabia o que viria, que iriam embora. Quase em um pânico, queria pará-los, mas não podia pensar em uma desculpa para fazê-los ficar.

— Pássaro de fogo. — Agro começou. — Obrigado por nos convidar, mas acho que eu devo levar minha esposa adorável para casa, para a cama. — Cordele bocejou novamente, movimentando a cabeça de acordo. — Foi uma noite divina.

A canção de Yusef terminou e ele ficou de pé. Começou apagando o fogo. Olena engoliu em seco, seu nervosismo

aumentando. Ela viu o olhar de Yusef à noite toda. Ele iria querer terminar o que eles começaram na cozinha. Ela não podia deixar que isso acontecesse.

Yusef despediu-se educadamente quando o casal estava saindo, de mãos dadas. Olena os convidou novamente em outro momento. Abraçaram-se, dizendo que ficariam encantados. Cordele apoiou a cabeça no ombro de Agro quem a arrastou para seus braços e levou-a pelo caminho com facilidade. Olena podia escutar a suave risada da mulher enquanto abraçava seu marido pelo peito. Olena os viu desaparecer até que ficou sozinha com Yusef. Engoliu em seco, nervosa, obrigando-se a bocejar quando não tinha sono.

— Bem. — Ela mentiu. — Acho que vou dormir. Estou um pouco cansada.

Yusef sorriu enquanto entrava na casa. Ele terminou de apagar o fogo e, agarrou o alaúde, ele a seguiu para dentro. Fechando a porta, colocou o instrumento no sofá e o deixou ali.

Olena piscou, voltando-se para ele quando a virou. A sedutora chamada da canção se manteve em sua cabeça. Ela estava cercada por ele e capturada.

— O que você está fazendo?— Ela perguntou, entretanto não era necessário. Ela viu claramente a intenção em seus endiabrados olhos bonitos. Quando seus olhos se iluminaram com poder, seu coração saltou para velocidades perigosas.

Yusef sentia o cheiro de seu desejo aumentando, sabendo seu lado fera a excitava. Ele deixa que seus olhos mudassem

novamente, para um ouro líquido. Para seu prazer, ele tirou a camisa de seus ombros e lançou-a de lado enquanto se inclinava para frente.

— Vou continuar de onde nós paramos.

— Estou muito cansada. — Ela mentiu, muito excitada para olhar para ele. Este era um homem que não seria dissuadido com palavras. Até a pulsação em seu pescoço saltou à vista dele. Fraca, ela protestou. — Talvez nós devêssemos esperar.

Inalou profundamente.

— Seu corpo diz o contrário.

Olena estremeceu. Aquilo não era justo. Retrocedeu enquanto ele ia por ela, ao perceber muito tarde que estava entrando no quarto. Olhou ao redor, em pânico, seu corpo longe da cama.

— Não são nada mais que uma raça de homens quentes. — Ela exclamou em desânimo, tentando pará-lo e preparou-se para lutar contra ele e saltar. Suas pernas tremiam pela influência da bebida.

— Poderia investir em um andróide de prazer ou algo assim, verdade?

Isso levou a seu rosto um sorriso perigoso.

— Você não pareceu se importar com minhas atenções no festival ou esta tarde na cozinha. De fato, acho que na realidade implorou para...

— Eu estava drogada no festival. — Ela defendeu-se fraca. Ela balançava levemente em seus pés, bêbada. — Eu não fiz...

— Eu pensei que você disse que você sabia o que estávamos fazendo e podia lutar contra a droga. — Ele devolveu, desfrutando do jogo. Não tinha nenhum problema em bancar o caçador.

Sua boca tentou negar, mas seu corpo doía por ele com cada fibra de seu ser. Chamou por ele, o necessitava, inclusive quando seus lábios não o fizeram. Cada fibra em seu corpo respondia a sua chamada de boa vontade.

— Eu estava fingindo. — Ela corajosamente mentiu. Yusef riu. A mão de Olena foi automaticamente para seu cabelo procurando pelo alfinete de vaga-lume. Ele riu mais forte.

— Você não pensou que eu deixaria você tê-lo depois do que me fez, não é?— Ele balançou a cabeça, seu cabelo caindo acima de seus ombros.

— Não importa. Não poderia me fazer sentir mesmo se você tentasse. — Ela cuspiu como último recurso, com a esperança que retrocedesse. Ela realmente deveria saber melhor. Seus olhos se iluminados de encanto e era muito tarde para segurar as palavras. O desafio foi lançado e ele tomou-o alegremente.

Olena se colocou em posição de alarme e ele saltou para frente com uma velocidade sobrenatural para erguê-la em seus fortes braços. Seus pés ficaram balançando. Seus braços dos lados. Ela lutou para ficar livrar, mas ele era muito forte. Deixou que sentisse o poder de seu corpo sobre o dela. Deixou

que sua ereção se apertasse e moldasse aos seus músculos suaves. Seus mamilos se endureceram contra seu calor. *Não deixe que te beije. Não deixe que te beije*, repetiu em sua mente. Seus cílios sobre os olhos. *Não deixe que te bei...* oh.

Os lábios de Yusef tomaram posse dela com doçura, roubou seu fôlego dos pulmões. Sua batalha se perdeu no momento que provou seu sabor. Ela devolveu a força plena do beijo, sem vacilação, gemendo sua necessidade dolorida em sua boca. Ela o agarrou pelo cabelo, enterrando os dedos na suavidade. Ele tinha cheiro de madeira. Tinha gosto de hortelã. E sentia cada centímetro de seu corpo duro.

Yusef foi surpreendido pela facilidade com que suas defesas caíram por ele. Como Olena derreteu em seus braços, ele a depositou no chão. Sua mente podia odiá-lo, mas seu corpo era todo dele e tinha a intenção de reivindicá-lo por completo. Ela correu imediatamente as mãos para explorar seu peito. Apertou os dedos sobre os mamilos, provocando um espasmo intenso de desejo nele. Ele resmungou um baixo, bárbaro, som animalesco de dominação e apreço.

— Eu preciso de você agora. — Ele disse contra sua pele. Antes que ela soubesse o que estava acontecendo, Yusef tirou sua roupa, descendo sua calça até os tornozelos. Ele moveu seus dedos para seu centro úmido, estendendo a umidade na abertura dela. Ela estava mais que pronta para ele e descobrir isso fez com que seu corpo respondesse ferozmente.

Olena sacudiu. Seus quadris empurraram contra ele. Seus olhos se arregalaram em estado de choque das sensações que ele mexeu com apenas sua mão.

Enquanto envolvia seus dedos e segurava seu pescoço para se apoiar, seus lábios deixaram a boca para poder inclinar-se até os seios. Sua cabeça caiu para trás, arqueando-se contra seus lábios enquanto chupava deliciosamente. Ela a abraçou mais forte. Passou a língua pelas pontas sensíveis e duras, sentindo-a estremecer sob seu contato enquanto acariciava seu calor.

Olena deixou suas mãos vagarem pelo corpo dele, pelas costas e braços fortes, reivindicando seu peito, seu pescoço, seu estômago. Batendo na barreira da calça, ela procurou avidamente pelos laços para liberá-lo do material.

Yusef grunhiu de entusiasmo e não diminuiu a velocidade de seu assalto.

À medida que a mão dela acariciava sua excitação, ele deslizou um dedo dentro dela. Esteve a ponto de gritar, apertando-o dolorosamente apertado de surpresa. Yusef tentou se afastar, querendo ver seu rosto. Seu corpo flexionado contra o dedo. Ela não permitiu que olhasse para cima, deixando a cabeça contra seu peito.

— Yusef. — Olena respirou, ofegando forte. A única palavra parou sua investigação.

Tirou os dedos dela de forma que suas mãos agarram seu traseiro, firmemente apertando-a, ele a pegou nos braços.

Olena sentiu-se cair sobre o topo da cômoda. Seus olhos se abriam. Do outro lado do quarto, ela podia ver as costas duras de Yusef e as pernas pelo espelho. Viu a longitude de seu cabelo negro sobre os ombros e seu rosto fundido em seus seios fazendo a festa com eles. Seus olharam passaram por cada centímetro dele, gostava da forma como seus músculos se flexionavam quando se movia. Seu quadril deslizou entre suas coxas, o que a obrigava a se fundir com ele.

— Ah. —Disse ela, um suave grito feminino de aprovação e submissão. Tinha a cabeça inclinada para trás em seus ombros, derramando seu cabelo atrás acima da cômoda. Ela agarrou seus braços. Ele agarrou seu quadril com as mãos, obrigando-a a deslizar enquanto se preparava para entrar nela.

— Diga seu nome. — Yusef exigiu com voz rouca, parando seus beijos para escutar sua resposta. — Tenho que saber.

— Olena. — Ela respirou incapaz de parar seu ataque de honestidade e estava muito longe abandonada ao desejo para se importar. Seu corpo estava no limite da conquista. Sua virilidade se preparou, com o objetivo de posse.

— Diga que me quer. — Ele ordenou, em sua entrada. — Admita que você me quer.

Olena congelou. Um fragmento de sanidade a envolveu. Seu corpo lutou pela lucidez de sua mente, mas Yusef estava exigindo uma resposta. Era uma resposta que ela não podia dar.

Sua ereção pressionava intimamente sua abertura. O medo nela aumentou, nunca deixou as coisas chegarem tão longe antes. Ela podia sentir sua ponta dura cravando devagar, nela. Foi muito rápido. O que estava fazendo? Precisava de tempo para pensar, raciocinar. Ele ia machucá-la com o seu tamanho. Histórias de horror, que lhe contou seu pai pirata vieram lhe a mente de forma precipitada.

Nesse momento sua mão caiu na cômoda. Ela sentiu a colisão de sua faca. Sua mente se pegou ao mais conhecido, luta. Ela se apoderou da pequena faca.

Seu peito palpitante, levou a faca até sua virilidade. Tinha que ganhar tempo para si mesma, tempo para pensar e conhecer essas sensações estranhas.

— Não. — Ela disse. — Eu não quero você.

Yusef congelou. Seu peito se levantou por ar e seus peitos e caiu ante seus olhos surpresos. A mão tremeu com a lâmina.

Ela acidentalmente cortou ao lado de seu eixo. Puxou para voltar à defensiva, conseguindo afastar-se mais da zona sensível de seu ataque. Seu corpo pulsou de agonia pela negação. Mas, quando olhou para baixo, viu o sangue correr de onde o cortou. A raiva superou a paixão nele.

Olena olhou fixamente para ele do topo de cômoda. Seus lábios estavam rígidos e os olhos queimavam com lágrimas que não podia derramar. Ela era incapaz de se mover. Suas pernas eram como geléia por seu toque.

Mudando pela fúria, Yusef foi diretamente para ela. Seu corpo endurecido. Seu rosto foi adiante enquanto seus olhos brilhavam como um ouro perigoso como fogo afronta.

Olena apontou a lâmina em defesa automática. Raspou contra a armadura espessa de seu peito de dragão, mas fez pouco dano. Arrancando a faca violentamente de sua mão, ele jogou-a de lado. Então, levantou-a e a jogou sobre a cama.

Olena aterrissou, batendo sua cabeça na cabeceira. Ela piscou, cegamente tentando correr para o outro lado, longe dele. Yusef se lançou sobre ela. Ela gritou, de modo selvagem ao ser convertida em sua presa. Não adiantou, ela não podia ficar livre. As lágrimas chegaram a seus olhos, envergonhando-a quando caíram sobre seu rosto.

Yusef, que não tinha nenhuma intenção de tomar uma mulher pouco disposta ou traiçoeira em sua cama, grunhiu. Suas mãos como garras rasgaram a almofada perto de suas cabeças, espalhando plumas sobre seu corpo suado. Puxando-a ele rasgou em tiras e a amarrou na cama.

Olena tremia. Ele era muito poderoso para lutar.

— Por favor, Yusef. — Ela exclamou, desesperada e assustada. — Por favor, não faça isso.

Havia algo diferente em sua voz que o fez parar. Seu rosto mudou, mas sua forma humana não era menos ameaçadora do que o Draig tinha se sido. Seu rosto duro entrou se virou para ela, quando disse.

— Eu não tomaria você agora, nem que me implorasse, esposa.

Olena ofegou quando viu seus olhos cheios de ódio. Ela sentiu seu sangue manchando sua coxa. Ela estremeceu. Seus braços lutaram para soltar as restrições. Não adiantou, estavam muito apertadas.

— O que você fará? — Olena perguntou, passado do ponto de terror. Para seu assombro, ele não disse uma palavra e saiu. Ela ficou deitada aturdida.

— Eu farei o que a lei exige que eu faça. — Yusef disse, ignorando o corte em seu membro sangrando. Seu tom era duro. — Você está de castigo, Olena, se este é seu nome real.

Olena tremia e não ousava falar. Qualquer que fosse este castigo, não soava agradável. Pelo menos não pelo modo como ele lançou sobre ela. Ele grunhiu ferozmente.

— O que você fará? — Ela perguntou, seu tom oscilando novamente quando ele continuou a olhar fixamente para sua forma nua. Naquele momento, seu corpo não parecia ser aquele que a fez tremer de prazer.

— A lei exige que eu castigue você. Se eu não o fizer, a realeza que você ama tanto decidirá um castigo apropriado em meu lugar. — Girando, Yusef agarrou sua calça e vestiu-a, irritado e rígido. — Pode ser que seriam mais indulgentes, até que eu contasse o que você disse sobre eles.

— O que é este castigo? — Ela murmurou, ainda tremendo.

— Você terá que obedecer tudo que eu digo.

— E se eu não fizer. — Ela perguntou, temerosa. Sua mandíbula endurecida com a pergunta.

— Você morre. — Yusef sabia que era provável que sua família não escolhesse a morte para ela, mas ela não precisava saber. Deixá-la-ia sentir medo por sua vida agora. O Rei e Rainha mais que provável concederiam a ele o que quisesse.

Yusef fechou seus olhos e girou suas costas. Ele não podia enfrentá-la agora mesmo, não com esta mistura turbulenta de afronta e paixão negada. Ele precisava de tempo para acalmar-se e pensar logicamente antes de fazer algo que poderia se lamentar. Tinha que atender sua ferida.

— Eu sou uma escrava. — Ela disse em alarme, quando ele saiu para a porta. Suas palavras eram apenas um sussurro.

Yusef a ouviu gemer e olhou a porta fechada entre eles. Naquele momento ele quase cedeu completamente. Ele viu os olhos assustados da mulher para ele, seu olhar esmeralda vulnerável e com medo. Os olhos de Olena rodaram violentamente na cabeça quando ficou sozinha. Seus pés se cravaram no colchão para empurrar para cima e sob ela. Seus membros se agitaram violentamente quando trabalhou sua boca para roer seus pulsos. Estava na hora de abandonar este planeta maldito.

* * * * *

Yusef entrou no caminho para a aldeia, descalço e o peito nu. Estava escuro e a aldeia estava em silêncio, assim ninguém o viu subir para o castelo. Ele deixou Olena amarrada na cama, não sabendo o que mais poderia fazer com ela. O ferimento em seu orgulho era muito maior que o ferimento em sua virilidade, mas ele pensou que o melhor era atender esse último. Ele fez uma careta sombria. Não era exatamente a área onde queria que uma infecção aparecesse. Que diabo estava errado com sua esposa? Ela o queria. Ele estava certo disto. Sua reação com ele foi real.

Ou não? A umidade contra sua mão foi real. O calor nela e o cheiro de seu corpo, o desejo foi real o suficiente, também. As mulheres não podiam falsificar coisas assim. Estava tão cego por sua paixão por ela que não viu seu engano?

Deslizando pelo portão levantado, ele ignorou o guarda que ficou de pé para saudá-lo. Caminhou pelo corredor, fazendo uma parada na ala médica. Agarrando um laser da estante, ele ignorou a mulher dormindo na mesa dianteira. Indo silenciosamente para o quarto da parte de trás, ele abaixou a calça e fechou a ferida. Ardia horivelmente, mas não deu nenhuma importância enquanto deixava o laser onde o encontrou e foi em busca de seu pai.

Não teve que buscar muito tempo. Seu pai estava em seu escritório real, examinando uma pilha de documentos. Olhando para cima, ele ficou surpreso ao ver seu filho.

— Yusef. — O Rei começou, mas a saudação morreu em sua voz quando ele viu olhar sombrio de Yusef e que ele estava meio nu.

— Eu vim para informar que minha esposa, cujo nome pode ou não pode ser Olena, está de castigo. — Yusef declarou, usando sua língua nativa.

— Castigo? — O Rei ofegou, respondendo na mesma língua. Ele ficou de pé e deu a volta na mesa até seu filho com o rosto sombrio. — Ela atacou você? Ela tentou matá-lo, verdade?

Yusef movimentou a cabeça, cansado. O rei ficou preocupado. Seus olhos ficaram muito tristes.

— Malditos sejam os deuses... por terem te dado uma noiva louca, meu filho.

Yusef amargamente riu.

— Não, ela é muito sã, pai.

— Bem, isto é algo pelo menos. — O rei disse com áspero alívio. — O que aconteceu?

Yusef rosnou e sentou-se. Descansando seu pulso levemente acima de seu joelho, ele esperou que seu pai sentasse de volta atrás da mesa.

— Ela usou uma faca em meu pênis. — Ele declarou.

— E assumo que ela o fez sangrar já que está de castigo. Pode ter sido um acidente? — O Rei perguntou esperançoso. — Talvez ela não soubesse que você estava lá.

Os olhos de Yusef escureceram.

— Ela a levou a minha ereção enquanto... não foi nenhum engano.

O Rei limpou a garganta, sabendo o quão difícil tal admissão era para seu filho. Seria para qualquer homem.

— Não é, ah, talvez estivesse em um jogo? Ela pareceu ter muito espírito. — O Rei Llyr admitiu. — As mulheres são conhecidas por suas travessuras... no quarto.

— Não era nenhum jogo. — Yusef disse, franzindo o cenho.

— Ela estava assustada?— Seu pai perguntou, tentando entender.

— Eu não cheirei medo nela. — Yusef respondeu, roçando a ponta de seu nariz. Embora, esse não era o cheiro particular que ele estava procurando no momento. — O cheiro de seu desejo por mim era muito potente. Mas ela virou. Eu não sei o que causou isso. Duvido que fosse medo. Aquele pequeno pássaro de fogo não tem medo de nada.

— Por decreto real, está decidido. — O Rei disse como uma mera formalidade. — Eu concordo em deixá-la de castigo sempre e quanto melhor lhe pareça.

Yusef movimentou a cabeça.

— Será até que ela admita que me quer como eu a quero.

— Um plano bom. — O Rei disse, apertando seus dedos nos lábios. Ele de repente sorriu. — A tensão sexual poderia ser o ela precisa.

Corpo de Yusef tremeu com pesar. Tal castigo indubitavelmente seria pior para ele que para ela.

— Eu informarei seus irmãos. — Llyr disse. — Mas não vá a nenhuma outra parte.

Yusef movimentou a cabeça em agradecimento, sabendo que lei declarava que todos os machos reais de idade tinham que saber tais coisas. Estava certo de que seria um bom partido para as zombarias de seus irmãos, mas ele não importou no momento.

— Eu estava pensando em ter uma celebração em aproximadamente uma semana para coroar as princesas. Há rumores que nossas noivas não foram vistas dentro do castelo e eu temo que os Var tenha espiões dentro de nossas paredes. Em todo caso, temos que manter as aparências de ser uma família unida.

— Ela é teimosa. — Yusef disse abatido. — Eu não sei se uma semana é suficiente tempo para fazer ela se comportar. Você viu o quão desafiante ela pode ser e odeia a realeza com uma paixão prontamente sonora. Levá-la ao público causaria mais dano a nossa reputação.

— Eu entendo. — O Rei pensativamente disse. — Desde que seus outros irmãos podem conseguir que suas noivas apareçam, a sua pode ser desculpada. Todos viram como ela sangrou na manhã de seu casamento. Eu terei que fazer algo com sua mãe e difundir o rumor entre as criadas. Ao menos essas meninas são boas fofoqueiras. Com todas as dores de cabeça que causam, posso ver porque nossa genética as eliminou.

Yusef riu. Era uma piada velha, mas continuava apropriada.

— Você ficará aqui esta noite?— O Rei perguntou.

— Não. — Yusef se sentiu um pouco melhor depois de falar com seu pai. — Eu voltarei para casa. Deixei Olena amarrada na cama. Ela pode estar um pouco brava agora mesmo e eu não quero que ela gritando e acordando os vizinhos.

O Rei riu.

— Está bem. Eu sei que você lidará bem com ela. Você sempre teve uma boa cabeça. Funciona muito bem mesmo com esse temperamento quente.

* * * * *

Yusef estava cansado quando chegou em casa. Suas orelhas viraram para escutar no quarto. Tudo estava quieto. Ele hesitou, perguntando-se se deveria deixá-la sozinha essa noite. Então, incapaz de evitar a si mesmo e seu controle sobre ela para assegurar-se que estava ileso, foi para a porta.

Batendo levemente, ele chamou.

— Olena?

Respondeu o silêncio.

— Olena?— Ele empurrou a porta e olhou para a cama, esperando que ela estivesse ali. Ela se foi. Seu coração quase parou. Suas restrições pareciam que foram mastigadas. Ao ver os pontos de sangue no chão, ele franziu o cenho.

Imediatamente foi adiante e imergiu seus dedos nos pontos secos. Cheirou os dedos. Era dela.

O medo o agarrou e ele transformou-se, correndo com uma velocidade sobrenatural para pátio de trás. Ele seguiu seu perfume levemente no vento. Estava fora há algum tempo.

Galopando para o bosque, correu pela estrada de terra vermelha, além da lagoa ao leste. Seus pés descalços sobre a estrada esmagavam as folhas no chão. Seus olhos maiores em forma Draig, esquadrinharam as árvores, procurando-a.

Ela não estava em nenhum lugar.

* * * * *

Olena se abaixou contra um galho de árvore, roçando a sujeira em sua pele para mascarar seu odor. A noite escura não era fácil ver entre a floresta densa e ela não estava certa a que distância ela podia conseguir chegar antes que Yusef voltasse para casa. Já seus pulmões inalavam rapidamente com uma dor afiada e sabia que seu corpo debilitado não poderia correr mais antes dela desmoronar. Não ajudou que ela pisou na faca na pressa de sair do quarto, cortando seu pé.

Para seu horror, ela ouviu um grunhido na escuridão, suspeitosamente ouviu seu nome no caminho. Yusef a estava caçando. Olhou ao redor de forma selvagem, enquanto se arrastava até uma árvore. Com a esperança de encontrar um abrigo, agarrou a um ramo para se esconder. Segurou a

respiração, tentando não se mover para que ele não ouvisse. Fechando seus olhos firmemente, ela jurou que nunca seria escrava de um homem novamente.

Capítulo Oito

Olena esperou muito tempo, apertada contra a árvore, com muito com medo de mover-se. Só quando seus braços doeram a ponto de não poder mais erguer eles a fizeram cair na terra. Seu corpo estava cansado, mas ela não podia ficar perto da estrada. Ela não podia arriscar que Yusef passasse outra vez perto dela. Desesperada, ela pegou a lama e esfregou em sua pele já coberta. Esperava que isto mascarasse seu cheiro tempo o suficiente até descobrir o que fazer. Ela nunca esperou que Yusef se convertesse como o fez, de um marido atencioso para um mestre de escravos. Quando não conseguiu ao seu modo, sua natureza mudou com a mesma facilidade que seu corpo. Mas ela deveria ter esperado isso. Jack sempre disse que homens só queriam uma coisa dela, sua completa submissão.

Vendo um galho baixo, ela passou por ele e subiu, trabalhando o seu caminho mais elevado em uma árvore. Então, encontrar um particularmente grande poleiro. Ela deitou contra o tronco alto do chão. Ela fechou os olhos, tendo um pouco descanso. Ela seria apenas esperar o anoitecer. Então, quando seu corpo estivesse mais forte do sono, ela iria seguir em frente.

* * * * *

Yusef correu quase cinco milhas sabendo que não havia maneira de que ela pudesse ter chegado além com o tempo que teve, sobre todo se estava sangrando. Para seu alívio, não detectou nenhum Var entre as árvores como primeiro suspeitou e temeu.

Era quase de manhã e ele sabia que a aldeia despertaria em algumas horas. Voltando, ele tomou seu tempo. Ele cheirou o ar, tentando conseguir o mais leve indicio de onde estava. Perdeu seu cheiro completamente mais ou menos quatro milhas atrás, só para pegá-lo e perder novamente.

Sem fôlego, ele voltou para a forma humana. Seus olhos examinaram a escuridão, esquadrinhando o tronco das árvores. Odiava fazer isto, mas precisava conseguir ajuda. A floresta era muito densa para que ele buscasse sozinho. Pegando o ritmo, ele caminhou para casa.

* * * * *

Olena estava presa. Estava escuro, tão escuro como uma carga ajustada no porto. De repente, seus dedos se aproximaram da gaiola. Eles eram tão pequenos, aquelas mãos, iguais as dela. Seu corpo era pequeno e estava ferido gravemente. Apenas a deixavam sair uma vez ao dia para fazer suas necessidades ou pelo contrario a carga teria um cheiro muito ruim. Era impossível permanecer na jaula pequena.

Tinham que ficar ali por meses, em gaiolas pequenas, empilhados um em cima do outro.

Virando, ela ouviu o choro. As lágrimas não eram nada novas neste lugar infernal. Sempre ouvia um choro. Havia tantas crianças presas nos engradados. Logo o homem com a agulha apareceria para cutucá-las, deixando-os dormir até que não se ouvia mais lágrimas.

— Olena. — Foi uma chamada lânguida, seguida de uma aspiração e um gemido. — Olena? — Olena continuou tremendo, tentando tocar a pequena mão. Quando ela conseguiu sentir os dedos. Eram frios como gelo.

— Sage?— Olena estreitou os olhos na escuridão para achar sua irmã. Um rosto apertado na grelha. Era uma replica exata do seu rosto olhando fixamente de volta como se fosse um espelho.

— Olena. — Sage gemeu. — Estou com medo.

Olena movimentou a cabeça, com medo de falar. Ela não podia lembrar muito bem o que aconteceu a seguir, nem mesmo em sonhos. Ela só tinha cinco anos. Sage deve ter começado a chorar porque o homem veio com sua agulha.

— Silêncio! — Ele gritou com sua voz dura, fechando sua irmã na jaula com um golpe. Sage gritou mais forte, de medo. — Eu disse silêncio!— O homem gritou.

Ele deveria estar bêbado, porque Olena se lembrava do cheiro dele. Era o cheiro de cerveja inglesa vindo de um corpo sujo, a bebida alcoólica passava por seus poros. Quando ele se

moveu para bater na gaiola, ele tropeçou em seus pés. Sage gritou mais alto com o susto. De repente, todas as crianças começaram a gritar a pleno pulmões. Os dedos frios de Sage cravados desesperadamente na grelha, tentando chegar a sua irmã pelo metal.

Olena ficou calada, aferrando-se desesperadamente à mão de sua irmã, sussurrando para ela ficar quieta, não gritar. O homem do casaco preto gritou pedindo silêncio, mas as outras crianças não pararam. Suas vozes se elevaram em um coro de horror. O eco pela uma eternidade em sua memória.

— Olena. — Gemeu temerosa Sage.

A jaula de Sage estava aberta e ela estava sendo arrancada das mãos de Olena de cinco anos de idade. Houve um impacto então um mortal silêncio. As crianças pararam de gritar. Tudo que ela ouviu foi a batida de seu coração em seu ouvido. O homem tropeçado. Alguém ouviu a sua direita. Lentamente, Olena olhou ao redor.

— Sage. — Ela chamou baixo quando o homem se foi. Sua irmã nunca respondeu, nunca responderia novamente. Quando Olena finalmente chegou à frente do portão, ela viu os olhos inanimados de Sage olhando fixamente de volta para ela. Ela foi lançada a um gancho de metal afiado na parede, morrendo imediatamente.

Os olhos de Olena abriram de golpe com um grito. Seu corpo tremeu, esquecendo onde ela estava. Os pesadelos não foram reais durante muito tempo. De repente, ela piscou.

Gritando, ela percebeu que estava caindo da árvore. Seus braços e pernas bateram no ar. Foi inútil. Ela caiu sobre o chão com uma pancada pesada.

* * * * *

Yusef ouviu o grito e seu coração quase parou. Virando, ele mudou mais uma vez e correu para a floresta, seguindo a direção do som. Não levou muito tempo para descobrir Olena no chão. Seus olhos estavam desorientados, mas ela o olhou.

Ficou surpreso quando ela o reconheceu em sua forma Draig, quando suavemente disse.

— Cavaleiro.

Ela estava coberta de barro seco da cabeça até dedão do pé. Era por isso que ele pode só conseguir rastros fracos de seu cheiro. Ela mascarou-se com a floresta. Até mesmo quando amaldiçoou, ele se curvou por sua mente esperta. Pisando nas folhas das samambaias amarelas, ele se ajoelhou ao seu lado. Seu braço estava quebrado, o osso saindo de sua pele.

Ela endureceu quando ele empurrou seu cabelo do rosto. As chamas vermelhas estavam sujas de barro. Yusef mudou para forma humana e ergueu-a.

— Você é uma mulher tola. — Ele jurou que a ouviu rir.

— Você ganhou esta ronda, dragão, mas eu escaparei de você. — Ela disse em uma respiração lânguida. Sua voz estava cansada. Ela lutava contra a dor em seu braço quando ele

diminuiu a velocidade para andar acima de um tronco caído. Friccionando seus dentes, ela disse.

— Eu não serei escrava de nenhum homem.

— Não, Olena. — Ele jurou, Enquanto a levava pelo caminho. Ela grunhiu de dor, desmaiando. — Você nunca será minha escrava, mas nunca me escapará. Você é minha.

* * * * *

Tal colocou suas mãos em seus quadris, olhando o barro da mulher cansada. Ele deu a ela algo para ajudá-la a dormir enquanto reparava o osso. Seu braço estava fixo e a hemorragia parou. Com pouco mais que fazer, ele colocou uma tipóia e disse que se recuperaria.

Deixando seu kit de médico na cômoda, ele virou para Yusef e disse.

— Vou deixar isto aqui para emergências. Tenho um kit sobressalente no escritório. Com tantos acidentes como sua esposa é propensa a ter, eu suspeito que você irá precisar disso.

Yusef movimentou a cabeça cansado e agradecendo.

— Como você príncipe Yusef, deve descansar um pouco. — Tal disse. — Este esgotamento não fará nenhum bem.

Yusef olhou para Olena para ver se ela ouviu o título. Então, vendo que ela estava dormindo e percebendo que ela não podia falar seu idioma de qualquer maneira, ele relaxou.

— Eu irei. — Ele disse. — Assim que tomar um banho.

— Bem. — O médico disse. — Eu mesmo vou para a cama. Você quer informar sobre isso?

— Não. — Yusef disse. — Meus pais têm o suficiente para fazer agora mesmo. Eu direi a eles mais tarde e apreciaria se você não dissesse nada para qualquer outro.

— Não pode. — Ele disse. — É o privilégio de doutor e paciente. Além disso, eu sou leal à sua família, Draea Anwealda.

— Draea Anw...?— Olena murmurou, piscando seus olhos cansados. Por um momento, presa na névoa induzida pelo remédio, sorriu ao ver o rosto de Yusef. — O que é isto?

—Lorde Dragão. — Tal respondeu, com total naturalidade. — É como nós chamamos a ele e seus irmãos.

Olena piscou, olhando para Tal e então para Yusef. Ela bocejou seus olhos se movendo.

— Eu não sabia que você tinha irmãos.

Ela estava novamente fora.

Tal franziu o cenho para Yusef.

— Ela deve estar grogue. — Ele mentiu, levando o homem educadamente para a porta.

— Isto é compreensível. — Tal disse. — Com tudo o que passou ultimamente, um pouco de repouso na cama não farão mal.

Yusef deixou Tal fora da casa, agradecendo a ele por sua lealdade e pelo o kit médico. Sem dúvida seria útil.

Quando ele voltou para o quarto, Olena estava dormindo. Ele estava muito cansado de sua noite de procurar e

preocupando para dar um banho nela. Então, ao invés, ele entrou na cama com ela.

Ele puxou as coberturas acima de seus corpos e segurou-a nos braços. Segurá-la contra seu peito era a única maneira que podia garantir que ela não tentaria deixá-lo novamente.

Fechando seus olhos, ele beijou sua testa suja. Ela empurrou e murmurou incoerências. Yusef suspirou, não abrindo seus olhos, como ele murmurou em seu cabelo sujo.

— Tudo o que sou, vou fazê-lo por você, pássaro de fogo.

* * * * *

Quando Yusef despertou no final da tarde, Olena estava ainda dormindo em seus braços. Ele arrastou pela cama. Encontrou medidor de sangue no kit médico e verificou-a. Seus níveis eram bons considerando seu estado. Ele suspirou de alívio.

Ela o acordou várias vezes durante o dia enquanto tinha pesadelos. Ele franziu o cenho, pensando nisso. Iria fazer uma chamada para o castelo pelo intercomunicador, perguntaria a sua mãe se poderia enviar uma empregada para limpar a casa e fazer o jantar. Mede perguntou por seu casamento. Por seu tom, Yusef achava que seu pai tinha lhe contado o que aconteceu. Ele mentiu e disse tudo estava indo bem. Ela pareceu aliviada ao ouvir isto.

Então, cruzando o corredor para o banheiro, ele ignorou o chuveiro em estilo de cachoeira no canto quando começou a encher a banheira de porcelana com água morna. Era grande, não tão agradável quanto uma fonte quente natural, mas havia jatos nela e era grande suficiente para ele e Olena.

Uma vez que encheu, ele cruzou de volta para o quarto. Olena não se moveu. Suavemente, ele a ergueu e tirou suas roupas sujas. Então, enquanto estava ali nua ele juntou a roupa e deixou em uma pilha perto da porta. Depois tirou a própria roupa e deixou-a ali também. Pegou roupa limpa para os dois e foi para o banheiro, fechou a água, e voltou para buscar sua esposa.

Quando ele levou-a em seus braços, ela se mexeu. Piscando em confusão, ela tentou olhar ao redor. Seus movimentos eram ainda fracos.

— Shhh. — Ele sussurrou quando ela ia falar. — Nós só vamos tomar banho, nada mais.

Ela deve ter acreditado porque se acomodou em seus braços e fechou seus olhos. Yusef a levou para a banheira, balançando-a suavemente para que despertasse.

— Tente equilibrar um momento. — Ele disse, deixando-a de pé na água. Para estabilizá-la, ele teve cuidado com seu braço, tirou a tipóia. Deu um passo atrás dela e lentamente a abaixou na água. Ofuscada, ela olhou para ele, seus olhos rolando levemente em sua cabeça. Sua mente estava entorpecida pelo remédio que o médico lhe deu. Não lutou

contra ele quando a sentou entre suas pernas. Ainda que ela fosse bonita não havia paixão na forma como ele a abraçou. Inclusive ele não era um monstro para pensar em sexo em um momento como esse. O casamento não era só sobre desejo. Embora, isto fosse um benefício que ele gostaria de algum dia desfrutar.

— Olena, você pode ficar acordada? — Ele perguntou. Ela murmurou contente e abriu seus olhos cansados. — Eu somente vou ajudar a lavar seu cabelo. Eu não vou machucar você.

— Eu sei. — Ela murmurou. Seus olhos de fecharam mais uma vez. O coração de Yusef cantou com a admissão gentil. Era algo pelo menos.

Ele suavemente lavou a sujeira de seu cabelo e então o seu. Enxaguar foi difícil, mas ele conseguiu. Depois esfregou a pele e se inclinou para soltar a água com o pé.

Através da névoa de sua mente, Olena apreciou a atenção de suas mãos gentis. Ela piscou sentindo água sumir e um frio aparecer. Olhando para ele, com grandes olhos de esmeralda, ela disse.

— Ainda não. Podemos ficar aqui por mais tempo?

Como ele não podia concordar com um pedido tão simples? Ele drenou a água suja e lentamente encheu a banheira com água limpa, colocando bolhas nela para agradá-la. Ela sorriu, ainda que não abrisse os olhos. Quando inclinou para fechar a água, sentiu-a aconchegar-se a ele.

— Olena. — Ele sussurrou contra seu cabelo molhado.

— Mm?

— Quem é Sage?— Ele perguntou. Ela repetiu o nome varias vezes em seu sono.

— Minha irmã gêmea. — Olena respondeu sem pensar. Suas pernas distraídas se moviam à medida que ela aconchegava mais a seu abraço protetor. Ele era tão confortável. Ela não podia pensar sobre nada mais. A textura de sua pele úmida estava a envolvendo, suave, mas forte. — Ela está morta.

Ele endureceu. Ele não podia imaginar perder um de seus irmãos. Acariciou sua testa e ela parecia desfrutar porque se aconchegou e voltou para seu peito colocando a bochecha contra seu coração. Ela segurou seu pescoço. Sua outra mão descansou em sua cintura. Seu corpo moveu com a carícia, mas ele se esforçou para conter a paixão.

— O que aconteceu com ela?— Ele suavemente perguntou, desesperado para saber qualquer coisa sobre ela. Ele esfregou sua mão por suas costas, acariciando sua pele úmida sob a palma da mão enquanto tentava relaxar os músculos cansados. Ela gemeu de satisfação enquanto deslizava os dedos em sua cintura.

— Meu pai nos trocou por droga barata e para saldar dívida de um jogo ao redor de um mês depois de nosso quinto aniversário. Nós fomos vendidas como escravas. — Ela mexeu, rindo amargamente.

Lambendo os lábios ela disse.

— A maldita droga não valia tanto. Era uma imitação barata das boas. Eu tentei alguns anos mais tarde. Não fez nada.

— E foi assim como Sage morreu, como uma escrava?— Yusef endureceu com a admissão. Ele podia sentir sua dor, mas não pode evitar perguntar. Ele poderia nunca ter outra oportunidade como esta.

— Não. — Ela murmurou meio acordada, meio dormindo. — O homem com a agulha a lançou na parede porque as outras crianças estavam chorando.

— Qualquer coisa aconteceu com o homem com a agulha?— Ele perguntou.

Ela estremeceu sob sua palma e ele acariciou seu cabelo. Ela congelou, mantendo seus dedos em seu cabelo, com suavidade movendo a mão para sentir a batida de seu coração.

— Ele foi o primeiro homem que eu matei. — Olena suspirou, sentindo conforto em sua proximidade. Um gemido suave escapou dela. Ele massageou as costas mais baixo, fazendo suas palavras saírem sem pensar. — Eu tinha dez anos. Jack me acolheu e me ensinou como fazê-lo.

Dez? Por tudo que era sagrado! Nem mesmo seus guerreiros em formação aprendiam a matar com a idade de dez anos.

— Jack comprou você como escrava?

— Não, ele era um pirata. Ele invadiu a nave do homem que me comprou. Ele estava tentando dormir comigo quando

Jack nos achou. Ele matou o homem e me levou embora. Ele era meu novo pai, antes de morrer disse que gostava do meu espírito por que eu nem sequer chorei quando ele apunhalou aquele homem e espirrou sangue por toda parte de meu corpo. Ele disse que eu seria uma grande pirata espacial e ele estava certo. Eu sou uma das melhores. Jack me deixou sua tripulação.

Uma pirata! Isso era mais difícil de acreditar que a história do assassinato de um homem a idade de dez anos. Ele pensou na arma e as identificações. De repente, todos seus pesadelos fizeram sentido. Não havia nenhuma outra explicação possível para isto. Sua esposa era uma pirata. Ela que estava tão confiante em seus braços, sua voz suave murmurando contra seu peito, ele sabia que não pensaria em mentir. Provavelmente nunca se lembraria de nada disso.

— Eu não deixarei que machuquem você. — Seu aperto se intensificou. — Eu não os deixarei levar você. Está segura aqui.

Olena se aconchegou contra ele.

— Você não terá nenhuma escolha, Yusef. Se os demônios vierem por mim, não vai poder escolher.

Yusef teria negado a reivindicação um milhão de vezes se achasse que serviria de algo. Nunca lhe deu a chance. O empregado que sua mãe enviou estava batendo à porta da frente. Alcançando para trás, ele empurrou o botão do intercomunicador para dizer para o homem entrar. Ele levou

toda uma equipe de limpeza e começaram a trabalhar arrumando sua casa.

Quando ele terminou as instruções, Olena estava profundamente adormecida na banheira. A simples conversa terminou por completo.

Yusef ficou sentado por muito tempo, contemplando seu descobrimento e o que disse. Suas palavras só trouxeram mais perguntas ele não podia responder sozinho. Se ela fosse uma pirata, então por que estava ali? Por que se tornou uma noiva? Estava tentando escapar de sua antiga vida? Estava fugindo?

De alguma maneira, conseguiu sair da água e os secou. Vestir-se era outra coisa, em um ritmo lento, como foi pentear seu cabelo. Em seguida, pegou-a novamente nos braços, apertou contra seu peito e fingiu ignorar os empregados que viram o casal cruzar para a cama recém arrumada.

Yusef era consciente dos olhos nele e estava atento ao que seu pai disse sobre os espiões de Var, apoiando seu braço no ombro. Ela sorriu e fez barulho de satisfação.

Levemente, ele beijou seus lábios e gemeu. Ela se mexeu, inclinando a cabeça. Os empregados riram em voz baixa ao ver a interação entre o Príncipe e Princesa. Ao fechar a porta atrás dele, Yusef colocou Olena na cama. Ela piscou e sua mão o agarrou quando ele se afastou. Sua expressão era suave quando ele segurou suas mãos entre as dele.

— Fique comigo, cavalheiro. — Ela bocejou, despertou o suficiente para fazer o pedido. — Fique.

Colocando-se a seu lado, Olena deu a volta e se aconchegou de novo em seu peito. Ela segurou seu braço ao redor da cintura, seus dedos entrelaçados.

Yusef suspirou, ante a sensação de abraçá-la enquanto dormia. Seu cabelo molhado fazia cócegas em seu rosto. Seu estômago grunhiu quando cheirou a comida sendo preparada na cozinha. Ele ignorou seu próprio desconforto, escolhendo ao invés ficar ao lado dela.

Olena dormia contente, inconsciente de tudo que ele fez por ela.

Capítulo Nove

— O que você acha que está fazendo?

Yusef piscou. Olena estava completamente acordada, seus olhos claros quando ela o olhou de modo acusador. Seu tom era mortalmente duro e cheio de ira. Ela esqueceu que ele abraçou-a pela cintura, levantou o braço e deixou-a ir. Ela afastou-se dele, tentando colocar distância, cruzando até o outro extremo da cama.

Ela tentou sentar e vacilou quando usou seu braço ruim. Segurando-o contra o peito, sua visão escureceu.

— O que você fez comigo?

Yusef ouviu os empregados saírem mais cedo e então sabia que eles estavam sozinhos na casa. Seu cabelo vermelho aceso estava enrolado ao redor da testa em cachos pequenos, agitados lindamente em suas costas. O suave algodão de sua camisa negra estava enrugado. Tinha as bochechas de um maravilhoso tom rosa pelo sono. Seus lábios apertados quando ela o olhou e então para si mesmo.

Olena piscou, tentando compreender o que era real e que era sonho. Ela se lembrou de fugir dele. Lembrou-se de esconder. Lembrou-se de cair. O resto era vago, parte sonho, parte realidade e outra parte pesadelo, parte agonia doce.

— Não olhe para mim assim. — Yusef disse, ficando rígido com as acusações em seus olhos. — Eu cuidei de você.

— Eu não preciso de ninguém cuidando de mim! Eu posso cuidar de mim mesma.

Sua testa se levantou com incredulidade como se dissesse, você pode agora?

— Eu fiz bem até agora. — Olena disse, com um pé fora da cama. Apertou o braço mais firmemente.

— Teria morrido em três ocasiões, se não fosse por mim e estivéssemos juntos em uma semana. — Yusef gritou, frustrado com ela. Toda esperança que sentiu quando as drogas a induziu foi arrebatada, deixando apenas amargura e muita solidão. Ele a quis desde o primeiro momento, deu parte de sua vida para ela e ela não queria nada com ele. Ela deixou isso muito claro em cada passo.

Então por que ela o escolheu? Nem sequer queria pensar, apenas tirou a máscara e escolheu ser sua esposa, sem vacilar.

Isso era só um jogo para ela? Ela não entendia que toda sua vida até agora estava envolta ao redor dela? Não podia suportar mais, inclusive se quisesse. Nunca haveria outra mulher para ele ainda que quisesse. Esta era sua forma. Quando ela rompeu o cristal, rompeu toda a possibilidade de amar ninguém a não ser ela. Inclusive sem o cristal seu destino estava selado, Yusef sabia que nunca encontraria ninguém mais.

Olena o olhou com receio. O que ele dizia era verdade. Ele salvou sua vida. Mas Jack nunca a ensinou a se desculpar.

Sim, nunca disse nenhuma vez disse aquelas palavras simples e ela não estava certa de como fazer isto.

— Eu... — Ela começou. Ao pressionar os lábios, ela se limitou, com a cabeça assentir em agradecimento. Não parecia contente, agradecido ou irritado. Ela ficou olhando-o, observando seu rosto.

As palavras não vinham então ela simplesmente perguntou.

— Por quê?

— Você é minha esposa. — Yusef respondeu tão simples como se que uma frase explicasse tudo.

— Você não me deve nada. Nunca pedi nada. — Olena disse com cuidado, quase na defensiva.

— Eu sei, Olena. — Ele murmurou. Ficando de pé, Yusef passou a mão na nuca. Ele estava cansado de seus jogos. Queria paz entre eles.

— E eu não devo nada a você. — Olena insistiu, tentando se convencer mais que ele. Jack ficaria decepcionado com ela.

A ideia a fez sufocar qualquer ternura que sentia por Yusef. Jack a salvou. Jack a vingou. E quando ele lhe deixou sua tripulação, disse a ela que a amava sem ter que dizer as palavras. Talvez não fosse perfeito, mas era tudo o que tinha.

Yusef movimentou a cabeça, afastando-se dela.

— Então eu posso ir?— Ela perguntou, sem saber por que o pensamento da liberdade não soava tão atraente.

Yusef girou para olhá-la. Seus olhos duros. — Não, você ainda tem seu castigo para lidar. Lei é lei e eu não a quebrarei. Goste ou não, mulher, você escolheu ficar comigo e nós estamos ligados para sempre. Se você gosta ou não, é culpa sua. Eu apenas tentei te salvar. É como disse. Eu não te devo nada.

Yusef fechou a porta atrás dele, afastando-se de sua visão. Ele não a queria vê-la nesse momento. A dor era insuportável. Ele estava perplexo. Não sabia o que mais fazer. Não sabia como agradá-la, como fazê-la feliz.

Olean deu um grito de assombro com os lábios entreabertos e seus olhos ameaçavam encher de lágrimas. Suas palavras doeram. Ela ainda estava cansada e deitou na cama. Era tarde e ela não estava em condições de continua lutando contra ele. Seu estômago doía de maneira que não podia compreender. Era um sentimento de perda, tão intenso que rivalizava com a dor de seu passado e com a dor do presente.

Inclusive quando Yusef não estava em contato com ela, ela o queria. Mas não parecia como se ele a quisesse mais. Estava lavando as mãos no que dizia respeito a ela. Não foi Jack que disse sempre que um homem apenas lhe prestava atenção para logo desaparecer, mas um uma equipe leal permaneceria sempre com ela?

— Pegue o que você quer, Olena, pegue com as duas mãos... — Jack disse mais vezes do que podia se lembrar.

Ele estreitava os olhos pensando em silêncio, as rugas nos cantos dos olhos eram familiares inclusive agora. Soltava um

suspiro áspero, antes de agregar. —... porque ninguém vai lhe dar uma mão sem pedir uma maldita coisa antes, incluindo a mim.

Acordar nos braços de Yusef foi o primeiro sentimento real de satisfação em sua vida e assustou-se como o inferno.

Foi por isso que ela reagiu com afronta. Não sabia de que outra maneira responder. Pela primeira vez em sua vida, ela não podia ver facilmente o que sentia por um homem.

* * * * *

— Você deve estar com fome. — Yusef disse da porta do quarto. Era de manhã e nenhum deles dormiu bem. Olena o olhou cautelosamente.

Ele deu a ela nenhuma clemência. Seu rosto endurecido. Seus olhos dançaram com suas travessuras de costume. Ele sabia que as travessuras era um disfarce, mas ele não podia erguê-la para além de novo, ainda não. Ele não tem a energia para tentar.

Reagindo por instinto, ela cuspiu.

— O que? Você precisa que sua escrava cozinhe para você?

— Você não é uma escrava. — Yusef declarou. — Você é uma esposa.

— Mesma coisa. — Olena murmurou, morta de fome.

— Pense o que quiser. — Ele respondeu, abatido. — Seu castigo começa agora. Tudo o que você precisa para fazer o café

da manhã está na cozinha. Depois você limpará o banheiro. O barro cobriu toda a banheira.

— Quando exatamente este castigo termina? — Ela perguntou, não gostando da ideia de limpar. Quando ela era pequena, ela limpou a nave de Jack. Jurou que nunca teria que limpar outra coisa novamente. Parece que estava errada.

— Isso depende de você. — Yusef disse. Pela expressão de seu rosto, ele pensou que seria um longo, longo tempo.

— Qual o objetivo deste castigo? Para que eu diga que sinto muito por ferir seu orgulho varonil?— Um falso bico tocou seus lábios. — Para que eu abra as pernas para você, dragão, de modo que possa ter o que quer?

— Um pedido de desculpas por tirar sangue do seu marido seria um começo. — Ele disse, não diminuindo o tom de desprezo. — Mas o propósito é que perceba o que nós temos e o que você perderá se realmente me machucar. O propósito, pássaro de fogo é que se arrependa de tê-lo feito, que admita que estava errada e assustada, e que me quer como eu quero você.

— Eu não quero você. Esse é o ponto!

— Você me quer Olena. — Os olhos de Yusef brilharam como ouro. Ainda assim, era tão encantador que lhe machucava. Deu um passo mais perto, ao redor da cama para se aproximar. Elevando-se diante dela, não podia deixar de dizer, seu tom de voz era baixo, já que estava sobre ela com seu espesso sotaque. — Eu senti o cheiro em você. Senti em minha

mão quando estava te tocando. Escutei em sua voz quando gemeu meu nome, implorando para que te possuísse.

Olena estremeceu ante as palavras corajosas. Combinado com o fogo quente em seus olhos cinza escuro, seu desejo por ele despertou novamente. Ele inclinou-se para frente para uma demonstração ao cheirá-la. Olena ficou vermelha de mortificação e deixou seus olhos frios fixarem-se na parede, sabendo que seu corpo a traia.

Não ousando tocá-la com o risco de perder seu controle ganho duramente, ele deixou seus olhos brilharem dourados. Sussurrando em um grunhido, ele disse.

— Seu corpo me quer inclusive agora.

Não tinha sentido tentar negar assim que ela não disse nada. Suas palavras ficaram presas na garganta apertada de qualquer maneira.

— Hoje cozinhar e limpar. — Yusef deu um passo atrás como se nada tivesse acontecido entre eles. Enquanto fazia seu caminho ao redor da cama, disse. — Faça seu trabalho tomando cuidado com sua lesão. Mas não pense nem por um momento que eu não serei mais exigente se relaxar em suas tarefas.

Seus olhos se estreitaram com ressentimento.

— Odeie-me se quiser pássaro de fogo. — Ele alcançou a porta. — Mas lembre-se, você fez isso para si mesma.

— Não me faça qualquer favor, dragão!— Ela gritou enquanto ele saía. Ele não a respondeu e foi para a porta do pátio e saiu.

* * * * *

Nos dias seguintes, Olena limpou as coisas que não precisavam ser limpas, fazia cada refeição e fez tudo em silêncio. Também descobriu que aquele castigo também significava que ela não podia deixar a casa ou receber convidados. Cordele parou por ali uma vez. Yusef disse a ela que sua esposa estava doente e despediu-a. Para Olena, que gozava de uma imensa liberdade e amava o ar livre, as paredes da prisão sufocante da casa a fazia querer gritar.

Durante esse tempo era Yusef quem ficava em silêncio, ignorando-a. A única vez que falou foi para lhe dar uma lista de tarefas de manhã. Então, pelo resto do dia, ele fingia que ela não estava lá. Lamentou não poder despedi-lo tão facilmente. Mas, em todas as partes o via.

Uma vez recebeu os documentos de um mensageiro. Pareciam importantes. Ela espanou ao redor tentando olhar o que diziam. O único que viu foi seu emblema de dragão na parte superior, ele ficou de pé sem fazer comentários. Levou seu trabalho para o quarto e fechou a porta. Sua curiosidade quase a deixou louca e ela limpou com fúria, fazendo mais do que ele disse para fazer.

Era assim todos os dias.

Frequentemente, ela lançava um olhar, desejando que a tocasse, sentido dor por um de seus sorrisos ou uma de suas

suaves carícias. Conforme passou o tempo, ela se lembrou de como ele deu banho nela com mãos ternas e como cuidou dela. Lembrou-se de contar sobre seu passado, mas não tinha certeza se fez isso realmente. Era tudo muito confuso e podia ter sido um sonho. Ele nunca mencionou que sabia que ela era uma pirata. Olena não podia realmente perguntar a ele se sabia, sem se delatar.

O orgulho apenas a fez obedecer suas condições de castigo. Ela se recusava a deixá-lo tirar vantagem. Tornou-se uma missão ver quem se quebraria primeiro e Olena jurou em memória de Jack que não seria ela.

A única vez que esteve a ponto de vacilar foi quando Yusef sentou-se no pátio, tocando seu alaúde. Deixou a porta do pátio aberta. A música triste movia-se suavemente na brisa. Embora tocasse para ele mesmo, fingiu ser para ela. A melodia doía de uma forma que apenas a música podia.

Ela não foi para ele, mas colocou a prova a cadeira de balanço enquanto olhava a porta por movimentos dele. A cortina se movia levemente com a brisa e ela viu a parte de trás de sua cabeça.

À noite, ele dormia no sofá, deixando a cama para ela. Era um gesto doce e Olena se lia demais nesse gesto. A noite era o mais difícil, quando seu corpo sentia o conforto cálido da cama e o sono a chamava.

Imaginava todas as vezes que Yusef a tocava com paixão. Seus beijos, a sensação de seu corpo, tudo era muito real.

Quando fechava os olhos era como se estivesse ali mesmo, sorrindo pelo caminho, era extremamente bonito, com os olhos brilhando como ouro líquido. Ela acordava a cada manhã, encharcada de suor e o corpo dolorido dos pés a cabeça. A doçura daqueles sonhos era pior que os pesadelos.

* * * * *

Yusef viu sua esposa pelo canto do olho, colocando uma colher na sopa ela estava preparando. Ela realmente não era uma grande cozinheira, mas ele nunca reclamou. Ela suspirou, sua cabeça inclinada de lado em aborrecimento.

Com um sorriso escondido ele pensou que sua natureza inquieta realmente poderia ceder ante sua obstinada determinação. Quase sentia mal por ela enquanto levantava alguns cubinhos de legumes e os lançava dentro da panela fervendo.

Antes que pudesse se conter, Yusef levantou-se e caminhou para a cozinha. Sentou-se em um banco alto para vê-la, quase rindo ao escutá-la cantar baixinho. Ela suspirou entre as notas, lançando outros cubos de legumes em sua criação. Sua voz não era ruim, mas sua canção era uma descarada descrição do céu, a embriaguez e a libertinagem. Sem dúvida, a melodia era algo que aprendeu com seu pai pirata. Como se chamava? Jack?

— ...E velejam nos altos céus... — Um ruído surdo. — ...procurando ouro... — Um ruído surdo e alto. — ...procurando tesouros que nunca... envelhece... o vento nas velas, rapazes, as estrelas em nossos pés... — Um ruído surdo. — ...como nós saqueamos as mulheres, marrom e bom hidromel.— Plunk, plunk, plunk. — Olena limpou as mãos em seu avental, enquanto observava a água ferver. Fazia tempo que não via sua tripulação. Via em Wideopen o mar de estrelas procurando um planeta à vista. Uma boa nave em perseguição através e mais além do horizonte. O sentimento de liberdade e o rastro de estrelas. Seus olhos se encheram de lágrimas. Ela sentia saudades.

— O que é marrom? — Yusef perguntou em voz baixa, quando ela apenas olhou fixamente para a comida, congelada. Uma onda de tristeza o percorreu.

Olena obrigou a umidade de seus olhos retroceder. Ela surpreendeu ao ouvir sua voz, talvez fosse porque era outra voz que não a sua, e levou um momento perceber o que perguntava. Com grande esforço, tentou afastar seus olhos.

— Você não deveria espionar. — Ela disse para a água fervente, mantendo seu tom, inclusive para não se delatar em nada. — Não é cortês.

Yusef sentiu a dor como se fosse sua. Ela não tinha que dizer. Se apenas se abrisse a ele por completo, ela poderia admitir o mesmo e deixar a solidão ir. Oh, mas ela era muito teimosa!

— Eu sei. Então o que é marrom?

Olena sorriu, rindo suavemente para si mesma.

— Cerveja.

— Ah. — Ele a ouviu usar alguns termos interessantes desde que a conheceu. — Jack te ensinou essa canção?

Olena endureceu. Seus olhos se estreitaram e obrigou a não olhá-lo com expressão confusa, tentando fingir que não sabia do que ele estava falando, quando girou para ele.

— Quem?

Yusef esperou que, se ele desse uma oportunidade para falar sobre seu passado ela iria. Pode ver que não era o caso. Em silêncio, disse.

— Meu engano. Achei que tinha dito que esse era o nome de seu pai, Jack.

— Oh, Jack. — Ela encolheu negligentemente os ombros. Com um rosto direto, ela mentiu. — Ele era mais como um tio. Nós não éramos muito próximos. Eu mal o conheci.

— Entendo. — Yusef sabia a verdade. Se tivesse que se aventurar em uma suposição sobre Jack, diria que essa pessoa foi seu mundo antes de morrer. Yusef sentiu frio por dentro. Ele tinha ciúmes de um pirata morto chamado Jack, porque o homem possuiu tanto do coração e da lealdade de sua esposa. Yusef não tinha dúvida disso.

— Você está falando comigo novamente. — Olena virou e agarrou duas tigelas, colocando a sopa nelas. Ela colocou uma

na frente dele e apoiou-se no balcão para comer. — Isso significa que você desiste e estou livre do castigo?

Ela sempre fazia isto, Yusef pensou. Sempre que o assunto ficava muito sério, ela tentava lançar uma isca para uma briga. Mas não desta vez.

Percebendo que ela esqueceu as colheres, girou ao redor e agarrou um par da gaveta.

— Não. — Yusef disse afinal, com uma mordida hesitante. A comida era suave, mas comestível. Por acaso sua esposa não sabia o que era tempero? Levantando-se, ele foi para o armário e agarrou vários pequenos recipientes. Olena o observou com suspeita.

Ele pegou as tigelas, colocou de volta na panela e começou a temperar.

Olena se aproximou com curiosidade e observou o que ele estava fazendo.

— Se você não gosta da minha comida, não coma, mas não tem que ser rude.

Yusef sorriu novamente e ergueu a colher.

— Aqui, prove.

Ela enrugou as sobrancelhas, mas inclinou-se para provar. Tinha um sabor melhor.

— Bem, é melhor do seu modo. Mas eu nunca disse que eu era um chefe de cozinha.

— Por que você é sempre tão defensiva? Eu disse alguma coisa?— Percebeu o quanto seus corpos estavam perto um do

outro. Quase ficou louco com o passar dos dias, vendo como ela se dobrava e... ugh. Era uma agonia. Ele não ousava pensar nisso agora, não com ela tão perto.

— Por que você é tão teimoso?— Ela perguntou.

— Eu?— Ele riu, pasmo. — Você é a pessoa que não admite que estava errada e que gosta um pouco de mim. Que se sente atraída por mim e não pode manter suas mãos longe, não importa quando se esforce.

— Isto é porque eu não gosto de você e eu não me sinto atraída por você. Eu... eu penso acho você feio. — Ela mentiu, piscando. — E... e você cheira mal.

Certo, Olena pensou. Sinto-me atraída por você, você não cheira mal, você é a criatura mais bonita que eu já vi... ugh, de qualquer maneira eu te amaldição, dragão.

Yusef sorria.

Não, Olena pensou em horror. Ele estava rindo dela.

— Você é absolutamente o homem mais desagradável que eu tive o desprazer de conhecer. — Olena se aproximou mais à medida que falava. De repente, franziu a testa e retrocedeu. Ela estava paquerando com ele? Ela enrijeceu, esperando ver como ele responderia.

— É assim?

— Sim, é assim. — Ela confirmou. — Eu sei que você é um dragão, mas isso não significa que você tem que ter o hálito de um.

— Tenho mau hálito também, não é?— Dando um passo mais perto, até seu rosto.

Certo, seu hálito cheira a hortelã, ela pensou, tremendo. *Pense, Olena, pense.* Esta tática não funcionava! *Faça o que faça, não deixe ele beijar você.*

— Existem algumas outras reclamações que você gostaria de verbalizar? — As palavras eram baixas e abafadas, dando a ela arrepios.

Olena pensou sobre isto, mas era difícil se concentrar com ele muito perto, especialmente quando seus olhos escuros a observavam atentamente. Ele estava muito perto e cheirava bem, queria passar as mãos por seu cabelo e...

— Não. — Ela disse fraco, ofegante. — É apenas isso.

— Assim posso considerar que não está disposta a se desculpar?

Erguendo seu queixo em um desafio que não sentia, ela disse.

— Não. Eu tenho que seguir minhas convicções. Não me sinto nem um pouco atraída por você e não importa o que você faça, eu nunca sentirei nada. Quando me toca é como... como oh, não sei, ir ao dentista e tirar um dente sem anestesia, desagradável, irritante e te deixa vazio.

— Acho que é hora de ir para a segunda fase de seu castigo. — Ele concluiu, não acreditando nela.

Olena não estava certa se gostava do som disto.

— Segunda fase? Nós só não podemos esquecer isto?

— Eu sinto muito. — Ele lentamente se aproximou e apagou o fogo no fogão sem deixar de olhá-la. — A lei é a lei e não importa o quão desagradável você possa achar isto... — Yusef encolheu os ombros, não terminando suas palavras.

Os olhos de Olena se abriram com apreensão.

— O que é o segundo castigo, cavalheiro?

— Tsk, tsk. — Seus olhos relampejaram com sombrio prazer, como se seus passos a obrigassem a retroceder. — Não é só um castigo, pássaro de fogo. É o castigo.

Capítulo Dez

Olena tentou fugir dele. Ela correu pelo chão, seus pés descalços golpeando o piso enquanto tentava alcançar a porta do pátio. Ela quase chegou lá, antes de um braço forte se envolver ao redor de sua cintura e ergue-la no ar.

— Oh! — Ela gritou. Yusef colocou as costas em seu peito e segurou apertado. Ela lutou contra ele, tentando o acotovelar no estômago. — Deixe-me ir, seu dragão estúpido!

Yusef riu, enquanto ela chutava e levava-a gritando para o quarto.

— Eu pensei que era do tipo que não estuprava. — Ela se enfureceu ao ser dominada. Seus braços se agitavam violentamente ao tentar dar um soco que falhava cada vez em um ângulo desfavorável.

Yusef a lançou na cama com um grunhido. Ela saltou no colchão e olhou fixamente com temor. Sua força a excitava ainda quando estava apavorava. O sangue correu através de suas veias, só para acelerar por seus escuros olhos penetrantes quando caíram nela.

— Cuidado mulher, suas palavras podem chegar longe demais.

— O que você fará? — Ela estava muito fraca para se mover quando procurou seu rosto, sua expressão cheia de paixão. Ela respirou fundo, excitada com a aventura que sentia

dentro dele. Sua vida certamente não era chata desde que o encontrou.

— Eu vou fazer que você enfrentar sua paixão. — Ele proclamou com um grunhido baixo. Seu olhar caiu nela.

— Não, eu... — Ela tentou, veementemente balançando a cabeça.

—Silêncio! Eu só preciso saber uma coisa de você agora mesmo. Você mesma irá tirar as roupas ou eu tiro para você?

— Eu não...

— Eu disse silêncio! — Yusef rugiu. Sua boca fechou, seus olhos verdes arregalados com surpresa. — As únicas coisas que pode dizer é que está arrependida do que fez comigo e que me quer. Entendeu? — Seus lábios apertaram-se.

— Você entendeu? — Ele chegou na extremidade da cama.

Olena rosnou em resposta. Era muito que pedia nessa promessa, como se soubesse que ela facilmente sucumbiria a seus caprichos.

E por que ele não pensaria nisso? No passado era preciso apenas um beijo e ela estava rasgando suas roupas. Bem, não desta vez!

— Eu estou assumindo isto é um sim. — Ele deu seu um sorriso muito dominante.

O peito de Olena se levantou em excitação, antecipando o desafio que com tanta audácia emituiu. Yusef arrastou adiante na cama, seus olhos segurando os dela. Os lábios dela

entreabertos, ofegando por respiração. Ele se arrastou para cima dela, segurando nas mãos e joelhos.

Olena fechou os lábios e tentou atingir com o joelho sua virilha. Sua perna foi presa.

— Eu vou chutar de volta. — Ele advertiu. Olena deixou sua perna cair.

Lentamente, ele avançou. Uma garra afiada cresceu de seu dedo quando chegou a ela. Olena abriu a boca enquanto observava sua mão. A garra perigosa tocou a base de sua garganta, levemente circulando o oco que achou lá. Seus olhos se fecharam. Ela estava perfeitamente imóvel, ofegando.

Yusef inalou a sentir sua paixão aumentando. Ele sabia que ela gostava da força dentro dele. Ela gostava do perigo que apresentava quando seus olhos brilhavam e seu corpo mudava. Seu coração saltou no peito, acelerado quando ele moveu dedo para baixo. Segurando a camisa de algodão, ele parou, rasgando o material de uma vez. Quando terminou, o material caiu completamente de lado. Seus seios estavam nus.

Olena fraca abriu os olhos. Ele estava lambendo os lábios quando viu seus seios subir e descer. Ela tentou pegar a camisa.

— Não. — Yusef segurou seus pulsos e levantou-os juntos acima de sua cabeça. Com sua mão livre, ele tirou rápido sua camisa, rasgando as tiras para amarrar suas mãos acima de sua cabeça na cama. Quando ele terminou, olhou seu trabalho manual com satisfação, dizendo. — Não.

— Eu odeio você.

— Última chance pássaro de fogo. — Ele ignorou suas palavras baixas e levou sua boca para sua orelha. — Diga que me quer.

Sua mandíbula ergueu em desafio. Seus lábios se apertaram firmemente.

— Esperava que dissesse isto. — Ele riu, roçando sua orelha.

Olena fechou seus olhos, tentando se concentrar em desprezá-lo. Não funcionou. Assim seus lábios tocaram sua garganta, ela estremeceu.

Yusef beijou o caminho por seu pescoço. Seu toque era luz contra sua pele. Ele deixou sua respiração fazer a maior parte do caminho. Sua boca começou uma caminhada casualmente ao longo de sua clavícula, acima de seu ombro até a parte interna de seu braço. Ela estremeceu com prazer e surpresa. Continuando ele moveu para seu lado sensível, tomando seu tempo. Viajou através de seu estômago plano, tocando-a de maneira que ela nunca conheceu.

Seu corpo ficou tenso e empurrou sob o dele.

Foi uma agonia, uma tortura e ele apenas começou a tocá-la. Olena ofegou, arqueando suas costas enquanto ele fazia seu caminho desde o umbigo até o centro de seus seios.

A respiração ardentemente contra seu mamilo duro, ele perguntou.

— Você me quer?

Ela negou com a cabeça, negando-se a ele. Ela não queria que ele parasse nunca.

Yusef afastou-se de seu seio, deixando-o intacto e sem acariciá-lo. Seus beijos continuaram vapor contra sua pele. Ele se inclinou para trás, alcançando seu quadril. Suas mãos estavam quentes quando chegou à sua cintura. As juntou e soltou o cordão.

Olena o observava. Tirou as mãos, descendo a calça.

Foi seguido por seus lábios enquanto beijava o osso do quadril e logo o outro. As roupas Qurilixen não tinham roupa interior e assim que não encontrou resistência. Beijos quentes e lambidas, molhando o caminho, se arrastou por suas pernas e tirou a calça pelos tornozelos.

— Diga que você me quer. — Seu peito se levantou. Seus olhos a devoravam.

Ela obstinadamente negou, balançando a cabeça violentamente contra o travesseiro. Ela não podia falar. Sua respiração roçou a calça grossa. A garganta dela tentou engolir em seco.

Desta vez, quando ele a tocava, a mão apertava com mais firmeza a pele. Passou a mão por suas pernas ao interior das coxas rígidas. Um gemido leve saiu de sua garganta e ela mordeu os lábios para não gritar por sua carícia quando percorreu seu corpo. Ele se moveu pelas curvas de seus seios, ignorando os mamilos duros.

Yusef estava acariciando as pernas entre as suas. Sua ereção se esforçava para sair da roupa. O suor brilhava em seu corpo enquanto ela tentava negar aos dois o que desejavam. Seus joelhos se dobraram na sua cintura.

Sua boca estava perto de seu seio, ele disse.

— Diga.

— Não. Eu não quero você.

Yusef pegou o mamilo em sua boca, mordendo suavemente e depois lambendo. As costas dela se arquearam. Os espasmos de prazer sacudiram seu corpo com cada um de seus toques. Seus músculos estavam tensos. Moveu a mão em suas coxas, acariciando seu centro de calor.

— Diga. — Yusef grunhiu, insistente.

— Não. — O quadril de Olena inclinou em sua mão e deixou que se esfregasse em sua palma. Ela estava pronta para ele, molhada e quente. Ele beijou seu outro seio, dando a ele o mesmo tormento agriçoso. Desta vez a fez gritar.

Seus olhos estavam brilhantes, levantou-se em seus braços. Seria tão fácil tomá-la assim. Suas respirações misturadas. Seus olhos na batalha. Sua ereção implorava por liberdade, pulsando para alcançá-la.

— Por que não diz que me quer? — Yusef perguntou com frustração varonil. Pensava que esta tortura era sem dúvida mais difícil para ele que para ela. — Eu posso ver que me quer.

Seu corpo se moveu sem descanso sob ele. Seus braços puxando, os músculos rígidos contras as restrições.

— Porque eu nunca irei querer você!— Olena gritou.

— Maldição, você é uma mulher teimosa! — Yusef se afastou dela, seus olhos atormentados. Seus braços ficaram tensos como se quisesse lhe bater, mas ele sabia que nunca faria isso. Não podia tocá-la assim, nunca poderia lhe machucar e não podia obrigar seu corpo ou sua mente.

Yusef girou, furiosamente procurando nas gavetas da cômoda.

Ele retirou uma túnica preta formal e calça combinando. Continuando, pegou um cinto de prata. Mantendo suas costas para ela, ele livrou-se de sua camisa e vestiu a outra em seu lugar. Ele trocou a calça. Olena observou seu corpo glorioso conhecido e ao mesmo desconhecido. Deslizando uma jaqueta nos seus ombros, ele colocou o cinto de pano ao redor da cintura.

— Aonde você vai?— Ela perguntou, ofegante.

— Eu iria levar você para uma celebração hoje à noite no palácio. Mas vendo que não tem vontade ser minha mulher, vou deixá-la justo onde está.

— O que?— Desta vez as restrições eram muito curtas e não seria capaz de se libertar. Quando ela o olhou, viu que ele também sabia. Ela não iria a nenhuma parte. — Você não pode deixar-me assim, Yusef.

— Então admita que quer ficar comigo. — Yusef disse. Incapaz de continuar olhando para seu corpo, ele agarrou a calça dela e jogou sobre seu quadril. Agarrou o lençol, o jogou

sobre seu peito nu. Sentou-se perto dela e tocou seu rosto com ternura. — Venha comigo hoje à noite como minha esposa.

— Eu não posso. Por que você não pode entender isto? Eu não posso querer ninguém.

— Então por que você casou-se comigo? — A pergunta era dura e alta, tirou a mão de sua pele suave. Ficou de pé em evidente sinal de frustração.

Houve um silêncio ensurdecedor. Os olhos de Olena se estreitaram quando ela olhou para ele. Seus lábios retorcidos cruelmente.

— Porque tive que fazê-lo! Porque preciso desaparecer por um tempo! Tenho que encontrar uma nave e minha tripulação. Não se preocupe, assim que eles vierem por mim vou sair de sua vida para sempre. Nunca pretendi ficar aqui com você, Yusef. Você é só um bobo supersticioso com quem estou passando meu tempo neste planeta esquecido por deus até que possa sair daqui.

Yusef a olhou como se ela tivesse arrancado seu coração e pisado nele. Havia muita dor nesse olhar sombrio que ao instante quis pegar suas palavras de volta. Lentamente, assentiu, com um gesto majestosamente rígido. Sem dizer uma palavra, deixou-a amarrada.

Olena estava em um silêncio mortal, tentou escutar algum som. Ela não conseguiu nada. Apenas a porta da frente se fechando quando ele a deixou.

— Isso não se aproxima da verdade, Olena. — Ela fechou seus olhos. Uma risada amarga escapou de seus lábios. — Ele não irá te querer depois disso.

Quando ela deveria sentir alegria, apenas sentia uma insuportável dor. Foi uma derrota muito mais profunda do que esperava. Pela primeira vez em sua vida desde que foi vendida como escrava começou a chorar. Era um som horrível e miserável que saía de seu coração.

— Espero que esteja satisfeito com sua pequena pirata, Jack. Eu espero que você esteja dançando em sua tumba.

* * * * *

Yusef saiu de sua casa como se estivesse sendo perseguido por espíritos do mal. Uma dor cravou em seu coração, corroendo-o. Achava que isso iria matá-lo. Qualquer coisa seria melhor que os séculos ele enfrentaria sozinho. Sem Olena, seu coração seria um órgão inútil para ele.

Mantendo uma máscara sobre seu rosto sombrio, afastou-se. Ele acenou educadamente com a cabeça para os aldeões que o saudavam e passavam. Ao ver Agro, o homem passou para o lado do gigante. Agro no instante sentiu seu mau humor, apesar da elaborada expressão do príncipe.

— O Var?

Yusef movimentou a cabeça.

— Olek disse que estarão aqui esta noite. Eles querem ser testemunha de nossas uniões felizes.

— E o pássaro de fogo?— Agro notou como olhos de Yusef se estreitaram ao ouvir a palavra '*feliz*'. Ele assentiu com gravidade, com tristeza por seu amigo.

— Queimando no inferno pelo que me importa. — Yusef amargamente disse, passando pelo portão do castelo.

* * * * *

O corredor comum principal do palácio de Draig na montanha estava acentuado. Tetos arqueados, uma pronunciada cúpula central de luz. O piso vermelho de pedra foi varrido. As bandeiras da família decoravam as paredes, uma para cada cor da linhagem da família, púrpura para o Rei e Rainha, negro para Yusef, verde para Olek, vermelho para Zoran, e azul-cinza para Ualan. Cada bandeira tinha o símbolo de prata do dragão corajosamente tecido.

As linhas de mesas pelo chão prontas para jantarem, cheios de aldeãos e frequentados por empregados que carregavam bebidas diversas e serviam a mesa. Suas vozes se ouviam como murmúrios em toda a sala de espera com entusiasmo, já que era o início das festividades. Todos procurando obter uma boa olhada das princesas sentadas na mesa principal.

Yusef sentou-se sozinho na mesa real, tanto para o espectador como para a contemplação. As empregadas da Rainha estavam ansiosas para informar que a noiva de Yusef estava doente, era o que dizia em segredo a aflita rainha. Yusef teve que ceder diante da astúcia de seus pais.

Sentou-se junto a seu irmão, Zoran. Zoran era um homem temível, vestido com uma túnica vermelha no estilo oriental. Ele era o Capitão da Guarda, a cargo de treinar os soldados e líderes na batalha. Seu rosto estava sombrio, uma expressão normal do homem, pois ele era um trabalhador e pessoa séria. Junto a ele estava sua esposa, como descobriu Yusef se chamava Pia. Ela era uma mulher tranquila, que se limitou a assentir com a apresentação.

No centro estavam seus pais, ambos régios, já que conversavam entre si. Ao lado do Rei estava Nadja, a esposa de Olek. Ela era reservada e pelo aspecto de seus cabelos perfeitamente penteados, ela era um nível alto. Seu irmão mais novo era Olek Draig, o Embaixador. Tinha uma maneira fácil de ser, um rápido sorriso e sem igual. Toda a paz que tinham com os Vars era graças a ele.

Ao lado de Olek estava seu irmão mais velho, Ualan. Ualan era o futuro rei. Tinha uma grande responsabilidade sobre seus ombros, mas o levava com facilidade. Sua esposa, Morrigan, proclamou a si mesma como uma escrava para purgá-la sua honra. Era também era suspeita de manter longe os avanços sexuais de seu marido. Entretanto, quando ela olhava para

Ualan, Yusef viu que ela não desgostava completamente de seu irmão. Ao ver o resplendor de Morrigan ausente enquanto conversava com Ualan, seu cenho se franziu. Então, olhando de lado, suspirou. Pelo que seu pai disse, todos os príncipes foram amaldiçoados com mulheres bravas e infelizes casamentos. Yusef sabia que nenhum era tão maldito quanto ele. Pelo menos seus irmãos puderam levar suas noivas com eles esta noite, proclamando-as como suas esposas para todos. Ele teve que deixar sua moça frustrante amarrada na cama. Era a única forma dele se assegurar que ela não fugiria dele.

Os Príncipes, o Rei, e a Rainha todos usavam coroas de prata com um desenho simples sobre suas cabeças como símbolo de sua soberania. A três princesas acabaram de receber suas coroas. Ele teria dado uma para Olena. Seu assento na mesa estava vazio. Entregariam sua coroa na ala do palácio em privado.

Yusef girou seus olhos escuros adiante, ignorando o prato de comida diante dele. Ele escolheu sem ver, mas se encontrou sem fome. Concentrar-se na verdadeira razão do porque ele estava ali com um esforço para ocupar seu tempo e manter seus pensamentos longe de Olena, ele dirigiu sua atenção a uma mesa afastada na parte de trás.

Um grupo em silêncio, os Vars Loiros sentados solenemente ignorados pela maior parte dos que estavam no salão. Só um empregado se aproximava deles, vacilante para

encher seus copos. Os nobres visitantes ficaram imóveis quando o homem tímido se aproximava.

O maior em sua mesa, o Rei Attor, girou para olhar a mesa real. Ele governava o Reino Var, ao sul. O Rei parou com o olhar nas três Princesas enquanto as observava. Yusef levantou seu copo, bebeu um gole de vinho. O rei Var grunhiu de ira, ainda que riu depois com emoção também. As fossas nasais de Yusef se dilataram, não gostava da presença traiçoeira do homem na casa de sua família.

Sabia que esta noite era uma necessidade. Era uma demonstração de poder para seu povo para provar que os Príncipes estavam felizmente casados e deste modo produziria muitos herdeiros reais para assegurar sua linhagem. Também demonstrava que não tinham medo dos Vars, atrever-se a convidá-los a seguir seu exemplo era uma ótima ocasião.

Uma risada soou, distraindo Yusef de seus pensamentos. Ele olhou para baixo e viu o jovem, Hienrich, mancando pelo chão. Ele nasceu com um pé ruim que se dobrava a medida que caminhava. A deformidade lhe impedia ser um soldado, então naturalmente era o que o menino mais queria no mundo. Hienrich deveria saber melhor, quando corajosamente aproximou-se de uma mesa de guerreiros Draig bêbedos. Yusef balançou a cabeça, sabendo o que iria acontecer antes do menino até mesmo falar.

Os homens riram, pedindo ao menino para fazer algo para provar a si mesmo. O menino ávido pulou com seu pé ruim,

caindo, muita para a diversão dos homens que só riram mais alto. O menino levantou-se novamente. De repente, ele sentiu Pia passar por suas costas. Yusef piscou com surpresa ao ver sua pressa para ajudar o menino.

Voltou-se olhou para Zoran. Seu irmão observava sua esposa em silêncio.

Hienrich piscou ao ver uma Princesa diante dele e imediatamente se curvou. Sua posição era precária e ele tropeçou antes de ficar de pé.

— O deixe em paz!— Pia exigiu para a mesa de guerreiros atordoados. Yusef sentou de volta, cruzando seus braços sob o peito e observando curiosamente.

— O que você quer com Hienrich, minha dama?— Um soldado forte com uma barba perguntou. — Ele ofende você? E o mandarei para fora...

Yusef viu o movimento do corpo de Pia.

— Ele não me ofende! Você, porém...

Inclinando-se para Zoran, Yusef disse.

— Acho que sua mulher não entende que Hienrich se pôs a prova para demonstrar seu valor como soldado. Talvez você deva pará-la e explicar antes que ela faça uma cena.

Yusef viu um sorriso chegar à boca de Zoran, entretanto ele escondeu isto muito bem.

— Talvez você esteja certo, irmão.

— Minha dama. — O guerreiro confuso defendeu, não entendendo o que ele fez de errado. — Ele sabe que nós não tínhamos má intenção. Não é, rapaz?

Heinrich movimentou sua cabeça. Ele entendia perfeitamente bem. Estava muito confuso olhando para a princesa.

— Veja. — O homem disse.

— Sim. — Outro guerreiro bêbado acrescentou com um rosto marcado. — Ele pensa em se tornar um guerreiro, não é, menino?

Os homens riram muito.

— Bem, eu sou uma Princesa. — Pia anunciou. Zoran ficou de pé, andando devagar ao redor da mesa para ir buscar sua esposa. — E ele será meu guerreiro pessoal.

O salão ficou atônito. A boca de Hienrich quase caiu no chão com sua declaração. Yusef tomou uma bebida, tentando não rir. Aquela era uma mulher que ele não queria em nenhum lugar próximo de Olena. Com a mente criativa de Olena e o temperamento de Pia, o reino inteiro estaria em apuros. Pensar em sua esposa amarrada na cama, fez seu sorriso morrer.

— Se minha dama deseja para um guerreiro. — O homem barbudo disse. — Vamos batalhar pela posição. Não nos insulte escolhendo um menino.

Um grito de acordo veio dos homens ávidos para lutar por uma posição tão desejada.

— Você ousa questionar uma Princesa? — Zoran perguntou com autoridade sobre a sala. Os espectadores se calaram ao instante com respeito.

— Ele é meu guerreiro também!

Yusef vacilou. Era a esposa de Olek, Nadja.

— E meu também! — Morrigan disse.

Yusef suspirou. Ele de repente estava grato por Olena não estar lá. Ele não estava certo se a queria perto dessas mulheres loucas. Ela já era louca o suficiente sem companhia ou encorajamento.

Zoran olhou para seu pai e encolheu os ombros.

— Aí tem. Você não pode negar o desejo de três Princesas. Hienrich está agora sob proteção real e será consequentemente tratado como sua nova posição.

Os guerreiros grunhiram e olharam feio para o menino cujo peito subia com sua nova autoridade sobre eles. Yusef balançou a cabeça. Zoran teria muitos problemas por causa desse incidente. Vendo os rostos dos homens, ele escondeu um sorriso. Ali poderia haver uma pequena rebelião mais tarde naquela noite.

Zoran ergueu sua mão e indicou aos músicos para começarem a tocar. Pia disse que para Hienrich ir para a mesa. Ela olhou para esperançosamente para Yusef e então para a cadeira vazia ao lado dele.

Yusef olhou para Zoran, encolheu os ombros e moveu para que o menino pudesse se sentar ao lado de Zoran. Pia acenou para um empregado levar um prato para o menino.

O menino sorriu de orelha a orelha para Yusef. Yusef movimentou a cabeça para ele. Agora que a comoção terminou, ele planejava juntar-se com os músicos assim poderia se aproximar dos Var. Ele olhou para os guerreiros loiros e notou que estavam cada vez mais inquietos.

Sorrindo amavelmente, Yusef indicou um alaúde. O homem de boa vontade a entregou, conhecendo o príncipe bem. Ele começou a tocar, fingindo prestar mais atenção a animar multidão que para sua tarefa.

Capítulo Onze

— Quando eu conseguir colocar minhas mãos em você, cavalheiro, eu vou arrancar seu fígado e comer no café da manhã! — Olena estava deitada na cama, puxando suas mãos contra suas restrições. Tinha certeza que era uma de suas melhores ameaças. Uma pena que não houvesse ninguém ao redor para ouvi-las. — Eu arrancar seus olhos e dar de comida um givre!

Ouvindo um barulho na sala de estar, ela ficou tensa. Yusef? Olena congelou, escutando. Mantendo-se imóvel, notou como a pele de sua nuca se arrepiava em advertência. Ouviu um rugido suave e o que soava como passos. Quem quer que estivesse fazendo esse barulho, não era Yusef, a menos que estivesse brincando com ela de forma doente. Enquanto pensava, de alguma forma soube que ele nunca faria isso.

Os olhos de Olena percorreram rapidamente o quarto escuro, procurando por uma arma. Ela puxou seus pulsos, deixando-os em carne viva em seus esforços para soltar-se. Não a ajudou em nada. Estava completamente impotente.

Vendo a porta lentamente se abrir com um rugido, ela ficou tensa, enterrando-se na cama. O rugido ficou mais forte. A porta abriu mais. Olena segurou sua respiração. Sua mente acelerava enquanto se preparava para a briga. Não foi um homem que entrou, mas um animal selvagem. Pelo podia ver, parecia um tipo de leão ou tigre montanhês.

Suas pernas ficaram tensas, os dedos dos pés trabalhando silenciosamente para afastar o lençol de seu corpo. Ficou com o peito no ar, enquanto puxava mais lençol. Não tinha tempo para se preocupar. Suas pernas eram a única defesa contra o animal selvagem.

A porta balançou e abriu completamente, mas Olena não viu nada de pé na entrada. Sua pele picou. Todo nervo estava no limite. Ela sentiu alguém, algo, no quarto com ela. Um flash de pele apareceu acima da extremidade da cama. O som de passos continuou.

De repente, um rugido soou e o gato lançou-se sobre a cama. Isto não era nenhum leão da montanha ordinário. Este gato era tão grande quanto um homem. Tinha braços e pernas longas como de um humano, entretanto a pele coberta de pelo. Vendo que usava uma camisa, ela percebeu que esta criatura era outro metamorfo. Olena ofegou, desesperadamente chutando para ter suas pernas livres. Pela forma como os olhos verdes mortais da criatura estudaram seu corpo ela podia dizer que ele não era amigo da família.

O homem-gato rugiu. Sua cabeça inclinou-se de lado enquanto seu rosto e corpo mudavam para a forma humana. Longo cabelo loiro cobria sua cabeça, longe de seu rosto. Seu nariz curvava na extremidade, parecendo apontar para ela. Tinha um feio rosto que a olhava fixamente enquanto um sorriso cruel curvava seus lábios. Logo outros três homens,

parecidos em físico, entraram no quarto e ficaram olhando-a de pé.

— Ah. — Disse o que estava na porta. Sua voz era grave à medida que ria. Seus olhos pareciam azuis sob as sobrancelhas espessas, mas estava muito escuro para ter certeza. — Olhe o que o Draig nos deixou. Um pedaço apetitoso, bem preso.

Os outros riram. Olena levantou o queixo em desafio.

— Onde está seu pequeno Príncipe, amor?— Disse ele com o nariz enganchado, que estava ao seus pés. Ele começou a rastejar até ela. Ele olhava excitado seus seios nus e seus movimentos sobre a cama fazia com ela balançasse.

— Ele voltará a qualquer minuto. — Seus olhos lançavam fogo.

— Eu gosto desta. —Disse o mais baixo dele. — Vamos mantê-la, Brouse. Eu quero brincar com ela.

— Oh, isso pretendo. — Disse Brouse, o de olhos azuis. Ele estreitou os olhos em Olena. Os outros ficaram em suas costas enquanto ele se aproximava. Ele alcançou sua mão, crescendo garras afiadas que podiam fatiar sua garganta . — Attor quer que a levemos inteira.

* * * * *

Yusef forçou um sorriso enquanto acompanhava o ritmo dos músicos. Ele movimentava a cabeça para os casais que

passavam, saudando-os. Alguém ficou de pé e começou a cantar. Outros dançavam alegremente, unidos a Zoran e Pia.

Yusef observava os Var pelo canto dos olhos. O rei Attor estava de pé, chamando a atenção completamente. O homem falava em tom baixo para seus homens e eles todos o seguiram quando ele foi para a mesa real para falar com o Rei de Draig. Yusef não podia ouvir o que era dito, mas pelo rosto de seu pai, sabia que os Reis estavam meramente trocando formalidades. Os Vars viraram para partir, afastando-se silenciosamente pela porta lateral. O rei Attor o olhou. Yusef continuou tocando sua canção, nunca pulando uma batida quando retornou o olhar fixo aquecido. O homem teve a audácia de sorrir e movimentar a cabeça, mas o olhar sombrio deixou Yusef nervoso. O homem planejava algo. Quando os homens alcançaram a porta, Yusef olhou para Olek e recebendo um aceno silencioso com a cabeça. Terminou sua parte da canção antes o possível e passou seu instrumento para trás para seu dono que imediatamente começou a tocar de onde o Príncipe parou. Ninguém notou a mudança e a dança continuou. Yusef seguiu o Var pelo salão.

Vendo Agro no corredor esperando por ele, fez um gesto para o guerreiro para mover adiante. O Var silenciosamente saiu da fortaleza de montanha. Embora os homens-gato nunca virasse e Yusef sabia que estavam cientes que eram seguidos.

Atravessaram o castelo sem incidentes. Yusef fez um gesto para Agro seguir os Var à medida que eles abandonavam as terras Draig. Ele parou na porta do castelo, esquadrinhando o

vale do ponto elevado de onde estavam. Seus olhos brilharam como ouro, olhando as árvores para ter certeza que nenhum ataque seria dado, enquanto a Casa de Draig celebrava.

Estreitou os olhos, tentando ver o Posto Exterior onde sua mulher estava amarrada na cama. Seus sentidos lhe lançaram uma advertência, silenciosamente ordenando-lhe que fosse com ela, advertindo-lhe que estava em perigo e necessitava-o.

Notando um movimento pelas costas, não afastou rapidamente o olhar de onde Agro ainda seguia o Rei Attor e seus homens. Quem fosse, cheirava a Draig. Virou, esperando ver um de seus soldados.

Repentinamente um fogo ardente atravessou suas costas e gritou. Yusef se curvou violentamente enquanto era apunhalado várias vezes em uma sucessão rápida. Ele caiu de joelhos, sem conseguir olhar para seu atacante. A cabeça girava de dor. Seu atacante o chutou forte, empurrando violentamente a lâmina para logo sair correndo para dentro da fortaleza Draig.

Yusef gemeu em agonia, certo de que estava morrendo. A visão de Olena, bonita e desafiante, encheu sua cabeça. O sentimento doloroso de que nunca voltaria a vê-la o subjugou.

Lutou contra a escuridão que o ameaçava. Repentinamente os pés de Agro se aproximaram gritando pedindo ajuda para os guardas mais próximos. Os guardas se transformaram em Draig, saltando de suas posições elevadas sobre o castelo. Aterrissaram sem danos.

Ao comando de Agro, os guerreiros Draig ajudaram a levar o Príncipe caído para a ala médica. Yusef uivava de dor, automaticamente lutando contra os soldados. Agro correu adiante para avisar o médico.

O médico colocou em atenção imediata, enviando sua esposa para buscar mais ajuda. Agro decolou corredor abaixo para informar O Rei e seus filhos o que aconteceu, deixando Yusef aos cuidados do médico. Yusef lutava com todos, desesperado para levar sua esposa para um lugar seguro.

Abriu os olhos e viu Ualan e Olek que o seguravam. Seu corpo estava perdendo a briga. Ualan murmurado algo para ele, mas ele não podia ouvir. Juntando suas últimas reservas de energia, Yusef desesperadamente disse.

— Minha esposa.

Ualan e Olek movimentaram a cabeça em compreensão imediata ao apelo. Yusef apenas os viu quando seu mundo ficou completamente negro.

* * * * *

Uma luz difusa sumia entre a densa floresta em uma névoa verde suave que se misturava inquietamente com a névoa dos pântanos. O ar era úmido nesta parte da floresta, estranho cheiro enchia o ar e inclusive os insetos abandonaram a área.

Olena olhou ao redor pelas pálpebras abaixadas. Seus capturadores, em quem ela pensava como, o grupo de bolas

peludas havia acampado ao redor de uma fogueira. O suave resplendor alaranjado refletia a luz de seu corpo pendurado, mas desgraçadamente não lhe proporcionava apenas calor. As bolas peludas encontravam divertido tê-la ali de topless. O frio estava começando a congelar sua pele. Enquanto a rodearam na cama de Yusef soube que não iria matá-la de imediato. A forma como constantemente deixavam cair o nome do Rei Attor a fazia suspeitar que devesse significar algo para ela. E não era assim. Provavelmente era algum ladrão local que controlava esses irritantes peludos. Antes de cortar as amarras com afiadas garras, disseram que Attor a queria para ele. Assim que até que Attor não a tivesse, havia assumido que não tinha nada a temer. Teve razão, até o momento. Aparte de alguns manuseios incômodos, que pretendiam intimidá-la, não tentaram nada.

Attor, quem quer que fosse, era um homem tolo, muito tolo se pensava que quatro bolas de pelo iriam reduzi-la por muito tempo. Olena sabia que simplesmente tinha que se mostrar como uma fêmea submissa e temerosa durante suficiente tempo para que esses homens baixassem a guarda e cometessem um erro. Até o momento eles não deram a ela uma abertura, mas ela estava confiante que cometeriam um deslize.

Olena não sabia quanto tempo ela estava com o quarteto peludo, só que eles viajaram por durante a maior parte da noite. Mas, enquanto as horas passavam, ela imaginou que os sombrios pântanos quase sempre pareciam imersos na noite. As mãos de Olena estavam acima de sua cabeça, amarradas a aos

ramos de uma árvore, que ela decidiu ser de pouca imaginação da parte deles. Seus pés estavam firmemente plantados no chão, dando-lhe a seus joelhos pouco espaço para se dobrar. Ela se recusou a deixar medo a superar. Jack lhe ensinou que o medo nunca era uma opção. Aqueles que eram valentes sempre tinham um plano de fuga.

Olena sempre tinha um plano.

* * * * *

Os olhos de Yusef se abriram repentinamente no meio de seus pesadelos sem fim, com a testa franzida e confuso. Seu corpo doía como fogo líquido. A luz era fraca ou eram seus olhos? Piscando, sentiu um golpe no braço, uma leve picadura. Tentou concentrar-se na mulher de cabelos castanhos que estava sentada ao seu lado. Seus lábios se moviam, mas ele não conseguia ouvir o que dizia. Fosse o que fosse o que lhe estava dando, funcionava. Suas costas estavam começando a sentir-se melhor. Seus olhos se fecharam e pensou em Olena. O desespero e o desânimo sombrearam seu rosto. Sabia que estava ferida e não podia levantar-se para salvá-la.

* * * * *

Yusef! Olena acordou sobressaltada. Tremeu, suas costas pulsando em agonia sem limites. Sentia como se alguém

houvesse apunhalado. Quando respirou fundo, a dor diminuiu. Olhou ao redor, sentindo um frio que não tinha nada a ver com o ar fresco dos pântanos.

Yusef. Não sabia como, mas tinha a incrível sensação de que ele a necessitava. Antes que estivesse completamente desperta, um rápido plano se formou em sua mente. Completamente acordado, um plano novo, mais rápido formado em seu cérebro.

— Eh, bola de pelo! — Brouse despertou com um pulo. Ele imediatamente mudou de forma para uma felina, cheirando o ar. Olena sorriu atrevida para a criatura peluda, fazendo uma careta com os lábios apertados e piscando.

— Ei, você, vem aqui. — Ela disse com voz sedutora. Os olhos azuis do homem-gato piscaram inquisitivos. Olena mordeu os lábios timidamente. — Por favor. Eu quero conversar com você.

Brouse mudou novamente para a forma humana. Um sorriso preguiçoso se formou em seus lábios.

— Eu não mordo. — Ela o olhou com um convite ardente em seus olhos que podiam abrasar qualquer homem. — Por favor, eu só quero conversar. Estou pronta para ser uma boa menina, uma menina muito boa.

* * * * *

Zoran ergueu sua mão e fez um gesto para Ualan, Olek, e o Rei para pararem seu progresso. Ele cheirou o ar. Então, apontando com dois dedos, fez um sinal para seu pai segui-lo e para que seus irmãos dessem a volta ao outro lado do acampamento Var. Os homens movimentaram a cabeça em compreensão, agarrando suas espadas.

Eles mudaram para Draig, com a pele endurecida preparada para a batalha. Pareciam macabros com seus olhos amarelos brilhantes. Sua visão penetrou a escuridão para ver a área do acampamento Var. Foi difícil, mas acharam a esposa de Yusef e seus sequestradores Var.

Os Var se esconderam nos pântanos sombreados. O cheiro podre das plantas em decomposição e as carcaças de animais mascaravam inclusive o mais leve rastro de essência da maioria dos de sua espécie, para todos exceto para os rastreadores, um grupo de elite Draig que eram escolhidos por seu senso altamente desenvolvido sentido de olfato.

Zoran de repente parou, ao ver uma mulher com cabelo vermelho inflamado amarrada a uma árvore. Suas costas estavam para eles, com a parte superior do torso completamente nua. O rei Llyr fez um movimento como se dissesse, é ela. Para sua surpresa, ela falou.

— Eu não mordo. — Seu tom era baixo como uma promessa sensual que qualquer homem iria notar.

A mandíbula do Rei ficou tensa. Zoran colocou uma mão em seu braço. Ele não se moveria até que pudesse assegurar que seus irmãos estavam prontos.

— Por favor, eu só quero conversar. — A mulher disse. Sua perna ergueu no ar, caindo de lado aberta. — Estou pronta para ser uma boa menina, uma menina muito boa.

* * * * *

Olena olhou para o homem na frente dela, vendo seu olhar descer para seu corpo, quando ela se moveu inquieta. Ele passou a língua pelos lábios, concentrando-se em seus seios nus. Isso foi muito fácil, pensou. Típico, considerando que deveria ser uma das primeiras mulheres que este gato tinha visto.

— Oh. — Ela fez beicinho, com o — Me salve grandão. — Mordeu o lábio inferior, chupando-o levemente antes que entrasse em um completo amuo. — Meus braços estão doendo.

Os olhos do homem foram para ela, estreitando em suspeita. Ela inclinou a cabeça de lado.

— Eu sei que não pode soltar-me, mas acha que posso envolver minhas pernas em seu peito por um momento? Só quero descansar meus ombros.

O homem lambeu os lábios, olhando de novo para seus camaradas dormindo.

— Oh, eles não precisam saber. Eu prometo que será bom. Eu posso ficar muito, muito quieta. Por favor. — Olena o olhou descaradamente. — Estou tão fria. Você não pode vir para me aquecer? Aposto um grande homem como você seria realmente forte e quente.

Ela olhou para sua ereção óbvia. O homem-gato sorriu. Era uma expressão sombria e luxuriosa, quando ele decidiu aceitar o convite.

— Você tem que ficar quieta. — Seu tom era rouco.

Olena fingiu que tremia, deixando um sorriso excitado aparecer. Com excitação fingida, ela disse.

— Oh, sim, mestre.

Um grunhido baixo soou da garganta do homem. Olena fingiu encanto. Seus olhos aumentaram quando os dedos peludos do homem agarraram seu seio. Com toda sua força, ela saltou do chão. Justo quando envolvia as pernas ao redor da cabeça do confiante homem, ela detectou um movimento pelo canto do olho.

Zoran se adiantou, impulsionando os outros a fazerem o mesmo. Viu quando a esposa de Yusef envolvia suas pernas longas no pescoço do Var e retorcia o corpo com uma sacudida violenta. Um barulho se ouviu quando o pescoço quebrou.

Antes de morrer, o homem grunhiu em surpresa despertando os outros. Sua boca se abriu e cravou-se na coxa da Olena à medida que ele caía. Ela gritou de surpresa com a

dor. Os outros três levantaram-se rapidamente, parcialmente transformados em felinos, em posição para lutar.

Olena tremeu ao ver três dragões enfrentarem os três gatos. Houve um movimento de espadas e garras, uma melodia horrível de rugidos e grunhidos. Ignorando sua perna sangrando, Olena tentou balançar-se para agarrar o galho. Se ela pudesse conseguir colocar os pés acima da extremidade, poderia ser capaz de soltar-se. O galho tinha um ângulo para cima o que servia como uma alavanca. Era por isso que precisava de Brouse. Se os Draig não houvessem aparecido, ela teria usado os ombros do homem morto empurrando-se enquanto caía. Ela chutou ferozmente contra o tronco da árvore, balançando-se mais alto para golpear as costas contra o tronco com um doloroso golpe.

Depois que o corpo de Olena colidiu pela terceira vez, estava muito enjoada para tentar novamente. Olhando para o outro lado, viu um dos Draig de pé ao seu lado, olhando-a com curiosidade. Ela o olhou indignada.

— Você terminou de observar? Tire-me daqui, dragão! — Imediatamente, sua espada cortou o ar, soltando as cordas. A brisa da lâmina voou por suas mãos. Se sua pontaria fosse ruim, ela teria perdido seus dedos. Sem vacilar, ela movimentou a cabeça agradecendo e soltou os pulsos. Olena ergueu sua mão para ele. — Sua espada.

O Draig apenas sorriu para ela, erguendo a ponta da arma para finalizar a batalha. Os Draig venceram os Var,

sacrificando-os em uma muito honrada demonstração de fúria. Apenas sem alterar o fôlego, os dragões vitoriosos viraram para ela. Estavam cobertos de sangue.

Para seu assombro, ela colocou as mãos firmemente em seu quadril.

— O que vocês pensam que estavam fazendo? Eu tinha tudo sob controle.

O Draigs olharam um para o outro e então novamente para a mulher ultrajada meio nua e de pé na frente deles. Seus olhos esmeralda brilhavam com um fogo que realçava seus cabelos vermelhos.

— Por que Yusef não está com vocês?— Olena exigiu, observando seus rostos mudando. Ainda que as palavras fossem duras, eles notaram a luz vulnerável em seus olhos quando pronunciou o nome de seu irmão. Sua valentia vacilou. — Onde está Yusef? Ele está ferido, não é?

Um por um seus irmãos voltaram para a forma humana. Olena não os reconheceu. Mãos no quadril, ela olhou fixamente para cada um deles sem medo. Os três irmãos nunca viram uma exibição tão energética ou uma mulher tão ingrata.

— Poderia pelo menos um de vocês me dar uma camisa?— Ela perguntou, secamente. — Talvez assim pudessem deixar de olhar meus seios durante o suficiente tempo para me dar uma reposta.

Zoran tirou sua camisa e lançou para ela. Ela passou por sua cabeça, sem importar que estivesse suja de sangue pela batalha.

— Quem você é? — Ela perguntou, quando sua cabeça saiu pela gola. Ainda estava quente do corpo de Zoran. As mangas passaram de suas mãos.

— Eu sou Zoran. — Zoran brevemente respondeu, apresentando cada irmão para responder na sua vez.

— Olek.

— Ualan.

— Sabia que não éramos Yusef?— Zoran questionou com admiração.

— Claro que sim. Eu sei que aspecto meu marido tem. Eu só tenho um, sabe. — Olena balançou a cabeça, olhando-os como se fossem malucos.

Os irmãos sorriram, vendo que sua nova irmã definitivamente tinha coragem. Parecia incrível que ela pudesse distingui-los na forma Draig. Muitas esposas se queixavam que seus maridos se pareciam muito com qualquer outro Draig quando estavam nessa forma, pelo menos durante os primeiros setenta e cinco anos até que se acostumavam. Eles puderam entender porque Yusef esteve ocupado nas últimas semanas. Com seu tom incisivo, era um milagre que está mulher apenas conseguiu um castigo.

— Onde está Yusef?— Olena se mostrou indiferente aos sorrisos de admiração. Ela não sentiria segura completamente até que o visse novamente. Não que ela se importasse, pensou.

Ele salvou sua vida e ela devia isso a ele. Nunca admitiria isto, mas seu coração estava preso na garganta, recusando-se a bater até que ela ouvisse que Yusef estava seguro.

— Quem são vocês?

— Nós somos seus irmãos. — Olek respondeu.

— Irmãos. — Ela repetiu vagamente lembrando-se de alguém declarar que ele os tinha. Ela olhou para novamente, não prontamente viu o olhar de marido sombrio nas feições mais leves.

— Eu sou seu pai. — O Draig atrás disse. Ele esteve tão calado que Olena não o percebeu. Girando rapidamente olhou para o pai de Yusef.

— Espere. — Ela empalideceu. — Isto é algum tipo de piada?

Os homens olharam um para o outro confuso.

Olena apontou para Ualan. Ela cambaleou levemente em seus pés, sua perna pulsando onde os dentes de Brouse cortaram.

— Você é um Príncipe. Você esmurrou Agro no Festival. Ele me contou.

Ualan estreitou seus olhos e concordou.

— E você. — Ela disse de forma acusatória para pai de Yusef. — É o Rei.

O homem movimentou a cabeça para confirmar. Ele ousou sorrir para ela.

— Eu casei-me com um Príncipe? — Olena balançou. O olhar de horror em seu rosto não tinha preço. Ela mostrou uma grande coragem ao lutar com os Var e não vacilou quando eles se transformaram. Mas agora, ao descobrir que ela era uma Princesa, de repente olhava como se estivesse sentindo-se mal.

Sentindo-se enjoada, Olena olhou para baixo e levantou a camisa emprestada para olhar sua perna sangrando. Ela grunhiu.

— Oh, grande. Não novamente. — Olena desmoronou no chão, inconsciente. Zoran sorriu, enquanto dava um golpe no peito de Olek com a parte de trás da mão. Olek vacilou. Afastando-se, Zoran ordenou ao irmão mais jovem acima de seu ombro. — Leve-a você, Olek. Eu não quero estar segurando-a quando ela acordar. — Ualan e Llyr riram, movendo-se para seguir Zoran. Olek fez uma careta, olhando para a ninfa ruiva dos bosques que estava no chão. Amaldiçoando, ele agachou-se para pegá-la.

Capítulo Doze

— Pare mulher!

Zoran e Ualan começaram a rir. O rei Llyr olhava, divertido. Olek estava segurando seu lado onde Olena tentou acotovelá-lo para fazê-lo cair do ceffyl. Agarrando o chifre da montaria, Olek se colocou de novo nos ombros nus da fera, apenas que desta vez com cuidado para não tocar a feroz mulher que tinha diante dele.

Olena vacilou, piscando enquanto voltava a si, preparada para lutar. Levou um momento para perceber que estava em uma montaria e na frente do Príncipe Olek. Ela relaxou seu braço tenso, para grande alívio do outro cavaleiro.

— Não me chame de mulher. — Olena disse sob sua respiração, olhando-os irritada. — Meu nome é Olena. — As costas largas do ceffyl se moveram para baixo com o peso de seu movimento, usado para o manuseio brusco. Sua boca com presas disparou aberta com um silvo de sua longa língua.

— Onde nós estamos indo?— Ela perguntou, como se nada tivesse acontecido.

— Bom dia para você também, Princesa Olena. — Olek esfregou seu estômago. Como ele sentia falta de sua gentil Nadja naquele momento. Estava mais que disposto a livrar-se da endiabrada noiva de Yusef.

Olena fez careta ao ouvir esse nome e Olek sentiu um pouco vingado.

— Para casa. — Ualan declarou em resposta a sua pergunta.

— Mas?— Olena viu o grande palácio da montanha aparecendo diante deles. Virando-se, fez um sinal para trás. — Eu moro para lá.

— Não mais. — O Rei decretou em um tom real. — Os Var quebraram todas as janelas. Além disso, o Posto Exterior não é lugar para uma dama neste momento. Não é seguro. Estará melhor sob a proteção do castelo.

— Em primeiro lugar, eu não sou uma dama e posso proteger-me eu mesma. — Olena disse.

Llyr abriu a boca surpreso por ela ousar questionar um decreto real. Nem mesmo seus sinceros filhos o faziam, bem, ao menos não com frequência. Os lábios da mulher se apertaram com força, como se ela fosse a única que estivesse no comando de todos eles.

— Segundo. — Ela continuou. — Eu dormi em lugares piores e um pouco de vidro quebrado não é nada. E terceiro, antes Var quer dizer a quadrilha de bolas de pelo que me pegaram?

Olek riu. Ela o ignorou, esperando e olhando para o Rei.

— Eles são o Var. — Llyr concedeu.

— Não me assustam. Se Yusef não tivesse me deixado amarrada na cama... — Nem sequer fez uma pausa quando o Rei tossiu incomodo. —... Eu nunca teria sido pega. — Os homens trocaram um olhar. Os Vars que foram atrás dela era

difícilmente uma amostra dos melhores guerreiros de seus inimigos.

— Eu tive tempo para estudá-los. Eles seriam fáceis de derrotar. — Olena anunciou, com um aceno com a cabeça confiante. — Então, me leve de volta para o Posto Exterior. Corrirei o risco com Yusef.

Olena não queria ir para o castelo, apesar de seus instintos de pirata dizer-lhe que lhe daria a natureza de ladrões recompensas. Como uma Princesa, seria vigiada de perto. Esperariam que atuasse de forma civilizada. Não poderia fazê-lo. A ideia de tentar já a petrificava, ainda que não estivesse disposta a admitir nem mesmo para ela.

Além disso, como exatamente a tripulação a acharia se ela estivesse trancada em um castelo, sendo protegida? Não queria que fossem contra o exército de Draig para salvá-la. Eles provavelmente seriam sacrificados sem estar devidamente preparados. Nunca em um milhão de anos a tripulação iria pensar que ela casou-se com um Príncipe.

— Yusef está no palácio. — Zoran disse.

Olena girou para o guerreiro grande incrédula.

— O que? Aquele cavaleiro está vadiando no palácio enquanto eu... Ooooh!

Olena balançou a cabeça com raiva e virou. Seu olhar sombrio dizia mais que qualquer tom mordaz que pudesse adotar. Os irmãos compartilharam um franzir de testa.

O grupo chegou à pequena aldeia, montando pela rua central. Olena ergueu sua cabeça orgulhosamente e nenhum deles falou. As pessoas saíam de suas casas e tendas para vê-los. Crianças e jovens saudavam os príncipes, alguns alegres e gritando. Eles apontavam ao ver suas roupas manchadas de sangue. Os Príncipes acenavam de volta, formalmente, reconhecendo-os.

Diante da fortaleza escondida havia um pátio. Do chão, por causa do ângulo, ela não podia ver janelas ou sacadas dentro da montanha. Uma vez que eles passaram pelos aldeãos e subiram a ladeira até a frente do castelo, o rei declarou.

— Yusef foi apunhalado.

Olena virou surpresa olhando fixamente para ele. Olek parou o ceffyl perto do portão dianteiro. Seu rosto empalideceu. Olek desceu, erguendo uma mão para ajudá-la a desmontar.

Olena o ignorou, saltando do outro lado sozinha. Sua perna dolorida cambaleou. Ela olhou para baixo, tendo esquecido completamente que ela foi ferida. O ferimento tinha uma bandagem e não sangrava.

— O que você quer dizer com que foi apunhalado?— Ela lançou aos homens um olhar duro. — Ele estava na forma Draig, não é? Então ele está bem. Estava protegido por essa grossa pele sua.

Os irmãos trocaram um olhar. O ferimento em sua perna formigou agora que ela fazia pressão. Suas mãos tremiam e as apertou em punho para esconder sua debilidade.

— Ele foi atacado por trás e apunhalado nas costas. — Zoran declarou. Ele lançou rédeas de sua montaria para Ualan e Olek pegou-a de seu pai. Os dois Príncipes começaram a caminhar com o ceffyls para os estábulos, deixando os outros dois homens para explicar. — Ele não teve tempo de mudar.

O coração de Olena quase parou de bater. A angústia que sentiu era pior que qualquer dano ela já conheceu. Seus olhos se arregalaram. Ela sentiu como se seu corpo inteiro estivesse sendo sugado para um abismo.

— Ele está morto?

— Não. — O Rei disse, dando um passo para frente, pronto pegar a mulher balançando. Olena respirou fundo, olhando indignadas suas mãos e afastando-se de seu alcance. Seu rosto virou até ele, endurecendo enquanto esperava sua resposta. — Ele está na ala médica. Está vivo, mas está em uma condição ruim e inconsciente. Os médicos dizem que tem esperança, mas sua vida está ainda em perigo.

— Leve-me até ele. — As pernas de Olena deixaram de tremer por simples força de vontade. Ela podia não querer ser a princesa de Yusef, mas ela definitivamente não o desejava morto. Ele salvou sua vida. Estava na hora de retribuir o favor. Custasse o que custasse se asseguraria que ele vivesse.

* * * * *

Olena permanecia parada na entrada na ala médica. Havia uma fila de camas vazias em uma parede e uma mesa na recepção junto com filas de armários de vidro. Atrás havia dois quartos e uma sala de operações. Para sua angústia, estando em uma dessas camas estava Yusef. Estava quieto como um cadáver, com sua aparência naturalmente sombria quase tão pálido como um. Seus olhos estavam fechados, com olheiras. Seus bonitos lábios estavam sombreados com um tom azul. Seu coração se afundou. Apertando os lábios firmemente, ela se recusou a chorar.

Enquanto Zoran e o Rei a levaram para a ala médica, Olena não observou o ambiente. Sua mente trabalhava furiosamente contra o medo de que Yusef poderia não estar vivo, que ele poderia ter morrido enquanto foram buscá-la. Maldito era seu orgulho. Se simplesmente houvesse cedido e declarado ser sua esposa, ele a teria levado ao palácio e ela o teria protegido de quem fez isso com ele. Vendo seu peito se mover com a fraca respiração, Olena relaxou o suficiente para respirar também. Não se traiu em absoluto, enquanto observava seu marido.

A rainha Mede estava ao lado de seu filho, seu rosto marcado. Se ela tivesse alguma dúvida de quem ele era, desapareceu quando viu Mede. Olena saudou rigidamente com a cabeça a mulher, antes de dar um passo para Yusef. Com tantos olhos nela, ficou nervosa, sabendo que vigiavam sua reação. Como supunha teria que reagir? Esperavam que

chorasse e gritasse? Esperavam que se lançasse em um frenesi feminino? Ela não era esse tipo de mulher. Não mostrava debilidade nenhuma.

Apenas os olhos nela a impediram de chorar e lançar-se sobre ele. Olhou friamente os traços imóveis de Yusef e foi para seu lado. Ela queria tocá-lo, mas se conteve.

— Ele acordou?

— Não, querida. — A Rainha olhou a mulher sem emoções. Vendo a camisa ensanguentada de Olena, a rainha franziu a testa, sem saber como interpretar a atitude da outra mulher.

—Ah, princesa Olena?— O Rei apontou para a perna da Olena. Olena piscou, ouvindo o título. — Talvez deva permitir que dêem uma olhada.

A Rainha olhou para onde seu marido apontava. A bandagem na coxa de Olena estava vazando. Mede fez um gesto para o médico. Olena seguiu obediente a ordem do médico e deitou na cama ao lado da de Yusef. A rainha tirou os homens do quarto para dar a mulher um pouco de privacidade enquanto médico rasgava sua calça. Antes de sair, Mede disse para Olena que voltaria logo para levá-la para a casa de Yusef no palácio.

Olena ignorou todos, deixando o médico trabalhar. Deitada olhando fixamente para Yusef. Ele não se moveu, exceto pelo subir e descer de seu peito ao respirar. Por dentro, ela sentia-se como se caísse em um vazio sem que houvesse lugar para aterrisar.

* * * * *

Olena se recusou a ir para casa de Yusef no palácio, dizendo que estava cansada e contente por passar a noite na ala médica. Mais tarde naquela noite, Tal entrou levando uma xícara de um fumegante líquido azul. O homem a olhou surpreso, entretanto lentamente balançou a cabeça e continuou até um dos escritórios sem dizer uma palavra. Momentos mais tarde, ele passou de volta, movimentando a cabeça para ela à medida que saía.

Uma vez que ficaram sozinhos, Olena sentou e pulou da cama para ir para Yusef. Olhando ao redor para se certificar que ninguém a via, ela tocou sua testa. Ele estava quente, não como qualquer coisa como a mortal frieza que ela imaginou. Ela passou a mão por seu pescoço, sentindo sua pulsação. Batia continuamente contra seus dedos. Ela suspirou de alívio duvidoso. Depois, ela moveu a mão para seu peito nu para sentir a subida e descida de seus pulmões. Sua respiração estava curta, mas estava lá.

Olena franziu o cenho. Não sabia o que estava fazendo. Ela não era uma enfermeira. Era uma pirata. Assumindo a personalidade pirata, ela inclinou próximo à sua orelha. Escorando-se nele ela disse de forma sombria.

— Levante-se dessa cama agora, seu cavalheiro preguiçoso.

Ela afastou-se e observou sua reação. Ele não se moveu. Ela se inclinou de novo.

— Você me ouviu, cavalheiro? Se não se levantar agora mesmo que eu vou roubar sua família cega e queimar sua preciosa fortaleza da montanha.

Ela afastou-se novamente, engolindo em seco. Nem mesmo um estremecimento. Olena franziu o cenho, ficando de pé. Ela não o tocou novamente. Não sabendo o que mais poderia dizer para convencê-lo a acordar, ela arrastou de volta para sua cama e puxou os cobertores acima de seu corpo.

— Se você sobreviver a isto, Yusef. — Olena suavemente disse, girando suas costas para ele. — Eu matarei você por me assustar.

* * * * *

Na manhã seguinte, Olena foi acordada pela Rainha Mede. A Rainha sorriu para ela quando notou seus olhos abertos. Afastando uma mecha do cabelo de Yusef com uma mão terna e maternal, a Rainha deu a volta para olhar a esposa de seu filho.

— Você conseguiu descansar?— Mede perguntou com uma voz gentil e amável.

Olena movimentou a cabeça. Ela realmente dormiu, entretanto seus sonhos foram inquietos como sempre. Apenas que desta vez em lugar de Sage morrendo, foi Yusef. Ela esticou seus braços acima de sua cabeça.

— Se quiser posso te levar para sua casa aqui no palácio.

— Mede disse. Olena começou a recusar, mas a rainha continuou. — Ele não irá a qualquer lugar por algum tempo e você precisa de um banho e trocar de roupa. Enviei alguns soldados para o Posto Exterior para que buscassem seus pertences.

Olena ficou tensa, pensando nas malas florais. Ela as escondeu no armário e colocou as identificações em um bolsinho. Sua arma ainda estava desaparecida, mas não tinha tempo para pensar nisso. Olena permitiu que a rainha a guiasse pela rede de corredores. Assegurou-se prestar atenção para poder encontrar o caminho de volta para a ala médica. Tapetes, estátuas e pinturas decoravam tudo. Olena viu representações de humanos e Draigs nos tapetes. As pinturas eram a maioria paisagens e retratos.

A Rainha apenas ficou longe suficiente para programar a voz de Olena para o comando da porta da frente para que ela pudesse sair da casa. Ela disse para Olena se colocar confortável, era sua casa tanto como de seu filho. Olena movimentou a cabeça, não realmente falando com a mulher à medida que ela partia. A casa de Yusef não era como a bonita casa do lado de fora. Não havia janelas, exceto uma cúpula grande no teto da sala para admitir luz e cúpulas pequenas no banheiro e quarto. O piso era de mármore. Tudo era branco, e para Olena pareceu extremamente limpo. Ela preferia o térreo, confortável ambiente do chalé.

Uma bandeira preta grande estava pendurada em uma parede, um dragão branco bordado. A lareira era uma obra avassaladoramente grande com blocos de mármore claro. Um sofá branco, que parecia nunca ter sido usado, estava diante do fogo. Entre o fogo e o sofá havia uma almofada de pele branca.

A cozinha estava limpa, os armários e geladeira vazios. O quarto de Yusef era pouco melhor. A cama tinha uma colcha negra com travesseiros vermelhos. Ela encontrou suas roupas na cômoda. O armário estava quase vazio com exceção de algumas camisas formais e principescas. Ela achou uma grande coroa de prata perto de uma menor, algumas armas, botas e chinelos.

Pegando suas roupas, ela foi para o banheiro. Um chuveiro estava encaixado num canto, longo e com varias torneiras. Havia uma imaculadamente limpa pia e balcão. Os armários tinham apenas produtos básicos. Essa casa não era para viver nela. Vendo uma fonte natural de água quente manando do chão que dava para as paredes vermelhas da montanha, Olena suspirou. Provou a água quente antes de entrar. Com um gemido, sentou-se em um dos assentos e deixou que a borbulhas massageassem seus pés.

Tomou banho devagar, logo saiu e vestiu-se. Ela encontrou uma escova e fez um trabalho rápido com seu cabelo molhado. Odiava admitir isto, mas sentia-se um pouco melhor. Pensando em Yusef no hospital fez ela se sentir um pior. Não se aborrecendo em pegar suas roupas velhas, ela deixou a casa

sem olhar para trás. Os corredores estavam vazios enquanto se dirigia para a ala médica. Sem dizer uma palavra, ela sentou-se em sua cama da noite antes. Yusef não se moveu desde que ela partiu.

* * * * *

— Olena?

Olena estava olhando fixamente o peito de Yusef como se estivesse hipnotizada por seus movimentos. Levou um momento para registrar seu nome. Virando, ela viu Nadja do Noivas da Galáxia.

— Nadja?— Olena tentou sorrir para a mulher. O cabelo da Nadja estava preso em um coque. Seus olhos eram amáveis e brilhavam de sua pele de porcelana. — O que você está fazendo aqui?

— Eu me casei com o Príncipe Olek. — o sorriso de Nadja diminuiu. — O irmão mais novo.

— Eu sinto muito. — Olena disse antes de evitar. Nadja riu.

— Eu também, a maior parte do tempo. — Nadja admitiu. — Morrigan Blake casou-se com o mais velho, Ualan. Ele é muito taciturno, pelo que ouvi. Lembra-se de Pia?

Olena movimentou a cabeça.

— Ela se casou com o Príncipe Zoran. Ele é uma criatura terrível. — Nadja estremeceu.

— Eu o encontrei e aos outros Príncipes. — Olena pensou sobre seu sequestro.

— Oh. — Nadja disse, como se de repente percebesse que seus comentários eram tolos. — Eu me esqueci, você os conheceu não é?

Olena olhou para Yusef.

— Eu só vim para ver como você estava. — Nadja disse. — E o Príncipe Yusef, obviamente.

— Os médicos dizem que ele está fazendo uma recuperação rápida. Mas, eu não vejo uma mudança nele.

— E você? — Nadja perguntou.

— Eu estou bem. — Olena respondeu, sem preocupar-se com detalhes. Ela gostava de Nadja, achava ela uma mulher agradável, mas não iria começar a ser agradável e fazer amigos.

— Oh. — Nadja sorriu timidamente, sem parecer ofendida com o tom seco de Olena.

— Alguém ouviu qualquer coisa sobre quem fez isto?

— Não. — Nadja disse. — Eu não sei nada. Morrigan foi envenenada na mesma noite. Ela já está recuperada agora e acredito que os Príncipes estão seguros que o rei Attor está atrás disto. Ele é o regente de Var, o reino do sul. Os homens passam muito tempo juntos e podemos imaginar que estão trabalhando para fazer todas as averiguações possíveis. Todos estão realmente preocupados com vocês.

Olena não disse nada. Ela estava certa que Nadja estava apenas sendo cortês. A família estaria principalmente preocupada com sua reputação e a vida de seu Príncipe. Eles não a conheciam assim que não podiam em nenhum caso estar realmente preocupados com uma estranha.

— Bem, é hora de servir o jantar. Você é bem-vinda no salão comum se quiser vir comigo. A família normalmente janta ali. — Nadja virou quando Olena balançou a cabeça, dizendo um rápido adeus.

Quando Nadja se foi, Olena franziu a testa para Yusef. Ela não estava certa do que deveria fazer. Ela não queria deixá-lo, mas também não queria estar no palácio.

Olena esperou até um médico aparecer e fazer leituras de seu paciente. Ele deu a Yusef uma injeção. A esposa do médico levou para Olena uma bandeja de comida. Ela tentou comer, mas no fim empurrou a bandeja de lado.

Finalmente, todo mundo a deixou e ela ficou sozinha com seu marido. Engolindo em seco, ela sentiu uma lágrima deslizar silenciosamente por sua bochecha. Estava ficando irritada no princípio, mas enquanto o dia avançava para a noite e ele continuava sem mostrar sinal algum de recuperar a consciência quase não podia suportar a tensão da espera.

Inclinando-se cuidadosamente sobre ele, ela sentou ao seu lado. Colocando sua mão onde batia seu coração, ela sentiu um medo opressivo de que ele nunca acordaria.

— Maldito você, Yusef. — Ela disse. — Isso não vai fazer com que eu fique com você. Nem sequer me importo. Tão logo minha tripulação chegue, vou deixar você para trás.

O peito de Yusef subia e descia. Diferente disto, ele não se moveu.

Capítulo Treze

Outro dia se passou com Olena olhando para Yusef, sem quase cuidar dele. Os médicos atendiam a maior parte de suas necessidades. Ela estava sempre ali, eles nunca reclamaram e ela se recusava a sair. Seus pais e irmãos iam e vinham. Eles tinham poucas palavras para ela e ela tinha menos ainda para dizer a eles. Olek a observava cautelosamente, cuidando para manter uma distância. Isso divertia Olena, entretanto ela duvidava que pudesse vencer Olek em uma luta.

Olena dizia a si mesma que apenas iria se assegurar que Yusef ficasse bem e então poderia se concentrar em sua partida. Não era um homem ruim. Foi bom com ela, cuidou dela quando ficou doente. Ao menos poderia devolver o favor.

Olena estava tentando mentir para si mesma. Ela sabia. Recusava-se a reconhecer isto.

Olena olhava o Rei e a Rainha examinando seu filho. Eles davam tanta pena com seus rostos preocupados e ternas palavras murmuradas. Ninguém que ela conhece recebeu esse tipo de atenção.

Finalmente, ela não pode suportar mais, todos os gestos e sussurros de angústia. Dar voltas não fazia nenhum bem a ninguém. Era hora de acender um fogo baixo no imóvel Yusef.

— Dê-me um momento sozinha com ele. — Olena disse. Não era um pedido. Sua voz era rouca pela pouca pratica e os pais pareceram surpresos por ouvi-la falar depois de tão longo

tempo. Quando eles não fizeram menção de se mover, ela severamente disse. — Por favor.

O Rei olhou sua esposa. Mede movimentou a cabeça para a porta, dizendo.

— Nós estaremos lá fora se precisar de nós.

Olena esperou a porta se fechar. Oh, Yusef era bonito, até deitando ali tão doente e impotente. Sua cor melhorou um pouco, entretanto não o suficiente para sua esposa. Tudo em que Olena podia pensar e teve muitas horas para ruminar como tirá-lo do coma, era que havia apenas uma forma de tentar. Lentamente, tirou as botas. Olhando-o, disse.

— Eu conseguirei chegar até você, cavalheiro. Se isso não funcionar, já poderemos etiquetar seu cadáver e enterrá-lo a sete palmos debaixo da terra. Demônios, pode ser que inclusive eu mesma seja o coveiro.

Lambendo seus lábios, puxou as coberturas de seu peito nu. Os músculos duros não suavizaram de seus dias na cama do hospital. Ele vestia uma calça de algodão leve. Seus pés descalços.

Subindo em cima dele, ela sentou-se em seu quadril e deixou seu corpo pressionar intimamente seu membro relaxado. Ela se inclinou para olhar a porta e nervosa engoliu em seco. Tudo estava bem. Eles estavam sozinhos.

Olhou as feições de Yusef procurando qualquer sinal de uma reação. Usando suas unhas, ela as passou por seu peito, arranhando a pele levemente de seu pescoço grosso até o

estômago forte. Seu corpo era tão firme. Não havia uma grama de gordura em sua armação muscular. Sua carne quente sentia-se tão bem contra suas palmas que ela acariciou um pouco mais.

Olena podia facilmente se lembrar como habilmente seu corpo se movia contra o seu. Apesar dela mesma e sua missão de despertá-lo, ela se excitou com o que estava fazendo.

Acariciou mais, apertando suas mãos firmemente na carne que explorava. Esfregou seus pequenos mamilos, levantando-os com seu toque. Por um momento, ela pensou que sentiu que sua respiração parava. Mas estava tão absorta em sua própria exploração, que não tinha certeza. Parando, ela observou. Não havia mudanças.

A fase um de seu plano não estava funcionando. Olena decidiu passar para a fase dois.

Silenciosamente, tirou a camisa e deixou-a nos pés de Yusef. Sustentando seu próprio peso ela se inclinou para frente. Deixando seus mamilos roçarem o peito dele, roçou levemente seus seios ali. Olena mordeu os lábios, fechando os olhos enquanto as sensações se dispersavam como fogo através dela.

Olena ficou de quatro, deixando-se levar enquanto movia seus duros mamilos até seu rosto. Malvadamente, abriu os lábios com um apertado mamilo, tremendo ao sentir o hálito quente contra. Não queria nada mais que ele abrisse a boca e chupasse profundamente entre os lábios. Quando ela se afastou para sentar-se novamente em seu quadril, pareceu que ele

estava excitado sob ela. Sem pensar duas vezes, disse perversamente.

— Fase três.

Olena saiu da cama, só para desnudar-se completamente. Uma vez nua, voltou a ficar em cima dele. Sentou-se com as pernas abertas sobre sua grossa parte masculina, pegou a cintura da calça e puxou de uma vez expor seu membro aconchegado em seu ninho escuro. Inclusive em descanso era intimidante seu tamanho.

Olena não parou. Ela correu as mãos por suas coxas, acariciando o quadril e estômago enquanto reunia valor para tocar seu membro. Ela esfregou seus seios nos quadris próximos, apertando de forma mais intensa ao descobrir o incrível prazer dos pelos de suas coxas em seus sensíveis mamilos. O membro de Yusef se agitou entre seus seios. Olena estava ardendo por ele. Podia sentir a umidade que sua proximidade criou entre suas coxas. Sem pensar, percorreu seu corpo enxuto, deixando beijos como remédio em sua pele. Começando pelo umbigo, lambeu todo o peito para cima, passando a língua pelos mamilos, antes de continuar até o pescoço. O pulso dele se acelerou desde a última vez que ela comprovou. Ou era o seu próprio coração, que senti abatendo tão rápido e forte?

Seu quadril se aproximou da virilha dele, aquecendo-o com fogo úmido. Movia-se e agitava contra seu contato, deixando-a louca de poder luxurioso. O prazer a atravessou aos senti-lo.

Sua ereção ficou mais grossa e pressionava-a intimamente. Lentamente, seu quadril se esfregou contra ele, balançando, elevando a tensão e o desejo.

Inclinando-se em seu ouvido, mordeu o lóbulo e disse.

— Maldição, Yusef, se você acordar agora mesmo eu te darei a noite mais selvagem de sexo que você já teve.

* * * * *

Yusef sentia-se sair de um buraco negro para ir para uma nova classe de sonho. Este sonho era quente e úmido e estava fazendo coisas malvadas com seu corpo inerte. Seus lábios se abriram. Tentou mover-se, mas estava muito fraco para fazer qualquer coisa sobre a carícia erótica que sentia em sua boca. Era uma língua que se deslizava por ela? Não, não tão úmido como uma língua.

— Fase três. — Ele ouviu um sussurro e o calor saiu de seu corpo. Seu inteiro se balançou em protesto. Ele queria o calor de volta antes que o buraco negro o consumisse mais uma vez.

Seu desejo foi atendido. O calor voltou, só que desta vez para seu quadril. Ele sentiu uma carícia em sua virilidade, despertando-a como fez com sua boca. Fosse o que fosse, não queria que parasse.

Oh, ele pensou com prazer ofuscado, agora isto era uma língua. A carícia cruelmente deliciosa se movia acima de seu

estômago e peito, parando nos mamilos, só para continuar em seu pescoço e orelha. Suas entranhas se agitaram com a sensação. Então, ele sentiu um corpo feminino. Sua ereção encheu com uma urgência dolorosa, pronta para entrar no calor úmido e tortuoso. A língua encontrou sua orelha, rodeando-a pelas extremidades e dentes estavam prontos para morder seu lóbulo. Ouvindo as palavras que nunca esqueceria, em uma voz que o chamava como uma sereia.

— Maldição, Yusef, se você acordar agora mesmo eu te darei a noite mais selvagem de sexo que você já teve.

Suas mãos se agitaram, lutando contra tudo para tentar se mover.

— Se você sair deste hospital amanhã, eu até darei a você uma segunda noite comigo como escravo sexual. — Olena jurou, mais para seu próprio prazer que como promessa real. Não era como ele pudesse ouvi-la, de qualquer maneira. Passou a beijar sua boca.

Yusef ouviu. Yusef memorizou. Yusef planejava cobrar.

Ela esteve tão preocupada com ele. Sentindo sua ereção, ela precisava mais que qualquer coisa que acordasse e acabasse com a dor que ele colocou nela desde a primeira vez na tenda. Sua língua passou suavemente por sua boca. Ardentemente, ela disse contra seus lábios.

— Eu farei qualquer coisa sórdida que quiser, em qualquer posição, em qualquer lugar. Apenas saia desse maldito coma.

Libertando-se, Yusef gemeu. Ele ergueu as mãos para a cintura dela, acariciando suavemente. Sua boca se abriu e pressionou os provocantes lábios dela, aprofundando o beijo e deixando-o apaixonado.

Olena sacudiu em surpresa, mas ao sentir seus experientes lábios saboreá-la, esqueceu seu plano de parar quando ele acordasse. Ele levou os dedos aos seios dela, apertando os duros mamilos. Olena gemeu.

— Oh, pássaro de fogo. — Yusef gemeu. Sua voz era rouca por seu apaixonado despertar. Ela sentiu como em um sonho suave, quente. Seu quadril esfregou a longitude masculina, ainda sem tomá-lo, mas sim sem se afastar.

Ele tirou as mãos de seus seios, sabendo o que seu corpo queria dele. Ele também queria. Com uma força que ele não deveria ter sido capaz, firmemente agarrou seus quadris e a ergueu para cima. Olena ofegou em surpresa, afastando seus lábios. Era muito tarde para pará-lo. Yusef se colocou com facilidade as cegas. Seu fogo chamando por ele. Ele não parou para pensar. Uma mulher atrevida e apaixonada sabia o que estava pedindo. Com um puxão de suas mãos fortes, ele empalou a ereção profundamente em seu corpo quente, apertado.

Olena congelou em horror quando ele atravessou sua virgindade. Um grito deixou seus lábios em um suave arfar e agonizante dor. Sua boca tremeu nada não saiu nada além de um apelo. Seu enorme tamanho machucava muito. O prazer

escapou de seu corpo com a reivindicação dele. Ele a agarrou tão firme que estava muito assustada para mover-se. Ela esperou a dor parar. Não o fez.

Yusef sentiu sua paixão se drenando e ser substituída por medo. De repente, a tensão desconfortável de seu corpo penetrou em seu cérebro ofuscado. Seus olhos piscaram e se abriram, já amarelos por causa de sua paixão. Ele a viu claramente, o horror atordoado de sua expressão.

— O que é isso, pássaro de fogo?— sua mente esteve apagada, mas sua grossa ereção ainda tinha que terminar sua tarefa.

— Oh. — Ela disse em vez de responder, segurando a respiração. Ela disse à única que veio em sua cabeça em resposta. — Eu deveria saber que você estava fingindo estar doente cavalheiro!

Yusef piscou completamente confuso.

Olena passou para a ação. Ela saiu dele, vacilando uma vez que a dureza se foi. Sem parar, saltou para o chão, suas pernas cambaleando quando aterrissou. Pegando os lençóis que ele tinha nos pés cobriu o corpo nu. Evitando olhá-lo, encontrou sua camisa e passou-a pela cabeça. A ira era mais fácil de lidar que o medo e a dor.

Yusef tentou sentar, mas era muito difícil se mover. Suas costas doíam terrivelmente. Olena inclinou-se para frente e ele pode ver os reveladores rastros de sangue em suas cremosas

coxas. Foi como se o houvessem golpeado com uma pedra. Ela era virgem.

Apenas quando esteve completamente vestida, ela virou-se para olhá-lo. Havia recuperado parte de sua postura, mas seus olhos não eram tão maliciosos quando o olhou. Seus lábios se abriram, como se estivesse pronta para gritar. Sua mandíbula se fechou bruscamente e o que acreditou ser o mais digno. Saiu correndo.

Yusef viu como ela saía desesperado para ir atrás dela. A confusão e tormento dela se arrastaram e não desejava nada mais que tomá-la de novo em seus braços e mostrar-lhe que suas relações não tinham que ser assim, se ela tivesse dito que era inocente, nunca teria se cravado tão selvagem e profundamente nela. Teria entrado suavemente. Se ela houvesse contado desde o início, ele teria se concentrado em sua paixão de forma diferente. Como poderia imaginar sequer que a atrevida beleza com a qual se casou não era tão atrevida como parecia? A mulher beijava como uma experiente. Movia-se em sua nudez sem vergonha, como se fosse o mais natural do mundo para ela, como se muitos houvessem visto seu corpo e ela soubesse como usá-lo.

Olena não olhou para trás. Batendo o botão na parede, ela viu quando porta se abria. Para sua mortificação, lembrou-se que os pais de Yusef estavam esperando do outro lado da porta. Vendo seu pálido rosto, eles avançaram com preocupação.

— Seu filho acordou. — Ela disse para evitar suas perguntas. Com isso, ela pegou o corredor abaixo, deixando o Rei e Rainha confusos olhando para suas costas antes de se apressarem para seu filho.

* * * * *

Yusef ficou surpreso ao ver seus pais. Ele tentou vestir novamente a calça e ficou contente por estar mais ou menos no lugar quando eles entraram. Vendo a preocupação no olhar de sua mãe, lhe dirigiu um sorriso torcido.

Ela relaxou.

— Yusef. — Ela não o tocou agora que estava acordado, mas o instinto maternal ainda era forte nela e pode ler em seu rosto sem que ela dissesse uma palavra.

— Onde Olena foi?— Ele perguntou, tentando sentar-se.

— Ela decolou corredor abaixo. — O Rei disse. — Não se preocupe. Todos os guardas têm ordens de não deixar as Princesas saírem do castelo.

Vendo a preocupação de Yusef, Mede adicionou.

— Ela está do seu lado desde que chegou aqui. Eu estou certa que saiu correndo por estar envergonhada.

Yusef franziu a testa. Seus pais sabiam o que acabou de acontecer entre ele e sua esposa?

— Olena foi sequestrada pelos Var. — O Rei disse. Mede enrugou a testa, mas afastou-se para deixar os homens conversarem.

Pai e filho tinham seus próprios modos. O Rei depressa o colocou em dia com o acontecido, terminando por dizer.

— Ela lidou bem com isso.

Yusef movimentou a cabeça, seu coração galopando ao pensar no que poderia ter acontecido se sua família não estivesse ali.

— Veja. — A Rainha adicionou, com sabedoria. — Não deixou que os médicos a examinassem para ver se tinham feridas internas. Quando seu pai e seu irmãos a encontraram, estava amarrada a uma árvore, nua da cintura para cima. Temíamos que ela...

Yusef pensou no que acabou de acontecer. Sabia que não era possível que ela foi estuprada.

— Bem, é possível que por isso ela saiu daqui tão rápido. — A Rainha disse. — Pode estar envergonhada pelo o que aconteceu. Tem um espírito lutador.

Yusef movimentou a cabeça.

— Eu falarei com ela.

Mede suspirou, conhecendo seu filho não a julgaria por isto. O estupro nunca era culpa da vítima.

Olhando para Mede, o Rei disse.

— Vá buscar o médico.

Mede movimentou a cabeça e ficou de pé.

— Agora, sobre seu ataque. — O Rei começou quando ficaram sozinhos, observando Yusef. — O que exatamente aconteceu?

* * * * *

Olena não parou quando chegou à entrada do castelo. O guarda a saudou quando passava, mas não bloqueou sua saída. Pelo olhar que lhe lançou, não sabia quem era ela.

Vendo a aldeia no vale diante de seus olhos, ela correu para o caminho da floresta que levaria até lá. Era tarde, mas os três sois simplesmente estavam fracos, dando uma luz azulada ao solo facilmente visível. Tudo o que ela tinha que fazer era para o Posto Exterior, pegar suas identificações e algumas roupas. Então estaria fora da vida de Yusef para benefício de ambos.

Ainda que tivesse que ir até o Rei Attor de Var e fazer um acordo, nunca voltaria para o Palácio de Draig! E nada e ninguém poderiam fazer com que voltasse!

— Capitã Olena.

Olena congelou enquanto as palavras profundas vieram calmamente da floresta. Era como se seu locutor estivesse esperando por ela. Sua mandíbula levantou-se. Não era ninguém de sua tripulação.

— Eu não sabia você estava pirateando por estes lados. — As palavras continuaram saindo do homem. — Parece um

pouco por baixo de suas habilidades. — Olena procurou na floresta colossal, vendo o caminho de terra vermelho antes cercado por samambaias amarelas que pareciam verdes no crepúsculo. Ela não se moveu até que descobriu um movimento ao seu lado. Viu se acender um charuto antiquado. Só uma pessoa que ela sabia fumava estes.

— Doc? — Olena perguntou, piscando com surpresa. Ela nunca imaginou que encontraria a cabeça da Aliança Médica ali. Surpresa, não pode falar por confusa que estava. Doc Aleksander era alguém com quem tropeçou umas poucas vezes em trabalhos pequenos. Ele se mantinha afastado de seu caminho e ela também respeitava a distância dele, mas depois que ele lhe pagava o que de direito, claro. Era um roubo da parte dele, mas Olena simplesmente sorriu. Ela também roubava habitualmente. Encontrando sua voz, o brilho alaranjado iluminava seu rosto quando ela disse.

— Não sabia se quer que a Aliança estivesse em missão neste planeta esquecido. O que te traz por aqui?

Aleksander saiu das árvores, rindo asperamente, como se estivesse no mais seleto clube de cavalheiros. Seus movimentos eram graciosos e refinados. Quando ele balançou o charuto ao redor, foi com um ar de elegância. Ele vestia um terno escuro, caro e elegante. Seu cabelo estava penteado para trás, as mechas combinando com o negro de seu bigode grosso, que retorcia quando ele falava ou fumava, como estava fazendo agora. Ele sorriu enquanto a fumaça saía de seus lábios.

— Um desvio secundário. — Ele disse com um gesto.

Olena não ousou se mover. Ela não ousava mostrar medo. Os homens como Doc Aleksander nunca viajavam sozinhos. Ela só podia imaginar os homens que deveriam estar escondidos entre as árvores. Fingindo que tinha todo o tempo do mundo, ela disse.

— Eu também.

— Então não tem nada entre as mãos, Capitã?— Seus olhos vagaram sobre seu cabelo e bochechas pálidas. Admirando seu corpo flexível, ele deixou um sorriso desinteressado tocar seus lábios.

— Desculpe Doc. — Olena disse.

Ela se manteve firme enquanto ele se aproximava perigosamente. Os nervos saltavam em sua pele. Esse homem era más notícias. Ouviu terríveis histórias sobre o que ele fez com pessoas que simplesmente olharam torto. Extirpou cirurgicamente seus olhos sem anestesia.

— Você sabe que sempre fui franca com você. — Olena disse. — Eu perdi minha nave e tive que engatar um passeio rápido. A fuga me trouxe aqui. Se eu tivesse algo, diria. Mas já me conhece. Eu sempre acabo onde o dinheiro está. Encontrarei algo para pagar minha apólice de seguros. Apenas necessito algo de tempo para encontrar a forma. Estes mutantes não estão tão mal, para ser uma raça primitiva.

— Mutantes?— Doc perguntou. Olena pensou que ele sabia, ele normalmente sabia tudo. Suas sobrancelhas se

estreitaram levemente em desgosto. Ele também era conhecido por ser um purista. Aceitou raças alienígenas por pura necessidade, mas ele pensava que não eram suficientes bons para um humano... bom... — Diga-me Olena, você se move bem por aqui?

— Bem o suficiente. — Ela respondeu, se esforçando para encolher os ombros. — Não há muito para conhecer. Este lugar é terrivelmente selvagem.

O braço do homem avançou vagarosamente para cima de seus ombros, quando ele a levou para o interior da floresta, longe do palácio. De repente, seu estômago balançou ao pensar em Yusef. O cigarro do Doc estava perigosamente perto de sua bochecha, aquecendo sua pele. Ela sorriu, ignorando isto. Ela não pensou em nenhum momento que fosse accidental.

— O que acha se você e sua tripulação não tivessem que pagar por um seguro nunca mais? — Ele perguntou.

Os ouvidos de Olena se ergueram intrigada por sua oferta. Tal oportunidade nunca surgiu.

— Estou escutando.

— Acha que pode roubar um prêmio? — Ele suavemente perguntou, parando de vi-la-á. Seu braço deslizou através da parte de trás de seus ombros enquanto aproximava sua mão livre para tocar a base de sua garganta. — Valeria a pena.

— Quanto?— Ela perguntou como uma autêntica pirata. Doc sorriu em apreciação, enquanto sua mão ia de seu pescoço para descansar ligeiramente acima de seus seios. Ela não

vacilou quando ele a tocou, mas ela queria. Seu abraço não era nada como o de Yusef, inclusive porque seu corpo ainda doía onde ele esteve.

— Nomeie seu preço. — Doc moveu sua mão para sacudir o charuto antes se colocá-lo na boca novamente. Ele soltou suas mãos dela. — Ah, maldição, é muito ruim que já esteja casado.

Olena ignorou a comentário enquanto o olhar dele a percorria como se não quisesse nada além de jogá-la no chão sujo. Sentindo arrependimento por Yusef, ela disse.

— uma passagem para fora desta montanha.

— Feito. — Doc movimentou a cabeça.

— Cinquenta mil. — Ela continuou a permutar como era esperado.

— Feito.

— Minha própria nave?— Ela perguntou, deixando um sorriso endiabrado em suas feições.

— Eu aprecio sua cobiça. — Ele cordialmente riu. — Mas não me pressione tanto.

Sabendo que ele não iria tentar qualquer coisa, ela encolheu os ombros.

Franzindo os lábios, fez um beicinho sedutor.

— Não pode culpar uma mulher por tentar.

— Especialmente uma tão teimosa quanto você, minha querida Capitã. — Doc disse. Havia apenas prazer em seu tom, nenhuma desaprovação. Passagem e cinquenta mil? Sem

mencionar imunidade da Aliança Médica para ela e sua tripulação. Este negócio era muito bom para deixá-lo escapar. A única desvantagem era que tinha certeza que a obrigaria voltar para o palácio. Se o que ele quisesse estivesse fora da fortaleza, já o teria conseguido. Não queria ver Yusef novamente. Ela estava muito mortificada. Mas, se ela recusasse a oferta de Doc Aleksander poderia acabar morta.

Melhor humilhada que torturada, ela pensou.

— Então, chefe, o que você está procurando para começar?— Ela perguntou com um sorriso vívido e um brilho malicioso nos olhos. — Se que pode ser levantado do chão, a Capitã Olena poderia roubá-lo.

O sorriso do Doc vacilou em seus traços enquanto seu rosto perdia todo seu encanto.

— Minha filha.

Capítulo Quatorze

O palácio era um lugar deslumbrante. Para ser um palácio protegido e decorado por uma raça antiquada de homens guerreiros, era fantástico. Dispunha de cinco alas construídas dentro, em cima, e ao redor da montanha mais alta do planeta. Olena foi informada que cada Príncipe projetou sua própria ala. Para seu assombro, e a julgar por suas casas, descobriu que cada um dos irmãos era qualquer coisa menos cópias de carbono de cada um. Enquanto a casa de Morigan e Ualan era todo fogo, mármore, e pele, a casa de Zoran e Pia era basicamente de madeira, dando ao lugar um ar de chalé oriental real. A casa de Yusef era muito simples, mas ela tinha uma sensação de que o posto avançado é o lugar onde ele passou a maior parte de seu tempo.

A casa do príncipe Olek e a Princesa Nadja fervia de verde e vida vegetal. Cresciam desde um solário ao redor de uma porta até o teto. Uns enormes aquários ocupavam inteiramente duas paredes. Um era claro e com enormes peixes azuis. O outro tinha águas turvas através das quais Olena não via nada exceto vestígios de vida que moviam entre os vidros. No centro da sala havia uma fonte de água natural, relaxante e tranquila em sua resplandecente beleza. Também tinha plantas crescendo em todas as rochas. Tudo isso não ajudava em nada a tranquilizar os temperamentos amargos das quatro princesas reunidas.

Olena não voltou para a ala médica, optando covardemente por se esconder. Yusef estava preso no hospital e então não podia ir para sua casa no palácio.

Ela aproveitou-se daquele fato e aproximou-se do resto da família. Apenas pela graça de Rainha Mede que enviava um empregado com bandejas de comida. A rainha foi uma vez e levou-a para percorrer o palácio e apresentou a suas novas irmãs. Foi extremamente incomodo.

Ficou surpresa com o convite de Nadja para juntar-se ela e as outras Princesas em sua casa para uma visita. Mas, pensando sobre Doc, sabia que não tinha nenhuma escolha. Teria que ir, ainda que fosse para julgar a filha por si mesma. Não via outra maneira. Se ela não recuperasse a mulher para ele, acharia um caminho para chegar a sua filha ele mesmo e o corpo de Olena nunca seria encontrado.

Olhando ao redor para as outras cadeiras, Olena notou que as outras pareciam tão deprimidas quanto ela se sentia, especialmente Morrigan cujo pálido rosto e olhos vermelhos delatavam que estava de ressaca. Estirando os braços acima de sua cabeça, Morrigan bocejou. Era o único movimento que ela fez por algum tempo.

— Então, alguns de seus maridos mentiram para vocês sobre quem eles eram?— Olena tentou começar uma conversa. Seu cabelo estava preso em um coque e seus olhos brilhavam com malícia tentando esconder o que estava sentindo

realmente. Talvez a filha do Doc quisesse ser resgatada e devolvida ao seu pai. Talvez fizesse um favor para a mulher.

— Eu pensei que o meu fosse um guarda da prisão. — Pia riu sombria. Olena a olhou. Certa, aí estava uma princesa infeliz.

— Eu costumava imaginar o meu como um jardineiro. — Morrigan disse, dobrando sua mão em baixo da cabeça no encosto da cadeira. Murmurando suavemente para não perturbar sua cabeça delicada. — E um homem das cavernas.

As mulheres riram. Olena franziu a testa levemente. Morrigan não parecia estar muito infeliz, entretanto ela sentia-se obviamente miserável. Olena não podia dizer se era porque não gostava do Príncipe Ualan ou porque bebeu em excesso na noite anterior. Nadja ruborizou. — Eu chamo o meu de dragão.

Hum, Olena pensou, aquela resposta era vaga.

— Eles são todos dragões, se me perguntar. — Morrigan piscou um olho para Nadja.

Nadja riu sem animo enquanto levantava para atender a porta. Era a rainha.

Mede entrou no círculo íntimo de mulheres e movimentou a cabeça.

— Eu ouvi que todas vocês estavam aqui.

Olena não se moveu. Manteve sua expressão velada enquanto observava as outras três mulheres. Nadja sorriu com sinceridade. Morrigan penosamente rejeitou a mover-se. Pia

parecia vigilante, como se não soubesse como lidar com a rainha.

— Como está Yusef? — Olena perguntou, antes que ela pudesse parar para pensar. De repente ruborizou e se negou a olhar para as outras mulheres.

— Ainda acordado. — A Rainha respondeu. — E ainda com seus irmãos. Eles falam de lutar e isso sempre deixa guerreiros felizes, porque é algo que sabem fazer muito bem. — Olena concordou, inclinando-se de volta em sua cadeira e tentando fingir que não se importava de qualquer modo. Não enganou ninguém.

Mede olhou para Morrigan de ressaca e ergueu a sobrancelha delicada levemente. Morrigan olhou para o outro lado. A seu favor, a rainha não disse nada.

Nadja de repente perguntou se alguém queria algo para beber. Morrigan logo recusou seu oferecimento ficando mais pálida. Todas riram, apesar de seu humor.

— Não, querida, nós estamos bem. — A Rainha respondeu. Em seguida ficaram em silêncio. Mede ficou desapontada por que as mulheres não continuarem livremente a conversa. Ela ouviu a risada suave e ficou ansiosa para fazer parte disto. Mas, também sabia que as mulheres tinham seus próprios problemas. Ela não podia culpá-las. Seus filhos eram grandes homens, mas eram às vezes muito teimosos para seu próprio bem. — Filhas. — As Princesas olharam esperançosas para

Mede. A Rainha avançou e sentou-se entre elas, observando-as uma a uma.

Olena notou a astúcia da mulher e perguntou-se o que ela faria. Quando ela a levou para a excursão no palácio, Mede tentou sondá-la. Olena não deu à mulher nada, ardilosamente evitando suas perguntas.

— Chega disto. Este planeta está desesperadamente precisando de mais mulheres e eu pretendo ver cada uma de vocês explorarem o poder que possui. — A Rainha disse. — Seus maridos são guerreiros. Eu espero que agora cada uma tenha uma ideia do que quer dizer. Mas só porque eles fizeram as regras, não significa vocês não podem usá-las. Vocês têm mais poder do que pensam. Então, contem-me seus problemas com meus filhos e darei a vocês a solução de Qurilixen. Acho que é hora das mulheres reais terem vantagens desta vez.

Lentamente, uma por uma, as mulheres sorriram, mostrando-se cada vez mais confiantes com a sincera Rainha, exceto Olena que apenas sorriu porque era o que esperavam dela. A rainha concordou, feliz. Sim, Mede pensou para si mesma, assim era como deveria ser com suas noras. Ela esperou muitos anos para que seus filhos arruinassem seus planos de ter uma família extensa.

— Pia. — Mede olhou intencionalmente para a mulher. Naquele momento, Pia sabia que a Rainha conhecia suas dúvidas, mas estava sendo paciente. — Por que você não vem primeiro? — Antes que Pia pudesse responder, Olena

lentamente ficou de pé, chamando a atenção de todos os olhos para ela. Tranquilamente disse. — Eu vou ver Yusef. — A Rainha movimentou a cabeça. As Princesas ficaram mudas, todas com exceção de Nadja que ordenou a porta se abrir. Olena silenciosamente saiu da casa.

— Ela disse qualquer coisa sobre seu seqüestro? — A Rainha perguntou quando ela se foi e a porta fechou. As outras balançaram negativamente a cabeça.

— Pobre, pobre mulher. — A Rainha voltou seus olhos tristes para suas filhas. — Eu não posso imaginar o horror que passou.

* * * * *

Yusef estava cercado por seus irmãos. Sorria e ria com eles, enquanto faziam piadas sobre o golpe em sua virilidade que recebeu de sua esposa. Yusef estava ainda irritado por ter que colocá-la de castigo. Porém, ao descobrir que era virgem e o tempo que se passou diluiu seu mau estar o suficiente para receber as piadas de seus irmãos com bom humor.

— Uma vez de volta ao palácio. — Zoran declarou. — Ela quase desmontou nosso pequeno irmão de seu ceffyl.

Olek franziu o cenho.

— Eu não o invejo nenhum um pouco, irmão. Eu quase fiz o favor deixá-la na porta dos Var.

Yusef riu, sabendo que Olek estava brincando.

— Eu tenho com você uma grande dívida por recuperar meu pequeno pássaro de fogo. — Yusef ficou sério. — Seu remédio era justamente o que eu precisava para acordar.

— Oh. — Ualan riu muito. — Eu não quero ouvir nada disto!

Yusef apenas sorriu orgulhoso e sem vergonha.

— Então como estão suas esposas? — Yusef perguntou. Imediatamente, as expressões divertidas dos Príncipes sumiram. Yusef suspirou. Eles não disseram uma palavra. Então, para levantar o humor, ele disse. — Bem, pelo menos elas não tentaram desmembrar vocês.

Os irmãos novamente riram.

* * * * *

Olena chegou silenciosamente na porta da ala médica, seu coração martelando no peito ao ouvir as risadas masculinas. Ela parou, não entendendo o que eles diziam já que não falava sua língua.

Ela deixou Nadja uma hora atrás aproximadamente, apenas agora se sentia o suficiente valente para enfrentar Yusef. Apenas foi porque o médico a viu pelos corredores e disse-lhe que poderia ir buscá-lo. Podia ir para a casa, mas o médico queria supervisionar o traslado e pensou que sua esposa seria a melhor para esta tarefa.

De repente, um empregado entrou na ala médica e as risadas pararam. Ele saiu outra vez, seguido pelo Príncipe Zoran. Olena ergueu sua mandíbula para o Príncipe. Ele movimentou a cabeça distraído.

Olena avançou para enfrentar seu marido. Apenas levou um instante para que ele a olhasse nos olhos. Parecia quase completamente recuperado, com exceção da tipóia no braço. Estava apoiado em seu delicioso peito. Olek e Ualan olharam um para o outro e depressa saíram. Olena olhou para eles, devolvendo a testa franzida de Olek com uma própria. Quando ficaram sozinhos, ela perguntou suavemente.

— Você está pronto? Disseram para buscá-lo.

Yusef lançou as pernas do lado da cama. Ela parecia adorável. Devorou todas suas curvas com seus olhos, ansioso para tocá-la, abraçá-la, beijá-la. Tinha que lutar contra uma curiosidade possessa ao saber que ele era o único homem que a possuiu.

— Olena. — Ele começou.

Olena fez uma careta irritada. Seu tom era muito terno para ela. Girando suas costas para ele, ela disse.

— Mencione isto e farei mais que ganhar um simples castigo.

Yusef sorriu ao pensar em seu espírito lutador e na visão que tinha de seu traseiro muito firme quando ela saiu. Ele mancou levemente atrás dela e suas costas o estava matando.

Olena se apressou na frente dele para o corredor que levava para sua casa.

— Eh! — Ele chamou, precisava parar esse ritmo furioso. Olena girou para ele ao ouvir seu grunhido.

Ele se apoiava contra uma parede, descansando. Para seu prazer, seu rosto caiu e correu para seu lado, esquecendo de qualquer coisa. Olena olhou seu rosto marcado. Ela moveu as mãos para seu peito nu, preocupada. Toda vergonha ao vê-lo outra vez a abandonou enquanto percorria com os dedos os lados em um esforço de ver suas costas. O que encontrou quando o fez gelou seu sangue. Havia uma dúzia de longos e profundos cortes marcando sua pele. Estavam fechados e cicatrizando, mas Olena sabia que deveriam estar doendo terrivelmente. Piscando, ela olhou para ele.

— O que aconteceu com você?— Sua voz era rouca, fraca. Yusef ficou surpreso com seu sussurro atormentado, enquanto o braço que não estava na tipóia se levantava para tocar seu rosto. Ele encontrou sua bochecha com seus dedos, suavemente.

— Eles não disseram a você? — Ele perguntou.

Olena movimentou a cabeça.

— Mas você realmente não viu quem fez isto?

— Não. Mas, nós vamos encontrá-los. — O dedo polegar de Yusef se moveu para localizar seu lábio e para seu encanto sentiu seu arrepio. De repente, seus olhos ficaram tristes.

— "O quê? Está machucando?

Yusef meramente sorriu e ela enrugou seu nariz com a obviedade de sua pergunta. Em vez de responder, ele fez uma pergunta.

— Você disse a sério quando ameaçou me deixar?

Olena quase esqueceu que ela disse aquelas palavras. Ficou rígida, afastando-se dele. Seus olhos nublados mais uma vez, o laço delicado entre eles cortado pela vontade dela.

— Eu não sou material de Princesa, cavalheiro. — Ela deslizou um braço ao redor do seu para ajudá-lo a caminhar. Ele se apoiou levemente nela enquanto seguiam um ritmo mais leve. — Que tal nós deixarmos isso no momento?

Uma vez de volta a sua casa no palácio, Olena o soltou. Eles entraram silêncio. Yusef estava atormentado por suas palavras. Olena, odiando a si mesma pelo que faria com sua família, não podia olhá-lo.

Ofegando, ela disse.

— Disseram para saber se precisa de ajuda para tomar banho.

Não, ele não precisava de ajuda, mas não iria admitiria isso. Um plano pequeno se formou em sua mente, Yusef decidiu que talvez houvesse melhores caminhos para convencer sua esposa teimosa que ela pertencia a ele. Qualquer coisa valia a pena tentar.

— Você não se importaria? — Ele soltou um gemido de dor penoso e fingido. Não havia muita comédia nisso. Suas costas doíam.

— Não. — Ela se apressou. — Claro que não.

Era o mínimo que poderia fazer, vendo como ela iria abandoná-lo e ainda sequestraria sua cunhada. As sobranceiras de Yusef se ergueram com sua resposta.

Olena escondeu seu rubor, enquanto dizia.

— Bem, você me ajudou no banho quando eu estava doente. É o mínimo que posso fazer por você. E os médicos deixaram você aos meus cuidados. Entretanto, eu tenho que dizer, eu não sou nenhuma enfermeira.

— Tenho certeza que fará tudo certo. — Os olhos de Yusef se iluminaram ao pensar em como ela o tirou do coma. Uma pouco mais desse remédio e iria dar saltos mortais como o melhor atleta do mundo.

— Talvez você devesse se transformar. — Ela mordeu seu lábio pensativamente. Embora, tivesse pensado que isso iria ajudá-lo, tinha que admitir que sentia curiosidade para ver como seria, completamente mudado. Ela se perguntou se tudo ficaria duro como uma armadura, como seu... bom... Olena deu as costas a ele antes que pudesse ver a expressão de seu rosto.

Yusef sentiu o impulso do desejo dela o golpeando e sentiu-se aliviado. Aparentemente seu pequeno encontro na ala médica não a afastou dele completamente. Ele só teria que ter uma forma suave, mais gentil de se aproximar de seu corpo e fazê-la derreter para ele. As paixões maiores, mais exigentes e duras viriam mais adiante. Perguntou-se quanto iria custar-lhe convencê-la de que o deixasse apaziguar a dor que ele provocou.

Ela anteriormente se rendeu a seu desejo facilmente. Um silêncio longo e embaraçoso passou por Olena. Seu corpo ficou quente com o familiar desejo que sentia por ele.

Finalmente, Yusef disse.

— Eu não posso. Poderia prejudicar os ferimentos.

— Oh. — Ela murmurou.

Yusef sorriu. Isso era decepção? Maldição, mas se sua esposa não era uma raposa embriagadora! Se ela estava tão ávida para tocar sua forma Draig, ele alegremente a deixaria. Não que ele pudesse senti-la tão bem sob a armadura dura de sua pele. Sorrindo, pensou em outros jogos que poderia incluir sua forma Draig antes que ele mudasse para tomá-la. O jogo do guardião e a cativa veio a sua mente instantaneamente, como o do caçador e a perseguida.

Seus olhos brilharam com tons de dourado por causa da paixão, que rapidamente abafou antes que ela pudesse ver por completo a força de seu desejo.

— Bem, vamos. — Ela olhou para ele. — Acho que poderia usar a fonte quente assim pode se sentar.

A fonte era perfeita para Yusef. Pensando em suas mãos em seu corpo, ele gemeu. Quando ela olhou para trás ao ouvi-lo, ele transformou seu luxurioso olhar em um gesto imediato de dor.

— Talvez deixaram você sair muito cedo. — Ela disse, mais para ela mesma.

— Não, eu fiz com que me dessem alta. — Antes dele poder evitar, disse. — Prometeram-me uma escrava sexual se saísse. Acho que as palavras exatas foram que faria qualquer coisa sórdida que quisesse, em qualquer posição e em qualquer lugar.

Olena congelou.

— Eu só disse isso para você acordar.

— Funcionou.

Olena escondeu seu rosto vermelho dele. Só de pensar nisso, o fez despertar, mas não da forma como a ela se referia.

— Oh, pare! — Ela olhou indignada, as mãos em seus quadris. — Vamos deixar as coisas claras. Eu era tecnicamente virgem. Isso não te converte em um tipo de herói conquistador nem nada. Simplesmente foi o primeiro homem com o qual surgiu a oportunidade. Refiro-me a que todos aqueles com os que estivessem antes eram vítimas as quais tentava roubar e antes que pudesse acontecer algo importante sofriam uma agulhada do alfinete de vaga-lume, assim não aconteceu. E em seguida está minha tripulação, mas eles inclusive são mais alienígenas que você. Assim então, pode dar seus merecidos golpes nas costas e vamos deixar isso. De acordo? Estupendo.

Yusef simplesmente sorriu, sem se mover.

— Oh, você é impossível. — Ela fez uma careta, rolando seus olhos. — Vamos.

Yusef a seguiu até o banheiro. Quando ele não se despiu, ela olhou para ele esperançosa. Ele fez uma careta

envergonhada, enquanto dizia. — Você se importaria? Eu não posso me curvar ainda.

Olena engoliu em seco, automaticamente olhando para sua virilha. Repreendendo-se internamente, limpou a garganta.

— Não, claro que você não pode.

Olena manteve seus olhos afastados enquanto tirava sua calça, recusando-se a olhar. Não era como não houvesse visto um homem nu antes. Mas agora, lembrando-se quão poderoso o sentiu dentro dela, estava nervosa.

Yusef tentou não rir quando ela mordeu seus lábios e tentou tirar sua calça com a ponta dos dedos. Levou um tempo para perceber que sua calça estava presa em sua ereção. O que aconteceu com sua atrevida ninfa do bosque?

— Você se importaria de soltar a tipóia?— A voz de Yusef ficou mais grave. Ela lhe olhou com os olhos muito arregalados, vividos em seu verde encantador. Ele viu como sua postura oscilava. — Algo está errado?

— Ah. Não, não, nada.

Olena foi para ele. A tipóia estava presa em seu ombro e ela teve que se apoiar de lado nele para poder soltar o nó. Yusef deixou sua coxa nua roçar a calça dela. Ele a sentiu ficar tensa e tremer. Suas mãos ficaram brigando com o nó mais tempo que o devido, mas quando se afastou, estava solto. Yusef sorriu, entrando no banho quente. Ele lentamente sentou-se. A água quente fez maravilhas com ele.

— Por que você não tira suas roupas e entra? — Os olhos de Yusef se iluminaram com o desafio, parecendo dizer, não está com vergonha, verdade? — Seria capaz de me ajudar melhor.

Olena olhou, mas pensou que ele deveria estar muito fraco para poder fazer alguma coisa. Sentindo-se muito consciente de seu próprio corpo pela primeira vez na vida, tirou a camisa. Quando os olhos dele se iluminaram de satisfação, ela sentiu uma espécie de gratificação por seu interesse. Ela não foi tão rápida para tirar a calça e revelar a abertura de feminilidade diante dele. Para surpresa de Olena, não estava nada irritada com ele pelo que aconteceu. De fato, estava traidoramente disposta a deixá-lo tentar que fizesse de novo. Ela sentia a atração, incrementando o ardor com um simples olhar dele na água borbulhante. Levou mais tempo que o devido para entrar na água.

Yusef era cavalheiro suficiente para não comentar. Seu olhar desceu por sua garganta e seio enquanto se abaixava na água quente. Seus seios flutuavam na superfície, a água lambia os mamilos até que ficaram duros. As mãos dele doíam por causa da tensão em mantê-la sob controle e sentia que lhe desobedeciam e tocar-lhe-ia sem permissão. Olena pegou o sabonete e passou para ele. Novamente, ele disse.

— Você terrivelmente se importaria?

A boca de Olena ficou seca, mas ela inclinou-se para frente. Separou seus lábios levemente quando seus dedos

tocaram o peito duro. Ela o ensaboou em círculos, passando por toda a parte superior. Ela tocou suas costas de leve, tomando cuidado com os ferimentos.

Olena se afastou. Ela olhou para a água.

— Você pode erguer seu pé?

Yusef aguentou a dor sem hesitar e deu um jeito. Enquanto notasse seus seios roçando-o, não importava suas feridas. Ela limpou um pé e uma panturrilha peluda; logo a outra perna. Quando ele estava outra vez sentado, ela o olhou.

— Talvez você deva ficar de pé. — Olena lambeu os lábios. A textura de sua pele estava fazendo algo muito sedutor com seus sentidos.

Yusef, pensando em seu membro duro sob a água, só hesitou por um momento. Era impressão dele ou a voz dela estava ficando rouca?

Enquanto se erguia orgulhosamente diante dela, segurando seu braço levemente contra seu peito, Olena ofegou. Ele estava completamente excitado. Yusef encolheu os ombros.

— Eu não posso evitar. Você pode ignorar?

Olena movimentou a cabeça. Ela tirou as mãos da água e foi para suas coxas, subindo para seu quadril. Seu membro estava tentadoramente perto de sua boca. Ela nunca tomou ninguém em seus lábios, mas ouviu alguns homens falando dessas coisas e de como lhes dava um infinito prazer. Daria prazer a Yusef?

Yusef viu sua boca se abrir enquanto estava perto de seu pênis. Levou todo seu controle para não empurrar para frente entre seus doces lábios. Os dedos de Olena deslizaram por seu traseiro. Ela o ensaboou tão perto que podia sentir o calor do corpo dele perto do seu.

Os olhos de Yusef escureceram quando os dedos pararam em seu traseiro, passando de limpar para acariciar, cada vez mais carinhosamente enquanto ela gravitava da forma natural para ele. Tocando-lhe o rosto, ele perguntou.

— Ainda dói?

O olhar tímido de Olena se afastou dele ao ouvir a descarada pergunta. Quando ela não respondeu, Yusef deslizou a mão dos lados.

— Vire-se. — Ele disse.

Olena afastou as mãos dele.

— Confia em mim. Eu quero te mostrar algo.

Olena não podia recusar o gentil pedido em seus olhos ou as firmes linhas moveis de seus lábios. Yusef a agarrou pelo estômago plano e a apoiou contra ele. Seus corpos se inclinaram de forma que a ereção dele pressionava com suavidade seu traseiro, que se abria levemente para sua longitude.

Yusef levou os dedos para seus mamilos, desenhando círculos e beliscando-os com atenção agonizante, antes de se mover para baixo por seu estômago plano para descansar acima

de sua abertura. Olena ficou tensa, a cabeça caindo no ombro de Yusef. Ela se agitou em antecipação.

Os lábios dele estavam em sua orelha, mordendo e acariciando.

— Eu vou dar a você o prazer que deveria ter sentido na primeira vez. — Olena estremeceu, voltando a si de sua neblina sensual ao ouvi-lo, o suficiente para tentar se afastar. O braço forte de Yusef ficou tenso ao redor dela. Voltou a apoiá-la em sua dureza. Voltou também a acariciar com seus dedos essa parte de seu corpo, com incrível suavidade.

Olena não podia impedir seus quadris de responder quando ele esfregou seu centro sensível. Suas costas se arquearam e um gemido de prazer escapou de seus lábios. Os beijos em seu pescoço, suas mãos pressionando seu montículo. Seu quadril sacudiu, buscando de forma instintiva aliviar a tensão enquanto empurrava para cima e para baixo em seus movimentos. O corpo de Olena estava com febre por tê-lo banhado e agora, ao senti-lo tocando-a ela gemeu.

Yusef se inclinou mais, empurrando seus dedos em seu calor liso. Ele notou o início de um estremelecimento sob a mão e nem sequer ainda tinha colocado um dedo dentro do úmido corpo. Para sua surpresa, ela arqueou seu quadril e estremeceu com força repentina. Uma umidade ardente desceu sobre sua mão enquanto ela se agitava perdida no prazer. Seu corpo deveria estar muito perto para ter reagido de forma tão repentina e com tão pouco estímulo.

Yusef grunhiu, com o grito dela ecoando ao redor. Ela ficou mole em seus braços, apoiando-se nele para segurar. Seu fôlego estava ofegante e acariciava o braço dele enquanto seus lábios acariciavam de forma instintiva.

— Yusef. — Ela disse, impressionada com o que sentiu. O braço de Yusef deslizou para segurá-la. Ela virou, apoiando a cabeça que está contra seu peito enquanto tentava acalmar seu coração. Suas costas ardiam de ficar apoiado desse modo. Mas valia a pena enquanto ele sentia como ela se abria ao prazer dele como se estivessem conectados intimamente e fosse um só e por isso ele não disse nada de seu próprio incomodo.

Capítulo Quinze

— Você não deve ficar nesse estado. — Olena olhou para baixo para sua ereção, estava tensa e pulsando de desejo.

O corpo de Yusef balançou. Ele não podia acreditar no que escutava. O corpo de Olena ficou úmido mais uma vez com o cheiro potente de sua carne limpa e o olhar de seu corpo duro como uma pedra.

Ainda tremendo após seu prazer, ela esqueceu quem era. Estar com ele era tudo o que queria. Ela se apoiou em seu peito.

— Diga como aliviar você. — Seus olhos não encontraram os dele, a mão se moveu para frente para tocar sua ereção. Envolveu seus dedos ao redor. Nunca levou as coisas até ali e era território novo para ela. Mas, que companheiro melhor que seu marido, que já se mostrou generoso com ela?

Algo atrás de seu cérebro a advertiu contra tais coisas, dizendo que seria mais difícil ir embora se ela continuasse. Outra voz mais forte, diria que seria mais difícil para ela se não o fizesse. Não podia continuar resistindo a ele e ainda podia pensar com clareza ao mesmo tempo. Se apenas permitisse completar o que começou talvez estivesse fora de seu sistema e poderia voltar a se concentrar em voltar para sua vida antiga.

Quando Yusef não se moveu, Olena olhou para ele com timidez. Suas pálpebras desceram com o prazer de ser tocado por ela. Porque sua antiga vida de aventura de repente parecia tão tediosa e tão pouco interessante? Porque isso era feio, a

casa branca logo teria mais atrativos que sua comodidades de luxo de capitã? Porque estar presa a este homem-dragão era mais tentador que sua preciosa liberdade?

Seus lábios se abriram. A dor ficou insuportável, dentro dela, fazendo-a desejar correr. A dor que sentia não tinha nada a ver com o desejo revolvendo-se em seu estômago. As lágrimas umedeceram seus olhos como grandes esmeraldas. Ela nunca permitiria que caíssem ainda quando irradiava sua agonia por ele.

— Yusef?— Ela pensou em Doc Aleksander e no que teria que fazer para ele. Não era como se o homem lhe desse uma escolha.

E quando a Máfia Médica queria algo de você, não tinha nada que dizer. Por que isso significaria dor, a morte se tivesse sorte e com toda segurança destruição de tudo o que mais queria.

— O que? — A mão esquerda de Olena deixou sua ereção para ir rapidamente para seu peito.

Eu preciso dizer a você algo, sua mente sussurrou.

— Não é nada. — Ela disse, ofegante. — Você poderia me beijar?

Yusef sorriu, mas não pode resistir à doçura, ao pedido quase inocente de seus lábios suaves. Ele abaixou a cabeça, a sobrecarga de seus sentidos chegou com força pela paixão e deixou adormecer a mente e seus membros líquidos. Quando

ele foi para trás, seu corpo tremia e Olena tinha certeza que iria desaparecer.

Yusef olhou para seu rosto. Ela estava apoiada nele, segurando seu coração sob a palma gentil. Seus olhos continuavam fechados, ainda franzia os lábios como se estivesse agora mesmo contra eles. Ele esboçou um sorriso diabólico pensando que ela sentia sua falta. Seus cílios tremeram. Ela abaixou uma vez mais para manter o feitiço que se teceu de forma natural através dos sentidos.

Olena suavemente ofegou, um gemido saiu de dentro dela.

Entregando-se a ele, ela foi muito longe para pensar ou calcular. Sua mão ferida foi até o pescoço largo, agitando um pouco quando ela passou os dedos pela textura sedosa suave de seu cabelo escuro.

Quando se afastou para deixar-lhe respirar, ela sussurrou sem pensar.

— Eu estava com medo de que você morresse.

Yusef sentiu uma ruptura dentro dele no momento de sua admissão. Não era um sentimento de amor, mas era o mais próximo que ela chegaria de admitir que ela se importava com ele. Suas mãos se moveram e ele a sentiu tocar levemente as cicatrizes de suas costas.

— Elas se curarão, não é?— Seus olhos largos se moveram para capturar os seus. — Você vai ficar bom, certo?

Yusef movimentou a cabeça. Ele a desejava tanto que a necessidade era dolorosa. Inclinando-se, apertou a boca contra

a dela, aprofundando o beijo apaixonadamente, ele apertou mais a boca, chupando sua língua e depois lambendo os lábios. Desta vez, seu corpo se evaporou. Suas pernas tremeram e quase caiu contra ele como se fosse desmaiar.

Apenas pelo poder de suas mãos em seus ombros e a força de seu braço bom ao redor de suas costas, fez com que ficasse em posição vertical.

Quando se afastou por um momento, seus olhos estavam cheios de promessa dourada e Olena sabia que tinha sua resposta.

— Eu não vou a qualquer lugar, pássaro de fogo. — Ele ternamente disse. — Exceto levar minha esposa para a cama.

Olena tremia. O quarto parecia tão íntimo, tão permanente. Ela não podia permitir-se cair mais fundo em seu feitiço enlouquecedor. Um sorriso chegou a seus lábios abertos, um olhar travesso.

— Por que não aqui?— Deslizou as mãos sobre seu corpo e pressionou beijos em seu peito e estômago. Yusef ficou tenso, ao não poder negar sua boca enquanto ela se perdia mais abaixo.

Ele gemeu. Enrolou os dedos em seu cabelo, persuadindo-a continuar sua descida. Sua respiração era rápida e quente contra sua pele, ondulando sobre ele, como pequenos charcos de desejo.

Olena beijou a ponta de sua ereção e pensou que Yusef enlouqueceria com a tortura doce de seus lábios. Ela o beijou

novamente antes de marcar carícias como plumas ao longo da seta até a base. Seu corpo balançou.

As costas de Yusef deram um espasmo. Não importava quanto seu corpo queria permanecer rígido e tomar sua tortura, seus ferimentos não o deixariam por muito tempo. Não tendo nenhum outro desejo, que estar a ponto de desmaiar neste momento tão gratificante de prazer, sentou-se mais baixo. Olena piscou surpresa.

— Venha aqui. — Ele disse em uma voz que era toda melosa com promessa. — Eu mostrarei a você como aliviar a nós dois.

Olena cruzou acima da água borbulhante, vendo que ele pretendia que ela se sentasse em seu colo. O calor do vapor estava fazendo com que seu cabelo grudasse na pele cremosa como raias de fogo. Uma mecha longa se enrolou ao redor da curva de seu peito e ele quase se perdeu na visão sedutora. Ele ergueu sua mão para seguir a pista molhada de cabelos e afastá-los para descobrir um mamilo duro por baixo. Lena estremeceu. Yusef lhe acariciava com o dorso dos dedos.

Lentamente, seus olhos de fogo pousaram nela, sua mão se moveu para baixo em seu estômago para segurar seu quadril. Puxando-a para frente, a fez sentar-se montando nele.

— Eu queimei por você, Olena, desde o primeiro momento que te vi, de pé desafiante e bonita naquela nave. Eu sabia que eu queria você então, como eu quero você agora.

Ele imergiu seus dedos na água, chegando a senti-la inclusive quando amaldiçoava seu braço inútil por limitá-lo. As mãos de Olena caíram em seus ombros enquanto acariciava seu fogo interior. À medida que seus quadris respondiam o movimento inquieto contra ele, ele deslizou um dedo dentro dela para acariciá-la mais intimamente.

Logo a mão não era suficiente. Ela precisava de mais, muito mais. Ela precisava dele. Ela precisava senti-lo dentro dela.

Olena se inclinou, beijando seu pescoço molhado, bebendo de sua pele gloriosa. Seus lábios morderam sua orelha, encantando-se com os tremores pela resposta que sentia em sua pele, com o toque.

Tirou os dedos dela, pedindo permissão para entrar. Olena endureceu, lembrando-se como foi na última vez. Suas coxas se apertaram, impedindo-a de aliviar-se.

— Mmm. — Ele sentiu sua resistência. Acariciando-a beijou sua orelha, Yusef disse. — Você controla a profundidade. Não tenha medo de mim. — Olena não pode resistir ao apelo em suas palavras quando sua mão mais uma vez a puxou para frente. Não olhando para cima, ela sentiu sua mão contra sua perna enquanto ele se guiava para sua abertura. Ele esfregou a ponta várias vezes contra ela, deixando-a se acostumar a sua dureza. Então, muito lentamente, ele empurrou sua ereção na entrada lisa justa de seu corpo.

Olena foi recompensada com uma sensação opressiva de prazer e necessidade. Com uma lentidão que fez suar a testa de Yusef, ela soltou as pernas e deslizou para baixo. Sua respiração era ofegante ao longo de sua pele.

Yusef não queria saber nada mais além de agarrá-la e descê-la de golpe até abaixo. Mordendo os lábios, resistiu. Apertou os punhos quase com desespero contra a pele branca de seu quadril, deixando-a estabelecer a velocidade enquanto ao mesmo tempo rezava que ela fosse mais rápido, mais forte.

Olena gradualmente o deixou entrar nela, sentindo a plenitude de estar cheia dele quando seu comprimento a compeliu se ajustar ao redor dele, para acomodar seu tamanho. Olena empurrou usando seu ombro pouco a pouco. Foi ainda mais fundo e ofegou.

Sua voz rouca a medida que falava.

— Você deve se mover Olena. Mova-me em você.

Olena subiu e logo desceu como se seu corpo quisesse envolvê-lo. A punhalada era dolorosamente rasa.

As mãos de Yusef agarraram seu quadril com força e lutou contra a fera dentro dele que não queria nada mais que começar sem pensar a bombear em sua suavidade úmida.

— Novamente. — Ele ordenou.

Olena parou só para repetir o movimento doloroso. Seu corpo queimava por mais, mas ela resistia a deixá-lo todo de fora. Ainda estava se acostumando a senti-lo, continuava descobrindo as sensações que ele estava causando.

— Novamente. — Sua voz baixa era uma dor que não tinha nada a ver com suas costas. De fato, poderia inclusive não sentir seus ferimentos, por causa da deliciosa suavidade dela e a dureza dele.

Desta vez quando ela se moveu, ele a ergueu mais alto. Olena protestou e forçou seus quadris para baixo contra sua mão. A água a fez deslizar de seu aperto e, ela desceu vigorosamente nele. Olena gritou com a surpresa agradável. Ela foi recompensada com uma onda agradável de prazer.

O gemido de Yusef a seguiu.

— Assim, Olena, oh... sim... assim, pássaro de fogo. — A mão de Yusef estava novamente em seus quadris e ele a levantou. — Faça isto novamente.

Olena ergueu só para empurrar para baixo com força com o traseiro caindo em suas pernas. A mão de Yusef a tocava ao longo da curva de suas costas, movendo-se até seus seios em círculos e beliscando seus mamilos.

— Faça isto mais rápido. — Ele disse, gemendo. — Pegue-me mais rápido.

Olena foi ricamente recompensada. Seus quadris assumiram o comando, sem pensar que conduzia seu corpo contra ele, provocando o êxtase. Yusef grunhiu ruidosamente em reconhecimento quando ela obedeceu ao seu apelo. Era como nada que ela já sentiu. Seu corpo era tão forte, protetor e gentil, ainda dominante e seguro ao mesmo tempo.

Sentindo-se tensa, Yusef levantou-se do assento e a levantou com ele, foi tão profundamente como seu corpo poderia tomá-lo. Olena gemeu, arqueando suas costas mais como Yusef nunca viu. Seu corpo estremeceu violentamente. Seu corpo respondeu sua chamada, as sacudidas, em seu interior liberou toda a tensão que esteve acumulando desde a noite que se conheceram.

Olena caiu contra sua carne, assustada do muito que ela podia sentir, incapaz de processar o que fluía entre eles, não só a liberdade física, mas suas mentes e corpos, enquanto tentava se conectar. Ainda estremeceu sacudindo seu corpo magro. Era muito para que ela lidasse, pois sabia que o deixaria em breve, o enganaria tão horivelmente que esta expressão carinhosa em seu rosto nunca esperaria. Depois de entregar a esposa de seu irmão a Doc Aleksander, ele até poderia não olhar para ela.

Algo tinha que dar-lhe e desde que seu corpo tinha uma mente própria, ainda ele estava dentro dela, era suas emoções que ela não lhe entregaria, bloqueando a conexão antes de pudesse tê-las.

Yusef sentiu a pressão entre eles tão afiada e real quanto um bofetão no rosto. Eles estiveram muito perto. Só um segundo mais e ele poderia lê-la completamente, e ela a ele. Mas ela se recusou à intimidade de sua mente e alma. O sentimento o deixou frio e cansado.

— Olena?— Ele perguntou por sua retirada mental.

— Hum?— Olena gemeu em seu pescoço, ainda sofrendo pelo resultado de seu prazer. Ela detectou a dor em sua voz e confundiu com uma reação física. Ela saiu dele, seus olhos se abriram procurando lesões. — Oh, Yusef, eu sinto muito, suas costas!

Yusef a deixou pensar o que quisesse, não querendo deixar os sentimentos a seus pés. Ele tinha um pouco de orgulho ainda, inclusive se esta raposa que ele chamava esposa houvesse tomado tudo dele, incluindo seu coração.

Suas feições encheram de preocupação, ela disse.

— Por que você não me parou? Oh, você não abriu nada, não é? Você pode se mover? Está paralisado?

Yusef riu sem poder evitar enquanto ela tentava mover-se para ver suas costas. Se alguma vez se feriu, foi com ela empurrando-o como uma árvore em chamas, com esta bruxa em cima dele.

Seu membro cresceu com velocidade alarmante com o pensamento. Sua boca se torceu, quando maldosamente respondeu.

— Sinta-me e veja se fiquei paralisado.

Olena ruborizou furiosamente, até as raízes de seu cabelo. Ela olhou para baixo. Realmente, ela podia ver a ponta dele na água. Engolindo em seco, ela perguntou insegura se poderia lidar com outra ronda de tal prazer.

— Novamente?

Yusef sorriu e encolheu os ombros.

— Parece que eu gosto mais do seu remédio que o dos médicos.

Apesar de que ela perguntou se poderia tomá-lo novamente, Olena sentiu uma agitação no ventre, respondendo a seu chamado.

— Nós devíamos sair da banheira?— Ela perguntou quente por ter feito amor e pelo vapor da água.

— Aonde você quer ir?— Ele capturou seus lábios, pronto para provar algo mais vigoroso.

— Eu... — Olena ficou tão vermelha quanto seu cabelo e não pode pensar em nada para dizer. Todo comentário sarcástico que fez alguma vez deixou seu rosto com esse olhar escuro, sensual e animal. O cinza queimava com tons dourados da promessa. — Onde você me quer?

De pé, ele a puxou. Seu peito deslizou sobre seu corpo, endurecendo por ele. Beijou-a de forma audaz, apenas para deixá-la em liberdade quando seus joelhos se dobraram e suas mãos agarraram seus ombros. Grunhindo contra sua boca, ele disse sujo. — Vou meter meu pênis tão fundo que não vai poder falar.

* * * * *

Olena estava enrolada em uma cadeira, completamente vestida, mastigando distraidamente a unha do polegar enquanto observava Yusef. Seu corpo doía de cem modos diferentes, todos

testemunhas do muito que ele se recuperou. Somente depois da terceira vez no tapete de pele branca de frente para a lareira, Olena chegou a subir em cima dele e exigir a cama.

Quando se deitou, seu corpo cansado e passado todos os limites imagináveis, ele juntou-se a ela. Para sua óbvia consternação, ela se negou, com a desculpa de suas feridas, para não machucá-lo intimamente enquanto dormiam e sonhava. Fazendo uma cama no sofá branco de frente para a lareira, inevitavelmente foi à deriva com pesadelos.

Agora era de manhã, sentia o peso do mundo vindo por ela. Doc Aleksander não esperaria muito tempo para que ela o atendesse. O único que a confortava era o fato de que o Doc era um homem de família, não tentaria enganar sua mulher não importasse quão intenso fosse seu desejo por Olena, tentou não sentir-se culpada.

Seguramente o homem daria as boas-vindas à sua filha com braços abertos, tendo-a de volta a proteção de seu mundo.

Além disso, as razões por que a mulher o deixou em primeiro lugar era um assunto de família, no melhor dos casos era preferível que se resolvesse entre eles como uma família.

Yusef se mexeu. Fez uma careta umas poucas vezes enquanto dormia, mas seu corpo estava deitado e seu braço estava estirado além de não parecer ter tanta dor no peito. Piscou, automaticamente sentindo sua presença no quarto. Deu a volta para olhá-la, um suave sorriso tocou seu rosto, até que se lembrou da recusa em dormir com ele na noite passada.

— Eu estava para despertar você. — Olena disse. — Está ainda cedo, mas você tem que ir para o Conselho de guerra.

Yusef disse tanto a ela na noite entre orgasmos. O rei Attor estava recebendo o direito de defesa, como trégua diante dos Draig e a nobreza Var anos atrás. Se fosse o Rei o responsável pelo envenenamento de Morrigan e o ataque de Yusef, então haveria justiça e uma possível guerra.

Olena não podia fazer nada sobre a guerra. E a natureza sanguinária, vingativa se via com bons olhos, pois era uma justiça em nome de Yusef. Mas essa era uma questão da realeza de Draig. Apesar de que tecnicamente era uma parte de sua família, sabia que não podia não podia adotar uma posição real com eles. Ela não iria ficar para ver algumas de suas declarações temerárias e não seria a causa de uma batalha que não podia lutar.

Olena também sabia que não sair de casa neste dia.

Yusef disse a ela que provavelmente havia espiões no palácio. Quem o apunhalou conhecia as passagens bem o suficiente para escapar por elas sem ser pego.

Attor foi longe o suficiente para se proteger da responsabilidade direta do ataque. A menos que, o Rei Var confessasse, muitos nobres se atreveriam a enfrentar outra guerra sem uma prova sólida. Yusef admitiu que recordava muito bem as perdas da última guerra. Muitos morreram e ninguém ganhou.

— Venha aqui. — Yusef se perguntou se ele era um masoquista por se auto castigar. Mas viu seu olhar triste, o rosto pensativo e não pode resistir ao desejo de abraçá-la.

Olena dobrou seu corpo e saiu da cadeira. Ele estava nu sob os cobertores, era mais que uma tentação. Foi para seu lado, observou o rosto bonito, ele não se moveu para sentar-se.

— Venha deitar-se comigo. — Ele disse.

Olena queria. Oh, como desesperadamente queria.

— Não. Você deve se levantar e se arrumar. Eu imagino que com seus ferimentos será lento. Posso caminhar com você até o conselho de guerra...

— Não. — Ele obrigou a sentar.

O cobertor caiu de seu corpo e Olena imediatamente olhou sua virilidade. Estava meia erguida, um pouco cheia. Se ela o tocasse, subiria avidamente em seus dedos pronto para o prazer e ela ficaria encantada.

Seu corpo doía, mas Yusef podia bem lidar com isto. O toque dela o enviou diretamente para o caminho da recuperação.

— Não é seguro. Você deve ficar do lado de dentro.

Olena movimentou sua cabeça e Yusef ficou surpreso quando ela não protestou sobre a ordem.

— Sabe o que quero dizer, pássaro de fogo. — Ele insistiu.

— Bem. — Ela declarou em voz alta com um olhar fixo em seu endurecido rosto por um momento. Então, suspirando, ela foi para o armário. — Qual túnica você quer?

— A túnica do conselho é preta com um dragão de prata bordado dentro de uma proteção. — Yusef esticou seus braços lentamente para alongar os músculos das costas.

Olena procurou suas roupas. Algo brilhou diante de seus olhos. Era um bracelete de ouro com pedras de esmeraldas e rubis. Era o suficiente grande para caber no bíceps de Yusef. Umedeceu os lábios. Era um prêmio que valia roubar.

— Você encontrou?

Olena agitou seus sentidos, e mentiu.

— Estou só procurando por botas... ah, achei. Ela virou-se com a túnica de guerra e botas. Olena o ajudou a vestir a túnica. Deveria ficar justa sobre o peito. Se ele se atrevesse a olhá-la nos olhos como no quarto ela o empurraria e subiria em cima dele. Deu a volta para pegar rapidamente a calça.

Yusef não pode evitar a satisfação masculina em seu interesse por seu corpo. Ele sentiu o tremor de seus dedos. O que aconteceu com sua mulher atrevida? Quem era esta ruborizada mulher que estava diante dele?

Olena se ajoelhou diante dele, olhando para cima enquanto soltava um som. Foi um engano. Seus olhos estavam em seu membro duro. Conteve a respiração enquanto dizia.

— Eu não tenho que sair imediatamente.

Olena engoliu em seco, lendo bem suas intenções. Este homem nunca tinha o suficiente? Ele era insaciável. A medida que seu corpo se moveu por causa do desejo, já estava úmida e quente, queria gemer. Poderia alguma vez ele ser saciado?

— Venha. — Ele disse. — Suba em meu colo.

Olena hesitou. Ela tinha colocado um pé na perna da calça.

— Eu prometo que você não se arrependerá.

Olena olhou outra vez sua excitação, cheia de sangue na ponta e seguiu todas as veias ali.

Yusef estendeu uma mão para ela, levantando-a. Sua vontade era fraca e ela deixou que a guiasse. Quando estava de pé, colocou os dedos em sua cintura e puxou a calça. Olena chutou o material de seus pés.

Em seguida, virou-a de forma que seu traseiro ficasse virado para seu rosto e grunhiu. Olena estremeceu, perguntando-se o que estava fazendo. Yusef se inclinou para frente e acariciou seu traseiro. Olena estremeceu violentamente. Ele queria inclinar-se para provar o sabor de seu centro molhado, mas sabia que seu corpo não estava recuperado o suficiente para tais acrobacias. Assim no seu lugar, ele a puxou com força sobre seu colo. As pernas dela se abriram enquanto sentava-se de costas para ele.

— Incline-se para frente. — Ele ordenou com um grunhido que se formou em sua garganta. — Assim é fácil.

A mão de Yusef a explorou, febrilmente acendendo sua pele para memorizar cada curva. Sentiu seu corpo se apertar com desejo, sentiu também como foi pressionada e dobrada sobre um lado da firme cama.

— Coloque seus joelhos na cama. — Yusef disse a ela, apreciando ao ver como tinha o conhecimento de tê-la sobre seus joelhos para ele.

Olena obedeceu, usando seus joelhos para se apoiar enquanto se inclinava para frente na cama. A posição insegura fez seu coração acelerar, sabendo que poderia cair no chão se ele a soltasse.

Olena olhou para cima, observando como o espelho refletia sua inclinação de suas costas. Ela olhou seu corpo se contorcer.

Yusef passou a mão por seu ombro para aproximar suas costas de sua excitação.

— Oh, você parece tão bem assim. — Seus olhos se iluminaram com fogo vendo seus corpos juntarem-se. — Você é tão selvagem. Quero domar você.

Olena amou ouvi-lo falar assim, a excitava, fazia com que se sentisse travessa. E não havia nada mais prazeroso para uma pirata que a sensação disso. A sua insistência, levantou-se para receber os repetitivos empurrões dele, indo até o fundo de seu corpo.

— Sim. — Ela gemeu quando ele a controlou com sua mão. Um ritmo apaixonado se instalou entre eles. — Converse comigo, Yusef, deixe-me ouvir suas palavras.

Yusef quase se perdeu com o pedido. Seu quadril a empurrou mais rápido, quando ele disse. — Você é tão quente, me envolve firmemente ao seu redor.

Olena imediatamente estremeceu antes dele poder dizer outra frase, ainda que houvesse muitas mais para dizer.

Ela movimentou seu corpo mais rápido até foi demais o prazer para se mover. Ela gritou violentamente até que seu corpo bruscamente respondeu em combustão instantânea.

Fraca ela caiu de lado, mantendo os olhos para baixo e puxando sua calça. Ela escondeu seu rosto e tentou virar as costas todo o tempo. Quando ela terminou, ela o ajudou a vestir. Então, passando as mãos por seu rosto para limpar as lágrimas que caíram em segredo, secou a umidade do rosto e dissimulou com seu cabelo enquanto afastava as mechas para trás.

— Olena. — Yusef quis falar, em parte perguntar.

— Você vai chegar tarde. — Ela fingiu um sorriso brilhante. — Deve ir ao conselho de justiça.

Yusef movimentou a cabeça, sabendo que ela estava certa.

— Eu preciso da minha coroa.

Olena movimentou a cabeça, encontrou-a no armário e a colocou cuidadosamente sobre sua cabeça. Ela penteou seu cabelo para trás, e os fios escuros com os dedos.

Cansado ficou de pé, seu corpo saciado por ela. Inclinando-se, lhe beijou no rosto. Então, pegou a tipóia na cômoda, cobriu seu braço e amarrou no pescoço quando ele se aproximou da porta do quarto.

— Não espere acordada. Estas coisas podem tomar o dia todo. — Ele disse. — Um empregado virá trazer comida. Diga para deixar na porta. Não deixe ninguém entrar.

Olena movimentou obediente a cabeça.

Yusef deu a volta, lembrando-se do fogo de seu cabelo e beleza. Com um comando rígido para a porta, ele saiu da casa para cumprir seus deveres.

Capítulo Dezesseis

O rei Attor negou todas as acusações com um sorriso sardônico. Sabia que enquanto ele estivesse sob a proteção do conselho reunido, ele não seria tocado. Nada aconteceu nas sete horas de conversas. Mas, então novamente, nada se conseguiu nos séculos de lutas que aconteceram entre os dois reinos. As tentativas de morte em ambos os lados não eram nada novas, entretanto nenhuma aconteceu por mais de cem anos.

Zoran estava encarregado dos assuntos militares, representando os Draig com um guerreiro de sua classificação frente ao Var com igualdade diante dele. Olek presidiu todo o assunto, fazendo seu melhor como embaixador para manter a paz, apesar de que todos sabiam que seus irmãos desejavam derramar o sangue do Rei Attor por seus insultos para a família real de Draig.

Yusef sentou em silêncio durante a maior parte dos assuntos, como fez Ualan. Eles não queriam falar com o líder dos Var quando tudo o que eles recebiam na sua vez eram mais de suas mentiras. Eles cheiraram suas falsidades tão facilmente quanto eles respiravam no ar.

Depois da reunião, levou outras quatro horas e meia para certificar-se que Attor e seus homens foram embora. Uma busca pelo castelo não revelou nada e o alerta máximo foi retirado da aldeia para que os aldeãos pudessem novamente deixar suas casas usando precaução. Yusef sentia dor nas costas, mas não

o deixou que o desconforto se mostrasse. A noite de paixão estava começando a cobrar o dia e no momento que foi para casa, estava muito exausto. Olena estava dormindo no sofá, seu cabelo caía de lado, era um belo contraste com o branco. Ele a deixou lá, seus lábios se abriram ao pensar em ir para a cama sozinho.

* * * * *

Os guerreiros gritavam seu bom humor quando viram as quatro Princesas, vestindo calças e camisas escuras, as facas apontadas para a prática. Pia recebeu facas de presente de seu marido e, ávida para prová-las, convidou as mulheres para juntar-se a ela no esporte.

Olena pensou que um dia fora de casa fosse o remédio perfeito para a melancolia que sentia ao ficar presa dentro de casa por um dia. Yusef estava de acordo com o evento e a escoltou até o campo para assistir. Olek e Zoran estavam ali para dar apoio. O príncipe Ualan estava ainda dormindo, de acordo com Morrigan, que meramente ruborizou com a confissão.

Olena foi a primeira a lançar. Ela não era novata quando se referia a lâmina. Embora seu objetivo nem sempre esteve parado, sabia que podia golpear seu alvo para submeter ou inclusive matar. Foi muito bem, com cada faca se aproximava do centro do alvo. Os soldados aplaudiam e gritava. Deu uma

olhada em Yusef, tentando agir como se não buscasse sua aprovação. Uma bandagem branca atravessava seu braço, mas ele parecia bem melhor. Ele sorriu amplamente para ela, sombrio e bonito com aprovação, e movimentou sua cabeça. Olena se recusou a ruborizar, mas sabia o que esse olhar significava. Nadja era um caso perdido, perdeu por completo o objetivo nas cinco tentativas. Ela olhou para Olek com vergonha. Os homens aplaudidos de qualquer maneira. Morrigan conseguiu bater o alvo em sua virada, entretanto sem centralizar. Ela fez uma reverência quando ouviu os gritos.

— Talvez as damas devessem deixar um homem lhes mostrar como é feito. — Disse uma voz da multidão.

Morrigan rolou seus olhos, recuperando as lâminas de prata e entregando para Pia.

— Ach. — Agro disse. — Você é dificilmente um homem, Hume!

Pia dedicou um sorriso para Hume, que imediatamente esmagou a mão sobre o coração. Olena observava as travessuras com um sorriso. Ela viu o rosto de Zoran tingir levemente com ciúme. Ficou feliz por Pia Korbin não ser a filha do Doc Aleksander. Ela odiaria ver aquele guerreiro possessivo em seu caminho.

Pia começou a estudar seu novo conjunto de facas, pesando-as cuidadosamente em sua mão enquanto as testava. Chegando à terceira, ela ergueu-a e estudou a lâmina. Franziu a testa, foi para seu marido e entregou para ele.

Zoran descruzou seus braços e pegou-a antes que ela agarrasse outra faca de sua cintura.

Seu olhar era curioso pela substituição, ela anunciou em voz alta para todos os homens ouvirem.

— Você precisa verificar o equilíbrio nessa. Puxará uma fração à direita.

Com apenas movendo um músculo, Zoran lançou a lâmina acima de seu ombro. Pegou um pouco à direita do objetivo. Os homens riram em aprovação. Olena estava muito ocupada fingindo escutar enquanto observava Yusef do canto dos olhos. Ele estava rindo alegremente de seu irmão. Seu olhar de prazer fez seu coração doer. Sua boca ficou seca.

Pia disse sem se virar.

— Eu disse.

Indo para o alvo, Pia respirou fundo. Ela lançou as primeiras lâminas no poste. Sem esperar para ver onde caiu rapidamente lançou mais duas no circulo. Então, ajoelhou-se e lançou as duas últimas. A quarta lâmina atingiu a de Zoran e a derrubou em seu lugar. A quinta, ela girou seu braço e passou o poste completamente. Os guerreiros observaram em silêncio atordoados, seus olhares seguindo o caminho de seu último arremesso. Caiu na frente do pé de Hume, com o cabo para cima, e a ponta para o homem.

— Falhou. — Hume disse, quebrando o silêncio. Os homens aplaudiram selvagens. Pia fez uma reverência graciosa.

As mulheres saltaram em excitação, aquecidas com a vitória de Pia.

Morrigan girou para ver seu marido se aproximar do campo. As mulheres ouviram seu gemido de assombro e seguiram seus olhos. Pia e Olena trocaram olhares de diversão.

— Cuidado. — Olena brincou com Morrigan, movendo-se perto da mulher. — Ou então nós poderíamos achar que você realmente gosta do bárbaro.

Morrigan ruborizou, devolvendo o olhar. Pia entregou para Olena as lâminas para sua próxima partida.

Olena olhou para Yusef, ele movimentou a cabeça. Pia, vendo o olhar da mulher, disse em voz baixa.

— Parece que Rigan não é a única apaixonada por seu marido guerreiro.

— Nós temos uma aposta em marcha. Tudo o que eu tenho que fazer é acertar as cinco lâminas no alvo e eu ganho. — Olena lançou um sorriso malicioso que chegou a seus olhos. Foi ideia de seu marido mau. Ele pareceu pensar que já que estava tão confiante que iria acertar o próximo alvo. Suas condições eram simples. Se ela ganhasse, ela poderia pedir qualquer coisa dele. Se ele ganhasse, ele poderia pedir qualquer coisa dela, sem reclamar.

— Vamos. — Eles ouviram o Príncipe Ualan dizer.

Pia e Olena giraram para ver Ualan começar a arrastar Morrigan para a floresta. Elas trocaram um olhar.

— Zoran tentou me levar assim uma vez. — Pia balançou a cabeça em desaprovação. — Ele teve que me carregar gritando e chutando. Eu quase escapei, também. Dei alguns bons socos.

Olena riu.

— Eu me escondi na floresta por uma noite, mas quebrei meu braço. Yusef teve que vir para me salvar.

— Nós estamos esperando!— Veio um grito da multidão.

Pia girou para o bom humor de Hume. Ironicamente, ela disse.

— Não me faça apontar mais alto, Senhor Hume. — Pia quis dizer para seu coração, mas os guerreiros ficaram muito ruidosos pensando em algo muito mais obsceno.

Zoran engoliu em seco. Pia olhou em confusão para os homens que riam silenciosamente. Olena riu, entendendo os homens muito bem. Despreocupada Pia foi consultar seu marido, Olena lançou. As primeiras quatro aterrissaram bastante bem. Mas, então, em um esforço inexplicável para regozijar-se, ela olhou para Yusef. Ele piscou seus olhos escuros e soprou um beijo. Ela vacilou. A faca golpeou, mas foi muito longe e imediatamente caiu. Yusef sorriu. Olena engoliu ao som de aplauso. Ela obrigou a recuperar as lâminas para Pia.

— Preciso de uma venda para os olhos. — Zoran disse. Milagrosamente, a chamada foi contestada e rapidamente alguém deu passo à frente de Zoran. Zoran andou para Pia e amarrou a venda ao redor de sua cabeça. Continuando, ele

bateu forte em seu traseiro e os homens começaram a rir. Durante a comoção, Olena se moveu para o lado de Yusef.

— Acho que eu ganhei. — Ele se regozijou.

Olena ruborizou furiosamente.

— Eu acertei o alvo. Você não disse nada sobre a lâmina grudar.

— Faça seu arremesso! — Zoran gritou.

Pia ergueu seu braço, apontando. Ela lançou.

Ouvindo a lâmina cair sobre madeira, Olena olhou o poste antes de voltar para Yusef.

— Está tentando não cumprir?— As sobrancelhas de Yusef se ergueram em surpresa falsa. — Onde está sua honra?

Pia lançou a segunda e terceira vez. Cada lâmina aterrissou no alvo. De repente, um aplauso alto surgiu acima da multidão. Zoran sorriu enquanto ela ficava tensa. Ele estava feliz pelos homens fazendo barulho.

Yusef e Olena ignoraram, concentrando-se apenas um no outro, fingindo que não. Yusef disse suas palavras como uma piada, mas Olena mordeu a isca.

— Eu nunca voltei atrás em uma aposta! Um acordo é um acordo. Eu o honrarei!

Pia ergueu outra faca. O quarto golpe, entretanto não foi tão profundo quanto os outros.

— Ooooh. — Gritou os homens em uníssono.

— Estou contente por ouvir isto. — Yusef murmurou com um grunhido significativo. — Porque vou adorar cobrar meu prêmio.

— Zoran! — Veio um grito apavorado. — Olek! Yusef!

Olena estava muito perdida nos olhos de Yusef para ouvir o grito. A nuca de Yusef se arrepiou quando ouviu a chamada de Ualan. Seu irmão estava em apuros.

Zoran indicou a Agro para manter os homens no campo. Ele correu para a voz do Príncipe Ualan, tirando a espada de sua cintura. Yusef escapou dos olhos de esmeralda de sua esposa. Instintivamente, fez um sinal para os homens, que lançou uma faca em sua mão boa. Ele também começou a correr seu corpo ganhando velocidade. Olek estava logo atrás deles.

Olena piscou quando ele a deixou, sem entender por que de repente ele saiu correndo. Então, ao ver Pia tirar à venda da cabeça, Olena foi impulsionada para a ação. Os guerreiros começaram a murmurar, mas seguindo as ordens de Agro de ficarem. Eles não se moveram. Nadja a olhou e Olena logo foi atrás do demais.

Doze guerreiros loiros Var perseguiam o Príncipe Ualan entre as árvores, acima do caminho de floresta. Seus corpos cresciam uma pele enquanto mudavam com ferocidade, grunhindo mudaram suas feições para gatos selvagens.

Ualan arrastava Morrigan pelo braço. Ela estava inconsciente, um dardo saía de sua garganta. Ualan foi forçado

a mudar para Draig, usando sua armadura natural para desviar os golpes do inimigo usando o braço livre. Ele tentava proteger Morrigan, com os pés na terra. Logo os príncipes estavam ao seu lado, mudando para a forma Draig enquanto lutavam contra os Var. Um foi muito valente para apontar a Yusef com sua espada, mas ele viu a tempo, dando a Ualan tempo para colocar Morrigan em segurança.

Olena desviou o olhar do espetacular combate de seu marido na batalha, quando Ualan deixou uma Morrigan inconsciente no chão. Ualan voltou para juntar-se a briga contra os atacantes. Pia não hesitou enquanto corria rapidamente para unir-se aos homens, lançando sua lâmina na garganta de uma das criaturas. Quando Zoran ergueu o braço, ela agachou debaixo dele para agarrar a faca de seu cinto. Olena ouviu os pés de Nadja pararem. Ela virou para a mulher. Olena estava acostumada a lutar e com a morte, e viu mais de ambas espécies para não ficar assustada. Mas viu Nadja empalidecer em horror, sabia que a mulher não tinha ideia de com quem se casou. Os lábios de Nadja tremiam enquanto observava Olek e seus irmãos na batalha. Por um momento, a mulher piscou, antes de endurecer com medo ao ver a luta de criaturas, dragões humanos e humanos como tigres.

— Nadja. — Olena gritou conseguindo a atenção da mulher. Vendo Morrigan, sabia que tinha que ajudar a arrastá-la para segurança.

Além disso, tinha que afastar a pálida Nadja da batalha antes que ela caísse inconsciente no chão. Ela não poderia arrastar ambas. Com comando em sua voz, ela ordenou.

— Ajude-me!

Estremecendo, Nadja lançou um olhar para a Princesa caída. Ela estremeceu ao ver o dardo na garganta de Morrigan.

Olena ergueu um dos braços de Morrigan. Ela viu Nadja estremeecer, enquanto seus olhos iam apressados para as árvores.

— Ajude-me. — Olena tentou puxar Morrigan para longe da batalha.

Nadja e Olena arrastaram Morrigan pelo caminho para colocá-la em segurança. Ela não deixava de olhar para trás em busca de Yusef com preocupação até que não pode vê-lo mais. O som da batalha ecoou ao redor deles. Quando estiveram o suficiente longe, Nadja parou. Ela caiu de joelhos.

— Nós devíamos puxar isso? — Olena perguntou. Sem dúvida a filha do Doc Aleksander saberia o que fazer, mais que uma pirata.

— Não. — Nadja respondeu. Novamente ela tremeu ao olhar para as árvores. Seus olhos buscando movimento, mas não viu nada. Olena perguntou-se como alguém com um pai tão retorcido podia ser tão apreensiva. Talvez, depois de ver sua reação diante da forma Draig de Olek, realmente estaria fazendo um favor à refinada mulher de levá-la para fora deste planeta. Qualquer pessoa que levava uma vida tão protegida como ela

deveria levar ao parecer, era mais que provável que fosse adorada e protegida como um bebê.

— Não a toque.

De volta à batalha, os Vars retrocederam na floresta. Ualan virou, cheirando o rastro de Morrigan à medida que se movia pelo caminho, Yusef e Olek estavam atrás dele. Zoran ficou para trás com Pia para ter certeza que os homens não o seguiriam.

Olek congelou, ao instante viu o rosto pálido de Nadja. Ela estava ao lado de Morrigan, com os olhos estreitos examinando o ferimento.

O dardo estava ainda no pescoço de Morrigan e a mulher não estava se movendo.

Nadja balançou ao ver o rosto Draig de Ualan quando ficou de pé de frente para ela. Ele imediatamente voltou para a forma humana. Olhando ao redor, suas feições suspeita, para os olhos humanos de Olek.

Olek viu tremer sua boca antes dela se afastar dele. Olena notou também, sua decisão na rigidez do corpo. Claro, se convenceu que Nadja agradeceria a Olena pelo que faria. Ualan se aproximou.

— Não o faça. — A voz de Nadja era crua com medo. Olena viu a mão mover-se para longe de Ualan. Ualan retrocedeu surpreso, mas Nadja apenas movimentou a cabeça para seu braço onde as bolhas vermelhas estavam se formando em sua pele. — Ela envenenou você. — A mandíbula de Ualan ficou

tensa, mas ele conteve-se. Ao escutá-la, Olena não tinha dúvida que Nadja era descendente de Aleksander.

— Você não pode movê-la ainda. — Nadja obviamente tentava permanecer tranquila.

— Mas, o veneno... — Ualan começou, desesperado para ajudar sua esposa.

— Silêncio. — Nadja ordenou. Zoran e Pia se aproximaram. Eles hesitaram quietos. Nadja se recusou a olhar algum deles nos olhos. Suas mãos tremiam enquanto tentava se concentrar.

Dentro seu coração pulsava furiosamente. Olena podia ver a pulsação na pele de Nadja.

— Deixe-me pensar. Eu preciso me concentrar.

Ualan olhou para Olek. Olek deu de ombros. Ele estava preocupado com sua própria esposa. Nadja tremia.

— Dê-me sua faca. — Nadja disse para Pia, estendendo a mão com determinação. A mulher imediatamente entregou. Respirando fundo, Nadja cortou a garganta de Morrigan onde o dardo estava na pele. Imediatamente, um líquido verde começou a gotejar e escoar do ferimento, misturado com sangue vermelho. Logo, ela tirou com a ponta, a extremidade de estrela do dardo.

Nadja soltou a lâmina e continuou a sangrar o veneno. Quando terminou, ela disse em voz baixa para Ualan.

— Tente tocá-la.

Ualan o fez. Ele saiu ileso.

— É como eu pensei. —Nadja respirou. O conhecimento trouxe um pequeno prazer quando ela novamente olhou para as árvores. — Eu já vi este tipo de envenenamento antes. Geralmente, os velhos amantes o utilizam por vingança e ciúmes. Se tivesse tirado o dardo da pele, teria lançado o veneno no fluxo de sangue. Ela iria sobreviver, mas você não poderia tocá-la novamente. É irônico na realidade. Desta forma o atual amante envenena a mulher, selando seu destino.

Olena a viu olhando para a floresta, procurando. Ela se perguntou se ela considerava correr ou se estava assustada com os guerreiros Var escondidos ali. Ou ela descobriu seu pai escondido lá? Balançando a cabeça, Olena sabia que Nadja sentiu a presença do seu pai. Ela mais provável que considerava correr. Olena quase desejou fugir por sua conta. Salvar-se-ia do problema.

— Deveria levá-la a um médico. — Nadja disse, seu tom um sussurro. Ela ficou de pé com cautela tentando se afastar dos mutantes Draig para ir para o caminho que eles vieram. Olena a observava com atenção.

— Eu diria que quem a envenenou não queria que você a tocasse. — Nadja disse para Ualan. De repente, ela virou e correu deles, desesperada para fugir. Olek estava logo atrás ela.

Olena ficou de pé, observando a mulher correr. Seus olhos se estreitaram. Solenemente, ela disse.

— Ela não sabia sobre os Draig.

Ualan levantou Morrigan. Yusef caminhou ao lado de Olena, perguntando-se sobre o tom de sua esposa. Ele sentiu um bloqueio de seus sentimentos, mas não sabia o que fazer. Pia e Zoran estavam logo atrás eles. Depois Ualan levando Morrigan para a ala médica. Ninguém disse uma palavra.

* * * * *

— Por que atacaram as Princesas?— Yusef franziu a testa. Olena ficou de lado, seu rosto sem expressão. Nadja e Olek não se juntaram eles, mas Zoran e Pia estavam perto de Ualan e Morrigan. Morrigan estava na cama do hospital, depois de ter sido revisada pelos médicos e tomado um remédio para ajudar na recuperação.

Pia olhou de lado para Zoran e disse.

— Porque sem nós vocês não terão nenhum filho. Sua linhagem terminará.

Zoran endureceu com suas palavras suaves. Os olhos de Olena foram para Yusef. Ele olhou com ternura para ela com uma luz estranha em seus olhos. Ela depressa virou.

Os lábios de Pia se endureceram.

— Faz sentido. Eu vi vocês todos lutarem. Especialmente com os quatro unidos, são oponentes formidáveis. Vocês esperam o ataque. Nós somos novas aqui e seria de supor que não tínhamos nem ideia dos perigos. Mais, nós somos mulheres. Homens... ah, sem ofensa... homens, especialmente

os guerreiros, frequentemente julgam mal as mulheres como oponentes indignos.

Os Príncipes escutaram com atenção suas palavras, sem deixar sair nenhum pensamento.

Pia olhou para seu marido. Seu rosto estava tenso com concentração.

— Se você fosse destruir um inimigo, Zoran, você atacaria sua debilidade ou sua força?

— Só um bobo escolheria força se existe uma debilidade.

— Ualan movimentou a cabeça para a perspicácia da mulher.

— Só que obviamente menosprezaram a força de nossas mulheres. — Zoran adicionou.

— Que caminho melhor para terminar com esta antiga inimizade que acabar com os líderes antes deles nascer? — Yusef franziu a testa, Olena inconscientemente se colocou sobre seu braço bom. Encontrou-se desfrutando com entusiasmo de seu calor. Ele moveu a mão até seu cotovelo. Fechou os olhos para respirar o cheiro dele. Ela não queria saber nada mais, queria arrastá-lo de novo para casa e mantê-lo o como seu escravo de amor.

Yusef sentiu um arrepio. Seu nariz se abriu levemente quando ele cheirou o desejo dela. Seu corpo balançou em resposta, mas ignorou. Agora definitivamente não era o momento.

— Porque se morrermos. — Ualan disse. — Não haveria um herdeiro que poderia se levantar contra eles. Com certeza

nossa linhagem terminará, quando morrermos e não haverá ninguém para nos vingar. Sem rei, nem proteção, nosso povo ficará sem defesa. Tudo se transformará em um caos.

— É imperativo descobrirmos quem é o espião de Var. — Yusef disse.

— Espião? — Pia piscou com surpresa. Ela girou para Zoran. — Você não disse nada de um espião!

Zoran suspirou.

— Olena. — Pia disse. — Você se lembra daquele empregado no festival, não é? Aquele que derramou sua bebida? Tem que ser ele. Não era mais apto para ser um empregado que eu.

Olena negou com a cabeça, não recordava nada, apenas seu marido naquela noite. Pensando em envolver-se em nada além de pele, ela estremeceu novamente. Yusef sentiu seu suspiro, cheirando sua necessidade por ele crescer quando seu corpo aproximou-se para tentá-lo. Seu braço apertado na cintura dela e ela virou para olhá-lo. Ele sorriu atrevido, como para dizer que sabia quais eram seus pensamentos malvados. Olena afastou os olhos para longe dele, envergonhada.

— Sobre o que você está falando?— Zoran exigiu, virando para segurar o braço de Pia.

— Existem muitos empregados no reino. — Ualan contemplou. — Para festivais muitos vêm ajudar. Isto levaria muito tempo para encontrá-lo.

— Não. — Pia disse. — Ele estava na coroação. O espião deve estar na cozinha do palácio. Eu me lembro dele deixar cair alguns pratos. Ele só carregava dois, diferente dos outros empregados que carregavam quatro ou mais. Tem que ser ele. Ele não tinha graça para o serviço. No entanto, havia algo diferente em seu andar e suas mãos tinham calos por usar uma espada. Eu quase apostaria minha vida que é nosso homem.

Morrigan, que estava pálida, mas viva, disse com voz rouca.

— Eu registrei aquela noite em minha câmera.

Todos viraram para olhá-la

Timidamente, ela admitiu.

— Eu sou uma repórter encoberta para um jornal intergaláctico. — Ualan endureceu, mas não a impediu de falar.

— Eu deveria escrever uma história sobre os casamentos reais. — Ela suavemente disse, virando para Ualan. — Minha câmera registrou parte dessa noite. Talvez o empregado a quem Pia se refere pode ser achado ali.

— Vale a pena tentar. — Yusef viu o rosto de Ualan endurecer. O que fosse que seu irmão estava pensando, era melhor guardar para outra ocasião.

— Eu irei buscá-la. — Ualan deixou o quarto do hospital, seus braços rígidos.

O lugar ficou em silêncio até que ele voltou. Quando o fez, entregou uma lente pequena e uma esmeralda para Morrigan.

— Você pode fazer isto funcionar para todos verem?—
Yusef perguntou.

Morrigan movimentou a cabeça.

— Eu acho que sim. — Ela pediu uma solução salina para a lente antes de colocá-la no olho. Deslizando a esmeralda no dedo piscou varias vezes e para assombro de todos uma imagem do Festival apareceu no ar. Indo para o outro lado de Morrigan, eles viram a imagem.

— Vocês podem ver isto?— Ela perguntou.

— Sim. — Ualan disse.

— Certo, deixe-me passar a imagem e ir adiante. — Morrigan fechou seu olho e o retrato desapareceu. Olena viu a sua vez, vermelho brilhante e se perguntou ao respeito.

Ela viu virar vermelho claro e perguntar-se sobre isto.

— Morrigan. — Ualan começou.

Morrigan piscou com surpresa e um flash do traseiro nu de Ualan surgiu grande para seus irmãos.

— Oh. — Morrigan se apavorou. Zoran e Yusef riram e Yusef sentiu sua esposa rindo perto dele. O rosto de Morrigan ficou vermelho e ela apertou seus olhos.

Ironicamente, Ualan disse.

— Eu não tinha idéia de que me via tão bem por trás.
— Foi recompensado com socos de seus irmãos rindo.

— Aqui. — Morrigan voltou para os negócios, engolindo sua mortificação. Uma imagem do festival apareceu. — Eu não

posso fazer aparecer som, mas devem ver a imagem em movimento como um filme mudo.

Eles assistiram em silêncio. Então de repente, Pia apontou.

— Aqui, pare, é ele.

Morrigan congelou a imagem.

— Sim. — Olena inclinou adiante para conseguir uma olhada mais de perto. — Eu me lembro. Agora que você mencionou era bastante estranho.

— Ele tem a coloração de um Var. — Yusef disse.

— Mas não o cheiro de um. — Zoran disse. — Você acha que ele encontrou uma forma de mascarar seu cheiro?

— Ele veste o uniforme do pessoal da cozinha. — Yusef disse. — Nós o acharemos e o questionaremos. Se ele for Draig, será fácil para ele provar. Se ele for Var, ele apresentará uma desculpa para não mudar.

Ualan movimentou a cabeça. Yusef e Zoran partiram com suas mulheres.

Uma vez que os casais ficaram sozinhos, Pia perguntou a Olena.

— Você sabia que Rigan estava escrevendo uma história sobre nós?

Olena balançou a cabeça.

— Ela não disse quem ela era.

Zoran e Yusef trocaram olhares. Eles se importavam muito se suas privadas para serem levadas ao conhecimento toda a

galáxia. Em Qurilixen, por tradição, era uma raça que se mantinha para si mesmo. Porém, eles também sabiam que Ualan sentir-se-ia da mesma maneira e sem dúvida, iria falar com sua esposa sobre tal coisa.

* * * * *

O empregado loiro de Pia foi detido quase imediatamente pelos Príncipes Yusef e Zoran entrando na cozinha do palácio. Eles o acharam atrás de um dos grandes fornos de tijolo, com seu trabalho. O nariz de Zoran apanhou o cheiro Var embaixo de um cheiro muito forte de Draig.

O soldado deve ter percebido que o descobriram, porque tentou correr. Não serviu de nada. Yusef estava na porta e com um golpe de seu braço o golpeou ao homem na mandíbula e este foi parar no chão.

Os empregados de Draig piscaram com o súbito ataque, mas à medida que foram testemunhas do preguiçoso homem estirado no chão, aplaudiram, sem saber de seu engano. Como colega de trabalho, o preguiçoso espião Var não era bem visto na cozinha.

Capítulo Dezessete

Olena deixou Yusef para cuidar do assunto do espião com seu irmão. Depois de ver Morrigan na cama do hospital, sabendo que Nadja salvou sua vida, ela não podia forçar a mulher a virar e se entregar para Doc Aleksander. Não importava o custo, por uma vez em sua vida de Capitã Olena iria tomar a decisão certa. Ela iria fazer a coisa certa.

Pensando em Yusef, sabia que estava fazendo o certo. Ele a ensinou o verdadeiro significado da honra. Não era um simples código, tolo a ser seguido. Não era um conjunto de regras, castigos próprios e abnegações. Ele mostrou a ela que poderia haver um propósito na vida maiores que o ouro e a fortuna mais gratificante que velas altas no céu. Demonstrou a ela que pertencia a um homem e a uma família, era muito mais doce que ter toda a liberdade do mundo.

Sua decisão tomada, Olena prendeu seu cabelo em um coque profissional. Então, roubando o armário de Yusef, pegou o bracelete de ouro e deslizou-o em sua coxa, escondendo-o sob sua calça preta. Apertava-se firmemente contra sua pele ao caminhar. Uma vez teve que parar para ajustá-lo e apertar para que não caísse.

Então, saindo pelo portão da frente do Palácio, ela ficou feliz ao descobrir que o guarda não a parou. Entrou na luz da tarde nos bosques e não olhou para trás.

* * * * *

Yusef voltou para casa e descobriu que sua esposa desapareceu. Franziu a testa, perguntando-se onde poderia ter ido. Pegou a tipóia do braço, esticou e flexionou os músculos. Suas extremidades sentiam-se muito melhores, assim deixou a tipóia de lado.

Um grande alívio chegou à família real quando as notícias da captura do espião foram espalhadas. Olek escoltou o homem até os calabouços mais baixos e agora o Var estava sendo interrogado por Agro. Yusef não tinha nenhuma dúvida que o gigante descobriria muito do homem. Quando Agro escolhia mudar, ele podia ser mais persuasivo.

Tomou um banho, esperou que Olena voltasse para casa. Estava começando a ficar tarde. Ele perguntou-se se ela estava ainda com Pia. Estava com a mulher na última vez que a viu. Talvez ela estivesse visitando Morrigan ou Nadja. Nadja esteve alterada e sem dúvida deveria querer conversar com outra mulher. Yusef sorriu. Olena não parecia o tipo de mulher para conversar. Com um suspiro, ele se vestiu. Daria um pouco mais de tempo antes de sair para procurá-la.

* * * * *

Olena não teve que caminhar muito para ouvir um barulho dentro das árvores. Gelada, ela amaldiçoou por ser tola. Como

poderia saber que Doc Aleksander seria o primeiro a encontrá-la? Ainda podia estar escondido dentro da floresta, um Var, ávido para matar uma Princesa.

— Capitão. — Olena suspirou, forçando seu coração a diminuir a velocidade ao som da voz do homem. Pelo menos o inimigo certo a encontrou. Isso era algo bom pelo menos.

— Espero que tenha uma boa notícia para mim. — Desta vez ele não segurava nenhum charuto quando saiu das sombras da floresta. Olena sentiu sua nuca se arrepiar. Ele definitivamente não ficaria feliz com ela.

— Eu não posso conseguir o que você quer. — Ela disse direta ao ponto. Ser direta era o melhor. Homens como Aleksander podiam respeitar o direto, de certa forma.

— Realmente?— Seus olhos se estreitaram, contrastando com o sorriso em seus lábios. Um pouco muito zombeteiro, ele disse. — Pensei que pudesse roubar qualquer coisa.

— Ela está bem vigiada. Não confia em mim. — Olena disse. — Eu tentei tirá-la do palácio, mas ela não virá.

— Tente mais forte. — Doc friccionou dentes.

— Eu tentei. — Olena o olhou no rosto. — Eles têm todas as Princesas sob vigilância apertada.

— Princesa?— Aleksander meditou. — Minha filha casou-se com um Príncipe que a mantém prisioneira?

Olena estremeceu. Oops. Pareceria que ele não sabia aquelas informações. Ou sim? Estava jogando com ela?

— Eu verdadeiramente sinto muito não poder trazer o que você pediu. — Olena disse tão corajosamente quanto pode. Inclinando-se começou a tirar o bracelete da perna. Doc ficou tenso, olhando-a de perto, pronto para se defender. Quando ela tirou o bracelete da coxa e passou-o pela perna, ela o ofereceu. — Segundo o Código dos piratas, o que eu não pude obter para você, é substituído por algo valioso.

Para seu alívio, Aleksander sorriu. Ele estalou os dedos e apontou para ela. Olena ficou tensa quando os homens saíram das árvores. Pegaram o bracelete e entregaram ao Doc. O homem a observou com muito cuidado antes de concordar com a cabeça.

— Bonito. — Ele murmurou em aprovação. — Muito apropriada à substituição do Código de pirata, Capitã.

Olena movimentou a cabeça.

— Novamente, eu sinto muito, Doc. Desejo um melhor esforço e dou minha palavra como capitã dos Altos céus que não impedirei sua meta.

— Isto é muito recomendável. — Passou o bracelete para a o homem ao seu lado. Olena engoliu, preferindo ver o homem irritado. Sua calma e silêncio era aterrador.

— Bem, eu devo voltar antes que comecem a me procurar. — Olena girou suas costas para ele e se afastou. Não deu mais de dois passos, suas palavras a pararam.

— Oh, Capitã? — Doc chamou, suas palavras soaram como um timbre de voz entre doçura e incomodidade.

Olena congelou. O medo a superou em ondas agonizantes e ela não pode evitar o calafrio ao ouvir seu tom plácido. Forçando um sorriso em silêncio, ela girou para olhá-lo.

— Eu só vejo um problema, minha Olena querida, com seu oferecimento pirata. — O maldito sorriso do Doc aumentou. Pegou um charuto de seu bolso, cortou-o e acendeu. Inalando profundamente, ele apontou para ela. — Veja, eu não sou exatamente um pirata.

Olena tentou correr, mas o caminho estava cheio dos gorilas de Doc. As mãos a agarraram. Quando ela estava chutando seus capturadores, sentiu um golpe forte e logo uma agulha em seu braço. Sua vista ficou borrada, seu corpo imediatamente balançou. Justo antes que a inconsciência a batesse, seus olhos caíram nos últimos instantes em Doc. Ele a saudou, um sorriso se espalhou por seu rosto quando acenou seu adeus.

* * * * *

Yusef suspirou, vestindo suas roupas. Olena ainda não tinha voltado para casa e ele estava cansado de esperar por ela. Só porque o espião foi pego não significava que ela podia vagar segura. Podia haver outros espreitando no palácio.

Calçando suas botas, ele ouviu um golpe na porta. Franziu a testa, ficando de pé. Yusef andou a passos largos pelo corredor, ordenando a porta se abrir.

— Onde está sua esposa? — Olek exigiu, entrando. Ele começou a procurar.

— Ela se foi. — Yusef franziu o cenho com a intromissão grosseira.

— Então você se importaria de explicar o significado de sua carta para mim? — Olek perguntou. Ele entregou um pedaço de papel. Yusef olhou para baixo.

O pai de sua esposa vem por ela. Pergunte o que significa. Vou dissuadi-lo. Deve mantê-la a salvo. Ele é um homem mau.

— Eu não entendo. — Yusef declarou confuso. Mas, vendo o rosto firmemente marcado de seu irmão, ele engoliu em seco.

— Foi entregue por sua esposa. — Olek disse.

— Onde está ela? — Yusef exigiu em pânico. Ele saiu para a porta para cheirar fora. Olek estava correndo atrás dele.

— Esperava que você me dissesse. — Olek disse. — Minha esposa sumiu também.

* * * * *

Olena piscou, lutando para recuperar a consciência. Sua cabeça cheia de imagens selvagens, imagens do passado, de pesadelos, da morte e sangue, de sua tripulação, de homens fortuitos que ela seduziu e apunhalou com o alfinete de vagalume, do impacto, de Yusef. Confundiam sua cabeça, confundiam-na, fazendo-a sentir-se como uma impotente criança, fazendo-a sentir-se como uma mulher, fazendo-a

sentir-se como uma prisioneira. Não, isso eram as restrições em suas mãos que a faziam se sentir como uma prisioneira. Olena estremeceu, piscando rapidamente com uma luz azul escura. Ela gemeu, mas uma mordaca impediu o som de deixar seus lábios. Sua boca se movia tentando se libertar. Mas estava presa firmemente, e a mandíbula rígida. Tentou dar uma rápida olhada no ambiente, ela viu que estava em uma tenda. A forma marcada da Aliança Médica Missionária estava na parte exterior, brilhando na luz azul artificial do acampamento. Não sabia onde estava, mas supôs que estava ainda em Qurilixen. Doc não havia tido tempo para conseguir Nadja de volta e deixar o planeta para ir para outro. Além disso, ela duvidava muito que Doc tivesse previsto em consideração tê-la como excesso de bagagem. Não, pela sensação da cama em suas costas e as restrições em suas mãos, ela não iria chegar muito longe.

— Pai, não!

Olena congelou. Essa era Nadja gritando. Ela torceu a cabeça, tentando orientar-se. A ponta da tenda estava acima de sua cabeça. Ela a viu tremular no ar, mostrando por uma pequena rachadura o que estava acontecendo fora. Nadja estava amarrada a uma cadeira, seus olhos implorando ao seu pai por clemência. Olena lutou para se libertar. As restrições estavam muito apertadas, de aço irrompível.

— Não, não Nadja. — Ela ouviu Doc responder. — Se você disser a verdade, não tem nada para se preocupar.

Olena não podia ver o que estava acontecendo. Ela tentou forçar sua mão para deslizar pela braçadeira do pulso. Ela sentiu o sangue em suas mãos, mas ela não podia se soltar. Nadja estava chorando. Olena congelou. Se este homem estava disposto a atormentar sua própria filha, então ele não pensaria duas vezes em torturá-la.

— Assegure-se de que ela não foi seguida. — Doc ordenou. Olena novamente tentou soltar-se, mas ainda não conseguiu. A brisa aquietou-se. Ela se agitou, balançando a cabeça e gritando para Yusef ir buscá-la.

* * * * *

— Olena. — Yusef parou sua cabeça virando de lado. Ele procurou ao redor do corredor vermelho do Palácio. O pânico o subjugou com uma sensação de urgência. Girando para Olek, ele disse. — Depressa, estão em dificuldade.

* * * * *

— A quem se entregou puta?— Doc Aleksander gritou com sua filha. — Dê-me seu nome.

Olena congelou, ouvindo passos se aproximarem. Depressa, ela tirou o cabelo de cima de seu rosto e ficou completamente quieta. O cabelo permitiria que ela espiasse sem

ser descoberta. Uma presença entrou no quarto. Ela viu uma grande sombra se assomando, movendo-se atrás dela.

— Última chance. — Aleksander advertiu. — Eu terei um nome.

Olena percebeu que ele estava saindo da tenda. Ela forçou seu corpo a ficar imóvel quando Nadja gemeu em agonia continuada. Ela não podia ouvir tudo que era dito, mas não precisava.

— Infelizmente, não tenho na noite toda. — Aleksander disse. Seu homem de confiança não se moveu da tenda de Olena. — Veja, filha, eu fiz alguns amigos neste planeta maldito. Parece que seus preciosos Draig não são do agrado de meus amigos. E se eu os ajudar, eles me ajudarão. Então me diga, qual é seu Príncipe?

Não houve nenhuma resposta.

Olena endureceu. O homem de confiança estava em seus pés. A cama rodou lentamente para frente até a ponta. Ela queria gritar, mas sabia que tinha que manter a calma. O medo só derrotava e ela precisava de um plano.

— Você é uma decepção. — Aleksander cheirou com desgosto sua filha. — Bem, se feri-la não nos levará a nenhum lugar, devo ferir uma de suas pequenas amigas?

Oh não, Olena estava entrando em pânico.

Para horror de Olena, Doc gritou.

— Traga a pirata!

Olena fechou seus olhos e não se moveu. Seu coração martelava de modo selvagem em seu peito. Tudo nela chamava por Yusef, implorando para ele salvá-la. Tinha o rosto apontado para a direção errada e não podia ver nada, exceto as árvores e tendas.

— Ela não tem nada a ver com isso. — Nadja disse.

— Olena. — Ela ouviu Doc suavemente dizer. E aproximando-se, enquanto seus dedos batia em seu rosto levemente. — Hora de acordar.

Olena piscou, automaticamente endurecendo contra o toque de sua mão. Ela golpeou os ombros para tirá-lo de perto.

— O que eu devo fazer com ela, Nadja?— Doc não tirava os olhos de sua mais nova vítima. Tinha um prazer perverso em seu rosto quando olhou para ela, mais perverso que sua atração era. Ele colocou um bisturi a laser perto do rosto de Olena.

Olena parou de se mover, seus olhos muito abertos, seguindo o movimento a medida que avançava para baixo.

— Tirar seus olhos? Seu nariz? Seus lábios? — O laser queimou seu lábio superior, apenas um pouco. Olena não ousou se mover, ela preparava-se para o pior.

— Não faça isso. — Nadja soou debilitado.

Não faça isso! A cabeça de Olena gritava em uníssono.

— Então diga o que eu quero saber! Quem é o pai do bastardo que você carrega?— Ele gritou, afastando-se de Olena. Olena relaxou levemente quando o bisturi se afastou. Seu nariz se abriu enquanto tentava vencer o medo. Tinha que sair dali.

Empurrou desesperadamente para tentar se libertar. Tinha que tirar Nadja dali. Se ela houvesse contado para Yusef o que estava acontecendo, elas não estariam ali agora.

— Esse bastardo dentro de você será dissolvido.

Olena parou de observar pelo canto do olho. Para sua surpresa, as algemas liberaram os pulsos de Nadja e ela teve permissão para se mover. Não podia ver tudo o que estava acontecendo, mas Nadja levantou-se.

— O tempo de ser uma criança acabou, Nadja. — Doc sussurrou. — É hora de tomar seu lugar entre seus pares.

Olena sentiu as lágrimas em seus olhos. Sua mente e corpo gritavam por Yusef. Ela precisava dele. Ela não podia sair disso sozinha. Não desta vez.

— Você me ama, Nadja? — Olena ouviu Doc perguntar. Ela não ouviu resposta de Nadja, mas suas seguintes palavras a deixaram frias. — Então a mate.

— O que...? — Nadja respirou, seus olhos muito arregalados girando selvagem quando olhou para Olena amarrada à mesa.

Olena viu o bisturi a laser grande na mão de Nadja. Doc estava apontando em sua direção. Os olhos de Nadja temiam por ela, Olena olhou para ela e logo para seu pai. Olena viu que foi empurrada ao máximo. Sangue escorria de um dos braços da mulher de um corte estreito. Nadja não prestava atenção ao ferimento.

— Ela é uma ladrona comum, uma pirata. — Doc disse à sua filha empurrando-a para a mulher. — Ela rompeu sua palavra comigo.

— Não. — Nadja ofegou. O bisturi caiu de seus dedos até o chão. Olena respirou fundo, com alívio. Nadja tentou correr. Seu pai a pegou facilmente.

— Corte seus olhos. — Ele ordenou à sua filha com uma torção cruel dos lábios. — Ou eu queimarei você e a ela cortarei a cabeça.

Para provar seu ponto ele indicou um ferro quente que estava no fogo. Nadja viu o metal vermelho, a fumaça e a onda de calor. Olena gritou contra a mordaca para que ele parasse, o som foi terrivelmente amortizado por sua mordaca.

— Segure-a. — Doc fez um gesto para Nadja. Olena tentou se livrar, mas seus pulsos apenas sangravam mais.

— Não! — Nadja gritou. As mãos estavam sobre ela, segurando seus ombros e os braços, levantando as pernas no ar enquanto ela chutava. Seu pai tirou sua jaqueta e subiu as mangas.

— É hora de você aprender, Nadja. — Ele disse a ela. — Você não pode mentir para seu pai.

Nadja chutou, tentando se livrar. O ferro quente chegava mais perto de seu rosto.

— Você fará como o que eu disse?— Sua voz zombou de sua filha, uma calma representação.

Para horror da Olena, Nadja movimentou a cabeça.

— Deixe-a ir. — Doc entregou o ferro quente a um dos homens que o lançou nas chamas. Então, agachando no chão, ele recuperou o bisturi. Nadja pegou-o em sua insistência, seus dedos tremendo horrivelmente quando ela apertou o botão. Um laser longo saiu disparado, quase seis centímetros e mais afiado que a mais mortal das lâminas.

Olena gemia, balançando a cabeça, com seus olhos suplicando para Nadja parar.

Nadja limpou o nariz, a tranquilidade voltando a sua natureza. Doc a levou diante de Olena.

Os dedos de Nadja tremiam quando ela ergueu sua mão para a bochecha de Olena. Os olhos de Olena se concentraram nela. Nadja deslizou o dedo pelas lágrimas de Olena, suas próprias lágrimas caíam salpicando o ombro de Olena. Oh, maldito Jack e sua teoria sobre o medo. Ela estava apavorada! Não tinha nenhum plano, não havia saída. Yusef era seu único pensamento. Yusef! Sua mente gritou. Yusef, por favor!

— Eu sinto muito. — Nadja ergueu o bisturi perto dos olhos de Olena. Olena fechou seus olhos para a mulher, tentando afastar a cabeça, sabendo que suas pálpebras não podiam competir com o bisturi. Os dedos de Nadja apertaram mais fundo sua pele para mantê-la quieta.

O laser cruzou perto da bochecha de Olena. Ela ouviu sua voz baixa, sentia seu calor liso queimar sua pele. Olena olhou para Nadja, tentando defender-se dela. A mulher não a viu,

estava olhando através dela. Então, Nadja girou para seu pai e disse.

— Eu amo você.

Doc Aleksander sorriu. Para incredulidade absoluta de Olena, Nadja girou, empurrando o bisturi no coração de seu pai. O homem piscou com surpresa. Nadja ficou completamente congelada, incapaz de se mover enquanto o sangue saia do peio de Doc entre as duas mulheres. Doc caiu de joelhos.

O caos estourou ao redor da área do acampamento. Yusef e Olek saíram das árvores, submetendo os homens de Doc com suas garras na garganta e rasgando seus ventres. O coração de Olena saltou em seu peito. Ele foi buscá-la!

Nadja não se moveu ao longo de toda a luta. Olena gemia, tentando chamar sua atenção. Nadja não a ouviu. Ela estava olhando fixamente para seu pai. Logo Yusef estava sobre sua esposa, seu corpo como Draig. Olena o reconheceria em qualquer lugar. Suas mãos estavam em seu pulso, soltando o aço com toda sua força. Ele o abriu o suficiente para deixá-la deslizar livre. Olena ofegou, com lágrimas em seu rosto. Com os pulsos ensanguentados estendeu a mão e puxou com força a Yusef contra seu peito.

— Você veio! — Ela agarrou desesperadamente a ele, sentindo-o mudar para sua forma humana sob seus dedos. Ela não ousou abrir seus olhos. Isto era um sonho que ela não queria terminar. — Você veio.

Yusef correu seus dedos sobre seu corpo, tendo certeza que ela estava sã e salva. Aparte de seus pulsos ensanguentados, estava ilesa. Olhando para Olek, ele o viu de pé de frente para sua esposa. Nadja estava ajoelhada no chão de perto de seu pai, imóvel.

O perigo desapareceu. Olek indicou a Yusef que recuperasse sua esposa e a levasse em segurança. Yusef movimentou a cabeça de acordo.

Yusef saiu, correndo para a segurança do palácio com Olena em seus braços, agarrada a ele. Falou em Qurilixen quando ele chamou os guardas, ordenando que fossem até Olek.

Olena estremeceu com o poder de seu tom. Ele não parou de correr até que ele alcançou a ala médica. Os médicos chegaram a seu chamado quando ele a deixou na cama. Olena piscou. Olhando para Tal, ela disse.

— Eles me injetaram algo.

— Vamos colocá-la na unidade médica. — Tal disse para Yusef. — Nós faremos uma série completa de testes para nos assegurarmos que esta bem.

Yusef ergueu sua esposa, recusando-se a deixar que caminhasse ele a levou para o quarto da parte de trás. Ele a desceu, de pé entre duas placas de metal de grande tamanho. Logo, pressionou um botão do painel de controle da unidade. Tal disse.

— Nós temos que ir ao outro quarto. A unidade de raios-X fará um teste para assegurar-se que não foi envenenada. — Yusef passou os dedos por seu cabelo com ternura e ela sussurrou.

— Você veio.

Capítulo Dezoito

Olena estava na unidade médica pelo que pareciam horas. Uma vez terminado a análise de seu corpo, Tal voltou ao quarto para começar a próxima sequência de provas. Yusef estava lá, olhando da porta. Então, para sua surpresa, ela viu Nadja de pé ao lado dele. Ela sussurrou algo para Yusef, quem franziu a testa e movimentou sua cabeça. Ele fez um sinal para Tal. Tal apertou um botão e as duas mulheres ficaram sozinhas.

— Eu sinto muito. — Nadja imediatamente disse. — Eu não queria assustar você.

Olena riu.

— Não se desculpe. Você salvou minha vida.

— Eu não podia deixá-lo matar novamente. Você não tinha nada para se preocupar. — Nadja balançou levemente sobre seus pés e Olena podia dizer que ela estava triste. — Como herdeira de Doc, eu dissolvi a família. Eles não voltarão.

Nadja se aproximou da máquina que apitou. Distraída, ela se moveu para o painel e apertou um botão para ele continuar. Ela pegou uma cadeira, esperando um ciclo e logo apertou outro botão.

— Nadja, eu sinto muito. Eu sei que ele era seu pai.

Nadja levantou uma mão para pará-la.

— Eu sou uma das poucas que poderiam tê-lo feito sem reação. Não, estava na hora de seu terror terminar.

— Ainda assim... — Olena começou.

As lágrimas apareceram nos olhos de Nadja e ela limpou. Balançando a cabeça, ela segurou sua mão para pedir silêncio. Não mais palavras foram necessárias sobre o assunto. Uma parte dela estava triste, mas ela não lamentava suas ações.

— Obrigada.

A unidade apitou novamente e Nadja olhou até a tela.

— Você está com dor?— Nadja olhou no painel.

— Não. — Olena disse.

Nadja apertou um botão.

— Como está seu bebê?— Olena perguntou.

Nadja leu o painel e sorriu. Rindo, ela disse.

— Esperemos que seja tão saudável quanto os seus.

* * * * *

Ela estava grávida. Olena não estava certa como se sentia sobre isto. Nadja olhou para ela como se estivesse extática. Estava entorpecida. Uma pirata poderia ter filhos? Em seu caso uma ex-pirata. Com certeza havia uma espécie de lei cósmica contra isso ou ao menos deveria saber.

Quando a unidade médico terminou de concertar seus braços, estava esgotada. Nadja apagou a informação sobre sua gravidez, dizendo que os homens deveriam descobrir isso de suas esposas, não de médicos. Olena também teve a sensação de que Nadja entendia sua hesitação e estava lhe dando um precioso tempo para ponderar as notícias.

O amanhecer se aproximava rapidamente. Yusef ficou acordado toda a noite ao seu lado. Às vezes, sentava-se a seu lado, não dizendo uma palavra. Olena manteve os olhos fechados e a cabeça para trás apoiada na máquina. Ela fingiu que estava muito cansada para conversar.

Quando finalmente terminou o exame extenso, determinou que estava com a saúde perfeita. Tal disse que estava boa o suficiente para partir, advertindo-a para ter mais cuidado no futuro, ainda que estivesse claro que sabia que a advertência se perdia em Olena.

Yusef movimentou a cabeça agradecendo ao homem enquanto levava sua esposa em seus braços. Olena descansou a cabeça em seu ombro, aconchegando-se. Quando Yusef chegou em casa, ela estava dormindo profundamente. Não a despertando, para lhe dar uma escolha, colocou-a na cama e dormiu a seu lado.

* * * * *

Durante as horas da manhã, Olena despertou para sentir Yusef acariciando sua bochecha. Ele estava completamente vestido. Esfregou seus dedos em seu cabelo. Ternamente, ele disse.

— Eu tenho que ir. Agro descobriu que Pia tinha razão sobre os motivos do Rei Attor. Ele tentou matar Morrigan, Nadja, e Pia.

Olena piscou, olhando-o.

— E eu?

Yusef riu.

— Parece que ele gosta de você, pássaro de fogo. Ele viu quando a escolhi à distância no Festival de Procriação e decidiu que a queria para ele. É por isso que você foi sequestrado e eu fui atacado.

— Bem. — Ela murmurou ainda sonolenta. Ela bocejou, cobrindo sua boca. — Você realmente pode culpá-lo?

Yusef riu mais alto, feliz por estar segura. Tudo mais poderia ser descoberto a tempo.

— O espião disse a Agro onde o acampamento de Attor está escondido. Os rastreadores vão lá agora para confirmar. Se ele estiver lá, então eu irei com meus irmãos para enfrentá-lo.

Olena balançou, sentando-se e acordada.

— Não, você não pode me deixar.

— Você acha que me desonrarei na batalha?— Ele perguntou, franzindo o cenho.

— Não. — Ela disse com o cenho franzido. — Eu sei que o vencerá. Eu só quero que você fique aqui comigo hoje. Você não pode ir matá-lo outro dia?

— Ah, bom. — Ele se inclinou para beijá-la. — Tentador quando você coloca assim esposa, mas preciso terminar isso. Eu não sei você, mas eu gostaria de voltar para o Posto avançado. Esta casa é muito...

— Branca?— Ela ofereceu, com um gesto de desgosto.

— Exatamente. Agora, volte a dormir. Eu enviarei a Rainha para vê-la mais tarde.

Olena movimentou a cabeça, imediatamente fechando seus olhos e entrando debaixo dos cobertores. Para o assombro de Yusef, ela estava adormecida antes dele se virar.

* * * * *

Quando Olena despertou mais tarde, ela estava ainda um pouco cansada. Durante aproximadamente uma hora, ela deitou-se na cama, sem se mover.

Seus sonhos foram doces e cheios de esperança pela primeira vez em sua vida. Ela apenas lembrava-se de sua conversa com Yusef até que ouviu a Rainha chamando-a da porta da frente.

Olena tropeçou no quarto, ainda vestida com as roupas da noite anterior. Linhas do sono pressionavam suas bochechas e seu cabelo estava uma bagunça.

— Você não respondeu a porta. — Mede disse. — Estava preocupada.

Olena bocejou um sorriso, coçando o traseiro onde a marca da pirata que ela tinha foi. A Rainha riu da mulher desorientada.

— Aaoow. — Olena ruidosamente bocejou, estirando seus braços acima de sua cabeça e torcendo-se de um lado para

outro. — Não se preocupe sobre isto. É bom. Eu preciso me levantar eventualmente. Onde está Yusef?

— Ele me pediu para ver como você estava e dizer que está fora, na batalha com os Var.

— Oh. — Olena disse, esfregando os olhos. — Quando eles voltarão?

A Rainha sorriu, contente por ver a confiança que Olena tinha em seu filho.

— Agro descobriu... — A Rainha começou.

Olena movimentou a cabeça, interrompendo-a. — Yusef disse algo sobre ele esta manhã, quer dizer, se não estava sonhando. — Olena se aproximou do sofá e sentou, tranquilamente apontando para Mede juntar-se a ela. Olena continuou, — Os rastreadores encontraram o acampamento assumo?

— Sim. É um acampamento pequeno ao sul daqui ao lado da fronteira. Eles podem ficar por ali o resto da noite.

Olena franziu o cenho. Ela queria Yusef em casa agora.

— Olena. — Mede disse. — Eu tenho que perguntar. Você é feliz aqui com meu filho?

Olena piscou, surpresa com a pergunta direta. Ela era feliz com Yusef. Não havia nada mais para ela. Nunca conheceu a felicidade verdadeira antes de encontrar seu guerreiro sombrio. Ao ver o olhar, Mede teve sua resposta.

— Ele sabe que você é feliz aqui?

— Por quê? — Olena sentou-se olhando alerta. Muito insegura, ela perguntou. — Ele disse algo?

— Como mãe, eu tenho um vínculo com ele. Conheço meu filho. Ele está preocupado e confuso, eu confesso que ele tocou no assunto. Ele acha que você quer deixá-lo.

— Ele disse isto?— Olena ficou atônita. Como ele não podia saber como ela se sentia? Tinha certeza que estava escrito em seu rosto.

— Ele disse. Fez-me prometer não conversar com você, mas, ah, eu sou sua mãe e ele não pode mandar em mim.

Olena riu.

— Todos os homens são cegos ou só o meu? Imaginei que todos me vissem como uma louca obsessiva. Surpreende-me que não tenha babado e siga-o por todas as partes.

— Você se esconde melhor do que pensa. —Mede disse. — Quando te conheci não podia dizer uma única coisa sobre o que estava pensando. Eu podia só esperar que você quisesse dizer isso, apenas poderia esperar quando entregou sua vida pela tua.

— Você quer dizer quando me casei com ele?— Olena perguntou, questionando-a com um tom de voz penoso a Rainha. — Se isso não funcionasse, ele não poderia ter encontrado outra pessoa? Não é como se eu o tivesse arruinado.

— Ah, mas você o arruinou para todas as outras. — Mede suspirou. Nenhuma de suas filhas parecia entender o que estava acontecendo. Fazendo o mesmo discurso que com

Morrigan mais cedo, ela disse. — Os homens de Qurilixen recebem um cristal quando nascem. É seu guia. Quando se encontraram pelo cristal, suas vidas se uniram de tal modo que nunca poderiam voltar atrás. Vocês trocaram suas almas. Quebrando o cristal, você assegurou que a troca nunca fosse revertida. Desse modo, você é agora seu guia.

O olhar de Mede mudou para ouro ao falar do significado. Olena silenciosamente escutou.

— Ele colocou todas as possibilidades de ser feliz em você, Olena. Ele deu sua vida por você. — Mede disse. — Nunca haverá outra para ele enquanto você viver. Isto é muito tempo para nosso povo e para você. Dando a você sua vida, encurtou a dele e estendeu a sua para que pudessem permanecer juntos. Se escolher deixá-lo, ele ficaria sozinho o resto de seus dias. Isso é muito tempo de solidão. Quando ele a levou para sua tenda, foi escolha dele. Quando você ficou, foi escolha sua. Não haverá nenhuma outra em sua cama ou coração. Simplesmente não pode ser.

— Sinto-me uma idiota. Mas se você disser que ele pode me sentir, então porque não pode sentir que estou apenas assustada? Que não pretendo partir?

— Ah, eles podem esconder isto muito bem, nossos guerreiros são homens de extraordinário orgulho, embora às vezes frustrantes. Mas no fundo continuam sendo homens e homens têm medos como todos os outros. — Mede disse. — E

acho que poderia ser pior para nossos maridos, porque eles nunca se permitirão mostrar isto.

— Eles têm medo?— Olena perguntou, de repente ofegante.

— No fundo de seu coração são românticos. — A Rainha ficou de pé e sorriu para si mesma. — Eles caem desesperadamente e sem reservas ao amor a primeira vista e nunca podem ter a esperança de cair novamente.

* * * * *

Os nervos de Olena saltavam pela tensão. As palavras da rainha Mede nadaram em sua cabeça durante todo o resto do dia distraíndo-a. Ela foi para cama cedo apenas para levantar-se antes do amanhecer. Não tinha a menor ideia de quando Yusef estaria de volta, mas ela queria estar pronta para ele. Mede acreditava que deveriam esperar que os homens voltassem essa manhã.

Olena tomou banho e vestiu sua roupa mais atraente, que infelizmente era uma calça de algodão simples e uma camisa preta justa que moldava mais que as outras. Deixou seu cabelo solto caindo em ondas suaves sobre os ombros.

— Olena? — Seu coração saltou. Yusef finalmente estava de volta. Respirando fundo, sem deixar de se olhar no espelho de banheiro.

— Um segundo — Ela gritou. Então, beliscou suas bochechas, e perguntou suavemente. — Como foi à batalha?

— O Rei Attor está morto. — Veio à resposta cansada. Ela podia ouvi-lo se movendo pelo corredor, deixando sua espada e chutando as botas. — Nós tentamos prendê-lo, mas ele chamou suas tropas.

— Uh-huh! — Olena quase não ouvia uma palavra, quando ela ajustou seus seios sob a parte superior para ter mais efeito. Ela perguntou se era melhor não levar nada, mas logo pensou melhor. Não serviria de nada distraí-lo antes que ela dissesse o que precisava.

— Filho do Attor subirá ao trono. — Yusef disse. — Olek está conversando com ele agora, negociando paz. Parece esperançoso que nossas batalhas terminem.

Yusef suspirou, pronto para voltar para sua vida simples com sua esposa e superar suas diferenças. Seria um processo lento, mas a paz poderia ser alcançada. Alguns dos nobres mais velhos protestariam de ambos os lados. Porém, no final, se inclinariam para a decisão de seus líderes.

— O que você está fazendo aí?— Sua voz se aproximou.

Olena respirou fundo e saiu para encontrá-lo. Seus olhos se iluminaram com a visão dele. Vagaram por seu corpo. Ela dificilmente poderia dizer que foi apunhalado por trás. Quando ele se moveu, parecia completamente curado e seu braço não estava na tipóia.

— Eu... — Ela começou. Seus olhos encontraram os dele cinza, manchado com ouro e ela esqueceu tudo que ensaiou a noite toda. — Eu preciso... conversar com você.

O rosto de Yusef ficou sombrio, mas ele movimentou a cabeça.

— Eu sou uma pirata. — Ela admitiu, fraca, capturada pelo cheiro e o olhar dele. Oh, ele era um homem bonito, tão sombrio, tão forte.

— Eu sei. — Ele movimentou a cabeça. Havia tristeza quando ele disse as palavras e seu corpo ficou rígido como se ele preparasse.

— Eu quero dizer que... eu era uma pirata. Jack foi meu pai pirata. Ele me tomou sob sua asa e mostrou como me proteger, como roubar, como convencer as pessoas a acreditarem em qualquer que eu quisesse. Foi sua ideia que eu permanecesse virgem para passar através dos controles de seguranças de qualquer maneira. Ele me ensinou como seduzir os homens para conseguir o que queria deles.

Olena franziu a testa. Suas palavras não estavam saindo bem.

— E sente falta disso. — Yusef declarou, como se compreendesse.

— Yusef, eu... — Ela hesitou. Seus olhos se encheram de lágrimas. — Jack me ensinou tudo o que eu sei. Mas, ele não me ensinou a amar.

Yusef fechou seus olhos, uma dor aguda o atravessou. Ela era incapaz de amá-lo.

— Eu... — Ela sentiu sua dor e todas as máscaras caíram de seu rosto. Não podia mais ter cuidado com seu discurso que era uma bagunça de pensamentos incoerentes, a maioria eram verdades importantes. — Eu amo você. Estou grávida e eu amo você. E tenho medo que você não se sinta da mesma maneira, porque não posso... quero dizer... o que o amor seria para você.

O coração de Yusef parou de bater. Ele abriu seus olhos. Ela estava tremendo, começando a chorar. Uma inundação de emoções, tão doces e inseguras, o percorreu. Todas as paredes se romperam, todas suas defesas caíram ao seu pés até que ela já não pudesse esconder atrás da máscara de seu atrevimento.

Yusef se precipitou para frente, levantando-a em seus braços. Antes que ela pudesse sequer piscar de surpresa, a beijou profundamente, deixando que seu corpo se moldasse ao seu, deixando-a sentir sua excitação, o coração, o desejo sem fim por ela.

— Se você não pode ver que eu te amo você, tola. — Ele disse em sua boca. — Então sinta com o faço.

Olena sentiu-se feliz, todo seu mundo estava em colisão em um momento perfeito. Uma onda de sentimentos se precipitou por ela, quente e segura. Passou as mãos sobre seu corpo, ansiosamente ao longo do pescoço para encontrar suas costas nuas sob a camisa. Levantando-a com rapidez em seus

braços, Yusef a abraçou e soltou sua boca. Seus pés ficaram acima do chão.

— Acho que estou pronto para cobrar minha aposta agora.

— Ele disse. Lentamente, deixando-a no chão. Suas mãos estavam em sua camisa, tirando-a pela cabeça.

— O que faria? — Ela murmurou em um convite completo.

Yusef empurrou sua calça pelo quadril. Seus dedos estavam na cintura, tentando liberar seu centro. — Você pode pedir o que quiser. Não posso reclamar.

— Eu quero que fique comigo para sempre, como minha esposa.

— Feito. — Então, batendo seus cílios, ela disse. — Agora me leve para a cama e faça um bom uso de suas demandas.

Yusef sorriu. Erguendo-a nos braços, ele apertou suas costas na parede branca. Com um golpe rápido, estava dentro do corpo pronto para ele.

Olena ofegou de prazer, esperando que nunca parasse. Yusef enterrou seu rosto entre os cabelos dela e perguntou.

— Quem precisa de uma cama, pássaro de fogo?

* * * * *

Quatro meses mais tarde...

Yusef franziu a testa, seguindo sua esposa, a uma distância enquanto ela fazia seu caminho em direção à lagoa

leste. Era tarde da noite. Olena não o descobriu enquanto procurava pelas árvores escurecidas. Seus olhos Draig eram escuros com um dourado brilhante, ver sua cintura levemente arredondada, um testemunho de seu filho crescendo em seu útero.

Ouvindo um apito baixo, estranho para Qurilixen, Olena sorriu.

Os demônios finalmente chegaram por ela. Ela cobriu a boca, tentando retroceder. Logo, o caminho estaria cheio de feras.

— Capitã! — Um dos homens gritou.

Olena gritou de emoção e Yusef viu como ela saltou em um par de braços peludos.

— Mopa! — Afastando-se, ela disse, — Hedge, Lufa, Caz, eu não posso acreditar que estão aqui!

— Ah, capitã. — A voz gorgolejada de Lufa. Ele era um anfíbio gigante. — Poderia ter escolhido um planeta mais perto. — Olena sorriu.

— Então está pronta para ir? — Hedge, com a cabeça de espinhos, perguntou. — Nós temos um transporte esperando.

O sorriso de Olena sumiu. Ela sentiu muita falta deles.

— O que aconteceu aqui? — Mopa olhou seu estômago, onde sentiu uma protuberância leve.

— Os pesadelos se foram, Mopa. Não vou com vocês. — Ela sussurrou. Os rostos dos homens caíram e protestaram—,

todos menos Mopa, mas concordaram, com um brilho de felicidade nos olhos por ela.

— Agora, silêncio! — Mopa ordenou. — Não se atrevam a questionar as ordens da Capitã.

— Vocês todos podem ficar comigo, Mopa. — Ela ofereceu. — Ficarão protegidos aqui.

— Agora, Capitã. — Disse Hegde. — Você sabe que não possamos fazer isso. Os céus altos nos chamam. Está em nosso sangue.

— Já não sou mais Capitã. — Olena chegou por suas costas e tirou sua arma. Entregando-a para Mopa, disse. — Mas sou sua amiga. Mopa, a tripulação é sua. Faça seu melhor.

Mopa sorriu, ele solenemente movimentou a cabeça. Ela viu seu olhar e sabia que ficaria triste quando partissem.

— Vamos sair desse inferno de planeta. — Ele declarou. Olena movimentou a cabeça. Com um aperto de mão, a tripulação desapareceu entre as árvores como se nunca estiram ali.

Ficou em silêncio, vendo-os desaparecer. Viu um último olhar, sem despedidas. Era uma pirata aposentada e ela o entendeu muito bem.

Com uma leve surpresa, Olena sentiu a mão forte de Yusef em seu ombro. Ela sorriu, dando a volta em seus braços.

Sua bochecha em seu peito para sentir a batida do coração, antes de afastar-se.

— O que foi isto?— Yusef perguntou, desfrutando de sua expressão amorosa.

— Ah, apenas os demônios me visitando. — Ela disse. Sentia uma pressão em suas costas. Franzindo a testa, tirou as mãos de trás dela para pegar uma escultura das mãos de seu marido. Era uma estatueta dela, seu estômago levemente arredondado. Rindo, ela disse. — Você realmente precisa conseguir um novo modelo para estas coisas.

— Por que, pássaro de fogo?— Ele perguntou, erguendo-a nos braços.

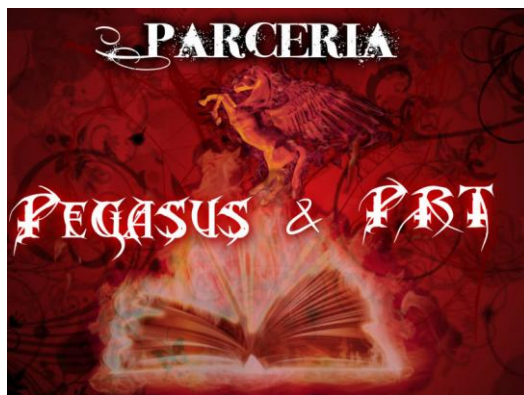
— Quando não quiser ver algo assim?

Olena riu, beijou-o e murmurou.

— Você podia pelo menos colocar roupas em mim. Nossos filhos pensarão que eu andava nua o tempo todo que fiquei grávida.

— Ah. — Ele murmurou contra ela. Yusef arrastou sua esposa com ele para sua casa e sua cama. — Acho que tal coisa pode ser organizada.

FIM



Continua com...

O Príncipe Guerreiro

Série Dragon Lords 04

Michelle M. Pillow

A sobrevivente...

Apesar de que nunca ninguém poderia mandar nela, este guerreiro tentaria conquistar seu coração...

Com cicatrizes físicas desde a infância em um ato de traição, Pia nunca se considerou uma mulher atraente. Um erro horrível e ela está fugindo. Desesperada para esconder sua identidade, ela fez um acordo com Noivas da Galáxia. Em troca de um novo rosto, ela vai se casar com quem apareça. Nunca imaginou que seu futuro marido seria o guerreiro mais bonito dos Draig.

O guerreiro...

Apesar de que ninguém poderia frustrar o valente líder Draig, uma mulher seria sua perdição...

Zoran de Draig é um homem que sabe o que quer. Ele tem que fazê-lo. Ao ser um príncipe e o capitão da Guarda Draig, tem que tomar decisões rápidas, estar pronto para lutar a qualquer momento e, sobre tudo, sempre tem que estar no controle. Quando sua esposa, a única pessoa que, se nega a obedecê-lo, Zoran descobre que a batalha pelo desejo de seu coração é mais feroz que qualquer que batalha que lutou antes.

Poderia converter o conquistador em conquistado?